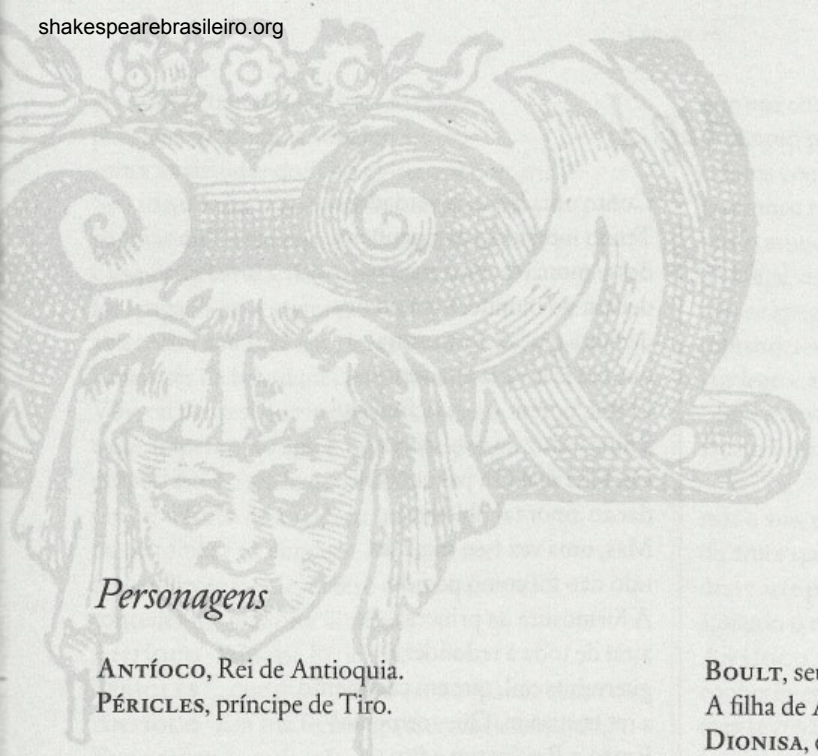
shakespearebrasileiro.org



Personagens

Antíoco, Rei de Antioquia.
Péricles, príncipe de Tiro.

Helicano, Escanes } dois nobres de Tiro.

Simônides, Rei de Pentápole.
Cleão, governador de Tarso.
Lisímaco, governador de Mitilene.
Cerimão, um nobre de Éfeso.
Thaliard, um nobre de Antioquia.
Filemão, criado de Cerimão.
Leonino, criado de Dionisa.
Marechal.
Um alcoviteiro.

Boult, seu criado.
A filha de Antíoco.
Dionisa, esposa de Cleão.
Taísa, filha de Simônides.
Marina, filha de Péricles e de Taísa.
Licórida, ama de Marina.
Uma alcoviteira.
Nobres, damas da corte, cavaleiros, gentis-homens, marinheiros, piratas, pescadores e mensageiros.
Diana
Gower, como coro.

Cena

Em várias localidades.

shakespearebrasileiro.org

Ato I

Diante do palácio de Antíoco.
Entra Gower.

Para cantar velha cantiga
Gower se espojou da cinza antiga,
tendo as fraquezas assumido
de um ser mortal, porque o sentido
do atento olhar vos fascinasse
e o fino ouvido. O desenlace
desta canção já foi cantado
em muitos dias de feriado;
nobres e damas com a leitura
dela encontraram grã ventura.
Deixa ela os homens mais gloriosos
et bonum quo antiquius, eo melius.
Se vós, nesta época nascidos,
de mais primor, de descabidos
não apodardes os meus versos
e aplausos derdes não perversos
para o que um velho vos cantar,
quero viver até acabar
de consumir-me como archote
na vossa estrada; eis o meu lote.
Antioquia, essa cidade
de que sabeis, foi em verdade
por um monarca edificada,
o grande Antíoco, que assentada
lá tinha a sua capital,
da linda Síria a primacial.
Conto uma história verdadeira.
Tendo morrido a companheira
desse monarca, uma menina
deixou no mundo, uma bonina
de tanta graça e formosura
que era já o vê-la alta ventura.
O Rei, porém — caso funesto! —
a filha induz ao feio incesto.
Oh filha má! Oh pai nocivo!
dar ao amor tal objetivo!
Mas, uma vez isso iniciado,
tido não foi como pecado.
A formosura da princesa
atrai de toda a redondeza
guerreiros mil, que em casamento
a requestavam. Que tormento!
Então o Rei fez um edito
para encobrir esse delito:
quem como esposa a requestasse,
na morte achava o desenlace
se uma charada, adrede feita,
não resolvesse. Assim, desfeita
tiveram cedo a cara vida
rapazes mil, como aborrida
prova vos dão tantos olhares
que ali estão com torvos ares.
Tudo o mais que se segue, ora confio
ao vosso julgamento prestadio.

(Sai.)

Ato I · Cena I

Antioquia. Um quarto no palácio.
Entram Antíoco, Péricles e gente do séquito.

ANTÍOCO · Já fostes, jovem príncipe de Tiro,
bem instruído a respeito dos perigos
da empresa que abraçastes.
PÉRICLES · Sim, Antíoco;
e é com o espírito animado pela
glória de seu louvor que eu considero
pouca coisa morrer nesta entrepresa.
ANTÍOCO · Que tragam nossa filha, com vestido
de noiva destinada ao próprio Jove.
Ao nascimento dela, presidido
por Lucina, lhe deu a natureza
quantos dotes a deixam prazenteira,
em conselho os planetas se reuniram
para que as perfeições supremas, nela
a se encontrar viessem.

(Música.)
(Entra a filha de Antíoco.)

PÉRICLES · Vede como
se aproxima, tal qual a primavera.

shakespearebrasileiro.org

As Graças tem por súditos; seu alto
pensamento domina soberano
sobre as virtudes que dão glória aos homens.
Seu rosto é um livro só de encantos, onde
páginas mil se encontram de agradável
e esquisita leitura; dele o enfado
foi apagado para sempre, como
se a cólera sombria não devesse
jamais ser da brandura companheira.
Vós, oh deuses! que me fizestes homem
e que imperais no amor; que neste peito
despertastes o anelo de vir hoje
provar o fruto desta celeste árvore,
ou de tombar na empresa: protegei-me!
Se obediente eu me mostro a vosso alvitre,
concedei-me esta dita ilimitada.
Antíoco · Príncipe Péricles...
Péricles · ...que quer o filho ser do grande Antíoco.
Antíoco · Em tua frente aparece a bela Hespérida.
Tem pomos de ouro, mas mui perigosos
são eles de tocar, pois junto dela
se acham dragões mortais para espantar-te.
O rosto dela, como o céu, à vista
te convida de encantos insondáveis,
que alcançar tão-somente pode o mérito.
Vindo porém este a faltar, forçoso
será que morra toda a tua pessoa,
por indiscretos teres tido os olhos.
Aqueles príncipes que ali divisas,
outrora, como tu, de tanto nome,
pela fama atraídos, inflamados
pelo desejo, falam-te com línguas
sem palavras, com pálido semblante,
sem outro abrigo, se não for somente
este campo de estrelas; como mártires
aqui se encontram todos, dizimados
na guerra de Cupido, e te aconselham
com funéreas feições a desistires,
pois é certeza teres ruim sorte,
correndo para a irresistível morte.
Péricles · Antíoco, agradeço-te, por teres
à minha condição mortal o ensejo
dado de conhecer-se, preparando
minha pessoa pela vista destes
horrorosos objetos, a um destino
mui semelhante ao deles. Pois a imagem
da morte deve ser como um espelho
que nos ensina ser a vida apenas
um sopro passageiro, e erro falace
termos confiança nela. Assim, pretendo
fazer meu testamento, e como doente
que o mundo conheceu e o céu tivesse
de longe visto, quando na agonia
não se apega como antes aos prazeres
transitórios da terra: paz tranqüila
vos lego e a todas as pessoas boas,
como é dever de todo soberano.
Deixo à terra de origem quanto tenho;
(Virando-se para a filha de Antíoco.)
mas a vós, esta chama imaculada
do amor que vos consagro. Preparado
desta arte para a vida e para a morte,
aguardo o rude golpe.
Antíoco · Já que desprezas os conselhos, toma
conhecimento do proposto enigma;
mas se o não resolveres, decretado
foi que te espera aquele triste fado.
Filha · De quantos esta prova já tentaram
sejas tu o mais feliz; a todos eles
possas avantajar-te com a vitória.
Péricles · Como um campeão ousado entro na liça,
sem conselhos pedir senão à minha
valentia e lealdade.

"Serpe não sou, mas me alimento
da própria mãe, que é meu sustento.
Esposo quis, e, procurando-o,
fui encontrar um pai mui brando.
Marido ele é, e pai, e filho;
eu, filha, esposa e mãe com brilho.
Como, só dois, sejam tudo isso,
resolve, e a ti farás serviço."

Amarga medicina é a derradeira.
Mas, oh poderes, que infinitos olhos
dais ao céu para os atos enxergarem
dos homens cá de baixo! Por que causa
não ficam eles turvos para sempre,
se é verdade o que vi tão surpreendido,
cheio de tanto assombro? Oh belo espelho
da luz! eu vos amava, e ainda amaria,
se o mal não estivesse aqui de espia.
Vou falar-vos, embora a contragosto,
pois perfeito não é quem chega à porta
do vício, e de forçá-la não se importa.
Sois uma bela viola; as cordas tendes

shakespearebrasileiro.org

nos sentidos, que, sendo bem tocadas,
porque produzam música legítima,
o céu e os próprios deuses atrairiam,
ávidos de escutá-la; manejada,
porém, fora de tempo e de compasso,
acertar só consegue o inferno o passo.
Para ser franco, já não vos desejo.

Antíoco · Príncipe Péricles, por tua vida
não toques nela, pois é um artigo
de nossa lei, que igual perigo encerra.
Vosso tempo expirou; dai-nos agora
a solução do enigma, ou preparai-vos
para ouvir a fatídica sentença.

Péricles · Grande Rei,
poucos gostam de ouvir falar das faltas
que com prazer praticam. Fora ofensa
mui grande para vós falar-vos nisso.
Quem o livro possuir do que os reis fazem,
procederá com senso não o abrindo,
pois, divulgado, o vício é como o vento
sem anteparos, que, para expandir-se,
joga areia nos olhos das pessoas.
No fim, sai muito cara a medicina;
passou a rajada, e os olhos com mofina
já vêem bastante para se fecharem
ao vento ameaçador. Montes de terra
para o céu a toupeira cega eleva,
como a dizer que a terra está sofrendo
com a opressão dos homens; mas, com isso,
morre o pobre animal. Os reis são deuses
da terra; é lei no vício o arbítrio deles.
Já basta que o saibais, pois é prudente
matar o mal muito antes que ele aumente.
Não há pessoa à própria vida avessa;
deixai que eu ame, assim, minha cabeça.

Antíoco *(à parte)* ·
Céus! não ter eu sua cabeça! É certo
que encontrou o sentido. Mas usemos
de malícia com ele. Jovem príncipe
de Tiro, muito embora pelos termos
de nosso edito estrito, sendo errônea
vossa interpretação, ora pudéssemos
pôr fim a vossos dias, a esperança,
procedendo de uma árvore tão bela
quanto vós, nos modula de outro modo.
Dou-vos um prazo de quarenta dias;
se não for revelado durante ele
nosso segredo, esse ato de clemência
mostrará que eu me alegro com tal filho.
Sereis tratado, durante isso, como
a nossa honra compete e a vosso mérito.

(Saem todos, com exceção de Péricles.)

Péricles · Quanto e quanto se esforça a hipocrisia
por encobrir o crime! É como o hipócrita
que de bom só possui o que aparece.
Se ficasse provado que era falsa
minha interpretação, certeza fora
que não sois tão ruim, para manchardes
a alma com o feio incesto. Mas é certo
quanto aventei: pai sois a um tempo e filho,
por vos haverdes criminosamente
a vossa filha unido — essa ventura
não é de pai, porém tão-só de esposo —
e ela, é certo, alimenta-se da carne
da própria mãe, porque lhe suja o leito;
e ambos serpentes são, pois entre rosas
tresandam como chagas cancerosas.
Adeus, Antíoco; a prudência ensina
que os homens que não coram das mais negras
ações, empregam toda a vilania
para ocultá-las do formoso dia.
Um crime provoca outro, é muito certo;
tão junto a luz sempre anda com a fumaça,
como o assassínio com a luxúria crassa.
São veneno e traição as mãos do crime;
sim, e o escudo também, porque a vergonha
conserve sempre longe. Assim, se é certo
que me podeis matar, por precaução
vou pôr entre nós dois bastante chão.

(Sai.)

(Volta Antíoco.)

Antíoco · Achou a solução; por isso vamos
a cabeça cortar-lhe.
Viver não há de, para a minha infâmia
trombetear pelo mundo, proclamando
que Antíoco erra tanto e por maneira
tão repulsiva.
Assim, deve este príncipe morrer,
para não ter meu nome que descer.
Quem está aí?

(Entra Thaliard.)

Thaliard · Chamou-me Vossa Alteza?

Antíoco · Thaliard,
sois de nosso Conselho; suas íntimas
ações nossa consciência à guarda entrega

shakespearebrasileiro.org

de vossa discrição. A recompensa
vossa fidelidade vai ter logo
com serdes promovido. Ouve, Thaliard:
aqui tens ouro, e aqui, veneno; odiamos
o príncipe de Tiro. É necessário
que o mates, não cabendo perguntares
a razão disso. É ordem minha, e basta.
Dize-me: é coisa feita?
THALIARD · Sim, milorde,
já está feita.
ANTÍOCO · É o bastante.

(Entra um mensageiro.)

Que vosso hálito
nos acalme, contando vossa pressa.
MENSAGEIRO · Fugiu, senhor, o príncipe.

(Sai.)

ANTÍOCO *(a Thaliard)* · Tua vida
depende disso; corre em seu encalço.
E como a seta, quando disparada
por experimentado archeiro, bate
no alvo visado: assim, jamais retornes
se não vieres dizer: morreu o príncipe
Péricles.
THALIARD · Meu senhor,
se ao alcance o tiver esta pistola,
seguro o deixarei. Assim, despeço-me
de Vossa Majestade.
ANTÍOCO · Adeus, Thaliard.

(Sai Thaliard.)

Enquanto não vir Péricles no chão,
feliz não sentirei o coração.

(Sai.)

Ato I · Cena II

Tiro. Um quarto no palácio.
Entra Péricles.

PÉRICLES · Que ninguém nos perturbe! — Qual a causa
de eu ter mudado tanto, de ao meu lado
sempre encontrar a triste companheira,
essa melancolia de olhos torvos,
de forma que nem mesmo o dia claro
de marcha esplendorosa, nem a noite
tranqüila — sepultura em que a tristeza
deveria dormir — uma hora ao menos
de sossego me enseja? Aqui os prazeres
os olhos me cortejam, mas os olhos
se esquivam deles; o perigo grande
que eu receava mora em Antioquia,
cujo braço não é bastante longo
para alcançar-me. Mas, apesar disso,
nem a arte do prazer pode alegrar-me,
nem a distância do perigo chega
para deixar-me alegre. É muito certo:
as emoções morais, que nascimento
tiveram nalgum medo exagerado,
dos cuidados recebem força e vida,
e o que de início era o receio apenas
do que podia acontecer, se torna
preocupação constante de evitá-lo.
Assim se dá comigo: o grande Antíoco —
com quem para lutar sou pequenino,
pois ele é tão potente que consegue
concretizar os mínimos desejos —
há de pensar que eu falo a todo o instante,
muito embora calar eu prometesse,
de nada me valendo assegurar-lhe
que em honra o tenho, pois o oposto disso
suspeita ele de mim. Tendo receio
de quanto possa vir a envergonhá-lo,
recorrer há de a todos os recursos
para que nunca seja isso sabido.
Há de inundar com tropas inimigas
toda a região, mostrando-se tão forte
com sua aparelhagem belicosa,
que o estupor banirá de nossa terra
toda a coragem, vindo nossos homens
a ser vencidos antes de lutar,
e punidos, sem ter sequer pensado
numa ofensa qualquer. Só de cuidado
por eles, não por medo de mim próprio —
que a copa, tão-somente, sou de uma árvore
que as raízes protege, em que defensa
acham todos e vida — o corpo sinto
desfalecer e definhar o espírito,
ficando desse modo torturado
antes de causar dano a esse malvado.

(Entram Helicano e outros nobres.)

PRIMEIRO NOBRE · Que a alegria e a ventura tomem conta
desse peito sagrado!
SEGUNDO NOBRE · E assim do espírito,
até que retorneis para nós todos
em paz e consolado.
HELICANO · Paz, senhores!
Que a experiência vos fale. Constitui
vero abuso adular o soberano,
que a adulação é o fole que não cessa
de atiçar o pecado. O que se adula,
simples faísca, a adulação transforma
em chama vastadora. A repreensão,
pelo contrário, moderada e humilde,
convém aos soberanos, que, sendo homens,
são passíveis de errar. Quando convosco
conversa sobre a paz o lisonjeiro,
vos adula e guerreia vossa vida.
Príncipe, perdoai-me ou castigai-me,
se assim determinardes, mas não posso
cair mais do que estando assim de joelhos.
PÉRICLES · Deixai-nos sós, mas ide ver no porto
que navios estão tomando carga,
para mo relatardes.

(Saem os nobres.)

Abalaste-nos,
Helicano. Que vês em nosso rosto?
HELICANO · Uma fronte irritada, meu terrível
soberano.
PÉRICLES · Se há dardos, tão terríveis
no olhar do soberano, como tua
língua tem a coragem de fazer-nos
subir ao rosto a cólera?
HELICANO · Como ousam
olhar as plantas para o céu que as nutre?
PÉRICLES · Bem sabes que o poder eu sempre tive
de te tirar a vida.
HELICANO *(ajoelhando-se)* · Eu mesmo o gume
do machado amolei; ora só tendes
de desferir o golpe.
PÉRICLES · Não; levanta-te,
por obséquio. O céu não queira
que os reis ouvido tenham para escusas
ouvir das próprias faltas. Conselheiro
capaz e servidor de um soberano,
que por tua prudência transformaste
em teu criado um príncipe: que queres
de mim neste momento?
HELICANO · Que com muita
paciência suporteis os sofrimentos
que sobre vós chamais.
PÉRICLES · É como médico,
Helicano, que falas. Tu propinas-me
uma poção que ingerir tu próprio
revelaras receio. Agora escuta-me.
Fui a Antioquia, onde, conforme o sabes,
fazendo face à morte, eu pretendia
uma beleza conquistar sem jaça,
de quem me viesse prole que, decerto,
se tornasse o sustento do monarca
e alegria dos súditos. Seu rosto
me pareceu extrema maravilha;
o restante — em segredo to revelo —
tão negro quanto o incesto. Adivinhado
tendo isso minha ciência, o criminoso
pai, muito longe de querer ferir-me,
mostrou-se lisonjeiro. Mas bem sabes
que de temer é sempre o potentado,
quando se mostra afável e afeiçoado.
Esse temor, de mim se apoderando,
me fez fugir de lá, sob a coberta
da noite diligente, que bondosa
protetora me foi. Aqui chegando,
pus-me a pensar no que se tinha dado,
no que podia vir a acontecer-me.
Ele é tirano; e o medo nos tiranos
não diminui, só cresce com os anos.
Se ele suspeita, o que fará sem dúvida,
que eu hei de revelar ao ar atento
de quantos dignos príncipes o sangue
foi derramado para que o segredo
de seu leito de horrores não ficasse
patente e descoberto, porque possa
cortar cerce essa dúvida há de o nosso
país encher de forças, pretextando
tomar vingança de qualquer ofensa
que eu lhe fizera. E assim, por uma ofensa —
vamos dar-lhe esse nome — por mim feita,
todos o açoite sentirão da guerra
que não poupa a inocência. O amor aos súditos,
por isso, estando tu incluído neles,
embora me censures...
HELICANO · Ah, senhor!
PÉRICLES · ...dos olhos me secou o doce sono,
do rosto, o sangue, mil e mil cuidados
à alma fazendo vir-me, sobre o modo

shakespearebrasileiro.org

de conjurar em tempo a tempestade,
antes que ela arrebente; e não achando
maneira alguma de livrar-me deles,
julgo ser caridade pensar neles.
Helicano · Pois bem, senhor, já que licença destes
para eu falar, vou ser-vos franco nisto.
A Antíoco temeis, havendo causa,
quero crer, de temerdes o tirano
que, ou por traição ou guerra declarada,
há de querer privar-nos da existência.
Por isso ide viajar, meu soberano,
por algum tempo, até que se dissipe
sua cólera ou até que lhe o destino
corte o fio da vida. A alguém as rédeas
entregai do governo. Se mas derdes,
não serve ao dia a luz com mais lealdade
do que Helicano a Vossa Majestade.
Péricles ·
Tenho confiança em ti. Se em minha ausência,
porém, ele violar meus privilégios?
Helicano · Deixaremos então o solo cruento
de onde nos veio o ser e o nascimento.
Péricles · Afasto-me de Tiro, então, e a Tarso
dirijo os passos, onde fico à espera
de novas que me mandes. Por tuas cartas
me orientarei. Transmito-te os cuidados
que sobre o bem-estar de meus vassalos
sempre me acompanharam. Tens prudência
bastante forte para suportá-los.
Não precisas jurar, fora escusado;
sendo honesto, ser-me-ás sempre afeiçoado.
Vivamos com lealdade, embora longe
nos achemos um do outro, porque o tempo
venha a provar que és um vassalo inteiro
e eu, um príncipe reto e verdadeiro.

(Saem.)

Ato I · Cena III

O mesmo. Uma antecâmara do palácio. Entra Thaliard.

Thaliard · Eis, afinal, Tiro, e aqui está a sua corte.
Aqui deverei matar o Rei Péricles; se o não fizer, tenho
a certeza de que serei enforcado, quando voltar. É
perigoso. Muito bem; verifico que ele é um sujeito sábio
e dotado de muita discrição, um tipo que, de uma feita
convidado a solicitar do Rei o que quisesse, desejou
nunca chegar a conhecer os seus segredos. Percebo
agora que ele tinha razão para expressar-se desse modo;
porque se o Rei ordena a alguém que se torne celerado,
esse alguém, pela força de seu juramento, está obrigado
a sê-lo. Mas, caluda! Aí vêm vindo os senhores de Tiro.
Helicano · Não precisais continuar falando,
caros pares de Tiro, sobre as causas
da partida do Rei. A comissão
selada que me foi por ele entregue
diz o bastante: encontra-se de viagem.
Thaliard *(à parte)* · Como! O Rei está ausente?
Helicano · Se mais saber quiserdes, o motivo
de haver partido, por assim dizermos,
sem de vossos afetos despedir-se,
poderei dar-vos esclarecimentos.
Em Antioquia estando...
Thaliard *(à parte)* · Em Antioquia!
Que quererá dizer?
Helicano · ...o real Antíoco —
não sei por que motivo — aborreceu-se
com ele. Pelo menos assim Péricles
acreditou. Por isso, receando
ter cometido qualquer falta ou crime,
determinou provar seu sentimento,
procurando um castigo. Assim, nas lidas
da vida dos marujos atirou-se,
que quase à morte o leva a todo o instante.
Thaliard *(à parte)* · Vamos, pelo que vejo,
não serei enforcado nem que o queira.
Uma vez que partiu, o Rei, decerto,
ficará satisfeito de que escape
da terra, para ir perecer nas ondas.
Vou apresentar-me. *(Alto.)* Que haja paz com todos
os senhores de Tiro!
Helicano · És mui bem-vindo,
lorde Thaliard, da parte do alto Antíoco.
Thaliard · Da parte dele venho com mensagem
para o príncipe Péricles. Mas tendo
sabido, desde que saltei em terra,
que vosso amo se fez à vela para

shakespearebrasileiro.org

terras desconhecidas, meu recado
devolvido vai ser para seu dono.
HELICANO · Razão não temos para que a mensagem
nos entregásseis, porque dirigida
não veio para nós; é de nosso amo.
Como amigos de Antíoco, no entanto,
só vos pedimos que antes de voltardes
conosco festejeis algumas tardes.

(Saem.)

Ato I · Cena IV

Tarso. Um quarto no palácio do governador.
Entram Cleão, Dionisa e criados.

CLEÃO · Descansemos aqui, minha Dionisa,
para ver se contando alheias mágoas,
a esquecer as presentes aprendemos.
DIONISA · Fora atiçar o fogo, na esperança
de chegar a apagá-lo. Quem escava
montes por serem altos, só consegue
uma montanha derrubar, para outra
mais alta edificar. Meu desgraçado
senhor, assim são nossas desventuras.
Foram sentidas até aqui, e vistas
com os olhos do infortúnio; mas, como árvore,
crescerão mais, se forem sacudidas.
CLEÃO · Oh Dionisa!
Qual o faminto que não diz ter fome,
ou que pode enganá-la até que morra?
Deixa que nossas vozes desoladas
façam soar com força pelos ares
todo o nosso infortúnio; que o lamentem
nossos olhos, até que novas forças
recobre a língua para proclamá-lo
com mais vigor. Se o céu dormir, enquanto
sofrem suas criaturas; é possível
que sua compaixão a acordar venha
para auxílio levar-lhes. Nossos males,
assim, chorar pretendo, já tão velhos;
e quando o fôlego a faltar me vier,
recorrerei ao pranto de mulher.
DIONISA · Senhor, hei de esforçar-me.
CLEÃO · Neste burgo
de Tarso em que eu tenho o governo, outrora
dominava a abundância até nas ruas.
As torres as cabeças elevavam
para beijar as nuvens, não podendo
sem espanto admirá-las o estrangeiro.
Seus homens e mulheres com tal garbo
se enfeitavam, que espelhos pareciam
em que se contemplassem mutuamente.
As mesas, sempre cheias, um convite
mandavam para os olhos e o apetite.
Desdenhada a tal ponto era a pobreza,
que o auxílio era tachado de vileza.
DIONISA · Oh! tudo isso é verdade.
CLEÃO · Mas vede o que o céu faz. Numa mudança
repentina, essas bocas que até há pouco
a terra, os mares, o ar eram pequenos
para satisfazer, por mais que pródigos
com seus dons se mostrassem, como casas
que se estragam por nunca usadas serem,
por falta de exercício ora definham.
Esses palatos que, há só dois estios,
para se deliciarem procuravam
mil invenções, com pão, somente, agora
ficariam contentes, e o mendigam.
As mães, que suficiente nada achavam
para deixar os filhos, satisfeitos,
a devorar ora dispostas se acham
seus próprios pequerruchos tão louvados.
Tão afiados os dentes são da morte,
que os casais lançam sorte porque a vida
com a ruína de um tenha o outro mais dorida.
Aqui chora um senhor; ali, uma dama;
os que vêem sucumbir uma criatura
força não têm de dar-lhe sepultura.
Não é verdade tudo?
DIONISA · Nossas faces
e nossos olhos cavos o confirmam.
CLEÃO · Oh! quem nos dera que as cidades que hoje,
na orgia do supérfluo, com tal ânsia
bebem da copa da abundância, ouvissem
nossos fundos suspiros! A miséria
de Tarso bem podia ser de todas.

(Entra um nobre.)

NOBRE · Onde se acha o senhor governador?
CLEÃO · Aqui.
Conta logo a desgraça que nos trazes

shakespearebrasileiro.org

com tanta pressa, pois mui longe se acha
qualquer consolo, para que o esperemos.
Nobre · No litoral vizinho percebemos
uma esquadra imponente que se encontra
de viagem para cá.
Cleão · É o que eu pensava.
Uma desgraça nunca vem sozinha;
um herdeiro traz sempre. Assim, conosco.
De nossa situação aproveitando-se,
algum povo vizinho encheu os barcos
com forças de combate, para virem
derrubar quem por terra já se encontra
e triunfar de um coitado, muito embora
nenhuma glória ganhe com tal feito.
Nobre · Não temamos tal coisa. Pelas mostras
das velas brancas que tremulam soltas,
trazem-nos paz e vêm com auxiliares,
não como imigos.
Cleão · Falas como aluno
que ainda não sabe como uma risonha
cara pode ocultar muita peçonha.
Mas sejam suas intenções quais forem,
que temos a recear?
O abismo está patente, e nós, no ponto
de cair dentro dele. Ao comandante
dos inimigos vai dizer que estamos
à espera dele aqui, para sabermos
de onde vem, por que vem e o que deseja.
Nobre · Irei, senhor.

(Sai.)

Cleão · Bem-vinda é a paz, se paz ele deseja;
do contrário, impossível é a peleja.

(Entra Péricles, com séquito.)

Péricles · Senhor governador — pois já soubemos
que tendes esse cargo — que os navios
numerosos e os homens que trouxemos
não sejam como fogos aqui postos
para os olhos deixar-vos ofuscados.
Em Tiro comentar vossas misérias
já tínhamos ouvido, o que confirma
tanta desolação em vossas ruas.
Cá não viemos juntar a vossas lágrimas
novas tristezas, mas aliviá-las
de fardo tão pesado. Nossos barcos
que ao cavalo de Tróia, porventura,
pensais serem semelhos, tendo dentro
só veias sanguinárias, aprestadas
para vossa ruína, carregados
estão de trigo, para preparar-vos
o pão indispensável e dar vida
aos que de fome a têm como perdida.
Todos · Que os deuses vos amparem. Rezaremos
de hoje em diante por vós,
Péricles · Não, levantai-vos
por favor. Não queremos homenagens,
mas afeição e um porto hospitaleiro
para nós, nossos homens e os navios.
Cleão · Se houver alguém que não vos satisfaça,
ou em pensamento ingrato se revele,
embora nossa esposa, ou filho nosso,
qualquer, qualquer de nós, sobre ele caia
a maldição do céu, punindo os homens
tamanha vilania. Até esse instante,
que nunca chegará, tenho certeza,
Vossa Graça é bem-vindo a nós e a todos.
Péricles · Ficaremos aqui com alegria
até que nossa estrela nos sorria.

(Saem.)

Ato II

Entra Glower.

Vistes um Rei mui poderoso
viver com a filha — ato horroroso! —
no feio incesto, e um moço nobre
vistes também, de alma não dobre,
que se tornou muito querido
por quanto fez de alto sentido.
Ninguém, portanto, agora brade,
até que passe a adversidade.
Mostrar-vos quero o infortunado
perder um rato — oh incerto fado! —
para ganhar um monte inteiro.
Aquele nobre cavalheiro,
a quem bendigo, se encontrava
em Tarso ainda. O que falava

era por todos acatado
como versículo sagrado.
Para fixar sua memória
estátua elevam-lhe notória.
Mas vedes nova diferente.
Por que falar? O olho não mente.

Pantomima

Entra, por um lado, Péricles, falando com Cleão, e os respectivos séquitos; por outra porta entra um gentil-homem que traz uma carta para Péricles; este mostra a carta a Cleão; em seguida, dá uma recompensa ao mensageiro e o arma cavaleiro. Péricles, Cleão etc. saem por lugares diferentes.

Ainda Helicano em Tiro habita,
não como o zangão parasita
que vive só do esforço alheio;
promove o bem, e o mal tão feio
tenta anular. Ao amo escreve
o que se passa em tempo breve.
Como Thaliard, de outrem vassalo,
chegara ali para matá-lo.
Em Tarso, pois, não deveria
deixar-se estar nem mais um dia.
Péricles o ouve e ao mar se faz,
onde o homem nunca encontra paz.
Logo a soprar começa o vento;
ronca o trovão, e as ondas cento
no barco dão sacudidela
que o faz perder de pronto a vela,
e em vez de firme e fiel guarida
põe-lhe em perigo a própria vida.
Correndo assim, nesse desmando,
de costa em costa andou vagando.
Tudo perdeu; ninguém da morte —
salvo ele só — fugiu ao corte,
té que a Fortuna, alfim cansada,
em terra o pôs, na firme estrada.
O que ele aí fez, dizer não posso;
longo está o conto; o resto é vosso.

(Sai.)

Ato II · Cena I

Pentápole. Uma área junto do mar.
Entra Péricles, todo molhado.

PÉRICLES · A ira acalmai, oh astros irritados!
Ventos, chuva, trovões, lembrai-vos sempre
que o homem terreno é uma substância, apenas,
que sempre vencereis. Assim, de acordo
com a natureza, sou-vos obediente.
Ai! o mar atirou-me contra as pedras,
de praia em praia me jogou sem pausa,
só me deixando o fôlego preciso
para pensar na morte. Baste para
a grandeza de vossa potestade
ter de todos os bens privado um príncipe.
De vossa tumba líquida expulsado,
só quer morrer em paz neste gramado.

(Entram três pescadores.)

PRIMEIRO PESCADOR · Olá, Pilch!
SEGUNDO PESCADOR · Pronto! Vinde e trazei as redes.
PRIMEIRO PESCADOR · Como, calça rota?
TERCEIRO PESCADOR · Como dissestes, mestre?
PRIMEIRO PESCADOR · Vê lá se te mexes. Vem logo, se não queres que eu te vá buscar com algum castigo.
TERCEIRO PESCADOR · Por minha fé, mestre, estava a pensar nos pobres homens que se perderam agora mesmo à minha vista.
PRIMEIRO PESCADOR · Ah! pobres almas! Partiu-se-me o coração ao ouvir os gritos lastimosos que eles nos dirigiam, para que os salvássemos, quando o certo é que nós mal podíamos conosco.
TERCEIRO PESCADOR · Não foi isso mesmo que eu disse, mestre, quando vi os porcos do mar encurvarem-se e saltar? Dizem que eles são metade peixe e metade carne. A peste que os carregue! Sempre que eles aparecem, eu fico à espera de um banho. Mestre, admiro-me de como podem os peixes viver na água.
PRIMEIRO PESCADOR · Ora, do mesmo modo que os homens vivem em terra: os grandes devoram os pequenos. Não sei comparar nossos ricos avarentos com coisa nenhuma tão imunda como a baleia, que

shakespearebrasileiro.org

brinca e dá cambalhotas, tocando para a frente o pobre cardume de peixinhos, para, no fim, devorá-los só de uma bocada! Já ouvi falar dessas baleias de terra, que não cessam de abrir a goela, até engolirem a paróquia, a igreja, a torre, os sinos e tudo.

PÉRICLES *(à parte)* · Bonita moral.

TERCEIRO PESCADOR · Mas, mestre, se eu fosse o sacristão, teria passado hoje o dia no campanário.

SEGUNDO PESCADOR · Por quê, homem?

TERCEIRO PESCADOR · Porque a baleia me teria também engolido; e quando eu me encontrasse dentro dela, faria tal barulheira com os sinos, que ela não teria descanso enquanto não vomitasse os sinos, a torre, a igreja e a paróquia. Mas se o bom Rei Simônides fosse da minha opinião...

PÉRICLES *(à parte)* · Simônides!

TERCEIRO PESCADOR ·
... o país limparíamos desses zangãos, que roubam às abelhas o mel.

PÉRICLES *(à parte)* ·
Como estes pescadores nas criaturas
escamosas do mar assunto encontram
para as fraquezas ilustrar dos homens!
E como no áqüeo reino acham também
tudo quanto o homem faz de mal e bem.
(Alto.)
Haja paz, meus honestos pescadores,
em tudo o que fizerdes.

SEGUNDO PESCADOR · "Honesto", bom amigo! Que significa isso? Se for algum santo de vossa devoção, podeis riscá-lo do calendário, que ninguém dará pela falta dele.

PÉRICLES · O mar me vomitou em vossa praia.

SEGUNDO PESCADOR · Que bêbedo de marca é o mar, para vomitar-te em nosso caminho!

PÉRICLES · Um homem transformado pelas águas
e pelos ventos numa bola, neste
vasto campo de tênis, para jogo
constante deles, vos implora amparo.
Pede-vos quem não soube pedir nunca.

PRIMEIRO PESCADOR · Ah! é assim, amigo? Não sabeis pedir? Pois há muita gente aqui em nosso país, na Grécia, que ganha mais mendigando do que nós com o trabalho.

SEGUNDO PESCADOR · Então, sabes pegar algum peixe?

PÉRICLES · Nunca o experimentei.

SEGUNDO PESCADOR · Então é certeza morreres de fome; porque hoje em dia não há jeito de pegarmos alguma coisa, se não for pescando-a.

PÉRICLES · Já não tenho lembrança do que fui;
mas o que sou, ensina-me o infortúnio:
alguém de frio encarquilhado. As veias
tenho geladas, sem mais vida nelas
que o suficiente para ter na língua
calor com que vos peça alguma ajuda.
Sem ela, vindo a perecer de fome,
sepultura me dai, mesmo sem nome.

PRIMEIRO PESCADOR · Como! Estais falando em morrer? Deus não o permita. Tenho aqui uma capa. Vamos, veste-a; aquece-te. Mas é um belo rapaz, palavra de honra! Vamos; irás a nossa casa, onde teremos carne para os feriados, peixe para os dias de jejum, além de pudins e filhó. Será bem-vindo.

PÉRICLES · Obrigado, senhor.

PRIMEIRO PESCADOR · Agora uma coisa, amigo: disseste que não sabias pedir.

PÉRICLES · Só sei suplicar.

SEGUNDO PESCADOR · Só suplicar! Nesse caso, também vou virar suplicante, para livrar-me da chibata.

PÉRICLES · Como! Os mendigos aqui são chibateados?

SEGUNDO PESCADOR · Oh! de forma nenhuma, meu amigo; de forma nenhuma! Porque se todos os vossos mendigos fossem chibateados, não desejara melhor emprego que o de beleguim. Mas, mestre, vou puxar a rede.

(Sai com o terceiro pescador.)

PÉRICLES · Como vai bem essa alegria honesta com vosso árduo trabalho!

PRIMEIRO PESCADOR · Dizei-me uma coisa, senhor: sabeis onde vos encontrais?

PÉRICLES · Não com muita exatidão.

PRIMEIRO PESCADOR · Então, vo-lo direi: a terra tem o nome de Pentápole, e nosso Rei é o bom Simônides.

PÉRICLES · Chamais-lhe o bom Rei Simônides?

PRIMEIRO PESCADOR · Perfeitamente, senhor; e ele merece ser chamado dessa maneira, por causa de seu reino pacífico e de seu bom governo.

PÉRICLES · É um Rei feliz, porque conseguiu dos súditos o nome de bom, por seu modo de governar. A que distância desta praia se acha a corte dele?

PRIMEIRO PESCADOR · Com a breca, senhor! Meio dia de viagem. E uma coisa vos digo: tem uma filha lindíssima; amanhã é o aniversário dela. De todas as

shakespearebrasileiro.org

partes do mundo vieram príncipes e cavaleiros para
as justas e torneios que farão em seu louvor.
Péricles · Se minha fortuna estivesse na altura dos
meus desejos, eu também quisera fazer parte desses
torneios.
Primeiro pescador · Oh, senhor! As coisas
devem ser o que podem ser. É lícito aspirar ao que
não se pode alcançar.

(Voltam o segundo e o terceiro pescador,
arrastando uma rede.)

Segundo pescador · Vinde ajudar-nos, mestre!
Vinde ajudar-nos! Um peixe enroscou-se na rede,
como na lei se enrosca o direito de algum coitado.
Ser-lhe-á difícil desembaraçar-se. Com a breca!
Conseguiu escapar, para transformar-se numa
armadura enferrujada.
Péricles · Uma armadura, amigos? Por obséquio,
deixai-me vê-la. Muito agradecido.
Fortuna, após tantos trabalhos, tantos,
algo me dás que possa refazer-me.
É a minha, justamente! Esta armadura
como parte de herança me foi dada
por meu pai, ao morrer, que, nesse instante,
me disse expressamente: "Caro Péricles,
guarda-a com zelo, pois me serviu de égide
contra os botes da morte". E após, mostrando-me
este braçal: "Salvou-me", disse; "guarda-o.
Em igual apertura — que te amparem
os imortais! — te poderá ser útil."
Sempre a tinha comigo, tão ligado
a ela me via, até que o mar sanhoso,
que não poupa a ninguém, em sua raiva
me tomou. Mas tornado mais tranqüilo,
assim ma devolveu. Muito obrigado.
Meu naufrágio não foi tão desastroso:
deu-me um presente de meu pai bondoso.
Primeiro pescador · Que quereis dizer com isso,
senhor?
Péricles · Pedir-vos, meus amigos, esta cota
de armas, que já serviu de amparo a um Rei.
Reconheço-a por esta marca. Tinha-me
muita afeição. Assim, por amor dele
desejo possuí-la. E também peço
que me indiqueis como devo ir à corte
de vosso soberano. Assim armado,
poderei parecer um gentil-homem.
Caso minha fortuna se levante,
hei de saber premiar-vos, declarando-me
devedor vosso até esse fausto dia.
Primeiro pescador · Como assim? Pretendes
tomar parte no torneio que se vai realizar em honra
da princesa?
Péricles · Quero mostrar quanto nas armas valho.
Primeiro pescador · Então leva a armadura, e que
os deuses te ensejem boa sorte.
Segundo pescador · Sim, mas atendei-nos,
amigo. Fomos nós que trabalhamos estas vestes
na rude espuma das águas. Merecemos alguma
recompensa. Espero, senhor, que se prosperardes
haveis de lembrar-vos como conseguistes obtê-las.
Péricles · Sim, ficai certos disso.
Graças a vós, eis-me vestido de aço.
E apesar da pilhagem do naufrágio,
esta jóia no braço tenho firme.
Digno de ti, montar ora pretendo
num corcel cuja marcha extasiados
deixe os espectadores. Mas, amigos,
precisaremos arranjar ainda
perneiras adequadas.
Segundo pescador · Nós providenciaremos a
esse respeito. Vou dar-te o meu melhor casaco, para
com ele fabricares duas perneiras, e eu mesmo te
conduzirei até a corte.
Péricles · Que a honra, apenas, prosperar me faça;
ou tudo alcanço, ou caio em mor desgraça.

(Saem.)

Ato II · Cena II

O mesmo. Uma estrada. Uma plataforma que vai dar à
liça; perto, um pavilhão para receber o Rei e a princesa,
damas, nobres etc.
Entram Simônides, Taísa, nobres e séquito.

Simônides · Os cavaleiros estão prontos para
principiar o torneio?
Primeiro nobre · Todos prontos,
meu soberano; apenas aguardavam
vossa chegada para apresentarem-se.
Simônides ·
Dizei-lhes, pois, que estamos preparados,
bem como nossa filha, em cuja data
natalícia o torneio vai ser feito.

shakespearebrasileiro.org

Senta-te aqui; qual filha da beleza,
porque todos te admiram, é certeza.
(Sai o nobre.)
TAÍSA · Fazeis, meu caro pai, grande elogio
para tão fraco mérito e vazio.
SIMÔNIDES ·
Convém que seja assim, porque os monarcas
feitos são pelo céu à sua imagem.
Como se apaga a jóia, quando oculta,
a fama, assim, dos reis em nada avulta.
Ora, filha, a honra excelsa vos compete
de explicar a cada um dos cavaleiros
o que implica a sentença que escolheram.
TAÍSA · Sairei com honra dessa grata empresa.
(Entra um cavaleiro; atravessa a cena e seu escudeiro apresenta à princesa o escudo dele.)
SIMÔNIDES ·
Quem deu início aos jogos?
TAÍSA · Um guerreiro
de Esparta, meu bom pai, que traz no escudo
um etíope negro, a olhar o sol.
Sua sentença é: "Lux tua vita mihi".
SIMÔNIDES · Dedica-vos amor quem de vós vive.
(Passa o segundo cavaleiro.)
Quem é o segundo a apresentar-se?
TAÍSA · É um príncipe
da Macedônia, meu famoso pai;
traz no escudo um armado cavaleiro
que vencido se viu por uma dama.
Em espanhol é o lema, e deste modo:
"Piu por dulzura que por fuerza".
(Passa o terceiro cavaleiro.)
SIMÔNIDES · E quem é o terceiro?
TAÍSA · Esse é Antíoco;
uma grinalda de cavalaria
traz por emblema e, ao lado, esta sentença:
"Me pompae provexit apex".
(Passa o quarto cavaleiro.)
SIMÔNIDES · E o quarto?
TAÍSA · Esse uma tocha incandescente
traz, invertida, e embaixo esta sentença:
"Quod me alit me extinguit".
SIMÔNIDES · Assim, mostra os extremos da beleza,
que lhe dá vida e o mata com fereza.
(Passa o quinto cavaleiro.)
TAÍSA · O quinto a mão nas nuvens traz envolta,
com ouro já provado pelo toque,
e esta sentença: "Sic spectanda fides".
(Passa Péricles, o sexto cavaleiro.)
SIMÔNIDES ·
E quem será o sexto e também o último?
O escudo é apresentado pelo próprio
cavaleiro com graça e cortesia.
TAÍSA · Estrangeiro parece; seu emblema
é um ramo seco mas com ponta verde;
e o moto: "In hac spe vivo".
SIMÔNIDES · Bela sentença. Na desesperada
situação em que se acha, ainda espera
que por vós refloresça sua sorte.
PRIMEIRO NOBRE · Necessidade tem de que seus atos
o recomendem mais do que a aparência,
porque seu exterior, enferrujado,
diz que ele mais afeito ao uso se acha
do açoite que da lança.
SEGUNDO NOBRE · Com certeza
deve ser estrangeiro, por ter vindo
participar de um pleito de tal monta
com tão estranhas armas.
TERCEIRO NOBRE · Enferrujar deixou sua armadura,
para areá-la nesta pugna dura.
SIMÔNIDES · Não podemos julgar pessoa alguma
pela maneira, só, por que se arruma.
Mas, ouvi: vêm chegando os cavaleiros.
Retiremo-nos para a galeria.
(Saem. Gritos e aclamações 'Viva o cavaleiro pobre!')

Ato II · Cena III

O mesmo. Uma sala do palácio; um banquete preparado. Entram Simônides, Taísa, o marechal, senhores, damas da corte, nobres, os cavaleiros de volta do torneio e criados.

SIMÔNIDES · Cavaleiros,
supérfluo fora dar-vos boas-vindas.
No volume dos vossos altos feitos,
como no frontispício, pôr o mérito
que alcançastes nas armas, deixa longe
quanto esperar podíeis e o que fora
razoável neste instante, pois o mérito
se recomenda apenas por si próprio.

shakespearebrasileiro.org

Ficai, portanto, alegres, que a alegria
vai bem em toda festa. Sois meus hóspedes,
e príncipes sois todos.
Taísa · Mas meu hóspede
sois e meu cavaleiro, a quem entrego
a lança da vitória e vos corôo
Rei deste grande dia só de júbilo.
Péricles · Pôde mais a fortuna que meu mérito.
Simônides · Como quiserdes; hoje o dia é vosso,
o que, penso, ninguém vo-lo contesta.
Quando a arte faz artistas concorrentes,
uns saem bons, mas outros excelentes.
Sois seu aluno predileto. Vinde,
minha filha; a Rainha sois da festa —
sim, sois isso — assentai-vos neste ponto.
Acomodai os outros, marechal,
conforme a ordem deles, natural.
Cavaleiros · Honra muita nos dá o bom
Simônides.
Simônides ·
Dai-nos prazer. Quem a honra menospreza
conservá-la não pode nunca ilesa.
Marechal · Senhor, vosso lugar.
Péricles · Outro seria
mais digno dele.
Primeiro cavaleiro · Nada de objeções,
caro senhor, pois somos gentis-homens
que nem nos corações nem na atitude
inveja revelamos ou algo rude.
Péricles · Sois cavaleiros muito delicados.
Simônides · Assentei-vos, senhor, em vosso posto.
Péricles · Por Júpiter, o Rei dos pensamentos,
comer não posso sem que pense nela.
Taísa *(à parte)* · Por Juno, que preside aos
matrimônios,
tudo o que eu como me parece insípido;
só ele me apetece. É um gentil-homem
mui galante, sem dúvida.
Simônides · Não passa
de um gentil-homem rústico; fez tanto
como qualquer dos nossos cavaleiros:
quebrou uma ou duas lanças. Mas deixemo-lo.
Taísa · Para mim faz o efeito de um diamante
posto junto de vidros.
Péricles · A figura
me evoca de meu pai o soberano,
fazendo-me lembrada a glória dele.
Sempre junto do trono tinha príncipes,
outras tantas estrelas, que homenagem,
como ao sol, lhe prestavam. Todos quantos
o viam, astros de menor grandeza,
a coroa inclinavam ante a sua
supremacia. Agora o filho dele
brilha nas trevas como o vaga-lume,
sem ter luz própria; ofusca-o qualquer lume.
Soberano dos homens, vejo-o, é o tempo.
De todos é criador e sepultura,
tudo lhes dá ou tira; nada dura.
Simônides · Então, estais alegres, cavaleiros?
Primeiro cavaleiro ·
Em vossa real presença, não pudéramos
de outro modo mostrar-nos.
Simônides · Nesta taça
cheia até a borda — sejam vossos brindes
como de apaixonados, sempre à altura
de uns lábios tentadores — à saúde
de todos vós bebemos.
Cavaleiros · Obrigados
a Vossa Graça todos ora estamos.
Simônides · Mas paremos um pouco.
Aquele cavaleiro não revela
muita alegria, como se os festejos
de nossa corte não mostrassem nada
digno de seu valor. Não o reparaste,
Taísa?
Taísa · Isso, meu pai, a mim que importa?
Simônides · Filha, escuta-me: os príncipes da terra
devem ser como os deuses, que dispensam
a mancheias seus dons a todos quantos
honrá-los vêm.
Quem assim não procede é qual mosquito;
depois de morto é apenas esquisito.
Por isso sê para ele mais amável;
vai dizer-lhe que um brinde pretendemos
fazer em louvor dele.
Taísa · Oh meu bom pai!
não fica bem mostrar-me tão ousada
diante de um cavaleiro de outras terras.
Poderá tomar tudo como ofensa.
De nós mulheres, mal sempre o homem pensa.
Simônides · Como!
Fazei o que vos digo, ou me aborreço.
Taísa *(à parte)* · Oh! pelos deuses! Não me poderia
dizer nada mais grato.

shakespearebrasileiro.org

Simônides · Desejamos,
dizei-lhe, saber algo a seu respeito.
de que país ele é, como se chama,
e o nome da família.
Taísa · O Rei, meu pai,
fez um brinde, senhor, em honra vossa.
Péricles · Muito obrigado lhe fico eu por isso.
Taísa · Fazendo votos para que esse vinho
vos vivifique o sangue.
Péricles · Agradecido
vos sou e a ele, e penhorado fico.
Taísa · E mais: saber deseja algo a respeito
de vós: terra de origem, pais e nome.
Péricles · Um gentil-homem sou de Tiro; chamo-me
Péricles; eduquei-me tão-somente
nas artes e nas armas. Procurando
pelo mundo aventuras, de meus homens
me vi privado e dos velozes barcos,
tendo, após naufragar, sido jogado
nas terras deste lado.
Taísa · A Vossa Graça
ele agradece. Péricles se chama;
de Tiro um gentil-homem, que, privado,
por trabalhos do mar, dos companheiros
e de seus barcos, foi lançado à praia
de nosso território.
Simônides · Pelos deuses!
seu infortúnio me comove. Encontro-me
disposto a minorar quanto possível
sua melancolia. Cavalheiros,
vamos! Deixemos de frivolidades.
Perdemos horas que de nós reclamam
novo divertimento. Embora armados,
como estais, não vai mal com as armaduras
uma dança guerreira. Não me objetem
que a música vibrante é muito rude
para o ouvido das damas, que é certeza
gostarem todas de seus namorados
nas armas e nos leitos afofados.

(Os cavaleiros dançam.)

Bem sugerido e executado a ponto.
Vinde, senhor;
esta dama precisa de exercício
também. Ouvi dizer que os cavaleiros
de Tiro são peritos em fazerem
voltear as damas e que suas danças
são todas excelentes.
Péricles · É verdade;
são-no nas danças em que se exercitam.
Simônides · Oh! expressais-vos como se quisésseis
ver recusada vossa cortesia.

(Os cavaleiros e as damas dançam.)

Separai-vos! Já basta. Agradecido,
cavaleiros, a todos me declaro.
Todos dançaram bem. *(A Péricles.)* O mais ligeiro,
porém, sois vós. — Pajem! trazei archotes
e conduzi os cavaleiros para
os respectivos quartos. Vós, amigo,
determinamos que fiqueis num quarto
perto do nosso.
Péricles · Estou inteiramente
submisso ao bom prazer de Vossa Graça.
Príncipes, já é tarde em demasia
para falar de amor, que é a mira, sei-o
perfeitamente, a que visáveis todos.
Descansai todos no macio leito,
porque amanhã fiqueis com melhor jeito.

(Saem.)

Ato II · Cena IV

Tiro. Um quarto na casa do governador.
Entram Helicano e Escanes.

Helicano · Não, Escanes; declaro-o com voz clara
que Antíoco no incesto se atolara.
Por isso os altos deuses não quiseram
retardar por mais tempo o merecido
castigo para crime tão odioso.
Quando no auge se achava de sua glória,
no maior esplendor, sentado numa
carruagem de alto preço, a filha ao lado,
partiu do céu um fogo e a repelentes
postas os corpos de ambos reduziu.
Tão mau cheiro exalavam, que as pessoas
que em vida os adoravam, sem tristura
se negaram a dar-lhes sepultura.
Escanes · Caso estranho, realmente.
Helicano · Porém justo;
embora um Rei tivesse sido grande,
do céu não se esquivou sua grandeza,

shakespearebrasileiro.org

vindo ele a castigar tanta vileza.
Escanes · É muito certo.
(Entram dois ou três nobres.)
Primeiro nobre ·
Ninguém mais é admitido em conferência
com ele ou em seu conselho.
Segundo nobre · Por mais tempo
não poderemos admitir tal coisa
sem uma repreensão.
Terceiro nobre · Seja maldito
quem não nos ajudar.
Primeiro nobre · Então, segui-me.
Meu senhor Helicano, uma palavra.
Helicano · Comigo? Sois bem-vindo. Feliz dia,
meus senhores.
Primeiro nobre · Então ficai sabendo
que nossas queixas atingiram o auge
e suas margens a inundar começam.
Helicano · Vossas queixas? De quê? Que isso não
venha ofender vosso príncipe querido.
Primeiro nobre ·
Não o ofendais, então, nobre Helicano.
Se o príncipe está vivo, arranjai meio
de o saudarmos, ou então nomeai a terra
que ele deixa ditosa com seu hálito.
Se no mundo estiver, iremos vê-lo;
se repousa no túmulo, haveremos
de achá-lo lá. Estamos decididos:
vivo, há de governar-nos; morto estando,
dar-nos-á causa para que o choremos,
ao mesmo tempo que nos deixa livres
para nova eleição.
Segundo nobre · A morte dele,
pensamos, é a hipótese mais certa.
Assim, considerando que este reino,
privado da cabeça, é como casa
destelhada, que logo se arruína,
é a vós mesmo, senhor, que revelastes
no governo tamanha habilidade,
que delegamos toda a autoridade.
Todos · Viva o nobre Helicano!
Helicano · Parai com essa aclamação! Parai,
em nome da honra! Se afeição ao príncipe
Péricles ainda tendes, parai nisso.
Se eu concordasse, a um mar me jogaria
de dores longas, sem ter paz um dia.
Doze meses ainda, é o que vos peço,
a ausência suportai do soberano.
Se, expirado esse prazo, não tivermos
notícias dele, com paciência idosa
suportarei o jugo que me impondes.
Mas, se não for possível essa prova
dardes-me de afeição, como pessoas
da nobreza e vassalos muito nobres,
empregai vosso gosto de aventuras
a procurar o príncipe. Encontrando-o,
se a voltar conseguirdes convencê-lo,
sereis como diamantes colocados
em torno da coroa.
Primeiro nobre · É um grande néscio
quem a sabedoria não acata.
Já que lorde Helicano nos concita
a empreender essa viagem, vamos logo
concretizar a idéia.
Helicano · Desse modo,
nosso afeto provamos mutuamente;
isso é que deixa o reino resistente.
(Saem.)

Ato II · Cena V

Pentápole. Um quarto no palácio.
Entra Simônides, lendo uma carta. Os cavaleiros vêm ao seu encontro.

Primeiro cavaleiro ·
Bom dia ao bom Simônides.
Simônides · Cavaleiros, declaro-vos da parte
de minha filha que ela decidida
se acha a não se casar dentro de um ano.
Só ela sabe as causas desse voto;
nada pude saber da parte dela.
Segundo cavaleiro ·
Senhor, não poderíamos falar-lhe?
Simônides ·
Não, de jeito nenhum. De tal maneira
se confina no quarto, que é impossível.
Durante doze meses a libréia
vai ela usar de Diana. Assim, pelo olho

shakespearebrasileiro.org

de Cíntia ela fez voto, e decidida
se acha pela própria honra a não quebrá-lo.
Terceiro cavaleiro · Embora isso nos pese, despedimo-nos.

(Saem.)

Simônides · Assim,
ei-los devidamente despachados.
Agora, a carta dela. Minha filha
me diz aqui que desposar pretende
o cavaleiro estranho, ou para sempre
da vista se privar da luz do dia.
Muito bem, senhorita. Vossa escolha
coincide com a minha. Isso me agrada.
E como é decidida! Não cogita
de saber se me agrada ou não a escolha.
Bem, concordo com ela. Não desejo
de modo algum procrastinar o caso.
Mas, silêncio! Ei-lo aí. Dissimulemos.

(Entra Péricles.)

Péricles · Muita ventura para o bom Simônides!
Simônides · A vós também, senhor. Estive ouvindo
durante a noite vossa doce música.
Afirmo-vos que nunca tive o ouvido
tão bem acalentado com uma toada
de tal modo agradável.
Péricles · Esse encômio
me vem de Vossa Graça, não do mérito
que nisso eu possa ter.
Simônides · Senhor, em música
sois mestre consumado.
Péricles · Dos alunos
o pior, meu bom senhor.
Simônides · Uma só coisa
deixai-me perguntar: de minha filha
que pensais?
Péricles · Que é princesa mui virtuosa.
Simônides · É formosa?
Péricles · É qual dia de verão:
é admiravelmente bela.
Simônides · Minha
filha, senhor, de vós faz bom conceito,
a ponto de querer ser vossa aluna;
lições tereis de dar-lhe. Cuidai disso.
Péricles · Não sou digno de ser professor dela.
Simônides · Não é assim que ela pensa; senão, lede
quanto há neste papel.
Péricles *(à parte)* · Que vejo!
Declara ter amor ao cavaleiro
de Tiro. É alguma astúcia do monarca
para tirar-me a vida. *(Alto.)* Oh meu gracioso
senhor! não procureis armar cilada
para apanhar um cavaleiro estranho
e infeliz, que jamais o ousio teve
de ao amor aspirar de vossa filha,
limitando-se só, tão-só a honrá-la.
Simônides · Enfeitiçaste minha filha e provas
com isso que és um biltre.
Péricles · Pelos deuses,
não fiz tal coisa; nunca, em pensamento,
lhe fiz ofensa; nem um só momento
procurei, por meus atos, despertar-lhe
a afeição ou vosso ódio.
Simônides · Estás mentindo,
traidor!
Péricles · Como! Traidor?
Simônides · Perfeitamente.
Péricles · Tirante o Rei, eu devolvera pela
goela abaixo esse nome a quem mo desse.
Simônides *(à parte)* ·
Pelos deuses! Aplaudo-lhe a coragem.
Péricles · Minhas ações, sabei, meus pensamentos,
origem baixa nunca revelaram.
À vossa corte vim por amor de honra,
não para rebelar-me contra o Estado.
E a quem de mim pensar de outra maneira
vai minha espada responder ligeira.
Simônides · Sim?
Aí vem minha filha. Quanto eu disse
poderá ser por ela confirmado.

(Entra Taísa.)

Péricles · Vós que sois tão virtuosa quanto bela,
acalmai vosso pai. Vinde dizer-lhe
se vos fez minha língua em qualquer tempo,
se minha mão vos escreveu alguma
declaração de amor.
Taísa · Mesmo que houvésseis,
senhor, feito isso, quem se ofenderia
com o que me deixa alegre?
Simônides · Então, senhora,
sois assim peremptória? *(À parte.)* Estou contente;
de coração o digo. *(Alto.)* Vou domar-vos;
reconduzir-vos vou à submissão.
Ousastes, sem falar-me previamente,
conceder vosso afeto a um estrangeiro? *(À parte.)*

Que, por tudo o que sei, nem o contrário
poderia supor, é de tão nobre
sangue quanto eu. *(Alto.)* Assim, minha senhora,
ou à minha submeteis vossa vontade...
E vós, senhor, ouvi-me: ou doravante
sereis guiado por mim, ou farei de ambos...
marido e mulher.
Vamos! que as mãos e os lábios selem o ato.
Ora vou castigar-vos a ousadia.
Eis a pena: que Deus vos dê alegria.
Então, ficais contente?

TAÍSA · Sim, no caso
de me amardes, senhor.
PÉRICLES · Amo-vos tanto
quanto ama a vida o sangue que a alimenta.
SIMÔNIDES · Estais, então, de acordo?
TAÍSA E PÉRICLES · Se do gosto
for de Vossa Grandeza.
SIMÔNIDES · De tal modo
me apraz levar tudo isto a bom efeito,
que já podeis ir procurar o leito.

(Saem.)

Ato III

Entra Glower.

Agora o sono a turba doma.
Em toda a casa o único idioma
é o do roncar, mais barulhento
pelo festim do casamento.
O gato de olho estreito e longo
à espreita está do camundongo;
no forno o grilo alegre canta;
dessa maneira a sede espanta.
Casados foram por vontade.
À custa de uma virgindade
se forma um ser. Muita atenção,
porque possais o tempo vão
suprir com vossa fantasia.
Vou completar com alegria
com minha frase em tudo prima
o que faltar na pantomima.

Pantomima

Entram, por um lado, Péricles e Simônides, com séquito. Um mensageiro vem ao encontro deles, ajoelha-se e entrega a Péricles uma carta. Péricles a mostra a Simônides; os nobres se ajoelham diante de Péricles. Depois entra Taísa, grávida, e Licórida. Simônides mostra a carta à filha; esta manifesta alegria. Taísa e Péricles se despedem do Rei e todos se retiram.

Por muita gente, com cuidado,
Péricles era procurado.
Nos quatro cantos deste mundo
ninguém parava um só segundo.
Em tudo põem diligência.
Despesas houve, em conseqüência,
de grande vulto. Em toda parte
foi procurado com muita arte.
De Tiro alfim chegou a notícia —
que a Fama tem sua milícia —
ao Rei Simônides preclaro
de conteúdo alegre e raro:
o Rei Antíoco e sua filha
mortos estão. Tiro fervilha:
querem seus homens que Helicano
dela se torne o soberano.
Este recusa. A multidão
sobre ele faz maior pressão.
"Péricles", disse, "se em seis luas
não regressar às terras suas,
obediente à intenção boa
aceitarei dele a coroa".
Essa notícia, divulgada,
deixa Pentápole agitada.
"O herdeiro nosso, presuntivo,
é Rei. Que esplêndido incentivo!"
Em suma, tem de ir para Tiro.
Grávida, a esposa seu retiro
deixa contente e se declara —
quem tal pedido recusara? —
pronta a ir com ele. O mais omito,
gemidos e ais do passo aflito.
Licórida, a ama, vai com ela;
fazem-se, assim, todos à vela.
No dorso oscila netunino
o frágil barco e pequenino.
Meio caminho a fina quilha

shakespearebrasileiro.org

cortara já, de milha em milha.
Mas outra vez muda a Fortuna;
o furo norte inoportuna
borrasca envia; e qual mergulha
o pato na água, assim, com bulha,
o pobre barco é sacudido.
Chora a Rainha — que alarido! —
e de pavor o parto apressa.
O mais vos há de nossa peça
contar direito. Eu, nada digo,
pois é da praxe um belo artigo
só relatar o necessário.
Assim, criai belo cenário
na fantasia: um barco, a proa;
Péricles nela, ele em pessoa,
anda a correr de mar em mar,
e ora começa a vos falar.

(Sai.)

Ato III · Cena I

Entra Péricles, na coberta de um navio.

PÉRICLES · Oh deus desta desolação! reprime
tuas ondas que o céu e o inferno banham!
E tu, que tens império sobre os ventos,
aprisiona-os no bronze, após os teres
invocado do abismo. Impõe silêncio
a teus terríveis e ensurdecedorés
trovões, apaga docemente tuas
chamas sulfúreas e ágeis. Oh Licórida!
Minha Rainha como vai passando?
Oh tempestade, és só veneno! Queres
transformar-te em saliva de ti própria?
O apito do marujo é qual cochicho
que à morte se dissesse; não é ouvido.
Licórida! Oh Lucina, padroeira
divinal e parteira caridosa
das mulheres que à noite choram dores!
Traze tua deidade para o nosso
barco oscilante e as dores abrevia
de minha nobre esposa!

(Entra Licórida, com uma criança nos braços.)

Então, Licórida!

LICÓRIDA · Eis aqui uma criatura muito nova
para um lugar como este. Se tivesse
acaso entendimento, morreria
como eu, decerto. Recebei nos braços
o que resta de vossa esposa morta.

PÉRICLES · Como, como, Licórida!

LICÓRIDA · Paciência;
deixai de reforçar a tempestade,
meu bom senhor. Aqui se encontra quanto
resta de vossa esposa: uma filhinha.
Por amor dela, sede corajoso;
mostrai-vos homem.

PÉRICLES · Deuses, por que causa
fazeis que amemos vossos dons esplêndidos,
e deles nos privais no mesmo instante?
Nós aqui embaixo nunca retomamos
o que damos. Com isso superiores
nos mostramos, convosco comparados.

LICÓRIDA · Por este fardo, meu senhor, paciência.

PÉRICLES · Possas ter vida calma, pois nunca houve
criança de nascimento mais inquieto.
Amansa e aquieta tua natureza,
pois tiveste as mais rudes boas-vindas
que jamais teve a filha de um monarca.
Tenhas feliz futuro; nascimento
tão bulhento tiveste como o fogo,
a água, o ar, a terra e o céu, reunidos,
não poderiam dar-te para ao mundo
comunicar o fato. Tua perda,
logo de início, é grande em demasia
para que tua vinda a compensasse
com tudo quanto achasses cá no mundo.
Que o olhar ameno os deuses bons te lancem.

(Entram dois marinheiros.)

PRIMEIRO MARINHEIRO · Onde está vossa
coragem, senhor? Deus vos salve.

PÉRICLES · Coragem não me falta; já não tenho
medo da tempestade; fez-me tudo
quanto de pior podia. No entretanto,
pelo amor desta pobre criancinha,
deste marujo que nasceu agora,
quisera que passasse.

PRIMEIRO MARINHEIRO · Oh tu, aí! Solta as
bolinas. Estás entendendo? Estás entendendo? Que
sopre até arrebentar.

shakespearebrasileiro.org

Segundo marinheiro · Havendo espaço, pouco
se me dá que a espuma e as ondas escuras vão beijar
a lua.
Primeiro marinheiro · Senhor, é preciso que a
Rainha seja jogada ao mar. As águas sobem muito; o
vento está furioso, e só se acalmará quando o navio
ficar desembaraçado da morta.
Péricles · Isso é superstição de vossa parte.
Primeiro marinheiro · Perdoai-nos, senhor; mas
isso é um costume que sempre observamos no mar.
Por isso, entregai-nos o corpo, para que seja logo
lançado ao mar.
Péricles · Fazei como julgardes mais de acordo.
Oh! infeliz Rainha!
Licórida · Aqui está ela.
Péricles · Tiveste um parto horrível, cara esposa;
sem luz, sem fogo. Os brutos elementos
se esqueceram de ti. Tempo não tenho
de te depor no túmulo, de acordo
com os ritos sacros, sendo necessário
que, apenas posta no caixão, te jogue
nas ondas, onde, em vez de um monumento
e de lâmpadas sempre e sempre acesas,
pese a baleia vomitante e as águas
barulhentas em teu delgado corpo,
que entre as simples conchinhas vai quedar-se.
Oh Licórida, manda que me traga
Nestor depressa drogas aromáticas,
tinta, papel, meu elmo e minhas jóias.
O cofre de cetim traga Nicandro.
Depõe a criança sobre o travesseiro.
Põe pressa em tudo, enquanto um religioso
adeus eu digo ao corpo. Vai, mulher!
(Sai Licórida.)
Segundo marinheiro · Senhor, embaixo das
escotilhas nós temos uma caixa betuminada e
calafetada.
Péricles · Muito obrigado. Dize-me, marinheiro,
que costa é essa?
Segundo marinheiro · Estamos perto de Tarso.
Péricles · Rumemos para lá, gentil marujo;
muda a rota de Tiro. Em quanto tempo
calculas que podemos alcançá-la?
Segundo marinheiro · Ao cair do dia, se o vento
cessar.
Péricles · Oh! para Tarso logo!
Visitarei Cleão, porque a criança
não agüentará a viagem para Tiro.
Lá a entregarei a gente caridosa.
Prossegue teu caminho, bom marujo;
vou entregar-te o corpo neste instante.
(Saem.)

Ato III · Cena II

Éfeso. Um quarto em casa de Cerimão.
Entram Cerimão, um criado e várias pessoas escapadas do naufrágio.

Cerimão · Olá, Filemão!
(Entra Filemão.)

Filemão · O senhor me chamou?
Cerimão · Providencia
comida e fogo para estes coitados.
Que noite turbulenta e tempestuosa!
Criado · Muitas já vi, porém até hoje nunca
suportei uma noite como a de ontem.
Cerimão · Antes de retornardes, vosso mestre
já estará morto. Nada pode agora
salvá-lo, do que sói ser aplicado
à natureza humana. *(A Filemão.)* Ao boticário
entrega isto e lhe explica como atua.
(Saem todos, com exceção de Cerimão.)
(Entram dois gentis-homens.)
Primeiro gentil-homem · Bom dia, meu
senhor.
Segundo gentil-homem ·
Muito bom dia a Vossa Senhoria.
Cerimão · Por que de pé tão cedo, cavalheiros?
Primeiro gentil-homem · Senhor,
estando nossa casa mais que todas
pendente sobre o mar, foi abalada
como por um tremor de terra. Tínhamos
a impressão de que as vigas mais possantes
iam partir-se e desabar a casa.
O medo e a inquietação nos fez deixá-la.

shakespearebrasileiro.org

SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·
Esse é o motivo, pois, de incomodar-vos
assim tão cedo; não foi nosso zelo.
CERIMÃO · Tendes muita razão.
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM · Porém admiro-me
de que Vossa Grandeza, que de um leito
dispõe tão confortável, já tão cedo
o áureo repouso tenha afugentado.
É muito estranho
que saia alguém em busca de trabalhos,
sem ser a isso forçado.
CERIMÃO · Pensei sempre
que a virtude e o saber eram mais dignas
dádivas do que os títulos e as pompas.
Herdeiros negligentes a estes últimos
poderão muito bem deixar manchados
ou gastá-los sem tino; mas aqueles
sempre à imortalidade estão ligados,
que dos homens faz deuses. É sabido
que sempre me apliquei à medicina.
Havendo-me iniciado nos segredos
dessa arte, pelo trato com as mais altas
autoridades e constante prática,
fiz que se tornassem familiares
e úteis as propriedades abençoadas
que se acham nos metais, plantas e pedras.
Assim, me acho apto para referir-me
às desordens que ocorrem na natura
e aos meios de curá-las, encontrando
maior satisfação e mais legítimo
deleite nisso do que nas caçadas
das vãs e vacilantes honrarias
ou em sacos de seda meus tesouros
acumular, para agradar apenas
ao idiota que há em mim, bem como à morte.
SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·
Em Éfeso Vossa Honra já tem vossa
caridade espalhado, e grande número
de pessoas se dizem, com justiça,
vossas criaturas, por haverem sido
salvas por vós. Não só vossos esforços,
não só o saber, porém a própria bolsa
sempre a todos aberta, asseguraram
ao senhor Cerimão tão alto nome
que o tempo nunca poderá apagá-lo.
(Entram dois criados, carregando uma caixa.)
PRIMEIRO CRIADO ·
Deixai-a aí.
CERIMÃO · Que é que há?
PRIMEIRO CRIADO ·
Neste momento,
senhor, o mar lançou em nossas praias
esta caixa; provém de algum naufrágio.
CERIMÃO · Deponde-a aí. Vejamos o conteúdo.
SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·
Parece um caixão fúnebre, senhor.
CERIMÃO · Seja o que for, é por demais pesado.
Sem demora torcemos-lhe a abertura.
Se o mar tem ouro por demais no estômago,
foi por uma feliz pressão da sorte
que o lançou sobre nós.
SEGUNDO GENTIL-HOMEM · É muito certo,
senhor.
CERIMÃO · E como está calafetado!
Foi o mar que o lançou em nossa praia?
PRIMEIRO CRIADO ·
Tão grande onda, senhor, jamais eu vira,
como a que o transportava.
CERIMÃO · Então tratemos
de abrir à força a tampa. Mais de espaço!
Que perfume esquisito estou sentindo!
SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·
Um delicado odor.
CERIMÃO · Tão delicado
como esse nunca me atingiu o olfato.
Vamos, abri! Oh deuses poderosos!
Que é isto? Um corpo humano!
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM · É surpreendente!
CERIMÃO · Envolvido em mortalha de alto preço!
E com sacos de espécies aromáticas!
E um passaporte! Apolo me conceda
as letras decifrar-lhe.
"Por este faço saber,
se à terra o cofre for ter,
que Péricles a consorte
perdeu; foi presa da morte.
Quem a achar a enterre asinha,
pois foi princesa e Rainha.
Ficará com todo este ouro.
Deus lhe acrescente o tesouro.
Péricles, se viveres, tens o açoite
no próprio coração. Foi nesta noite."
SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·
Senhor, é o que parece.
CERIMÃO · Sim, sem dúvida.
Vede que ar de frescura ela apresenta.
Que dureza, atirá-la assim nas ondas!

shakespearebrasileiro.org

Façamos fogo perto; ide buscar-me
todas as caixas que no quarto eu tenho.
(Sai o segundo criado.)
Pode usurpar a morte muitas horas
da natureza, mas da vida o fogo
pode animar de novo o opresso espírito.
De um egípcio já soube que ficara
como morto nove horas e que à vida
retomou com recursos oportunos.
(Volta o criado trazendo caixas, lenços e lume.)
Muito bem! muito bem! Panos e fogo.
Fazei soar a rude e melancólica
música muito nossa; por obséquio,
mais uma vez a viola. Não te mexes?
Que pedaço de pau! Música, aí!
Por obséquio, dai-lhe ar. Esta Rainha,
senhores,
vai reviver. Desperta a natureza;
dela o calor se exala. Seu letargo
não tem cinco horas ainda. Vede como
já começa a se abrir na flor da vida.
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·
Os céus por vosso meio nosso espanto
fazem crescer e vossa fama deixam
segura para sempre.

CERIMÃO · Ela está viva.
Vede-lhe as pálpebras — precioso escrínio
da jóia que perdida foi por Péricles —
as franjas de ouro a separar começam.
Os dois diamantes da água mais preciosa
já vêm deixar o mundo duas vezes
mais rico do que dantes. Vive e faze-nos
chorar à narrativa de teu fado,
bela criatura e, ao parecer, tão rara!
(Taísa se mexe.)
TAÍSA · Oh Diana querida, onde me encontro?
Meu marido onde está? Que mundo é este?
SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Não é estranho?
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM · Oh muito, muito raro!
CERIMÃO · Quietos, gentis vizinhos. Ajudai-me;
vamos levá-la para o quarto próximo.
Arranjai pano; faz-se necessário
o máximo cuidado; a recaída
poderá ser fatal. Vamos, com jeito.
Esculápio nos guie.
(Saem, carregando Taísa.)

Ato III · Cena III

Tarso. Um quarto em casa de Cleão.
Entram Péricles, Cleão, Dionisa e Licórida, que traz Marina nos braços.

PÉRICLES · Meu muito honrado Cleão, é necessário
que eu parta. Os doze meses de meu prazo
já passaram, vivendo Tiro agora
numa paz litigiosa. Juntamente
com vossa nobre esposa recebei
meus mais sinceros agradecimentos.
O mais vos pagarão os próprios deuses.
CLEÃO · Os golpes do infortúnio que por modo
tão terrível vos tocam, de passagem
nos atingem também.
DIONISA · Oh! vossa esposa!
Não ter querido o rigoroso fado
que ela até aqui chegasse, para os olhos
com sua vista abençoar-nos!
PÉRICLES · Acatamos
os poderes de cima, tão-somente.
Mesmo que como o mar em que ela se acha
sepultada eu bramisse e me enfuriasse,
seria sempre o mesmo. Eis minha filha
Marina, mui querida. Por ter vindo
no mar à luz, assim lhe pus o nome.
À vossa gentileza a recomendo,
como filha deixando-vos de vossa
solicitude. Peço-vos instante
que lhe deis principesca educação,
porque suas maneiras sejam dignas
do berço em que nasceu.
CLEÃO · Nada receeis,
meu senhor. Vossa Graça, que com trigo
sustentou meu país — razão de ainda
receberdes as bênçãos de meu povo —
será sempre lembrado em vossa filha.
O corpo coletivo, por vós salvo,
a cumprir o dever me forçaria.
Mas se de estimulante precisasse
para tal coisa minha natureza,

shakespearebrasileiro.org

que me punam os deuses e a meus filhos
severamente, até a extinção de todos.
Péricles · Creio no que dizeis; vossa bondade,
vossa honra isso me ensinam sem protestos.
Até, senhor, o casamento dela —
pela radiosa Diana a quem honramos —
estes cabelos não serão tocados
pela tesoura, embora isso redunde
em vitupério meu. Assim, despeço-me.
Deixai-me, boa dama, venturoso,
com educardes bem a minha filha.
Dionisa · Tenho uma filha, meu senhor, que, certo,
não me será mais cara do que a vossa.

Péricles · Meus agradecimentos, boa dama,
e minhas rogativas.
Cleão · Levaremos
até a beira da praia Vossa Graça;
depois vos damos a Netuno calmo
e aos ventos celestiais de mais doçura.
Péricles · Vou aceitar vosso oferecimento.
Vinde, cara senhora. Oh! por que lágrimas,
Licórida? Por quê?
Cuidai de vossa pequenina dona.
Agora dependeis de sua graça.
Vamos, senhor.

(Saem.)

Ato III · Cena IV

Éfeso. Um quarto em casa de Cerimão.
Entram Cerimão e Taísa.

Cerimão · Esta carta, senhora, e algumas jóias
no cofre, ao vosso lado, se encontravam.
Pertencem-vos. E a letra, conhecei-la?
Taísa · Sim, é de meu marido.
Recordo-me de que me achava a bordo,
na véspera do parto. Se lá mesmo
dei à luz, pelos deuses consagrados,
não saberei dizê-lo. Porém desde
que o Rei Péricles, meu senhor legítimo
não tornarei a ver, vestir pretendo
libréia de vestal e para sempre
renunciar à alegria.
Cerimão · Se, de fato,
minha senhora, pretendeis avante
levar essa intenção, aqui bem perto
fica o templo de Diana, onde morada
podereis ter, enquanto viva fordes.
Uma sobrinha minha, se quiserdes,
vos acompanhará para servir-vos.

(Saem.)

Taísa · Só gratidão vos dou; nada mais digo;
nada mais para dar trago comigo.

(Saem.)

Ato IV

Entra Gower

Péricles volta para o Estado;
Tiro lhe chama o Rei amado.
Ficou em Éfeso a Rainha,
levando vida bem mesquinha.
Imaginai ora Marina
que nossa cena pequenina
coloca em Tarso, onde educada
foi por Cleão como uma fada.
Como letrada e musicista,
da educação toda a conquista
ela alcançou. Toda a cidade
a adora como a uma deidade.
Mas, oh tristeza! a inveja escura,
que da excelência jamais cura,
visa com a faca da traição
da bela criança o coração.
Tem nosso Cleão uma donzela
já bem crescida e nada bela,
que pronta está neste momento
para ser dada em casamento.
Essa donzela — Filotena —
assim a história nos acena,
queria estar junto a Marina,
já sempre que esta a seda fina
fiava no tear — vero deleite —
com dedos longos e de leite,

shakespearebrasileiro.org

já quando a sua agulha afiada
punha a cambraia abençoada
de tanto furo, já quando amiúde
ela cantava no alaúde,
deixando o triste passarinho
mudo e cativo no seu ninho,
já, ainda, quando celebrava
no verso Diana e sua aljava.
Queria em tudo Filotena
rivalizar no tear, na avena,
com a princesa incomparável,
como se o corvo detestável
pudesse em Pafo a meiga pomba
vencer talvez — pleito de arromba! —
Ganha orações Marina bela;
dívida pagam-lhe singela,
não é louvor. Isso escurece
de Filotena a parca messe.

De Cleão a esposa, assim, prepara
faca assassina — inveja rara! —
porque com um crime desigual
ficasse a filha sem rival.
Dando reforço ao plano seu
Licórida, a ama, faleceu.
Dionisa, a fera amaldiçoada,
já tem a faca preparada.
Vai já brandi-la. O mais entrego
ao vosso juízo nada cego.
Somente o tempo, hoje como antes,
em minhas rimas claudicantes
farei correr, se em minha ajuda
a fantasia vier aguda
de todos vós. Ora Leonino —
pois esse é o nome do assassino —
vereis ao lado de Dionisa,
a preparar a trama invisa.

(Sai.)

Ato IV · Cena I

Tarso. Uma praça perto da praia.
Entram Dionisa e Leonino.

DIONISA · Relembra o juramento; prometeste
que havias de cumpri-lo. É um golpe, apenas,
e ninguém ficará sabendo disso.
Nunca acharias uma ação tão fácil
como essa, que te desse tanto lucro.
Não deixes que a consciência sempre fria,
no peito a simpatia te acendendo,
te inflame a indecisão, nem que a piedade,
de que as próprias mulheres se libertam,
a amolecer-te venha. Não; soldado
torna-te de teu plano.
LEONINO · Adiante vou levá-lo; mas criatura
bondosa ela é, sem dúvida.
DIONISA · Mais própria,
portanto, para conviver com os deuses.
Ela aí vem, chorando a morte da ama.
Dize: estás decidido?
LEONINO · Decidido.
(Entra Marina, com um cesto de flores.)
MARINA · De Telo vou tirar ora os enfeites,
para juncar de flores o teu leito.
As flores amarelas, azuladas,
os crisantos, as púrpuras violetas
virão atapetar-te a sepultura
nestes dias de estio. Oh! triste fado
por sorte me tocou. A luz primeira
vi numa tempestade em que privada
de minha mãe fiquei. Qual permanente
furacão é este mundo, que me arrasta
para longe dos meus.
DIONISA · Então, Marina,
por que andais sempre só? Qual o motivo
de minha filha não estar convosco?
Não altereis o sangue com tristezas.
Em mim tendes outra ama. Mas, que vejo,
Senhor! Como alterado o rosto tendes
por essa dor estéril! Vamos, vamos!
dai-me essas flores, para que não venham
a ficar murchas pela ação do mar.
Ide dar um passeio com Leonino.
O ar aqui é fino e muito penetrante;
estimula o apetite. Pelo braço
toma-a, Leonino; vai passear com ela.
MARINA · Não, por obséquio;
não vos quero privar de vosso criado.

DIONISA · Vamos, vamos; dedico-vos e ao Rei,
vosso pai, mais afeto que uma estranha.
Esperamo-lo a todos os momentos.
Quando ele retornar e achar tão murcha
nossa obra-prima, que só de elogios
era alvo até há momentos, as canseiras
lastimará da viagem tão comprida,
sem deixar de censura dirigir-nos,
a mim e a meu marido, por não termos
de vós cuidado como nos cumpria.
Ide passear; voltai a ser alegre,
vos peço; conservai vossa aparência
graciosa, que os olhares atraía
de moços e de velhos. Para casa
voltarei só; ficai sobre isso calma.
MARINA · Pois bem, irei; mas é contra a vontade.
DIONISA · Ide; sei que isso vos será saudável.
Leonino, deves passear uma hora,
pelo menos, com ela. Não te esqueças
de tudo quanto eu disse.
LEONINO · Sim, senhora;
ficai tranqüila.
DIONISA · Vou deixar-vos, minha
querida dama, por alguns momentos.
Andai devagarzinho, para o sangue
não ficar muito quente. Oh! eu preciso
zelar por vossa vida.
MARINA · Boa dama,
meus agradecimentos.

(Sai Dionisa.)

É do oeste
o vento que sentimos?
LEONINO · Sul-oeste.
MARINA · Quando eu nasci, soprava o vento norte.
LEONINO ·
Ah! Sim?
MARINA · Meu pai, como a ama me contava,
não tinha medo, e "Bravo, meus rapazes!"
gritava aos marinheiros, estragando
suas reais mãos com o repuxar das cordas.
Seguro num dos mastros, um embate
ele agüentou do mar, que quase a tolda
do barco arrebentou.
LEONINO · Quando foi isso?
MARINA · Quando eu nasci.
Nunca houve ondas e ventos mais furiosos.
Cuspido longe foi um marinheiro,
que na escada de cordas se agarrara.
"Já vais saindo?" grita um dos marujos.
Todos saltam com muita habilidade,
de popa à proa. Apita o contra-mestre,
o patrão chama, a confusão triplica.
LEONINO · Vamos; dizei as vossas orações.
MARINA · Que me dizeis com isso?
LEONINO · Se quiserdes
um prazo curto, posso conceder-vo-lo.
Mas não sejais maçante, porque os deuses
o ouvido têm afiado e juramento
eu fiz de realizar depressa o caso.
MARINA · Ides matar-me?
LEONINO · Sim, para à senhora
satisfazer.
MARINA · Por que ela me quer morta?
Por minha fé, jamais — até onde posso
recordar-me — lhe fiz qualquer ofensa.
Nunca pronunciei palavra feia,
nem a nenhuma criatura viva
prejuízo ocasionei. Acreditai-me:
nunca matei um rato, nenhum dano
fiz a uma mosca, e quando acontecia,
sem o querer, matar um vermezinho,
chorava o meu descuido. Em que a ofendi?
Minha morte em que pode aproveitar-lhe,
ou minha vida constituir perigo
para que ela de mim tenha receio?
LEONINO · Fui incumbido de fazer a coisa,
não de raciocinar a seu respeito.
MARINA · Sei que não a fareis, por todo o mundo.
Sois de boa aparência; pelos olhos
vejo que tendes coração bondoso.
Há pouco tempo vi que vos feristes
mui gravemente, ao apartar a briga
de dois homens sanhosos. Foi bonito
de vossa parte, posso assegurar-vos.
Fazei o mesmo agora; ficai entre
mim e ela e me salvai, que sou a mais fraca.
LEONINO · Jurei e tenho de fazer a coisa.

(Enquanto Marina se debate, entram piratas.)

PRIMEIRO PIRATA · Detém-te, biltre!

(Leonino foge.)

SEGUNDO PIRATA · Uma presa! Uma presa!
TERCEIRO PIRATA · Meia parte, camarada; meia parte.

(Saem os piratas, levando Marina.)

(Volta Leonino.)

shakespearebrasileiro.org

Leonino · Esses ladrões são homens do famoso
pirata Valdes. Podem carregá-la.
Esperança não há de que ela volte.
Vou jurar que a matei e, após, o corpo
joguei ao mar. Mas vou certificar-me.
Quem sabe se depois de se saciarem,
a deixam, sem levá-la para bordo.
Nesse caso, a que houver sido violada,
por mim será, de pronto, assassinada.

(Sai.)

Ato IV · Cena II

Mitilene. Um quarto no bordel.
Entram o alcoviteiro, a alcoviteira e Boult.

Alcoviteiro · Boult!
Boult · Senhor?
Alcoviteiro · Vai fazer uma pesquisa em regra no mercado. Mitilene está cheia de galantes. Perdemos muito dinheiro nesta estação, por falta de moças.
Alcoviteira · Nunca estivemos com tanta falta de gente. Presentemente só temos três coitadas, que não podem fazer mais do que fazem, e que pelo efeito do trabalho incessante, valem tanto como se estivessem podres.
Alcoviteiro · Daí a necessidade de arranjarmos gente fresca, por mais caro que tenhamos de pagar. Quem não desempenha sua profissão com consciência, nunca poderá ir para diante.
Alcoviteira · Tens razão; não é criando uns pobres bastardos, como eu, que, segundo penso, vi crescerem mais ou menos uns doze...
Boult · Sim, até aos onze anos, para depois soltá-los. Mas, afinal: terei de passar uma revista no mercado?
Alcoviteira · Que mais nos resta, homem, senão isso mesmo? A mercadoria que temos, um vento forte a deixará em pedaços, tão lamentavelmente estragada está toda ela.
Alcoviteiro · Só falais a verdade; são muito insalubres, em consciência. O pobre Transilvaniano que se deitava com a pequena michela já morreu.
Boult · Sim, ela o enganou à maravilha: fez dele um assado para os vermes. Mas vou já percorrer o mercado.

(Sai.)

Alcoviteiro · Três ou quatro mil cequins perfariam uma bela quantia, que me permitiria viver tranqüilo e deixar de trabalhar.
Alcoviteira · Por que deixar de trabalhar, por obséquio? É vergonha trabalhar, quando se está velho?
Alcoviteiro · Oh! A consideração não nos vem na proporção do lucro, nem este na proporção do risco. Assim, se, enquanto somos moços, pudermos ajuntar algum peculiozinho, não ficará mal passarmos a tranca na porta. Além do mais, a situação melindrosa que criamos perante os deuses, é mais uma razão para abandonarmos esta vida.
Alcoviteira · Ora, há muita gente que peca tanto quanto nós.
Alcoviteiro · Tanto quanto nós? Sim, e gente melhor. Mas nosso pecado é maior. Nossa profissão nem é ofício regular: não é carreira. Mas aí vem vindo Boult.

(Volta Boult com os piratas e Marina.)

Boult · Avançai. Então, mestres: dissestes que ela é virgem?
Primeiro pirata · Oh, senhor! não o duvidamos.
Boult · Mestre, tive que fazer uma oferta grande, para segurar a peça que estais vendo. Se vos agradardes dela, bem; caso contrário, perco a minha comissão.
Alcoviteira · Boult, ela tem qualidades?
Boult · É de fisionomia agradável, fala bem e possui bonitos vestidos: tem todas as qualidades para não ser recusada.
Alcoviteira · E qual é o preço, Boult?
Boult · Não abato um ceitil de mil escudos.
Alcoviteiro · Bem, mestres; acompanhai-me. Recebeis neste momento vosso dinheiro. Mulher, leva-a para dentro; instruí-a sobre o que ela tem de fazer, para que não se mostre desajeitada no desempenho da profissão.

(Saem o alcoviteiro e os piratas.)

Alcoviteira · Boult, tomai nota de suas características, a cor dos cabelos, da cute, altura, idade, com a indicação de que é virgem. Depois, proclamai: "Quem pagar mais, será o primeiro a deitar-se com ela!" Uma virgem com essa aparência

shakespearebrasileiro.org

não custará pouco dinheiro, se os homens continuarem sendo o que sempre foram. Fazei tudo de acordo com minhas determinações.

BOULT · Tudo será feito no mais curto prazo possível.

(Sai.)

MARINA · Ai! por que foi Leonino tão moroso, tão hesitante? Sem falar, devia ter dado o golpe; ou então, por que os piratas, bem pouco bárbaros, aliás, às ondas não me jogaram, para que à procura de minha mãe eu fosse?

ALCOVITEIRA · Por que vos estais lamentando, minha bela?

MARINA · Por ser dotada de beleza.

ALCOVITEIRA · Ora, foram os deuses que vos fizeram assim.

MARINA · Não os acuso por isso.

ALCOVITEIRA · Agora caístes em minhas mãos, e aqui tereis de viver.

MARINA · Tanto pior, então, por escapado haver das mãos que haviam de me ter dado a morte.

ALCOVITEIRA · Ireis ter uma vida de prazeres.

MARINA · Não.

ALCOVITEIRA · Sim, por minha fé, e ficareis conhecendo gentis-homens de todas as espécies. Haveis de dar-vos bem; ficareis conhecendo todos os temperamentos. Como! Tapais os ouvidos?

MARINA · Sois mulher?

ALCOVITEIRA · A não ser mulher, que quereríeis que eu fosse?

MARINA · A não ser mulher honesta, não devíeis ser mulher.

ALCOVITEIRA · Com a breca, estais precisando de chicote; já estou vendo que ireis dar-me trabalho. Vamos, não passais de uma plantazinha tola, que precisa ser dobrada a meu talante.

MARINA · Que os deuses me protejam.

ALCOVITEIRA · Se for do agrado dos deuses que sejas protegida pelos homens, não faltarão homens para vos consolar, homens para vos alimentar e homens para vos sacudir; Boult já está de volta.

(Volta Boult.)

Então, senhor, já a proclamastes pelo mercado?

BOULT · Proclamei até os cabelos dela; fiz-lhe o retrato de viva voz.

ALCOVITEIRA · E dize-me, por obséquio: como achaste a disposição das pessoas, principalmente a dos moços?

BOULT · Por minha fé, ouviram minhas palavras como se estivessem escutando a leitura do testamento paterno. A um espanhol cresceu tanto a água na boca, que só com minha descrição foi deitar-se na cama.

ALCOVITEIRA · Amanhã havemos de vê-lo por aqui, com sua melhor golilha.

BOULT · Hoje à noite! Hoje à noite! Mas, senhora, não conheceis aquele francês que anda arrastando os quartos?

ALCOVITEIRA · Quem? Monsieur Veroles?

BOULT · Ele mesmo. Depois de minha proclamação, tentou fazer uma cabriola, mas soltou um gemido a essa tentativa, e jurou que amanhã haveria de vê-la.

ALCOVITEIRA · Bem, bem: quanto a ele, trouxe-nos suas doenças; não virá fazer outra coisa, senão renová-las. Tenho certeza de que virá procurar nossa sombra para fazer brilhar ao sol suas coroas.

BOULT · Bem; se de cada nação nos viesse um freguês, a todos alojaríamos só com esta figura.

ALCOVITEIRA *(a Marina.)* · Por obséquio, vinde para mais perto. Prestai toda a atenção: é preciso dardes a impressão de fazerdes com repulsa o que executais de grado, de desprezar o lucro onde tendes mais a ganhar. Lastimai a vida que levais, que isso despertará a compaixão dos amantes; mui raramente essa compaixão deixará de levá-los a fazer um bom conceito de vós, e de redundar esse conceito em lucro material.

MARINA · Não compreendo o que quereis dizer com isso.

BOULT · Oh! Levai-a para dentro, senhora! Levai-a para dentro! A prática lhe fará perder esse rubor.

ALCOVITEIRA · Falas com acerto, por minha fé; é isso mesmo que precisamos fazer. As próprias nubentes não vão sem mostras de acanhamento, para onde podem ir legitimamente.

BOULT · É certo; algumas assim procedem; outras, não. Mas, senhora, se fui eu que negociei esta posta de carne...

ALCOVITEIRA · Terás licença de tirar do espeto o teu pedaço.

BOULT · Terei mesmo?

ALCOVITEIRA · Quem te negará esse direito?

shakespearebrasileiro.org

Vamos, mocinha; agrada-me o talho de vosso vestido.
Boult · Sim, por minha fé; não deverá ser alterado em nada.
Alcoviteira · Boult, espalha pela cidade a notícia; anuncia que espécie de pensionista adquirimos; não perdereis nada de vossos direitos. Quando a natureza formou esta peça, tencionava beneficiar-te. Por isso, trata de propalar que maravilha temos aqui em casa, que hás de fazer a colheita do que tu mesmo anunciares.
Boult · Posso assegurar-vos, senhora, que o trovão não é mais pronto para despertar as enguias do que a descrição que eu fizer da beleza dela para estimular os libertinos. Esta noite não deixarei de trazer algum freguês.
Alcoviteira · Vamos, vinde comigo.
Marina · Se houver fogo, água funda ou faca afiada, minha pureza ficará guardada.
Diana, ajuda-me o plano!
Alcoviteira · Que temos nós com Diana? Vamos! Não quereis vir?

(Saem)

Ato IV · Cena III

Tarso. Um quarto em casa de Cleão.
Entram Cleão e Dionisa.

Dionisa · Estais, acaso, louco? Poder-se-ia
desfazer o que está de todo feito?
Cleão · Oh Dionisa, uma cena tão monstruosa
nem o sol nem a lua jamais viram.
Dionisa · Penso que ides voltar a ser criança.
Cleão · Se eu fosse dono deste vasto mundo,
dá-lo-ia de presente, para este ato
deixar como não feito. Um ser que mostra
nobreza igual de sangue e de cultura,
uma pessoa a toda luz tão digna
ante a imparcial justiça, da coroa
mais preciosa da terra! ... Oh miserável
Leonino, que tu própria envenenaste!
Se bebido tivesses naquela hora
na mesma taça que ele, esse teu gesto
de cortesia te coroara a obra.
Que pretendes dizer ao nobre Péricles,
quando ele contas vier pedir da filha?
Dionisa · Direi que ela morreu, ora essa! As amas
o destino não são, para por meio
de cuidados manter alguém com vida
por tempo indefinido. Foi à noite;
direi, que ela morreu. Quem me viria
desmentir? Salvo, apenas, se quisesses
o papel assumir do idiota ingênuo
que almeja honesta paga, e lhe gritasses:
"Morta foi à traição!"
Cleão · Oh! continua!
Dos crimes cometidos sob a vista
do céu, este é o mais bárbaro.
Dionisa · Do número
sois, talvez, dos que pensam que as carriças
de Tarso irão correndo para a Péricles
contar o que passou. Sinto vergonha
quando penso na muito nobre raça
de que provindes e que tendes alma
a esse ponto covarde.
Cleão · Quem a um crime
tão horroroso desse, já não digo
consentimento, mas simples anuência,
de honrado tronco não teria vindo.
Dionisa ·
Que seja assim. Mas ninguém mais, exceto
vós, tão-somente, sabe de que modo
veio ela a perecer, nem ninguém nunca —
morto Leonino — poderá sabê-lo.
Ela humilhava nossa filha, pondo-se
entre esta e seu destino. Não havia
quem visse Filotena; todos tinham
os olhos fixos em Marina, apenas,
enquanto nossa filha, desprezada,
era tratada como um trapo, indigna
até de um cumprimento. Transpassado
sentia o coração; e, muito embora,
por não terdes amor a vossa filha,
possais dizer que eu fui desnaturada,
considero meu ato um meritório
serviço feito a vossa única filha.
Cleão · Os céus que te perdoem.

shakespearebrasileiro.org

Dionisa · Quanto a Péricles,
que poderá dizer? Sobre o ataúde
dela choramos e ainda pomos luto;
seu mausoléu quase acabado se acha,
e uma inscrição em caracteres de ouro
faz o elogio dela e é testemunho
do nosso zelo, a cuja expensa é feito.

Cleão · És como a harpia que, com rosto de anjo,
cai sobre a presa, para segurá-la
com suas garras de águia.
Dionisa · És como os ímpios que contra as deidades
blasfemam porque as moscas mata o inverno;
mas a mim serás sempre subalterno.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

Diante do túmulo de Marina, em Tarso.
Entra Gower.

Assim o tempo usamos e mesquinhas
distâncias — léguas longas — em casquinhas
de nozes navegamos, pois nos basta
desejar para ter e vossa vasta
fantasia ocupar, e, como o vento,
passar de praia a praia, num momento.
Com vossa permissão, não cometemos
crime nenhum, falando nos extremos
da terra uma só língua, pelos vários
países em que os múltiplos cenários
de nossa peça adquirem vida nova.
Sendo assim, vos suplico, ponde à prova
meus préstimos, já que eu, com tal vagar,
a vossa frente surjo a doutrinar,
e deixar que prossiga no meu conto.
Péricles, com seus homens sempre a ponto,
corta o mar bravo para uma visita
fazer à filha, sua grande dita.
Vai o velho Helicano ao lado dele,
bom ancião que ele alçara a grande estado,
na direção do reino sublimado.
Velas bojudas e propício vento
o Rei em Tarso põem. O pensamento
por piloto emprestai-lhe e, sem reserva,
navegareis com ele de conserva,
para ir buscar a filha que, distante
de Tarso, está numa existência errante.
Como sombras os vede; nada parvos
os ouvidos e os olhos vou deixar-vos.

Pantomima

Entra, por uma porta, Péricles com seu séquito; por outra, Cleão e Dionisa. Cleão mostra a Péricles o túmulo de Marina, depois do quê Péricles se lamenta, reveste um cilício e parte com mostras de grande dor. Saem Cleão e Dionisa.

Quanto pode a maldade! Esta emoção
falsa abala até o fundo o coração.
Péricles, pela dor acabrunhado,
o nobre rosto em lágrimas banhado,
deixa Tarso e se embarca novamente.
Juramento fez ele mui patente
de não lavar o rosto nem a bela
cabeleira ajeitar; mas fez-se à vela
levando o seu cilício. Tempestade
terrível enfrentou, que a pouquidade
de seu mortal batel deixou em tiras.
Mas conseguiu fugir do mar às iras.
E ora ouvi a leitura do epitáfio
que de Marina está no cenotáfio,
obra da má Dionisa.

(Lê a inscrição do túmulo de Marina.)

ORA SE ENCONTRA NA SEPULTURA
QUEM VIDA TEVE CÂNDIDA E PURA.
ERA NASCIDA DO REI DE TIRO;
MAS A CRUEL MORTE, NEGRO VAMPIRO,
A LEVOU PRESTES. AO VIR MARINA —
ESSE ERA O NOME DESSA MENINA —
AO MUNDO, TÉTIS, MUITO ORGULHOSA,
INVADE PARTE DA TERRA AIROSA.
ESTA, TEMENDO SER INUNDADA,
PARA O CÉU MANDA LOGO A AFILHADA;
POR ISSO AS ONDAS COM TAL ALTURA
ORA SE ATIRAM NA ROCHA DURA.

O melhor gesto e o mais loução
da falsidade é a adulação.
Deixemos Péricles pensando
que não tem filha, que o comando

shakespearebrasileiro.org

da vida dele ora a Fortuna
já tem nas mãos. Mais oportuna
é a cena agora da desdita
da pobre moça e tão bonita.
Tende paciência, e a Mitilene
vos transportai com ar solene.

(Sai.)

Ato IV · Cena V

Mitilene. Uma rua defronte do bordel.
Dois gentis-homens saem do bordel.

Primeiro gentil-homem · Já ouvistes falar em coisa assim?
Segundo gentil-homem · Não, nem nunca mais tornarei a ouvir, num lugar como este, uma vez que ela vá embora.
Primeiro gentil-homem · Ouvir um sermão num lugar como este! Já sonhaste, alguma vez com semelhante coisa?
Segundo gentil-homem · Não, não. Vamos; já não sou homem de bordel. Vamos ouvir as vestais cantar?
Primeiro gentil-homem · De agora em diante farei tudo o que for virtuoso, deixando para sempre a estrada da perdição.

(Saem.)

Ato IV · Cena VI

O mesmo. Um quarto no bordel.
Entram o alcoviteiro, a alcoviteira e Boult.

Alcoviteiro · Sim, quisera, por dois tantos do que ela possa valer, que nunca tivesse posto os pés aqui.
Alcoviteira · A peste que a carregue! Ela seria capaz de gelar o deus Príapo, de reduzir a nada uma geração inteira. Precisamos fazer com que seja violada ou desembaraçar-nos dela. Em lugar de fazer o que deve com os clientes e de mostrar as habilidades de nossa profissão, sai-nos com sutilezas, com suas razões, suas razões de mestre, preces e genuflexões. Seria capaz de fazer do diabo um puritano, se ele se propusesse a comprar um beijo dela.
Boult · Por minha fé, é preciso que eu a desonre, antes que ela nos faça perder todos os cavalheiros, ou deixe podres todos os nossos blasfemadores.
Alcoviteiro · Que a bexiga me caia sobre a sua palidez.
Alcoviteira · Em verdade, para nos vermos livres dela, não encontro outro meio, a não ser mesmo a bexiga. Aí vem vindo o senhor Lisímaco, disfarçado.
Boult · Poderíamos ter em nossa casa senhores e criados, se essa michela teimosa não oferecesse resistência aos nossos fregueses.

(Entra Lisímaco.)

Lisímaco · Então? A como está a dúzia de virgindades?
Alcoviteira · Que os deuses abençoem Vossa Honra.
Boult · Alegro-me ver Vossa Honra com saúde.
Lisímaco · Podeis alegrar-vos, porque é melhor mesmo para vós que vossos habituados andem com pernas sadias. Então, insalubre Iniqüidade, tendes aquilo com que um homem possa ocupar-se, desafiando o cirurgião?
Alcoviteira · Temos uma aqui, senhor... Se ela quisesse... Mas nunca houve outra como ela em Mitilene.
Lisímaco · Quereis dizer, no caso de dispor-se ela a praticar o ato das trevas.
Alcoviteira · Vossa Honra sabe perfeitamente o que quero dizer com isso.
Lisímaco · Está bem; chama-a aqui; chama-a aqui.
Boult · Pela carne e pelo sangue, meu senhor; pelo vermelho e pelo branco, ides ver uma rosa. E é o que ela seria, em verdade, se tivesse...
Lisímaco · Quê, por obséquio?
Boult · Oh, senhor! Sei ser modesto.
Lisímaco · A modéstia dignifica o nome de alcoviteiro, como confere a muitas marafonas a fama de castidade.

(Sai Boult.)

shakespearebrasileiro.org

ALCOVITEIRA · Ei-la, que nos chega, erecta em sua própria haste, e ainda não colhida, posso assegurar-vos.

(Volta Boult com Marina.)

Não é uma linda criatura?

LISÍMACO · Por minha fé; serviria muito bem depois de uma longa viagem por mar. Bem, isto é para vós; deixai-nos sós.

ALCOVITEIRA · Conjuro a Vossa Honra que me desculpe; mas, uma palavrinha apenas, e terei concluído.

LISÍMACO · Falai, então, por obséquio.

ALCOVITEIRA *(a Marina)* · Em primeiro lugar, desejo que noteis que ele é um homem honrado.

MARINA · Desejo encontrá-lo assim, para anotá-lo condignamente.

ALCOVITEIRA · Depois, é o governador deste país, e pessoa a quem devo muitas obrigações.

MARINA · Se ele governa o país, deveis-lhe, realmente, muitas obrigações; mas quanto ele possa ser honrado, não saberei dizê-lo.

ALCOVITEIRA · Por obséquio, sem maiores resistências virginais: pretendeis tratá-lo gentilmente? Ele encherá de ouro vosso avental.

MARINA · O que ele me fizer graciosamente, receberei com reconhecimento.

LISÍMACO · Já terminastes?

ALCOVITEIRA · Senhor, ela ainda não entrou no passo. Tereis de ter algum trabalho para dirigi-la a vosso gosto. Vamos, deixemos Sua Honra e ela sozinhos.

LISÍMACO · Ide vosso caminho.

(Saem o alcoviteiro, a alcoviteira e Boult.)

Então, minha beleza, há quanto tempo exerceis esta profissão?

MARINA · Que profissão, senhor?

LISÍMACO · Ora, não posso nomeá-la sem vos ofender.

MARINA · Por obséquio, dizei-me qual seja ela.

LISÍMACO · Há quanto tempo estais nesta profissão?

MARINA · Desde quando tenho o uso da memória.

LISÍMACO · Começastes assim tão cedo? Já éreis uma dissoluta aos cinco e aos sete anos?

MARINA · Até antes, senhor, se é que sou o que dissestes.

LISÍMACO · Ora, a casa em que residis proclama que sois uma criatura que se vende.

MARINA · Conheceis que espécie de casa é esta e a procurais? Ouvi dizer que sois uma pessoa de caráter e governador deste país.

LISÍMACO · Como! Vossa superiora vos revelou minha identidade?

MARINA · Quem é minha superiora?

LISÍMACO · Ora, vossa hortaliceira, aquela que semeia o opróbrio e planta a iniqüidade. Oh! oh! Ouvistes falar de minha influência e vos mostrais arredia, para vos deixar conquistar com mais dificuldade. Mas posso assegurar-te, belezinha, que minha autoridade só terá para ti olhares de amizade. Vamos, vamos, leva-me para qualquer quarto particular. Vamos, vamos!

MARINA · Se sois honrado, revelai-o agora.
Se essa reputação vos foi imposta,
justificai a opinião de quantos
vos julgam digno dela.

LISÍMACO · Como assim? Como assim? Prossegui moralizando mais um pouco.

MARINA · Quanto a mim,
que sou virgem, embora a dura sorte
me houvesse colocado neste alcouce,
onde vejo venderem-se as doenças
mais caro que a saúde...
Oh! se as deidades me tirassem logo
deste lugar sacrílego, ainda mesmo
que fosse para me mudar no pássaro
mais humilde que voa no ar sereno!

LISÍMACO · Jamais imaginara que pudesses
falar tão bem. Jamais nem mesmo em sonhos.
Se eu houvesse trazido um pensamento
corrompido, tê-lo-ias alterado.
Este ouro é para ti. Vai; persevera
nesse caminho luminoso e possam
fortificar-te os deuses.

MARINA · Que as bondosas
deidades vos amparem.

LISÍMACO · No que me diz respeito, ficai certa
de que não vim com intenções maldosas,
pois até as portas e as janelas desta
casa têm para mim da infâmia o cheiro.
Adeus; és um modelo de virtude.
Não tenho dúvida de que tivesses
tido uma educação em tudo nobre.
Toma; aqui tens mais ouro. Que maldito
seja e venha a morrer como um bandido

shakespearebrasileiro.org

quem te privar de tua castidade.
Se a ouvir falar de mim ainda vieres,
será para o teu bem.

(Volta Boult.)

Boult · Suplico a Vossa Senhoria uma peça para mim.

Lisímaco · Fora daqui, porteiro amaldiçoado!
Vossa casa, a não ser por esta virgem
que é seu esteio, há muito já teria
desabado, a vós todos enterrado.

(Sai.)

Boult · Como é isso? Será preciso tomar outra orientação a vosso respeito. Se vossa castidade impertinente, que não vale um almoço no lugar mais barato que possa haver embaixo do céu, tiver de arruinar toda esta casa, que eu fique castrado como um perdigueiro. Vinde comigo.

Marina · Que pretendes de mim?

Boult · Tomar-vos a jóia que tendes em tão grande apreço.

Marina · Para onde quereis levar-me?

Boult · Preciso arrancar vossa virgindade, ou o carrasco terá de fazer isso. Vinde comigo. Não deixaremos que os gentis-homens sejam corridos daqui dessa maneira. Vinde comigo, estou dizendo.

(Volta a alcoviteira.)

Alcoviteira · Então, que aconteceu?

Boult · De mal para pior, senhora; ela só disse palavras piedosas para o senhor Lisímaco.

Alcoviteira · Oh! abominável!

Boult · Ela deixa nossa profissão, por assim dizer, infecta diante dos deuses.

Alcoviteira · Peste! Que seja enforcada para sempre.

Boult · O fidalgo deveria tê-la tratado como fidalgo; ela porém o despediu tão frio como uma bola de neve, e, ainda por cima, a dizer as suas orações.

Alcoviteira · Boult, leva-a daqui e faze com ela o que bem entenderes; quebra o vidro de sua virgindade e deixa o resto maleável.

Boult · Ainda mesmo que ela fosse um terreno com mais espinhos do que ela própria tem, há de ficar bem arada.

Marina · Escutai, escutai, oh deuses!

Alcoviteira · Está fazendo conjuros. Leva-a logo daqui. Antes ela nunca tivesse pisado em minha casa. Que a peste vos enforque! Ela nasceu para nos arruinar. Não quereis andar pelo caminho das mulheres? Ora, vejam só! Um prato de castidade enfeitado com rosmaninho e louro!

(Sai.)

Boult · Vamos, senhora; vinde comigo.

Marina · Que pretendes de mim?

Boult · Tomar-vos a jóia que tendes em tão grande apreço.

Marina · Primeiro dize-me uma coisa, por obséquio.

Boult · Que venha essa coisa.

Marina · Que desejarias que teu inimigo fosse?

Boult · Ora, desejaria que fosse meu amo, ou melhor, minha patroa.

Marina · Nenhum dos dois te alcança em ruindade; sobre ti tendo o mando, são melhores.
Ocupas um lugar que o mais sofrido
demônio pelo seu não trocaria,
nos tormentos do inferno, sem desdouro.
És o maldito introdutor de todos
os biltres que aqui vêm buscar mulheres.
Tens as orelhas ao sabor dos murros
de qualquer tipo à-toa; até teus próprios
alimentos parecem vomitados
por goelas putrefeitas.

Boult · Que queríeis que eu fizesse? Ir para a guerra, não é assim? onde a gente pode servir durante sete anos, para vir a perder uma perna e não ter, no fim, nem o dinheiro suficiente para comprar uma de pau?

Marina · Faze seja o que for, tirante o que ora tens por ocupação. Tira a espurcícia
dos velhos receptáculos, ou mesmo
dos esgotos da rua; teus serviços
contrata com o carrasco. Qualquer desses
ofícios é muito melhor do que este.
Pois tua profissão, se um babuíno
falar pudesse, achara indigna dele.
Oh! se os deuses pudessem retirar-me
sã e salva daqui!
Toma dinheiro. Se quiser teu amo
ganhar alguma coisa à minha custa,
anuncia que eu sei bordar, coser,
cantar, dançar, e prendas outras tenho
que por modéstia calo. Prontifico-me
a ensinar isso tudo. Não duvido

shakespearebrasileiro.org

que uma cidade assim tão populosa
não apresente muitos aprendizes.
Boult · Mas é certo mesmo que podeis ensinar
tudo isso que dissestes?
Marina · Se o contrário provares, reconduze-me
para cá e entrega-me à criatura mais vil dentre os
freqüentadores desta casa.
Boult · Bem; vou ver o que posso fazer por ti. Se
puder arranjar-te uma colocação, não deixarei de fazê-lo.
Marina · Mas que seja entre mulheres honestas.
Boult · Por minha fé, minhas relações por esse lado
não são lá muito grandes. Mas, visto terdes sido
comprada pelo patrão e pela patroa, nada poderei
fazer sem o consentimento deles. Por isso, vou
comunicar-lhes vossas intenções, não duvidando que
se mostrarão bastante conversáveis. Vamos, farei por
ti o que puder. Vinde comigo.

(Saem.)

Ato V

Entra Gower.

Desta arte do bordel saiu Marina
e encontrou gente honesta, diz a história,
Cantar sabe e dançar — como é divina! —
como uma deusa em toda a sua glória.
Confunde os sábios, e nos seus bordados
as formas reproduz da natureza;
pássaros, flores, frutos encarnados
aos naturais irmana com leveza.
Alunos não lhe faltam de alto porte,
que pagam regiamente. Toda a renda
para o bordel envia — triste sorte! —
Mas voltemos ao pai sem mais contenda,
que deixamos no mar. A tempestade
o atirou para a terra — oh maravilha! —
em que ele vai achar, já na cidade,
quem por perdida tem, a própria filha.
A âncora ali soltou. A festa anual
de Netuno a cidade comemora.
Vê Lisímaco a vela em funeral
e vai ao seu encontro sem demora.
Novamente aguçai a fantasia.
Péricles vede, triste e reclinado.
Tudo o mais que na história se desfia
ireis ouvir e ver com muito agrado.

(Sai.)

Ato V · Cena I

A bordo do navio de Péricles, à vista de Mitilene. Uma tenda sobre o tombadilho, fechada por uma cortina, dentro da qual está Péricles reclinado numa espreguiçadeira. Ao lado do barco tírio vê-se um escaler.
Entram dois marinheiros, sendo um do navio tírio, e outro do escaler; Helicano aproxima-se deles.

Marinheiro tírio *(ao marinheiro de Mitilene)* ·
O senhor Helicano por onde anda?
Ele é que pode responder-vos. Ei-lo,
felizmente. Senhor, de Mitilene
chegou um escaler que traz Lisímaco,
governador da terra, que deseja
ser recebido a bordo. Que mandais?
Helicano · O que ele desejar. Fazei que subam
alguns dos nossos nobres.
Marinheiro tírio · Cavalheiros,
chama-vos o senhor!

(Entram dois ou três gentis-homens.)

Primeiro gentil-homem · Chamou-nos Vossa
Senhoria?
Helicano · Há alguém ali, senhores,
de posição que quer vir para bordo.
Peço-vos recebei-o cortesmente.

(Os gentis-homens descem do navio para o escaler. Sobem para bordo Lisímaco, nobres, os gentis-homens e os dois marinheiros.)

Marinheiro tírio ·
Senhor, aqui está o homem que resposta
saberá dar a tudo o que quiserdes.

LISÍMACO · Salve, venerando senhor! Que os deuses todos
vos amparem.
HELICANO · O mesmo vos desejo,
senhor, porque tenhais vida mais longa
do que eu, vindo a morrer como desejo.
LISÍMACO · Que bela saudação! Na praia estando,
nos festejos em honra de Netuno,
vi este belo barco aproximar-se
de nossas praias e ora aqui me encontro
para saber de que país viestes.
HELICANO · Em primeiro lugar, que função tendes?
LISÍMACO · Sou o governador desta cidade.
HELICANO · Senhor,
nosso barco é de Tiro e traz o Rei,
um homem que há três meses não conversa
com ninguém e só come alguma coisa
porque prolongar possa o sofrimento.
LISÍMACO · E a razão de se achar tão abatido?
HELICANO · Longo seria relatar-vos tudo.
A maior dor, porém, advém da perda
de uma filha querida e da consorte.
LISÍMACO · Não poderemos vê-lo?
HELICANO · Certamente,
mas baldados serão vossos esforços.
Não fala com ninguém.
LISÍMACO · Contudo, permiti-me estar com ele.
HELICANO · Ei-lo ali.
(Afasta a cortina e deixa aparecer Péricles.)
Foi um homem muito belo,
até o desastre de uma fatal noite
que o reduziu a isto.
LISÍMACO · Senhor Rei, salve! Que as deidades
vos amparem, senhor.
HELICANO · É tudo inútil;
não vos dirá palavra.
PRIMEIRO NOBRE · Senhor,
em Mitilene temos uma jovem,
sou capaz de apostar, que umas palavras
dele conseguirá.
LISÍMACO · Ótima idéia.
Não tenho dúvida de que com sua
suave harmonia, ao lado de outros meios
de chamar-lhe a atenção, irresistíveis,
ela há de enfeitiçá-lo e achar passagem
por suas portas surdas, que ora se acham
fechadas para tudo. Neste instante,
mais bela e venturosa do que todas,
com suas virgens companheiras se acha
no bosque passeando que confina
com este lado da ilha.
(Fala baixo com um dos nobres, que se retira no escaler de Lisímaco.)
HELICANO · Será tudo
debalde, meu senhor; mas não queremos
omitir nada do que traga o nome
de remédio eficaz. Já que abusamos,
porém, tanto de vossa gentileza,
permiti que vos peça um novo obséquio:
deixar com que nosso ouro renovemos
as nossas provisões. Não é que falta
tenhamos de algo; mas já se acham velhas
e nós enjoados delas.
LISÍMACO · Oh, senhor!
Se esse pedido nós vos recusássemos,
justas se mostrariam as deidades
enchendo de lagartas nossas plantas,
para assim afligir esta província.
Mas permiti que novamente insista
convosco para conhecer por miúdo
a causa da tristeza do monarca.
HELICANO · Assentai-vos, senhor; vou relatar-vo-la.
Mas, vede: é-me impossível.
(Passam do escaler para o navio o nobre com Marina e outra jovem.)
LISÍMACO · Eis que chega
quem eu mandei buscar. Muito bem-vinda,
minha bela. Não é encantadora?
HELICANO · Criatura mui galante.
LISÍMACO · É uma pessoa
que, se eu pudesse ter plena certeza
de que pertence a uma família boa,
de estirpe da nobreza, não quisera
outra para consorte e me julgara
casado otimamente. Minha bela,
podes contar com todas as larguezas
de que dispõe a liberalidade,
se bom deixares este real paciente.
Caso puderes, pelo efeito próspero
de tua arte, obter dele uma palavra,
uma que seja, tua cura sacra
há de render-te a paga a que puder
teu desejo aspirar.
MARINA · Hei de valer-me,

shakespearebrasileiro.org

senhor, de toda a minha habilidade
para deixá-lo bom, porém somente
com a condição
de que só eu e minha companheira
fiquemos perto dele.
LISÍMACO · Bem, deixemo-la;
e que os deuses a ajudem nessa cura.

(Marina canta.)

LISÍMACO · Não prestou atenção à vossa música?
MARINA · Nem olhou para nós.
LISÍMACO · Oh! vai falar-lhe.
MARINA · Salve, senhor! Prestai-me agora ouvidos.
PÉRICLES · Hum? Ah!
MARINA ·
Sou uma jovem, senhor, que até hoje nunca
solicitei o olhar de outra pessoa
sem contemplada ser como um meteoro.
Quem vos fala, senhor, neste momento
já sentiu uma dor que poderia
o mesmíssimo peso ter que a vossa,
se na balança fossem colocadas.
Muito embora a Fortuna caprichosa
com ódio olhasse para o meu estado,
antepassados tenho que podiam
ficar de par com poderosos príncipes.
Mas o tempo arrancou do solo pátrio
todos os meus parentes, e, oprimindo-me
sob os golpes porfiados deste mundo,
à triste escravidão me reduziu.

(À parte.)

Vou desistir. Mas algo faz o fogo
subir-me ao rosto e baixo me segreda:
"Não te afastes sem que ele a falar venha".
PÉRICLES · Meu destino... família... da nobreza...
como a minha... Não é? Como dissestes?
MARINA · O que eu disse, senhor, foi que, se acaso
conhecêsseis os meus, não me faríeis
violência assim tão grande.
PÉRICLES · Acredito. Mas, por obséquio, olhai-me.
Com alguém pareceis-vos... Em que terra
nascestes? Sois, acaso, destas margens?
MARINA ·
Não, de margem nenhuma. No entretanto,
nasci como mortal e não sou outra,
senão o que pareço.
PÉRICLES · Já sofri por demais, sendo forçoso
que procure nas lágrimas alívio.
Minha esposa querida parecia-se
com esta jovem, e assim podia
ser hoje minha filha. Minha esposa
tinha a testa alta assim, a mesma altura,
essa voz argentina, o porte erecto;
os olhos, lindas jóias, em escrínios
tinha como estes; era uma outra Juno
no andar e, como agora, seus discursos
nunca os ouvidos me saciavam, nunca,
por mais que os escutassem. Viveis onde?
MARINA · Aqui, onde não passo de estrangeira.
Do convés podeis ver toda a cidade.
PÉRICLES · Onde educada fostes? De que modo
chegastes a adquirir esses talentos
a que emprestais maior valor ainda?
MARINA · Se eu vos contasse minha história, fábula
vos pareceria, digna de ser posta
de lado, com desdém, depois de ouvida.
PÉRICLES · Não; fala, por obséquio.
De ti nascer não pode a falsidade,
pois o ar modesto tens como a justiça,
parecendo um palácio em que a verdade
coroada tem o assento. Creio em ti
e farei que os sentidos acreditem
na tua relação, até nos pontos
que se afigurem mais inverossímeis,
pois te pareces com uma pessoa
que eu amei muito e muito. De que classe
eram teus pais? Não me disseste há pouco,
quando te repeli — logo de início —
que pertencias a família nobre?
MARINA · Realmente, é o que se dá.
PÉRICLES · Então, nomeia-a.
Creio que me disseste teres sido
sacudida entre a injúria e o sofrimento
e que equiparas tua dor à minha,
se forem bem pesadas.
MARINA · Foi alguma
coisa nesse sentido que vos disse,
sem que haja dito nada que não seja
por minha convicção certificada.
PÉRICLES · Conta-me tua história. Se a milésima
parte ela contiver de minhas dores,
és tu que és homem, e eu sofri até hoje
tal como uma menina. Apesar disso,

shakespearebrasileiro.org

tens a aparência da Resignação
no túmulo dos reis, que, desarmada
com seu sorriso deixa a adversidade.
Teus pais quem foram? Quem? Como os perdeste?
Como te chamas, virginal criança?
Conta-me tudo, por favor. Vem; senta-te
aqui ao meu lado.
Marina · Chamo-me Marina.
Péricles · Zombas de mim. Aqui foste mandada
por algum deus infenso, porque escárnio
do mundo me tornasse.
Marina · Paciência,
meu bom senhor, ou não direi mais nada.
Péricles · Tenho paciência. Imaginar não podes
quanto me abalas ao me revelares
que te chamas Marina.
Marina · Semelhante
nome foi posto em mim por quem possuía
algum poder: por meu bom pai, um Rei.
Péricles · Como! Marina, e filha de um monarca?
Marina · Dissestes que haveríeis de dar crédito
a quanto vos contasse; mas se minha
narrativa vos causa algum transtorno,
interrompo-a aqui mesmo.
Péricles · Sois de carne?
Tendes sangue que pulsa? Não sois fada?
Podeis mover-vos? Bem; então falai.
Onde nascestes? E por que motivo
vos puseram o nome de Marina?
Marina · Por ter nascido em pleno mar, o nome
recebi de Marina.
Péricles · Em pleno mar!
E vossa mãe quem foi?
Marina · Filha de um Rei;
faleceu justamente no minuto
em que eu nasci, tal como muitas vezes
me contava entre lágrimas a minha
bondosa ama Licórida.
Péricles · Oh! detende-vos
por um momento. Este é o mais raro sonho
com que o pesado sono já zombou
dos mortais infelizes. É impossível;
minha filha está morta. Mas que seja.
Onde fostes criada? Vou ouvir-vos
toda a história, sem nunca interromper-vos.
Marina · Não podereis dar crédito ao que eu
digo; fora melhor ficarmos aqui mesmo.
Péricles · Darei crédito até a última sílaba
do que disserdes. Mas, um momentinho.
Como viestes até aqui? E onde
fostes criada?
Marina · O Rei meu pai me havia
deixado em Tarso, e lá o cruel Cleão
com sua esposa pérfida tentaram
tirar-me a vida. Havendo assentado isso,
um miserável se incumbiu do feito.
Mas no momento crítico uma turba
de piratas surgiu, que me salvou
e para Mitilene enfim me trouxe.
Mas que quereis de mim, senhor bondoso?
Por que chorais? Talvez penseis que eu seja
culpada de impostura. Mas afirmo-vos
que eu sou realmente filha do Rei Péricles,
se ainda vivo estiver o bom Rei Péricles.
Péricles · Olá! Helicano!
Helicano · Meu senhor chamou-me?
Péricles · És um grave e mui nobre conselheiro,
muito sábio sob todos os aspectos.
Mas revela-me agora, se puderes,
quem é ou pode ser esta donzela
que assim me faz chorar.
Helicano · Não sei dizê-lo,
senhor; mas o regente aqui se encontra
de Mitilene, que só faz sobre ela
mui dignas referências.
Lisímaco · Ela nunca
disse o nome dos pais; se perguntada,
silenciava e se punha a chorar logo.
Péricles · Oh Helicano, honrado amigo! Bate-me,
faze-me uma ferida, uma dor! Vamos!
para que o grande mar desta alegria
que me assoberba não inunde as praias
de minha condição mortal e, enfim,
não me afogue em delícias. Aproxima-te,
oh tu, que me dás vida, tendo a vida
recebido de mim, tu, que nasceste
no mar, em Tarso foste sepultada
e no mar encontrada novamente.
Oh Helicano, ajoelha-te e agradece
aos deuses justos com ações de graças
mais estrondosas ainda do que os próprios
trovões que nos ameaçam. É Marina.
Qual era o nome de tua mãe? Revela-nos
apenas isso, que a verdade nunca

shakespearebrasileiro.org

perde em ser confirmada e muito embora
à tua história eu dê inteiro crédito.
Marina · Primeiramente, meu senhor, dizei-me:
qual é o vosso título?
Péricles · Sou Péricles de Tiro. Mas revela-me
agora, tu que foste até este instante
de uma divina exatidão, o nome
de minha esposa morta, para herdares
um reino logo, porque deste vida
a Péricles, teu pai.
Marina · Para ser vossa filha, então, só tenho
que vos dizer que era Taísa o nome
de minha mãe. Sou filha de Taísa,
que faleceu no instante em que eu nasci.
Péricles · Oh, abençoada sejas! Não, levanta-te!
És minha filha. Dá-me roupa nova,
Helicano; ela é minha. Sepultada
em Tarso não ficou, como o quisera
o miserável Cleão. Toda essa história
ela te contará, quando, de joelhos,
tu a reconheceres como tua
legítima princesa. Quem é este?
Helicano · É o regente, senhor, de Mitilene,
que falar tendo ouvido em vossa grande
melancolia, veio visitar-vos.
Péricles ·
Abraço-vos, senhor. Dai-me outras vestes.
Estou desorientado. Oh céus! a bênção
deitai em minha filha. Mas, que é isso?
Que música é essa? Vamos, a Helicano,
minha Marina, conta toda a história,
ponto por ponto, pois parece que ele
duvida ainda que és seguramente
minha querida filha. E essa música?
Helicano · Não ouço nada, meu senhor.
Péricles · É a música
das esferas. Minha Marina, escuta-a.
Lisímaco · Convém não contrariá-lo; concedamos-lhe
o que quiser.
Péricles · Que sono! Ouvis a música?
Lisímaco · Ouço, senhor.

(Música.)

Péricles · É a mais celeste música.
Obriga-me a escutá-la; uma profunda
sonolência me pesa sobre as pálpebras.
Deixai-me repousar.

(Adormece.)

Lisímaco · Um travesseiro
sob a cabeça dele. E assim, deixemo-lo.
Bem, companheiros meus e meus amigos,
se tudo sair bem, como desejo,
hei de lembrar-me ainda de vós todos.

(Saem todos, com exceção de Péricles. Diana aparece a Péricles, como em uma visão.)

Diana · Tenho em Éfeso o templo; sem demora
vai até lá e faze um sacrifício
no meu altar; e quando se encontrarem
juntas as virginais sacerdotisas,
diante de todo o povo
conta como no mar perdeste a esposa;
desperta a compaixão de todos para
teus infortúnios e de tua filha
e deles faze uma pintura viva.
Faze isso e encontrarás felicidade.
Por meu arco argentino, essa é a verdade.
Acorda e conta o sonho.

(Desaparece.)

Péricles · Deusa argentina, celestial Diana,
farei o que ordenaste. Olá, Helicano!

(Entram Helicano, Lisímaco e Marina.)

Helicano · Senhor?
Péricles · Tinha a intenção de ir até Tarso,
para castigo dar ao fero Cleão.
Mas antes disso tenho outros deveres.
Para Éfeso dirige nossas velas
enfunadas. A causa, hás de sabê-la
dentro de pouco. *(A Lisímaco.)* Permitis, senhor,
que tomemos refresco em vossas praias
e provisões compremos, na medida
do que necessitarmos?
Lisímaco · De todo o coração, senhor; e
[quando
vos achardes em terra, por meu lado
vos farei um pedido.
Péricles · Satisfeito
sereis nisso, ainda mesmo que se trate
de casamento com a minha filha,
pois parece que agistes nobremente
em relação a ela.
Lisímaco · Dai-me o braço.
Péricles · Vamos, minha Marina.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena II

Diante do templo de Diana, em Éfeso.
Entra Gower.

Já correu quase toda a areia;
da história o fim se delineia.
Mais um favor ainda vos peço,
pois nisso eu fundo alto sucesso:
imaginardes a alegria,
festas e jogos em porfia
que realizou em Mitilene
com brilho e pompa mui solene
o governante, para o Rei
saudar em terra. Só direi
que ele alcançou seu alto intento,
pois prometida em casamento
lhe foi Marina, a incomparável.
Mas pede o Rei que seja adiável
esse intervalo esponsalício
té que realize o sacrifício
no altar de Diana. Ei-lo a viajar;
deveis o resto imaginar.
De velas pandas, tudo passa
pelo melhor, em fase escassa.
Já o Rei em Éfeso se via
com toda a sua companhia.
Pôde ele ali chegar tão cedo
porque o ajudastes em segredo.

(Sai.)

Ato V · Cena III

O templo de Diana, em Éfeso. Taísa se encontra ao lado do altar, como grande sacerdotisa; de cada lado, certo número de virgens; na assistência, Cerimão e outros moradores de Éfeso. Entram Péricles com seu séquito, Lisímaco, Helicano, Marina e uma dama.

PÉRICLES · Salve, Diana! Aqui sou vindo, para
dar cumprimentos a tuas justas ordens.
Declaro aqui que sou o Rei de Tiro.
Pelo terror havendo sido expulso
de meu país, casei-me com Taísa,
em Pentápole, a qual morreu de parto,
em alto-mar, depois de haver no mundo
posto uma filha, a que chamei Marina,
e que ainda traz suas vestes argentinas,
oh Deusa! Em Tarso foi ela educada
por Cleão, que tentou assassiná-la,
quando ela completara quatorze anos.
Porém a Mitilene foi trazida
por sua boa estrela. Navegando
por aquelas paragens nos achávamos,
quando a Fortuna a conduziu a bordo,
tendo ela por indícios eloqüentes
provado que era a minha amada filha.

TAÍSA · A voz e os traços... sois... sois... oh real Péricles!

(Desmaia.)

PÉRICLES · Que quer dizer a freira? Está morrendo!
Acudam, cavalheiros!
CERIMÃO · Nobre senhor, se é verdadeiro quanto
no altar de Diana declarastes, esta
senhora é vossa esposa.
PÉRICLES · Não é possível,
venerável senhor; com estes braços
eu mesmo a joguei na água.
CERIMÃO · Aqui por perto,
tenho certeza disso.
PÉRICLES · Sim, é certo.
CERIMÃO ·
Cuidai dela. É alegria que a surpreende.
No albor de uma manhã tempestuosa
foi lançada esta dama em nossa praia.
Abri o esquife e achei preciosas jóias,
reanimei-a e no templo a pus de Diana.
PÉRICLES · Podemos ver as jóias?
CERIMÃO · Todas elas,
grande senhor, vos hão de ser mostradas,
se o invite me aceitardes. Vede: o espírito
Taísa recobrou.

shakespearebrasileiro.org

Taísa · Deixai-me vê-lo;
se não for nada meu, o meu sagrado
ministério não há de ouvido impuro
emprestar-me aos sentidos, abafando-o
apesar do que vi. Oh meu senhor!
Sois Péricles? A fala tendes dele;
parecei-vos com ele. Não falastes
em tempestade, nascimento e morte?
Péricles · É a voz da falecida, de Taísa!
Taísa · Eu sou Taísa, que passou por morta,
por afogada.
Péricles · Oh imortal Diana!
Taísa · Um pouco mais vos reconheço agora.
Quando, os olhos de lágrimas banhados,
Pentápole deixamos, um anel
vos deu o Rei meu pai igual a este.

(Mostra-lhe um anel.)

Péricles · É esse! é esse! Basta, grandes deuses!
Vossa bondade atual torna em brinquedo
minhas dores passadas. Bem faríeis
fundindo-me e deixando que eu sumisse
ao contacto dos lábios de Taísa.
Oh, vem, querida! Uma vez mais desejo
sepultar-te em meus braços.
Marina · Já inquieto
se acha meu coração, para no seio
saltar de minha mãe.

(Ajoelha-se diante de Taísa.)

Péricles ·
Vê quem se ajoelha em sua frente! A carne
de tua carne, Taísa, que trazias
em nossa viagem e a quem dei o nome
de Marina, por ter no mar nascido.
Taísa · Abençoada sejas, minha filha.
Helicano · Salve, senhora e minha soberana!
Taísa · Não sei quem sois.
Péricles · Ouvistes-me bem vezes
dizer, quando de Tiro me ausentara,
que eu lá deixara um velho substituto.
Não vos lembrais do nome que eu lhe dava?
Nomeei-o muitas vezes.
Taísa · Ah! Helicano.
Péricles · Nova confirmação.
Abraçai-o, Taísa; é ele mesmo.
Ansioso me acho para ouvir agora
como fostes achada, de que modo
fostes salva e a quem devo — afora os deuses —
agradecer esse milagre enorme.
Taísa · Ao senhor Cerimão, por quem os deuses
manifestaram sua grande força,
e que de ponta a ponta pode dar-vos
explicação de tudo.
Péricles · Venerável
senhor, os deuses um mortal ministro
não possuem que mais do que vós próprio
se pareça com um deus. Podeis contar-me
como a defunta retomou à vida?
Cerimão ·
Pois não, senhor. Mas, por obséquio, vamos
primeiro à minha casa, onde vos hei de
mostrar o que se achou ao lado dela,
como posta foi ela neste templo,
sem omitirmos nada de importância.
Péricles · Pura Diana, abençoada sejas
por aquela visão! Oferecer-te
vou minhas oblações noturnas. Vede,
minha Taísa, o príncipe que noivo
ficou de vossa filha e desposá-la
vai em Pentápole.
E ora esta cabeleira que me empresta
tão feroz aparência, vou cortá-la,
e esta barba que nunca foi tocada
por navalha durante quatorze anos,
Marina, em honra de teu casamento
vou deixar mais bonita.
Taísa · O senhor Cerimão por umas cartas
dignas de crédito a notícia teve
da morte de meu pai.
Péricles · Que um astro dele
os céus a fazer venham. Nos seus reinos,
minha querida, é que celebraremos
o enlace destes noivos, e o restante
da vida passaremos. Nossos filhos
hão de reinar em Tiro. Da morada,
vossa, meu caro, mostrai logo a estrada.

(Sai.)

Entra Gower.

Em Antíoco e a filha, castigado
vistes o vício e o crime justiçado.
Em Péricles, a esposa e a filha — embora
por males assaltados a toda hora —
ser premiada a virtude e, o céu por guia,

shakespearebrasileiro.org

coroada finalmente de alegria.
Em Helicano, vistes a figura
da lealdade, do afeto e da lisura.
No venerável Cerimão rebrilha
a caridade que da ciência é filha.
Quanto ao cruel Cleão e à má Dionisa,
desde que a Fama, por sua voz precisa,
seus feitos propalou e o nome honrado
de Péricles, o povo, revoltado,
correu para o palácio e, incontinenti,
aos dois queimou com toda a sua gente.
Foram punidos; não que praticado
o crime houvessem, mas premeditado.
Alegria auspiciamo-vos divina.
Adeus, pois nossa peça aqui termina.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Cimbelino, Rei da Bretanha.
Cloten, filho da Rainha e do primeiro marido dela.
Póstumo Leonato, gentil-homem, marido de Imogênia.
Belário, um nobre banido, disfarçado sob o nome de Morgan.

Guidério, Arvirago } filhos de Cimbelino, disfarçados sob os nomes de Polidoro e Cadval, supostos filhos de Morgan.

Filário, amigo de Póstumo, Iachimo, amigo de Filário } italianos.

Um gentil-homem francês, amigo de Filário.
Caio Lúcio, general do exército romano.
Um capitão romano.
Dois capitães bretões.
Pisânio, criado de Póstumo.
Cornélio, médico.
Dois nobres da corte de Cimbelino.
Dois gentis-homens da mesma corte.
Dois carcereiros.
A Rainha, esposa de Cimbelino.
Imogênia, filha de Cimbelino, do primeiro matrimônio.
Helena, dama de companhia de Imogênia.
Nobres, damas de companhia, senadores romanos, tribunos, um gentil-homem holandês, um gentil-homem espanhol, um adivinho, músicos, oficiais, capitães, soldados, mensageiros e pessoas do séquito. Espectros.

Cena:

Ora na Bretanha, ora na Itália.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Bretanha. Jardim do Palácio de Cimbelino. Entram dois gentis-homens.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·
Todos aqui, parecem preocupados.
Não tanto o céu influi no sangue, como
nos cortesãos o Rei.
SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·
E a causa disso?
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·
Sua filha e herdeira única do reino,
que ele queria dar em casamento
ao filho da Rainha — de uma viúva
com que mele se casara, não faz muito —
preferiu desposar um gentil-homem
pobre, mas muito digno. Seu marido
foi banido; ela se acha enclausurada;
todos aqui têm aparência triste.
Quanto ao monarca, penso que se encontra
fundamente abalado.
SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·
O Rei somente?
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·
Também o que a perdeu; ainda há a Rainha,
que desejava muito esse consórcio.
Mas não há cortesão — conquanto todos
pelo olhar do monarca o gesto pautem —
que não esteja no íntimo contente
com o que parecem lastimar por fora.
SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Por quê?
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·
Quem não ficou com a princesa
é uma criatura por demais perversa
para ter esse nome, e quem a obteve —
quero dizer: quem se casou com ela...
Pobre rapaz! Coitado! Está banido! —
é um ser tão bem formado, que se em todos
os cantos do universo procurássemos
alguém como ele, faltaria sempre
algo nessa pessoa porque fosse
perfeito o paralelo. Estou convicto
de que não pode haver outra criatura
de um exterior tão belo e, ao mesmo tempo,
ornado de tão belas qualidades.
SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Que elogio!
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·
No entanto, ainda não chego,
senhor, a dizer tudo. Muito longe
de lhe desenrolar todos os méritos,
comprimo-o no interior de seus limites.
SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·
Como se chama? Qual a sua origem?
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·
Cavar até a raiz não me é possível.
Sicílio foi seu pai, tendo lutado
junto a Cassibelano, contra Roma.
Seus títulos, porém, de maior vulto,
lhe vieram de Tenâncio, a quem serviços
admiráveis prestou com glória excelsa.
Daí lhe veio a alcunha de Leonato.
Outros dois filhos teve além do nobre
a que nos referimos, que nas guerras
daqueles tempos pereceram como
bravos, de espada em mão, razão bastante
para que o pai, então entrado em anos
e ansioso por deixar um descendente,
se acabrunhasse e a perecer viesse.
Sua gentil esposa, que esperava
lhe nascesse nessa época o fidalgo
sobre que discorremos, no momento
de o dar à luz, perdeu, também, a vida.
Ficou o Rei com a criança, o nome deu-lhe
de Póstumo Leonato, como pajem
o criou do seu serviço, sobre ter-lhe
ministrado instrução de quanto lhe era
possível aprender em sua idade.
Tudo ele assimilava sem trabalho,
como com o ar fazemos. A colheita
seguiu-se à primavera. Viveu Póstumo
na corte — coisa rara — sempre amado
por todos e elogiado, exemplo excelso
para os moços, espelho em que os mais velhos
folgavam de se ver e, para os homens
de entendimento grave, uma criança
que os velhos conduzia. O próprio mérito
de sua esposa — por quem ele se acha
banido ora do reino — diz bem alto
da conta em que ela o tinha. O simples fato

shakespearebrasileiro.org

de o ter ela escolhido, diz que espécie
de cavalheiro ele era.
Segundo gentil-homem · Já o venero
só pelo que dizeis a seu respeito.
Mas só tem essa filha o soberano?
Primeiro gentil-homem ·
Sim, somente essa; isto é, teve dois filhos —
se achardes interesse na notícia,
prestai toda a atenção. — O mais velhinho,
com três anos, em cueiros ainda o outro,
foram da ama roubados, não sabendo
ninguém, até o presente, do destino
que pudessem ter tido.
Segundo gentil-homem · Há quanto tempo
se passou isso?
Primeiro gentil-homem · Cerca de vinte anos.
Segundo gentil-homem ·
Serem raptados desse jeito os filhos
do próprio Rei! Vigiados se encontravam
com tanta negligência! Tão morosas
têm sido as buscas que ninguém consegue
encontrar rasto algum!
Primeiro gentil-homem · Por mais estranha
que vos pareça a história, e até ridícula
tamanha negligência, quanto eu disse,
senhor, é verdadeiro.
Segundo gentil-homem · Não o duvido.
Primeiro gentil-homem ·
Bem, paremos aqui, pois vêm chegando
o fidalgo, a Rainha e sua enteada.

(Entram a Rainha, Póstumo e Imogênia.)

Rainha · Não, minha filha; podeis ter certeza
de que em mim não vereis uma madrasta
carrancuda, tal como as pinta a fama.
É certo que sois minha prisioneira,
mas vosso carcereiro vos entrega
as chaves da prisão. Quanto a vós, Póstumo,
procurarei a causa defender-vos
logo que o Rei se mostre mais tranqüilo.
Da cólera inda o fogo o está abrasando;
bom seria a sentença lhe acatásseis
com a resignação que toda a vossa
prudência vos ditar.
Póstumo · Pois não, alteza;
partirei hoje mesmo.
Rainha · Conheceis
o perigo. Vou dar pequena volta
pelo jardim, a lastimar as dores
do amor contrariado, muito embora
proibisse o Rei que a conversar viésseis.

(Sai.)

Imogênia · Oh bondade fingida! Como sabe
soprar essa tirana nas feridas
que ela mesma produz! Querido esposo,
por vezes temo a cólera paterna;
mas nada temo — sem lesar os sacros
deveres de uma filha — do que possa
causar-me seu furor. Estareis longe
e eu terei de tornar-me o alvo constante
de olhares carrancudos, tendo apenas
o consolo da idéia de que o mundo
me preserva uma jóia e de que um dia
alcançarei a dita de possuí-la.
Póstumo · Oh minha soberana, esposa, amada!
Não choreis mais; não quero dar motivo
por que suspeitem de que sou dotado
de sensibilidade imprópria de homem.
Vou ser o esposo mais fiel de quantos
juraram ser constantes. Moro em Roma,
em casa de um Filário, velho amigo
de meu pai, que conheço só de cartas.
Escrevei para lá, minha Rainha,
que hei de beber com os olhos as palavras
de quanto me mandardes, muito embora
seja de fel a tinta.

(Volta a Rainha.)

Rainha · Despachai-vos,
por favor, que se o Rei vos surpreendesse,
não sei até onde eu a incorrer viera
no seu real desagrado. *(À parte.)* Mas eu própria
vou fazer que a encontrá-los ele venha.
Desgostos que de mim ele recebe,
paga-os com benefícios. Muito caro
lhe ficam tais desgostos.

(Sai.)

Póstumo · Se gastássemos
na despedida toda nossa vida,
a dor só aumentaria. Assim, adeus.
Imogênia · Esperai mais um pouco.
Se agora cavalgásseis, simplesmente
para dar um passeio, muito curta
a despedida, ainda assim, seria.
Olhai aqui, amor: este diamante
era de minha mãe; ficai com ele,

shakespearebrasileiro.org

meu coração, até que outra consorte
venhais a possuir, quando Imogênia
já morta se encontrar.
PÓSTUMO · Como! Como! Outra?
Deuses bons, conservai esta, que é minha.
e, com os liames da morte, irresistíveis,
impedi que de uma outra eu me aproxime.
(Colocando o anel no dedo.)
Ficarás neste dedo, enquanto nele
houver calor e vida. Oh doce amiga!
Do mesmo modo que eu troquei a minha
pessoa, em tudo pobre, pela vossa,
dando-vos um prejuízo incalculável,
também agora ensejo se me antolha
de ganhar na barganha. Usareis isto
como algemas do amor, lembrança minha,
que ponho na mais linda prisioneira.
(Coloca-lhe no braço uma pulseira.)
IMOGÊNIA ·
Oh deuses! Quando, quando nos veremos?
(Entram Cimbelino e nobres.)
PÓSTUMO · Oh dor! O Rei!
CIMBELINO · Ser desprezível, fora!
Fora de minha vista! Se ficares
por mais tempo na corte, a molestá-la
com tua indignidade, morres! Fora,
que o sangue me envenenas!
PÓSTUMO · Que os deuses vos protejam e abençoem
quantos homens de bem houver na corte.
Já me retiro.
(Sai.)
IMOGÊNIA · A morte não possui
dor mais pungente do que a deste instante.
CIMBELINO · Coisa ingrata e desleal, tu me devias
dar outra mocidade, e, ao invés disso,
me envelheces de muito.
IMOGÊNIA · Eu vos imploro
que não vos molesteis, senhor. Vossa ira
insensível me torna, que um mais nobre
sofrimento o receio e a dor apaga.
CIMBELINO · Também apaga o amor, a obediência?
IMOGÊNIA · Deixa-me sem vislumbre de esperança;
por isso, sem amor.
CIMBELINO · Tu bem podias
ter casado com o filho da Rainha.
IMOGÊNIA · Foi sorte não o ter feito! Por uma águia
pus de lado um gavião.
CIMBELINO · Escolheste um mendigo; por teu gosto
terias transformado meu real trono
em sede de vileza.
IMOGÊNIA · Não; ter-lhe-ia
dado lustre maior.
CIMBELINO · Oh vil criatura!
IMOGÊNIA · Senhor, vós, tão-somente, sois culpado
de eu ter amado a Póstumo. Fizestes
dele meu companheiro de brinquedos;
digno ele é de esposar seja quem for;
pagou de sobra quanto eu valer possa.
CIMBELINO · Como! Perdeste o juízo?
IMOGÊNIA · Quase, quase;
possa amparar-me o céu! De um boiadeiro
fosse eu nascida e filho o meu Leonato
de um honesto pastor da vizinhança!
CIMBELINO · Louca!
(Torna a entrar a Rainha.)
Estiveram juntos novamente!
Não cumpristes as ordens que eu vos dera.
Levai-a daqui logo e encarcerai-a.
RAINHA · Paciência, por obséquio! Paz! Querida
jovem e filha, paz! Meu soberano,
deixai-nos sós e procurai consolo
na própria reflexão.
CIMBELINO · Que a perder venha
uma gota de sangue cada dia
e, velha, morra por ter sido louca.
(Saem Cimbelino e os nobres.)
RAINHA · Ora! Convém ceder.
(Entra Pisânio.)
Eis vosso criado.
Então, senhor, que novidades há?
PISÂNIO · Vosso filho sacou da espada, contra meu amo.
RAINHA · Que dissestes! Mas não houve
desgraça a lastimar?
PISÂNIO · Por pouco havia,
se não houvesse em jogo transformado
meu amo aquele ataque e não ficasse
sem o auxílio da cólera. Apartaram-nos
uns gentis-homens que se achavam perto.
RAINHA · Isso me alegra muito.
IMOGÊNIA · Vosso filho
é amigo de meu pai; sua causa esposa:
atacar um banido! É ser valente!
Quisera vê-los frente a frente na África,
e eu com uma agulha, para enfiar nas costas

shakespearebrasileiro.org

do primeiro a fugir! Por que motivo
deixastes o vosso amo?
PISÂNIO · Por ter ele
ordenado isso mesmo. Dispensou-me
de ir com ele até o posto e, à despedida,
me entregou esta lista dos serviços
que vos devo prestar, se me quiserdes
distinguir, ocupando-me.
RAINHA · Até agora
este homem vos serviu com lealdade;
ia jurar pela minha honra em como
sempre leal vos será.
PISÂNIO · Humildemente
vos agradeço, alteza.
RAINHA · Por obséquio,
vamos dar uma volta.
IMOGÊNIA *(a Pisânio)* · Mais ou menos
dentro de meia hora será grande
favor me procureis. É necessário
que vades ver o meu senhor a bordo.
Por enquanto deixai-me, por obséquio.

(Saem.)

Ato I · Cena II

O mesmo. Uma praça pública.
Entram Cloten e dois nobres.

PRIMEIRO NOBRE · Senhor, eu vos aconselharia
a trocar a camisa; o calor dos movimentos vos faz
fumegar como um sacrifício. Onde o ar penetra,
daí também ele sai, não havendo aí por fora ar mais
salubre do que o que aspirais.
CLOTEN · Só vestiria outra camisa, se esta estivesse
manchada de sangue. Cheguei a feri-lo?
SEGUNDO NOBRE *(à parte)* · Não, por minha fé: nem
mesmo a sua paciência.
PRIMEIRO NOBRE · Ferido, ele? Se não estiver
ferido, é que tem o corpo tão transpassável como
uma carcaça. Só não estará ferido, se o aço puder
atravessar-lhe impunemente o corpo.
SEGUNDO NOBRE *(à parte)* · É que a espada dele
estava cheia de dívidas e fugiu para o outro lado da
cidade.
CLOTEN · O vilão não me ofereceu resistência.
SEGUNDO NOBRE *(à parte)* · É certo: fugia sempre
para a frente, na direção do vosso rosto.
PRIMEIRO NOBRE · Oferece-vos resistência!
Durante toda a luta dispusestes de terreno, que ele
não cessava de aumentar, cedendo-vos o passo.
SEGUNDO NOBRE *(à parte)* · Sim, de tantas
polegadas quantos oceanos possuirdes. Idiota!
CLOTEN · Desejara que não nos tivessem separado.
SEGUNDO NOBRE *(à parte)* · Eu também, para que
pudésseis ter medido no chão o comprimento de um
tolo.
CLOTEN · E pensar que ela tenha amor a um sujeito
desses, e me despreze!
SEGUNDO NOBRE *(à parte)* · Se for pecado escolher
com acerto, ela está condenada.
PRIMEIRO NOBRE · Príncipe, como já vos disse por
várias vezes, o cérebro dela não acerta o passo com
a sua beleza; o escudo é bonito, de fato; mas do
espírito tenho visto muito pouco reflexo.
SEGUNDO NOBRE *(à parte)* · Ela não projeta luz
sobre os tolos, de medo de ser magoada pelo reflexo.
CLOTEN · Vamos; vou para o quarto. Desejara que
houvesse acontecido alguma desgraça.
SEGUNDO NOBRE *(à parte)* · Pois eu não penso
assim, a menos que se tratasse da queda de um asno,
o que, em si, não constitui grande infelicidade.
CLOTEN · Vireis conosco?
PRIMEIRO NOBRE · Depois irei juntar-me a Vossa
Senhoria.
CLOTEN · Não; vamos logo.
SEGUNDO NOBRE · Perfeitamente, milorde.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena III

Um quarto no palácio de Cimbelino.
Entram Imogênia e Pisânio.

Imogênia · Quisera que no porto tu estivesses
e interrogasses todos os navios.
Se ele chegasse a me escrever e a carta
não me viesse às mãos, fora essa perda
para mim tão fatal como o extravio
de uma carta de graça. Qual foi a última
palavra a te dizer?
Pisânio · Minha Rainha!
Minha Rainha!
Imogênia · E sacudiu o lenço?
Pisânio · Sim, princesa, e o beijou.
Imogênia · Linho insensível,
és mais feliz do que eu. E isso foi tudo?
Pisânio · Não, princesa; enquanto ele percebeu
que pela vista ou pelo ouvido me era
possível distingui-lo de entre os outros,
permaneceu em meio ao tombadilho,
a agitar o chapéu, a luva, o lenço,
tal como as convulsões e os motins da alma
melhor expressar podem quão moroso
seguia o coração e como rápido
se afastava o navio.
Imogênia · Deverias
ter olhado para ele até tornar-se
do tamanho de um corvo, ou menos, ainda.
Pisânio · Foi o que eu fiz, princesa.
Imogênia · Eu teria forçado tanto os olhos,
chegando a arrebentar-lhes até os nervos,
só para vê-lo até que o reduzisse
a distância ao tamanho de uma agulha...
Não; com a vista o seguira até que houvesse
sumido, do tamanho de um mosquito
que no ar desaparece, e, após, os olhos
baixaria e chorara amargamente.
Mas, bondoso Pisânio, quando havemos
de ter notícias dele?
Pisânio · Logo que haja
tal oportunidade. Ficai calma.
Imogênia · Não me despedi dele; no entretanto,
tinha um mundo de coisas a contar-lhe.
Antes de lhe ter dito como havia
de pensar nele, em horas combinadas,
desta e desta maneira, ou de fazê-lo
jurar que as italianas não haviam
de embair sua fé, nem meus direitos;
antes de dito haver que diariamente
às seis horas, à tarde e à meia-noite,
unisse suas orações às minhas,
porque no céu, então, eu estaria
a suplicar por ele, e antes de haver-lhe
dado o beijo final de despedida,
entre duas palavras encantadas,
entrou meu pai, que, como o frio sopro
tirânico do norte, antes do tempo
nossos botões em flor jogou por terra.

(Entra uma dama de honra.)

Dama de Honra · A Rainha deseja a companhia
de Vossa Alteza.
Imogênia · Faze o que eu te disse;
a Rainha me chama.
Pisânio · Sim, senhora.

(Saem.)

Ato I · Cena IV

Roma. Um quarto em casa de Filário.
Entram Filário, Iachimo, um francês, um holandês e um espanhol.

Iachimo · Podeis crer-me, senhor; eu o vi na
Bretanha; sua reputação se encontrava na fase
de crescimento, sendo geral a expectativa de
que ele viria a revelar o merecimento que lhe
granjeou logo depois o nome que chegou a ter.
Mas nessa época eu o poderia ter contemplado
sem o auxílio da admiração, ainda que o
catálogo de seus dotes houvesse sido posto ao
seu lado e eu tivesse percorrido todos
os seus itens.

shakespearebrasileiro.org

Filário · Falais de uma época em que ele se encontrava menos adornado do que agora com os dotes espirituais e exteriores que o caracterizam.
O Francês · Eu o vi em França, onde há muita gente capaz de fitar firme o sol, como ele o faz.
Iachimo · O fato de haver desposado a filha do seu soberano — o que nos leva a avaliá-lo menos pelos merecimentos próprios do que pelos da esposa — contribui, sem dúvida, para lhe exagerar a fama.
O Francês · E depois, o seu desterro...
Iachimo · Sim, os aplausos dos servidores da esposa, que lastimam esse lamentável divórcio, muito contribuem, também, para semelhante exagero, quando mais não seja, para justificar a escolha feita, muito fácil, aliás, de ser anulada, uma vez que se trata de um casamento com um mendigo desclassificado. Mas qual é a razão de vir ele morar convosco? Como nasceu semelhante conhecimento?
Filário · Eu e o pai dele servimos juntos no exército, sendo que ao pai dele devo nada menos do que a própria vida. Mas eis que chega o bretão; recebei-o como convém a cavalheiros finamente educados, em se tratando de um estrangeiro do seu merecimento.

(Entra Póstumo.)

Concito-vos a travardes conhecimento com este cavalheiro, que vos apresento como um dos meus mais dignos amigos. Mas em vez de obrigá-lo a ouvir-me enumerar-lhe os méritos, prefiro deixar que o tempo vo-los patenteie.
O Francês · Já nos conhecemos, senhor, de Orleans.
Póstumo · Desde aquela ocasião me tornei devedor de vossas gentilezas, dívida que jamais poderei saldar, por muito que me esforce.
O Francês · Exagerais o valor do pequeno serviço que vos prestei; foi-me sumamente grato poder reconciliar-vos com o meu compatriota. Seria de lastimar que levásseis a cabo o propósito de um duelo de morte por um assunto de natureza e de importância tão somenos.
Póstumo · Perdoai-me, senhor; naquele tempo eu não passava de um moço viajante, muito mais receoso de adotar a opinião corrente do que de me deixar guiar em qualquer conjuntura pela experiência dos outros. Mas de acordo agora com o meu juízo amadurecido — se não houver jactância em lhe dar semelhante qualificativo — quero crer que a disputa de então não era assim tão sem importância como dizeis.
O Francês · Oh, sem dúvida! Sem importância suficiente para ser decidida pela espada, máxime em se tratando de duas pessoas que, com toda a probabilidade, só dariam a refrega por terminada com o sacrifício de um dos adversários, se não de ambos.
Iachimo · Se não for indiscrição, poderei perguntar qual era o assunto da pendência?
O Francês · Sem dúvida, suponho; a discussão foi pública, e pode agora ser contada sem receio de contestação. O assunto era muito igual ao tema de nossa conversação de ontem à noite, quando cada um de nós fez o elogio das mulheres de seus respectivos países. Naquela ocasião este senhor afirmava — dispondo-se, até, a confirmar com o sangue sua proposição — que a sua amada era a mais bela, mais virtuosa, mais sábia, constante, casta e menos fácil de conquistar do que as mais raras damas da França.
Iachimo · Ou essa senhora já não vive, ou este cavalheiro já mudou de opinião.
Póstumo · Ela ainda conserva a sua virtude e eu o meu modo de pensar.
Iachimo · Não deveríeis colocá-la tão acima das damas italianas.
Póstumo · Se eu me visse provocado agora como o fui na França, não retiraria nada do que então afirmei a respeito dela, conquanto me declare seu adorador, não simples enamorado.
Iachimo · Ser assim tão bela e boa — comparação bem combinada — fora belo e bom demais para qualquer dama bretã. Se ela ultrapassa as mulheres do meu conhecimento como o diamante que trazeis ultrapassa quanto eu tenho visto, não poria eu em dúvida a sua superioridade. Mas eu ainda não vi o diamante mais precioso, nem vós a mais preciosa das mulheres.
Póstumo · Eu a elogiei pelo que a avalio, tal como o faço com a minha pedra.
Iachimo · Em quanto avaliais vossa pedra?
Póstumo · Acima de tudo o que há de raro no mundo.
Iachimo · Ou a vossa incomparável amada já se acha morta, ou se vê avaliada em pouco menos de uma ninharia.

shakespearebrasileiro.org

PÓSTUMO · Estais enganado; uma poderia ser vendida ou dada de presente, no caso de haver fortuna que bastasse para a sua compra, ou méritos suficientes para serem recompensados por ela; a outra é objeto de negócio, é uma dádiva dos deuses.
IACHIMO · Dádiva concedida pelos deuses?
PÓSTUMO · E que com a ajuda deles continuará a ser minha.
IACHIMO · De nome, podereis continuar como dono dela; mas, como bem o sabeis, sobre a lagoa do vizinho também voam pássaros. Desse modo, do vosso par de jóias inestimáveis, uma é frágil e a outra sujeita a várias vicissitudes; um ladrão hábil ou um cortesão de traquejo nessa matéria poderia empreender a conquista de ambas.
PÓSTUMO · Vossa Itália não possui cortesão tão perfeito que consiga conquistar a honra de minha amada, se foi a isso que vos referistes, quando a chamastes de frágil. Por outro lado, não ponho em dúvida que dispondes de enorme provisão de larápios; não obstante, nada receio pela sorte do meu anel.
FILÁRIO · Fiquemos por aqui, cavalheiros.
PÓSTUMO · Com todo o gosto, senhor. Este digno cavalheiro — do que lhe sou muito agradecido — não me trata como a estrangeiro; logo de início nos tornamos íntimos.
IACHIMO · Com oportunidade de conversar cinco vezes como agora, eu ganharia terreno junto de vossa amada, obrigando-a a recuar e até mesmo a se entregar. Seria questão, apenas, de obter acesso junto dela, para poder fazer-lhe a corte.
PÓSTUMO · Não! Não!
IACHIMO · Aposto a metade dos meus bens contra vosso anel, o que, pelos meus cálculos, ainda vos dá alguma vantagem. Semelhante desafio é lançado com vistas à vossa confiança, não apenas à reputação de vossa amada. Para afastarmos qualquer idéia de ofensa, atrevo-me a fazer semelhante experiência com qualquer mulher indistintamente.
PÓSTUMO · Estais muito enganado com tão presunçosa afirmativa, não tendo eu nenhuma dúvida de que, se chegardes a intentar o propósito, alcançareis o de que sois digno.
IACHIMO · E vem a ser?...
PÓSTUMO · Uma repulsa, ainda que vossa experiência — que assim a denominais — mereça mais do que isso, a saber: um castigo.
FILÁRIO · Senhores, é quanto basta! O assunto está se tornando perigoso; deixemo-lo morrer como nasceu. Tratai, por obséquio, de vos reconhecerdes mais de perto.
IACHIMO · Desejara ter oferecido todos os meus bens, acrescidos dos do meu vizinho, como penhor da minha proposição.
PÓSTUMO · E que dama escolheríeis para vosso assalto?
IACHIMO · A vossa, em cuja fidelidade tanto confiais. Aposto dez mil ducados contra vosso anel, que, se me recomendardes à corte em que se encontra vossa amada, sem outras vantagens além da oportunidade de uma segunda conversa com ela em particular, conseguirei trazer de lá a sua honra que imaginais tão bem guardada.
PÓSTUMO · Contra vosso ouro apostarei também ouro; meu anel me é tão caro quanto o próprio dedo; faz parte integrante dele.
IACHIMO · Revelais medo, o que é sinal de prudência. Se chegásseis a comprar carne de mulher à razão de um milhão a dracma, não poderíeis evitar que chegasse a apodrecer. Mas vejo que tendes escrúpulo, pois demonstrais receio.
PÓSTUMO · Tendes a língua habituada a esses gracejos; mas estou convencido de que vosso propósito é mais honroso do que vossas palavras.
IACHIMO · Eu sou sempre senhor dos meus discursos e estou disposto a empreender quanto afirmei; juro-o.
PÓSTUMO · Estais, então, resolvido? Tudo, afinal, se resume apenas em emprestar eu o meu anel até o vosso retorno. Redijamos os termos da aposta; maior é a virtude de minha amada do que a imensidade do vosso pensamento vil.
FILÁRIO · Semelhante aposta não deveria ser levada avante.
IACHIMO · Pelos deuses, está valendo! Se eu não vos trouxer prova cabal de haver possuído a mais preciosa parte do corpo de vossa amada, ficareis com os meus dez mil ducados e com vosso diamante. Se eu for repelido e a deixar com a honra em que revelais tamanha confiança, continuará sendo vossa aquela jóia amada, vosso anel e todo o meu ouro, só dependendo tudo da condição imposta, de que eu leve apresentação de vossa parte, a fim de conseguir livre acesso junto dela.

shakespearebrasileiro.org

Póstumo · Aceito as condições; vamos redigir os termos da aposta. Respondereis apenas pelo seguinte: no caso de dirigirdes contra ela vosso ataque e de me apresentardes provas eloqüentes de que saístes vitorioso, não ficaremos inimigos, por não ser ela digna de que venhamos a brigar. Mas se ela não se deixar seduzir — não podendo vós dar prova do contrário — pelo ruim conceito que dela fizestes e pelo assalto a que sujeitastes a sua castidade, tereis de me dar satisfações de espada em punho.

Iachimo · Feito! Dai-me a mão. Mandemos redigir legalmente o contrato: depois, sem mais perda de tempo, rumarei para a Bretanha antes que o nosso ajuste se esfrie e venha a perecer de inanição. Vou buscar o meu ouro, para pormos os penhores sob custódia.

Póstumo · Combinado.

(Saem Póstumo e Iachimo.)

O Francês · Acreditais que levem o intento avante?

Filário · O senhor Iachimo não desistirá da aposta. Vamos ter com eles. *(Saem.)*

Ato I · Cena V

Bretanha. Um quarto no palácio de Cimbelino. Entram a Rainha, damas de honra e Cornélio.

Rainha · Enquanto houver orvalho, apanhai flores. Quem tomou nota delas?

Primeira Dama de Honra · Eu, senhora.

Rainha · Não percais tempo.

(Saem as damas de honra.)

Então, mestre doutor, trouxeste as drogas encomendadas?

Cornélio · Sim, tal como Vossa Grandeza mo ordenara. Ei-las, senhora.

(Entrega-lhe uma pequena caixa.)

Mas, sem ofensa alguma, a Vossa Graça me atrevo a perguntar — levado nisso pela própria consciência — qual a causa de me haverdes pedido essa mistura tão nociva, de efeito, ainda que lento, certamente mortal?

Rainha · Muito me admira, doutor, que me interrogues desse jeito. Não fui por tanto tempo tua aluna? Não me ensinaste a preparar perfumes, a os destilar e conservar, a ponto de que o nosso grandioso soberano com freqüência pedidos me tem feito desses meus preparados? Não é justo, portanto — se diabólica não me achas — que, após tantos progressos, eu procure tornar mais amplo o meu saber, por meio de novas experiências? Tenho idéia de ensaiar o poder de teus compostos em criaturas que dignas não julgamos té mesmo de enforcar — não, porém, homens — para estudar-lhes o vigor e opor-lhes remédios eficazes, e, desta arte, me tornar sabedora de seus vários efeitos e virtudes.

Cornélio · Vossa Alteza com isso o coração vai deixar duro, além de ser a vista desses quadros a um tempo repulsiva e perigosa.

Rainha · Oh, não tenhas receio!

(Entra Pisânio.)

(À parte.) Eis que nos chega um biltre adulador. Vou fazer nele minha primeira prova. Sempre teve ojeriza a meu filho, por ser todo do lado do patrão. *(Alto.)* Então, Pisânio! Já não tenho, doutor, necessidade de teus serviços; podes ir embora.

Cornélio *(à parte)* · Rainha, tenho minhas desconfianças, mas mal algum fareis.

Rainha *(a Pisânio)* · Uma palavra.

Cornélio *(à parte)* · Não gosto da Rainha: ela está certa de ter em mãos uma mistura estranha, de ação caquetizante. Não me iludem suas disposições. Jamais à sua ruindade eu confiaria uma substância de efeito tão diabólico. Os compostos que lhe dei os sentidos entorpecem por algum tempo, apenas. Certamente

shakespearebrasileiro.org

ela há de começar por cães e gatos,
para escolher depois seres mais nobres.
Mas é aparente, tão-somente, a morte
que eles provocam: por um tempo o espírito
fica embotado, para, mais viçoso,
despertar em seguida. Desse modo,
burlada ela é por mim, fiel tornando-me
por ser falso com ela.

RAINHA · Não preciso,
doutor, de teus serviços, té que mande
de novo te chamar.

CORNÉLIO · Humildemente
vos apresento minhas despedidas.

(Sai.)

RAINHA · Sempre a chorar, disseste? Julgas, mesmo,
que, com o tempo, ela esfrie, permitindo
que entre a razão onde a loucura impera?
Esforça-te; ao trazeres-me a notícia
de que para meu filho ela se inclina,
no mesmo instante ficarás, te afianço,
tão grande como o teu senhor, ou, antes:
muito maior, porque sua ventura
já sem fala se encontra, e sua dita
nos últimos alentos. Para a pátria
não poderá voltar, como não pode
continuar onde está. Mudar de vida,
é trocar de miséria, e cada dia
que chega, chega apenas para a estafa
de um dia lhe arruinar. Que esperar podes,
sendo assim, de uma coisa em decadência,
que não será reconstruída nunca,
por carecer de amigos que a sustentem?

(A Rainha deixa cair a caixa; Pisânio a levanta do chão.)

Não sabes o valor do que apanhaste.
Guarda-a, pelo trabalho; é uma mistura
preparada por mim, que cinco vezes
a vida já salvou do soberano.
Não conheço cordial mais eficiente.
Fica com ele, por obséquio; é apenas
um penhor de algo muito mais valioso
que te reservo. Contra a tua senhora
a sua verdadeira situação,
mas como se tu próprio a aconselhasses.
Reflete na mudança que te espera:
não perdes a senhora, e, ainda por cima,
ganhas meu filho, que tomará nota
de quanto lhe fizeres, sem falarmos
que influirei no monarca para cargos
importantes te dar, como os desejes.
E eu, que te fiz tomar esse caminho,
obrigada me sinto mais que todos
a te recompensar condignamente.
Chama as damas; reflete no que eu disse.

(Sai Pisânio.)

É um velhaco astucioso e inabalável,
agente de seu amo e conselheiro
junto a Imogênia, para conservá-la
mais atada ao marido. Mas um mimo
lhe dei que, se ele o usar, há de deixá-la
sem mensageiro para o seu querido.
E a ela também, mais para diante, caso
outros modos não tome, hei de ter meios
de lhe dar a provar a medicina.

(Volta Pisânio com as damas de honra.)

Muito bem; muito bem. As primaveras,
as violetas e as prímulas, levai-as
para o meu quarto. Passa bem, Pisânio;
reflete no que eu disse.

(Sai a Rainha com as damas de honra.)

PISÂNIO · É o que farei;
mas se ao bom amo eu vier a dar desgosto,
matar-me saberei; estou disposto.

(Sai.)

Ato I · Cena VI

O mesmo. Outro quarto do palácio.
Entra Imogênia.

IMOGÊNIA · Um pai cruel, uma madrasta falsa,
um pretendente idiota de uma dama
cujo esposo exilaram. Oh! Que marido!
A coroa da minha desventura.
E os vexames contínuos! Ah! tivesse
sido com meus irmãos também raptada!
Quão infeliz é o ser que aspira à glória!

shakespearebrasileiro.org

Bendito é quem, embora humilde, pode
ter desejos honestos e consegue
tranqüilo realizá-los. Oh! Mais gente!
(Entram Pisânio e Iachimo.)
PISÂNIO · Senhora, acaba de chegar de Roma
um nobre gentil-homem com notícias
de meu senhor.
IACHIMO · Mudais de cor, princesa?
Não há razão para isso. O muito digno
Leonato ficou bem e vos envia
cumprimentos cordiais.
IMOGÊNIA · Muito obrigada
vos fico, bom senhor. Sois mui bem-vindo.
IACHIMO *(à parte)* · Quão rico é quanto dela se percebe!
Se o espírito tiver do mesmo jeito,
é simplesmente o pássaro da Arábia,
tendo eu perdido a aposta. Audácia, ajuda-me!
Arma-me da cabeça aos pés, coragem!
Se não, terei de ganhar nisso o exemplo
do parto: combater na retirada.
ou melhor: fugir logo.
IMOGÊNIA · "É um indivíduo de caráter nobilíssimo,
de cuja amizade me tornei cativo. Recebei-o, pois,
conforme a maneira por que avaliais o vosso fiel
Leonato."
Em voz alta, isto só; mas o imo peito
comovido se mostra pelo resto
e, agradecido, o aceita. Sois bem-vindo,
muito digno senhor, quanto em palavras
vos posso declarar, e tal como heis de
verificar em todos os meus atos.
IACHIMO · Obrigado, lindíssima senhora.
Como! Serão os homens loucos? Deu-lhes
olhos a natureza porque a abóbada
contemplassem do céu e a rica messe
dos mares e da terra, olhos que sabem
distinguir os altivos luminares
desta amplidão e os seixos lucilantes
que nas praias abundam... E com órgãos
tão preciosos difícil nos parece
distinguir entre o belo e o defeituoso?
IMOGÊNIA · Que vos causa tão grande admiração?
IACHIMO · Não pode ser dos olhos, que até monos
e macacos, se perto se encontrassem
de duas companheiras tão diversas,
estralariam para uma os dentes
e com caretas a outra repeliram...
Do juízo, também não, porque até idiotas
num concurso como este saberiam
decidir-se com senso... Do apetite
também não pode ser, que uma imundície
contraposta a beleza tão asseada
faria vomitar o próprio estômago
que nada contivesse, não deixando
satisfazer a fome.
IMOGÊNIA · Que acontece?
IACHIMO · O desejo saciado, essa vontade
sempre farta e desperta — qual barrica
vazia, a um tempo, e cheia — devorara
primeiro o cordeirinho, para gozo
depois achar nas vísceras.
IMOGÊNIA · Meu caro
senhor, que vos abala? Estais doente?
IACHIMO · Graças, senhora, mas não sinto nada.
(A Pisânio.) Por obséquio, senhor,
dizei ao meu criado que não saia
de onde o deixei; além de muito tímido,
ele é estrangeiro aqui.
PISÂNIO · Vou já saudá-lo
como convém, senhor.
(Sai.)
IMOGÊNIA · De saúde vai bem o meu marido?
IACHIMO · Senhora, otimamente.
IMOGÊNIA · E quanto ao gênio,
inclinado à alegria, como o espero?
IACHIMO · Extremamente alegre; forasteiro
nenhum é mais disposto, nem revela
tanta jovialidade. Tem a alcunha
de "Bretão galhofeiro".
IMOGÊNIA · Quando morava aqui, era inclinado
para a tristeza, e muitas vezes, mesmo,
sem saber explicar a causa disso.
IACHIMO ·
Nunca o vi triste. Há um francês conosco,
um monsieur eminente, que, parece,
ama perdidamente uma gaulesa
que a resfolgar o obriga qual fornalha.
O pândego bretão — vosso marido,
digo — a mais não poder gargalha, e exclama:
"Oh! Chego a arrebentar à só idéia
de que um homem que sabe pela história,
pela própria experiência e tudo quanto
ouve sobre as mulheres — que não podem
mudar de natureza embora o queiram

shakespearebrasileiro.org

nas horas livres a esse ponto anele
por uma escravidão irremediável".
IMOGÊNIA · Meu marido disse isso?
IACHIMO · Sim, senhora,
com os olhos a nadarem, de risadas.
Dá gosto ficar junto dele a ouvi-lo
motejar do francês. Mas o céu sabe
como de censurar são esses homens.
IMOGÊNIA · Ele não, quero crer.
IACHIMO · Dele não falo;
porém sou de opinião que ele devia
ser mais agradecido ao céu por tê-lo
com liberalidade presenteado.
Já é bastante o que tem; mas em vós própria —
que dele sois — qualquer medida é pouca.
Mas, porque vos admiro, sou forçado
também a ter piedade.
IMOGÊNIA · Por que causa?
IACHIMO · Duas criaturas, no íntimo, lastimo.
IMOGÊNIA · Uma sou eu, senhor? Olhais-me firme.
Que falha descobris em meu conspecto,
para vos despertar tanta piedade?
IACHIMO · É lamentável. Como! Voluntário
fugir do sol radiante, para alívio
num cárcere buscar, junto a uma vela!
IMOGÊNIA · Por obséquio, senhor, sede mais claro
no que me respondeis. Por que dissestes
que eu sou digna, a esse ponto, de piedade?
IACHIMO · Porque outros,
estaria a dizer, na posse entraram
do vosso... Mas aos deuses é que toca
toda a vingança, não me competindo
referir-me a tal coisa.
IMOGÊNIA · Só parece
que sabeis algo a meu respeito, alguma
coisa particular. Por isso peço-vos —
já que a suspeita muitas vezes dana
mais do que a convicção; porque as desgraças
ou são irremediáveis, ou, se em tempo
conhecidas, passíveis são de cura —
me reveleis o que vos vem, a um tempo,
esporear e deter.
IACHIMO · Se eu conseguisse
banhar os lábios em tão belas faces;
se eu tivesse essa mão, cujo contacto,
cujo simples contacto a antena da alma
forçaria a jurar fidelidade;
este objeto que o olhar me fez cativo,
impedindo-o de errar como selvagem,
para aqui, só, prendê-lo; se eu deixasse
que me babassem lábios freqüentados
como os degraus que ao Capitólio levam;
ou se em mãos eu tocasse tão calosas
por falsidades — sim, por falsidades,
como pelo trabalho — e, após, em olhos
eu fitasse tão vis e tão sem brilho
como a luz fumacenta produzida
por um cebo rançoso: merecera
semelhante traição ser esmagada
por todos os castigos que há no inferno.
IMOGÊNIA · Meu marido esqueceu-se da Bretanha,
receio-o muito.
IACHIMO · Como dele próprio.
Não é contente que vos comunico
transformação assim tão feia. As graças
que vos são próprias é que do mutismo
da consciência até os lábios me evocaram
semelhante relato.
IMOGÊNIA · Basta! Basta!
Não desejo ouvir mais.
IACHIMO · Alma querida,
vossa afronta me abala o dolorido
coração. Uma dama tão formosa
que, a um império ligado, dobraria
de valor o monarca mais possante,
igualada, a esse ponto, a prostitutas
de que os próprios enfeites são comprados
como o que há em vossos cofres; com estragadas
aventureiras, que pelo ouro impuro
se enchafurdam em todas as doenças,
pesteando a natureza; de matéria
suarenta, a ponto de passar peçonha
até os próprios venenos! Oh! Vingai-vos,
se sois, realmente, filha da Rainha
e não manchais a vossa nobre estirpe!
IMOGÊNIA · Vingar-me? De que modo? Se, de fato,
tudo isso for verdade — pois no peito
me bate um coração que não se deixa
facilmente iludir pelos ouvidos —
se for certo tudo isso, de que modo
poderia vingar-me?
IACHIMO · Oh! Atirar-me
a um leito frio, como se eu de Diana
fosse sacerdotisa, enquanto a toda

shakespearebrasileiro.org

sorte de diversões ele se entrega,
malgrado serdes vós quem sois e, ainda
por cima, com vosso ouro! Não! Vingai-vos!
Dedicarei minha pessoa a vossos
suaves prazeres, por ter mais nobreza
do que esse desprezível renegado
do vosso leito, prometendo ser-vos
constante na afeição, sobre discreto.
Imogênia · Aqui, Pisânio!
Iachimo · Com os lábios confirmai meus leais
serviços.
Imogênia · Para trás!
Os ouvidos maldigo por te haverem
tanto tempo escutado. Se, de fato,
fosses homem de bem, seria o móvel
de tua história apenas a virtude,
sem a finalidade que procuras,
tão estranhável quanto vergonhosa.
Ultrajaste um fidalgo, que tão longe
se acha de ser o que disseste dele,
como tu da nobreza. A corte fazes
a quem te odeia como ao próprio diabo.
Aqui, Pisânio! O Rei meu pai vai logo
ficar sabendo deste teu assalto.
Se ele achar conveniente, depois disso,
que seja sua corte transformada,
por um aventureiro audacioso,
num alcouce romano e vil mercado,
é que não tem amor ao próprio reino,
nem à filha respeito. Aqui, Pisânio!
Iachimo · Oh Leonato feliz! Posso afirmar-te:
a confiança que em ti tem tua esposa
digna é em tudo da fé que lhe dedicas,
como a tua virtude sem parelha
o é de sua lealdade. Tende vida
feliz e muito longa! Por marido
tendes o homem mais digno de que nunca
se ufanou qualquer terra, vós a esposa
que tudo lhe merece. Desculpai-me;
falei dessa maneira, tão-somente
para ver se raízes mais profundas
tinha vossa confiança. Ora de novo
vou declarar quem é vosso marido:
de moral pura, um santo feiticeiro,
que enleva a sociedade em que, se encontra,
entrando, fundo, o coração dos homens.
Imogênia · Apresentais desculpas!
Iachimo · Entre os homens
se mostra como um deus que à terra viesse;
sua reputação incomparável
mais do que humano aspecto lhe confere.
Alta princesa, não fiqueis zangada
por eu ter tido o ousio de sondar-vos,
fingindo uma notícia em tudo falsa.
Mas proveitosa foi, pois com muita honra
serviu de confirmar vosso alto juízo
na escolha de consorte tão distinto
que, como bem sabeis, errar não pode.
O que me fez joeirar-vos desse modo
foi o amor que lhe voto. Mas os deuses
mulher excepcional de vós fizeram,
sem falha alguma. Peço-vos perdão.
Imogênia ·
Está bem, meu senhor; contai com quanto
possa eu valer na corte.
Iachimo · Humildemente
vos agradeço. Quase ia esquecendo
de fazer um pedido a Vossa Graça,
um pequeno favor, mas de importância,
pois diz respeito a mim, a vosso esposo
e a outros amigos nobres, todos eles
interessados nisso.
Imogênia · Por obséquio:
de que se trata?
Iachimo · Cerca de uma dúzia
de romanos, incluído vosso esposo,
a mais formosa pena de nossa asa,
se cotizaram para um mimo darem
ao nosso imperador, que eu, como agente
de todos eles, adquiri na França:
uma baixela de desenho raro,
pedraria custosa e trabalhada,
de mui grande valor. Como estrangeiro,
não posso estar convicto de o ter sempre
em lugar de confiança. Quereríeis
ficar com ele sob vosso amparo?
Imogênia ·
Com todo o gosto; empenho nisso a honra.
Desde que meu marido é interessado,
guardarei os presentes no meu quarto.
Iachimo · Acham-se numa caixa, com meus criados.
Terei o atrevimento de mandar-vo-la
por uma noite, só, pois sou forçado
a embarcar amanhã.

shakespearebrasileiro.org

Imogênia · Oh! Não! Ficai!
Iachimo · Perdão, mas é preciso. Se o retorno
protelar, quebrarei minha palavra.
Cortei o mar da Gália apenas para
ver Vossa Graça, como o havia dito.
Imogênia · Muito vos agradeço esse trabalho.
Mas ficai amanhã.
Iachimo · Não é possível,
minha senhora. Devo pois, lembrar-vos
que se saudar quiserdes vosso esposo
por meio de uma carta, é necessário
que o façais esta noite. Escasso é o tempo
de que disponho, sobre haver urgência
na entrega do presente.
Imogênia · Vou fazê-lo.
Mandai a caixa, ela será guardada
com toda a segurança e mui fielmente
ao dono restituída. Sois bem-vindo.

(Saem.)

Ato II · Cena I

Bretanha. Diante do palácio de Cimbelino.
Entram Cloten e dois nobres.

Cloten · Haverá alguém tão sem sorte como eu! Ser desviado justamente no instante em que a minha bola ia tocar na outra! Tinha apostado cem libras nesse lanço, e vem aquele maldito mono censurar-me por eu ter amaldiçoado, como se lhe tivesse pedido de empréstimo as expressões e não pudesse jurar por conta própria.
Primeiro nobre · Que foi que ele ganhou com isso? Quebrardes-lhe a cabeça com vossa bola.
Segundo Nobre *(à parte)* · Se a inteligência dele fosse de tão reduzidas proporções como a de quem lhe quebrou a cabeça, teria escapado pela brecha.
Cloten · Quando um gentil-homem se mostra com disposição de praguejar, os circunstantes não devem cortar-lhe as expressões, eh?
Segundo nobre · Perfeitamente, milorde.

(À parte.)

Nem tosar-lhe as orelhas.
Cloten · Cão amaldiçoado! Eu, dar-lhe satisfações? Quisera que ele fosse da mesma esfera que eu.
Segundo Nobre *(à parte)* · Para ser tão oco como tu.
Cloten · Nada neste mundo me causa tanto aborrecimento. O diabo que o carregue! Quisera ser de sangue menos nobre. Ninguém ousa bater-se comigo por causa da Rainha, minha mãe. Qualquer joão-ninguém estadeia por aí tudo as suas querelas; só eu é que me vejo obrigado a andar de um para outro lado, tal qual um galo que ninguém ousa enfrentar.
Segundo Nobre *(à parte)* · Galo e capão a um só tempo, que canta com a crista no jeito de gorro de bufão.
Cloten · Como dissestes?
Segundo nobre · Que não fica bem a Vossa Senhoria bater-se com qualquer pessoa que venhais a ofender.
Cloten · Sei disso; mas fica-me bem ofender a meus inferiores.
Segundo nobre · É certo; mas isso só fica bem para Vossa Senhoria.
Cloten · Sim, é o que eu penso.
Primeiro nobre · Já ouvistes falar do estrangeiro que chegou à corte esta noite?
Cloten · Um estrangeiro na corte, sem que eu tivesse tido conhecimento do fato?
Segundo Nobre *(à parte)* · Sujeito estranho é o que ele é, sem que o perceba.
Primeiro nobre · Trata-se de um italiano e, segundo ouvi dizer, amigo de Leonato.
Cloten · Leonato! Aquele velhaco exilado, tão velhaco quanto esse seu amigo, seja ele quem for. Quem vos falou desse estrangeiro?
Primeiro nobre · Um dos pajens de Vossa Senhoria.
Cloten · Ficará bem para mim ir procurá-lo? Com isso, não descerei da minha dignidade?
Primeiro nobre · Não descereis em nada, milorde.
Cloten · Não seria fácil, é o que eu penso.
Segundo Nobre *(à parte)* · Não passais de um tolo de marca e, por isso mesmo, tão baixamente colocado que, por mais que fizerdes, não podereis ficar mais baixo.

shakespearebrasileiro.org

CLOTEN · Vamos; irei ver esse italiano. Pretendo
ganhar dele esta noite o que perdi no jogo de bolas.
Vinde; vamos todos.
SEGUNDO NOBRE · Às ordens de Vossa Senhoria.
(Saem Cloten e o primeiro nobre.)
Como se entende que tivesse posto
no mundo tão grande asno uma astuciosa
diaba como a Rainha que com o cérebro
derruba tudo o que acha, enquanto o filho
nem se pode lembrar que, se de vinte,
dois nós tirarmos, ficarão dezoito.
Pobre Imogênia, divinal princesa,
quanto deves sofrer! Um pai, de todo
pela sua madrasta dominado;
esta a engendrar intrigas a toda hora;
um pretendente muito mais odioso
do que o exílio de teu caro marido,
do que esse ato execrável do divórcio,
por ele promovido. Deixe firme
Deus as muralhas de tua honra excelsa,
sem abalos o templo de tua alma,
porque dona de um reino venturoso
venhas a ser e de um condigno esposo.
(Sai.)

Ato II · Cena II

Um quarto de dormir em que se vê uma mala.
Imogênia, no leito, lê um livro; ao lado, uma dama de companhia.
IMOGÊNIA · Quem está aí? Helena?
DAMA DE COMPANHIA · Sim, senhora.
IMOGÊNIA · Que horas são?
DAMA DE COMPANHIA · Meia-noite, quase, alteza.
IMOGÊNIA · Li durante três horas; sinto a vista
extremamente fraca. Dobra a folha
no ponto em que eu parei. Vai para a cama.
Se puderes chamar-me às quatro em ponto,
será favor; o sono me domina.
(Sai a dama de companhia.)
Ao vosso amparo, deuses, me confio!
Protegei-me de fadas e quejandos
tentadores noturnos.
(Adormece. Iachimo sai de dentro da mala.)
IACHIMO · O grilo canta; lasso, o homem procura
refazer-se no sono. De igual modo
nosso Tarquínio se esgueirou nos juncos,
antes de despertar a castidade
que ele próprio feriu. Oh Citeréia.
como adornas o leito! Oh fresco lírio.
mais branco que os lençóis! Se eu te pudesse
tocar! Beijar ao menos! Um só beijo!
Rubis incomparáveis, mais preciosos
agora vos tornastes. É seu hálito
que embalsamado, assim, deixa o ambiente.
Inclina-se para ela a chama trêmula
da vela, de espreitar toda desejos
por debaixo das pálpebras as luzes
que sopitadas se acham sob cortinas
brancas e azuis, de cor celeste pura.
Mas meu intuito é examinar o quarto.
Vou tomar nota por escrito: quadros
de pintura com tal e tal assunto;
uma janela ali; leito adornado
deste modo; tapetes com figuras
assim e assim; o enredo das histórias...
Oh! Bastará um sinal qualquer do corpo —
de valor probatório dez mil vezes
maior do que o de objetos inferiores —
para deixar meu inventário rico.
Sono, mono da morte, pousa nela
pesadamente! Sejam seus sentidos
como estátuas da igreja... Vamos a isto...
(Tira um bracelete de Imogênia.)
Tão fácil de tirar, quanto o nó górdio
de desmanchar, um tempo, foi difícil.
Agora me pertence. Como prova
exterior vai servir tão poderosa
quanto a consciência no de dentro, para
deixar louco o marido. Sobre o seio,
do lado esquerdo, cinco nevozinhos,
como pingos, vermelhos, que nos cálices
se vêem as primaveras. Semelhante
particularidade tem mais força
do que as leis em conjunto. Esse segredo
vai obrigá-lo a imaginar que eu pude
quebrar os fechos e alcançar o rico

shakespearebrasileiro.org

tesouro de sua honra. Basta! Basta!
Para quê mais? Por que deixar escrito
quanto tenho bem fixo na memória?
Estava lendo a história de Tereu;
a página virada é justamente
na altura em que se entrega a Filomela.
Nada mais falta. É tempo de voltarmos
para o baú e de fechar-lhe a tampa.
Dragões da noite, vinde sem demora!
Que esperte a madrugada o olhar dos corvos.
Sinto medo; um minuto, aqui, é eterno;
anjo embora ela seja, estou no inferno.
Um, dois, três! Já é tempo.

(Torna a entrar na mala; acaba a cena.)

Ato II · Cena III

Antecâmara contígua aos aposentos de Imogênia.
Entram Cloten e nobres.

PRIMEIRO NOBRE · Não há ninguém tão paciente como Vossa Senhoria quando perde; é o mais frio homem que em qualquer tempo tirou um ás.

CLOTEN · Quem perde precisa ficar frio.

PRIMEIRO NOBRE · Mas não há ninguém que revele paciência como a do nobre temperamento de Vossa Senhoria. Quando ganhais, ficais mais quente e excitado.

CLOTEN · O ganhar infunde coragem a todo o mundo. Se eu pudesse ganhar a tola Imogênia, teria outro suficiente. Já é quase manhã, pois não?

PRIMEIRO NOBRE · Dia, milorde.

CLOTEN · Tomara que a música já chegue. Aconselharam-me a proporcionar a Imogênia uma bela manhã... Dizem que a música penetra fundo.

(Entram músicos.)

Vinde! Tocai. Se conseguirdes abalá-la com vosso dedilhado, bem; depois farei uso da eloqüência. Se nada disso der resultado, ela que fique como está. Mas abrir mão dela é o que não faço. Tocai em primeiro lugar alguma coisinha excelente e com bastante arte; a seguir, alguma ária extraordinariamente melodiosa, com palavras admiráveis e ricas. E ela que se entregue, depois, as duas cogitações.

Canção.

Escuta! A cotovia! Já no oriente
surgiu Febo. Ardorosos,
já aplacam seus corcéis a sede ardente
nos pétalos donosos.
Tudo desperta. A terra, matizada,
de vida e luz transborda.
O mundo inteiro diz à minha amada:
É tempo, oh linda! Acorda!
Acorda! Acorda!

CLOTEN · Agora, podeis ir. Se isso penetrar, farei bom juízo de vossa música. Caso contrário, é que ela tem um defeito nos ouvidos, que não poderá ser remediado nem com crina de cavalo, nem com tripa de bezerro, nem com a voz dos eunucos.

(Saem os músicos.)

SEGUNDO NOBRE · Vem vindo o Rei.

CLOTEN · Fico contente por me haver levantado tarde, que foi essa a causa de estar de pé tão cedo. O Rei não poderá deixar de considerar paternalmente o serviço que acabo de fazer.

(Entram Cimbelino e a Rainha.)

Bom dia para Vossa Majestade e para minha graciosa mãe.

CIMBELINO · Na porta estais de nossa dura filha? Não resolveu sair?

CLOTEN · Assaltei-a com música; ela, porém, não me concede atenção.

CIMBELINO · Ainda é muito recente o banimento do seu apaixonado; tem-no vivo na memória. Mister se faz de tempo, para tirar-lhe da alma a sua imagem. Depois, há de ser vossa.

RAINHA · Deveis muito a Sua Majestade, que se esforça quanto possível para que Imogênia vos venha a preferir. Ora vos cumpre cortejá-la direito; amigo sede do jeito e da ocasião. Que as negativas o zelo vos reforcem. É preciso dar a impressão de que essas homenagens nascem tão-só do amor e que estais pronto

shakespearebrasileiro.org

para em tudo lhe ser obediente,
salvo quando ela vos mandar embora.
Só nesse caso irracional mostrai-vos.
CLOTEN · Irracional, eu? Não!
(Entra um mensageiro.)
MENSAGEIRO · Se o permitis, senhor, embaixadores
de Roma; entre eles se acha Caio Lúcio.
CIMBELINO · É ótimo companheiro, muito embora
com intenções hostis agora venha.
Mas não é dele a culpa. Precisamos
prestar-lhe as honras a que tem direito
quem o enviou, e lhe mostrar que somos
lembrados da amizade de que provas
ele nos deu sobejas. Caro filho,
após dardes bom dia a vossa amada,
vinde juntar-vos à Rainha e a mim.
Precisamos de vós, quando tivermos
de receber o embaixador romano.
Vinde, nossa Rainha.
(Saem todos, com exceção de Cloten.)
CLOTEN · Se já estiver de pé, hei de falar-lhe;
caso contrário, durma e sonhe. Olá!
(Bate.)
Sei que com ela estão as suas criadas.
E se eu comprasse alguma? O ouro abre portas
e nos enseja o acesso. Sim, por vezes
o consegue; corrompe, até, o couteiro
de Diana e o faz tocar a caça para
onde se acha o ladrão. O ouro é que mata
o homem honesto e o malfeitor protege.
Sim, às vezes os dois levam até a forca.
Será minha advogada uma das criadas,
pois não conheço muito bem a causa.
Se o permitis...
(Bate.)
(Entra uma dama de companhia.)
DAMA DE COMPANHIA ·
Quem está aí? Quem bate?
CLOTEN · Um gentil-homem.
DAMA DE COMPANHIA ·
Somente?
CLOTEN · E filho de uma dama ilustre.
DAMA DE COMPANHIA *(à parte)* ·
Isso é mais do que podem vangloriar-se
muitos que pagam conta no alfaiate
tão alto quanto vós. *(Alto.)* Qual é o desejo
de Vossa Senhoria?
CLOTEN · Está acordada
vossa patroa? Já está pronta?
DAMA DE COMPANHIA · Sim,
para ficar no quarto.
CLOTEN · Aqui tendes dinheiro. Sede boa;
vendei-me um elogio.
DAMA DE COMPANHIA ·
Elogio de quem? O meu ou o vosso?
Eis a princesa.
(Entra Imogênia.)
CLOTEN · Muito bom dia, linda irmã. A mão!
(Sai a dama de companhia.)
IMOGÊNIA ·
Bom dia, meu senhor. Com vossas penas
só comprastes trabalhos. Não possuo
quase agradecimentos senão para
vos dizer que sou pobre de palavras
e que devo poupá-las.
CLOTEN · Sempre e sempre
que vos dedico amor hei de jurar-vos.
IMOGÊNIA · Se apenas o disserdes, pouco importa;
mas se sempre o jurardes, vosso prêmio
será sempre eu dizer que a isso não ligo
valor algum.
CLOTEN · Isso não é resposta.
IMOGÊNIA · Se eu não temesse que no meu silêncio
interpretásseis algo de aquiescência,
nada vos responderia. Por obséquio,
deixai-me em paz. Podeis ter a certeza
de que esses galanteios poderiam
despertar do meu lado malquerença.
Uma pessoa como vós, tão sábia,
deveria saber abster-se, quando
recebe insinuações nesse sentido.
CLOTEN · Se eu vos deixasse entregue a tal loucura,
pecaria decerto. Não o faço.
IMOGÊNIA · Curar não pode um tolo uma lunática.
CLOTEN · Quereis dizer com isso que eu sou tolo?
IMOGÊNIA ·
Já que eu sou louca, sim. Se vos mostrardes
razoável, deixarei de ser lunática;
ficaremos curados. Aborrece-me,
senhor, sobremaneira, me façais
de mim própria esquecida, por falar-vos
com tal desenvoltura. Ora vos digo
de uma vez para sempre — pois à prova
já pus o coração, cuja verdade

shakespearebrasileiro.org

confirma estas palavras — que não cuido
no mínimo de vós; e de tal modo
me sinto destituída de piedade —
do que me acuso, é certo — que até ao ponto
chego de vos odiar, o que eu quisera
que vós mesmo sentísseis, sem que fosse
preciso fazer praça de tal coisa.

Cloten · Pecais contra a obediência aos pais devida,
pois o contrato que alegais, firmado
com esse vil escravo, que vivia
de esmolas e comia em pratos frios
as migalhas da corte, é tudo menos
verdadeiro contrato. Embora seja
permitido a pessoas inferiores —
e quem será mais inferior do que ele? —
unir os corações — do que resulta,
tão-somente, uma prole de mendigos —
em elos voluntários: encontrais-vos
coibida de tão grande liberdade
pelo jus da coroa, não vos sendo
permitido sujar tão rara jóia
com escravo tão vil e desprezível
nascido para usar farda de criado.
um saquiteiro à-toa, sem prestígio.

Imogênia · Profanador! Embora fosses filho
de Júpiter, e, em tudo o mais, o mesmo,
indigno ainda serias de ser criado
de Póstumo Leonato. Honra sobeja
te coubera, capaz de atear a inveja —
caso confronto entre ambos fosse feito —
se te visses no posto de carrasco
do reino dele e odiado te sentisses
pelo primor mostrado nesse ofício.

Cloten · A peste que o carregue!

Imogênia · Não podia
jamais lhe acontecer maior desgraça
do que lhe pronunciares ora o nome.
A roupa dele mais modesta e simples,
que lhe tivesse revestido o corpo,
é a meus olhos mais cara do que todos
os cabelos que trazes na cabeça,
embora novos Clotens fossem todos.
Olá, Pisânio!

(Entra Pisânio.)

Cloten · "A roupa dele!" O diabo...

Imogênia · Procura a camareira Dorotéia...

Cloten · "A roupa dele!"

Imogênia · Um tolo me atormenta,
me mete medo e deixa-me indignada.
Vai dizer à empregada que procure
uma jóia perdida não sei como.
Do braço me caiu. Foi de teu amo.
Por Deus! não me apartara dela, ainda
mesmo que fosse para obter todo o ouro
de qualquer Rei da Europa. Ainda hoje cedo
presumo tê-la visto; tinha-a à noite
no braço, estou bem certa, pois beijei-a.
Não creio que tenha ido para junto
de meu marido, a fim de dar-lhe a nova
que além dele eu beijei fosse o que fosse.

Pisânio · Não há de estar perdida.

Imogênia · É o que presumo.
Vá logo procurá-la.

(Sai Pisânio.)

Cloten · Grande ofensa
me fizestes. "A roupa mais modesta..."

Imogênia · Foi isso mesmo, meu senhor, que eu disse.
Se me quiserdes processar, consinto
que chameis para o caso testemunhas.

Cloten · Vou contar a meu pai.

Imogênia · E à mãe, também;
dedica-me afeição. É quase certo
pensar a meu respeito o que há de pior.
Mas, nesta altura, meu senhor, vos deixo
com o vosso mau humor exacerbado.

(Sai.)

Cloten · "A roupa dele mais modesta..." Seja;
hei de vingar-me disto.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena IV

Roma. Um quarto em casa de Filário.
Entram Póstumo e Filário.

Póstumo · Ficai tranqüilo, amigo. Desejara
poder ter a certeza de que fora
fácil dobrar o Rei, como me acho
certo de que há de ficar com honra.
Filário · Junto do Rei com quem contais na corte?
Póstumo · Com ninguém; mas espero vagamente
que o tempo a mudar venha. Na presente
situação, de inverno, tenho frio;
por isso, ansioso aguardo os dias quentes.
Tal possibilidade, muito vaga,
me deixa esperançoso de, algum dia,
vos pagar os obséquios. Se falharem,
morrerei sem saldar tão grande dívida.
Filário · Vossa bondade, apenas, em tão grata
convivência, me paga de sobejo
por quanto eu vos houvesse, acaso, feito.
Vosso Rei, a estas horas, com certeza
já ouviu falar do nosso grande Augusto.
Há de cumprir a ponto Caio Lúcio
quanto lhe foi confiado, estando eu certo
de que o Rei vai enviar-nos o atrasado
e concordar em nos pagar tributo.
Do contrário, há de ver nossos romanos,
cuja imagem trazeis sempre associada
aos desastres sofridos.
Póstumo · O que eu penso —
muito embora estadista nunca fosse,
nem possa vir a sê-lo — é que tudo isso
vai acabar em guerra, sendo certo
que saltarão, sem medo, na Bretanha,
as legiões que na Gália ora se encontram,
antes de nos chegar qualquer notícia
sobre a paga do mínimo tributo.
Nossos compatriotas têm mais ordem
agora do que quando Júlio César
ria de nossa falta de experiência,
conquanto achasse que a coragem deles
era digna de olhares carrancudos.
Ganhando asas agora a disciplina,
por causa da coragem, há de, certo,
demonstrar a quem quer que nos provoque
não haver outro povo em todo o mundo
que saiba, como o nosso, corrigir-se
das próprias deficiências.
Filário · Vede: Iachimo!

(Entra Iachimo.)

Póstumo · Os cervos mais velozes vos levaram
pelos caminhos, e, de toda a parte,
vieram beijar os ventos vossas velas,
porque a nave ficasse mais ligeira.
Filário · Sois bem-vindo, senhor.
Póstumo · Tenho esperanças
de que foi a curteza da resposta
que vos fez retornar assim depressa.
Iachimo · Vossa senhora é uma das mais belas
mulheres que eu já vi.
Póstumo · Ao lado disso,
a melhor, quero crer. Caso contrário,
à janela a beleza se poria
e a falsos corações armara laços,
para ser também falsa.
Iachimo · Trouxe cartas
para vós; ei-las.
Póstumo · Com notícias boas,
segundo penso.
Iachimo · Creio que acertastes.
Filário · Caio Lúcio se achava na Bretanha,
quando estivestes lá?
Iachimo · Era esperado,
mas não tinha pisado, ainda, a praia.
Póstumo · Por enquanto vai tudo muito bem.
Como antes brilha minha pedra, ou acha-se
baça demais, porque possais usá-la?
Iachimo · Caso eu viesse a perdê-la, perderia
quanto ela vale em ouro. Mas, de grado
outra viagem faria ainda mais longa,
para fruir uma noite doce e curta
como a que lá passei. A pedra é minha.
Póstumo · A pedra é de manejo mui difícil.
Iachimo · Ao contrário, uma vez que vossa esposa
se revelou tão fácil.
Póstumo · Sede cauto,
senhor, com vossa perda. Estou bem certo
de que sabeis que não nos é possível
continuar como amigos.

shakespearebrasileiro.org

IACHIMO · Ao contrário,
caro senhor; sê-lo-emos, se em tudo isso
mantiverdes palavra. Se inconcussas
provas eu não trouxesse de que pude
conhecer na Bretanha vossa amada,
bem: concordo em que a coisa iria longe.
Mas me declaro vencedor de sua
honra e de vosso anel, sem que, por isso,
possa ofendê-la ou a vós, que em todo o pleito
atuei de acordo com a vontade de ambos.
PÓSTUMO · Se puderdes provar que no seu leito
tomastes posse dela, a vós estendo
esta mão e este anel. Caso contrário,
por causa da opinião abominanda
que formulastes de sua honra pura,
será forçoso que um de nós a espada
do outro venha a encontrar, ou que, sem dono,
sejam elas achadas por terceiros.
IACHIMO · Senhor, tão perto da verdade se acham
todas as provas que aduzir pretendo,
que haveis de acreditar-me, estando eu pronto
a jurar, se preciso. Mas decerto
me poupareis de tanto, por supérfluo.
PÓSTUMO · Então, falai.
IACHIMO · Primeiro, sua alcova —
onde confesso não haver dormido,
concordando em que encerra quanto é digno
de ser guardado alerta — atapetada
era de seda e prata, com a pintura
da orgulhosa Cleópatra, no instante
de encontrar o romano. As margens tinha
inundadas o Cidno, ou por vaidade,
ou do peso dos barcos, obra de arte
de tanta perfeição, tão bem tecida,
que o valor competia com a mão-de-obra.
Compreender não podia como fora
possível realizar um quadro desses
com tanta perfeição e tal capricho,
transbordante de vida.
PÓSTUMO · É verdadeiro
quanto dizeis; mas isso poderíeis
ter ouvido de mim, aqui, ou de outrem.
IACHIMO · Reforçarão, talvez, outras minúcias
quanto eu disse até agora.
PÓSTUMO · É o que é preciso,
para que disto não saiais sem honra.
IACHIMO · A chaminé fica no lado sul,
representando a peça a deusa Diana
no instante de banhar-se. Nunca eu vira
figuras tão falantes por si próprias.
Fora o canteiro uma outra natureza:
mudo, apenas, chegando a ultrapassá-la;
só o hálito e a palavra é que faltavam.
PÓSTUMO · Poderíeis, também, ter ouvido isso;
por se tratar de peça conhecida,
de que muito se fala.
IACHIMO · Ornamentado
com anjos de ouro é o teto do aposento.
Os cães de chaminé — ia deixando
de falar nisso — são Cupidos cegos,
com um dos pés, só, no chão, graciosamente
nos fachos apoiados.
PÓSTUMO · Será isso a honra dela! Concordemos
que houvésseis visto todas essas coisas —
e efusivos louvores não vos nego,
pela boa memória — mas a simples
relação do que o quarto dela encerra,
em nada vos fará ganhar a aposta.
IACHIMO · Então perdei a cor, se for possível.
Permiti que vos mostre, só de longe,
esta jóia preciosa. Vede! *(Mostra a pulseira.)* E agora
guardemo-la de novo; vou casá-la
com vosso anel, que meu vai ser em breve.
PÓSTUMO ·
Jove! Deixai-me contemplá-la. É a mesma
que eu lhe dera?
IACHIMO · Senhor — graças lhe sejam
dadas — é a mesma. Foi por ela própria
desprendida do braço. Ainda a revejo;
seu gesto donairoso a bela jóia
desvaloriza e a deixa, a um tempo, rara.
Fez-me presente dela e disse: outrora
lhe dava algum valor.
PÓSTUMO · Quem sabe se ela
não mandou que me fosse entregue a jóia?
IACHIMO · Ela vos escreveu nesse sentido?
PÓSTUMO · Oh, não! Não! É verdade... Tomai isto,
também; também é vosso.
(Dá-lhe o anel.)
É um basilisco,
que, só de olhar, pode tirar-me a vida.
Nunca honra pode haver onde há beleza,
verdade onde há aparência, nem afeto
onde estiver outro homem. Que as palavras

shakespearebrasileiro.org

de amor de uma mulher obriguem tanto
quanto a virtude destas, isto é, nada.
Oh! Falsa a conta toda!
FILÁRIO · Ficai calmo,
caro senhor, e retomai a pedra.
Ganha ainda não foi. É bem possível
que ela a tenha perdido, ou que uma criada,
vendida, lhe roubasse aquela jóia.
PÓSTUMO ·
É certo! É certo! Assim foi que ele a obteve.
Restituí-me o anel e revelai-me
qualquer sinal que, acaso, ela possua
no corpo, de maior valor probante
do que esta jóia... Que isto foi roubado.
IACHIMO · Por Jove, retirei-a de seu braço.
PÓSTUMO · Vede como ele jura! Invoca Jove...
Disse a verdade; retomai a pedra.
Ela não perdeu nada, é mais que certo.
Todas as suas criadas são honradas;
prestaram juramento. Um estrangeiro
suborná-las? Roubarem-lhe a pulseira?
Não! Ele a possuiu. A prova temos
de sua incontinência: a própria jóia.
Não lhe custou muito barato o título
de rameira. Aqui tens o teu salário;
que os demônios do inferno a posse dele
venham vos disputar.
FILÁRIO · Amigo, calma!
Nada disso faz prova convincente
para quem tem certeza...
PÓSTUMO · Basta! Basta!
Nem mais uma palavra! Está provado:
ele a possuiu, decerto.
IACHIMO · Se quiserdes
outras provas, direi que sob o peito —
digno de uma carícia — vê-se um nevo
muito orgulhoso da gentil morada.
Como o beijei, por minha vida! Deu-me
nova fome, depois de satisfeito,
para outra vez comer. Estais lembrado
da mancha de que falo?
PÓSTUMO · Sim; confirma
uma outra mancha, que não caberia
dentro do próprio inferno, embora nada
mais lá se contivesse.
IACHIMO · Se quiserdes
que eu diga outros sinais...
PÓSTUMO · Não; dispensai-me
dessa vossa aritmética; não quero
saber o número de vezes, se uma,
somente, ou se um milhão.
IACHIMO · Posso jurar-vos...
PÓSTUMO · Nada de juramentos! Se jurardes
que o não fizestes, estareis mentindo.
Mato-te, se negares que puseste
cornos em minha testa.
IACHIMO · Nada nego.
PÓSTUMO · Ah! Se a tivesse à mão, para rasgá-la
membro por membro! Voltarei à corte
para, à vista do pai, pôr isso em prática.
Vou fazer qualquer coisa...

(Sai.)

FILÁRIO · Ficou fora do juízo inteiramente.
Ganhastes a partida. Acompanhemo-lo,
para frustrar-lhe a cólera, que ameaça
contra ele se virar.
IACHIMO · Com todo o gosto.

(Saem.)

Ato II · Cena V

O mesmo. Outro quarto da casa.
Entra Póstumo.

PÓSTUMO · Não haverá maneira, para os homens,
de nascer, sem que façam as mulheres
metade do trabalho? Somos todos
bastardos, todos; e esse venerável
senhor, a que de pai eu dava o nome,
se achava não sei onde no momento
em que eu fui concebido. Algum moedeiro
de moeda falsa, com seus instrumentos
fez a minha figura. No entretanto,
minha mãe parecia ser a Diana
do seu tempo, tal como minha esposa
que no presente similar não tinha.
Oh! Vingança! Vingança! Muitas vezes
me privou ela do prazer legítimo,
o que fazia com pudor tão róseo,
que a visão inefável poderia
até o velho Saturno pôr em chamas.

shakespearebrasileiro.org

Parecia tão pura quanto a neve
não tocada do sol. Oh! Com os demônios!
Esse Iachimo amarelo, só numa hora...
Talvez menos... Quem sabe? Logo, logo...
Nem chegou a falar, mas como um nédio
javali da Germânia gritou: Oh!
para montar depressa, sem que achasse
nenhuma oposição, senão a que ele
próprio esperava achar e que do abalo
devia resguardá-la. Oh, se eu pudesse
conhecer quanto em mim provém das fêmeas!
Não há pendor que para o vício tenda
que na mulher não vá buscar a origem.
Vejamos: a mentira — tomai nota —
vem da mulher; a adulação vem dela;
idem, a fraude; os pensamentos lúbricos,
a luxúria vem dela, dela apenas;
a vingança, a ambição, desdém, cobiça,
a ostentação leviana, vãos caprichos,
os desejos ardentes, a calúnia,
todos os vícios que nomear pudermos,
isto é, que haja no inferno, dela vêm,
se não todos, em parte, ou melhor, todos,
porque mesmo no vício
não se mostram constantes; a toda hora
trocam de um vício velho de um minuto
por outro menos velho de metade.
Vou escrever contra elas, detestá-las,
lançar-lhes maldições. O melhor meio
de lhes revelar ódio de verdade
é querer que elas vivam à vontade.
Nem o diabo tão bem as castigara.

(Sai.)

Ato III · Cena I

Bretanha. Sala do palácio de Cimbelino.
Por uma porta entram Cimbelino, a Rainha, Cloten e nobres; por outra, Caio Lúcio e séquito.

Cimbelino · Agora nos dizei o que deseja
conosco Augusto César.
Lúcio · Quando Júlio
César, cuja lembrança ainda perdura
nos olhares dos homens, para as línguas
e os ouvidos assunto sempiterno,
nesta Bretanha esteve e a conquistou,
Cassibelano, vosso tio — célebre
nos encômios de César e não menos
merecedor de glória por seus feitos —
assumiu, perante ele, o compromisso,
que seria extensivo aos sucessores,
de aos romanos pagar o anual tributo
de três mil libras, compromisso expresso
de que vos esquecestes.
Rainha · Porque o espanto
venha a morrer, assim ficará sempre.
Cloten · Ainda terão de vir bastantes Césares
antes de um outro Júlio. É um mundo à parte
nossa Bretanha. Nada pagaremos
para usar os narizes.
Rainha · Já foi deles
a possibilidade de usar força;
é nossa, agora, a vez de demonstrá-la.
Meu senhor e meu Rei, sede lembrado
dos reis vossos maiores e, igualmente,
da natural bravura de vossa ilha
que, como um parque de Netuno, se acha
guarnecida de estacas e costelas
de rochedos a pique e mares grossos,
de bancos arenosos, que, mui longe
de suportar os barcos inimigos,
vão tragá-los até o mais alto mastro.
César, de fato, aqui fez uma espécie
de conquista, porém não disse a sua
bravata de "Cheguei, vi e venci".
Cheio de opróbrio — pela vez primeira
sentia seus efeitos — duas vezes
repelido se viu de nossas costas.
Seus navios — brinquedos ignorantes
dos mares temerosos que nos cercam —
eram casquinhas de ovos sobre as ondas
levantadas e que iam facilmente
dar de encontro nas rochas e quebrar-se.
Em sinal de alegria, o mui famoso
Cassibelano, que no ponto estava —
oh Fortuna impudica! — de a cesárea
espada senhorear, acendeu fogos
na cidade de Lud, o que aos bretões
fez crescer a coragem.

shakespearebrasileiro.org

Cloten · Qual o quê! Não pagaremos coisa
alguma. Nosso reino está mais forte agora do que
antes, e, como disse, já não existem césares como
o outro. Muitos poderão ter nariz adunco, mas
nenhum possuirá braço tão forte, nenhum.
Cimbelino · Filho, deixai que vossa mãe termine.
Cloten · Entre nós há muita gente capaz de agarrar
tão firmemente como Cassibelano. Não digo que
eu seja um deles, mas o que não me falta é mão. Por
que tributo? Por que devemos pagar tributo? Se
César puder tapar-nos o sol com um cobertor ou
meter a lua no bolso, então, sim, pagaremos tributo
para obtermos luz. Caso contrário, meu senhor, não
haverá tributo; está dito.
Cimbelino · Como deveis saber,
enquanto esses romanos atrevidos
não nos haviam extorquido páreas,
éramos livres. César, no entretanto —
cuja ambição se inflou de tal maneira
que chegou quase a arrebentar o mundo —
sem a menor parcela de direito
pôs sobre nós o jugo. Ora atirá-lo
para longe compete a um povo altivo
como de o ser o nosso tem consciência.
Dizemos, pois, a César que Mulmúcio
foi nosso antepassado; a ele devemos
nossas primeiras leis, que com a espada
César tanto estragou. Mas restaurá-las
com o poder que detemos vai ser nossa
virtude de ora avante, embora Roma
se revele agastada. Foi Mulmúcio
que nos ditou as leis, tendo sido ele
o primeiro a fazer cingir a fronte
com uma coroa de ouro e a ser chamado
de Rei pelos bretões.

Lúcio · Muito me pesa,
Cimbelino, por ter de declarar-te
que Augusto César — César, que dispõe
de mais reis como criados do que possas
ter serventes em casa — é teu imigo.
Ouve de mim, portanto: no alto nome
de César contra ti proclamo guerra,
guerra e devastação. Incontrastável
furor é o que te aguarda. Desse modo
lançado o desafio, eu te agradeço
no que a mim, tão-somente, diz respeito.
Cimbelino · Caio, és bem-vindo; fez-me cavaleiro
teu César; e sob ele passei grande
parte da mocidade. Honra lhe devo.
Mas se dela pretende despojar-me,
para luta de morte se prepare.
Sei que os panônios e os dalmácios se acham
de armas na mão, dispostos à defesa
de suas liberdades. Se esse exemplo
os bretões não notassem, fora prova
de sangue muito frio, o que, decerto,
César não vai achar.
Lúcio · Falem os fatos.
Cloten · Sua Majestade vos dá as boas-vindas.
Ficai conosco um ou dois dias, ou até mesmo
mais tempo. Se depois disso nos procurardes em
outros termos, haveis de nos encontrar no nosso
cinturão de água salgada. Se dele nos tirardes, vos
ficará pertencendo; se fordes vencido na aventura,
ensejareis aos nossos corvos um belo rega-bofe. É só.
Lúcio · Pois não, senhor.
Cimbelino ·
Sei o que quer vosso amo, e ele o que eu quero.
Em tudo o mais, bem-vindo.

(Saem.)

Ato III · Cena II

Outro quarto do mesmo. Entra Pisânio, a ler uma carta.

Pisânio · Como! Adultério? Por que causa o nome
do monstro acusador não mencionastes?
Oh meu senhor! Leonato! Que estrangeira
infecção nos ouvidos se te alojam?
Que italiano, de língua e mãos nocivas,
prevaleceu em teus sentidos crédulos?
Desleal? Oh, não! Punida vai ser ela
por te ter sido fiel. Mais como deusa
do que como mulher suporta assaltos
que outras reputações tombar fariam.
Oh meu amo! Tão mais baixo dela
tua alma ora se encontra, como sempre
tua fortuna esteve. Assassiná-la?
Pelo amor e lealdade, pelos votos

shakespearebrasileiro.org

que te prestei? Eu, derramar-lhe o sangue?
Se assim fazer é te prestar serviço,
bom servidor não quero ser chamado.
Que forma é a minha, para que eu pareça
falto de humanidade e me suponham
capaz de um ato desses? *(Lê.)* "Faze-o; a carta
que lhe enviei vai te dar ensejo disso,
por ordem dela própria." Amaldiçoado
papel, tão negro como a própria tinta!
Trapo insensível, és neste ato cúmplice
e virginal aspecto tens por fora?
Ei-la! Devo fingir que ignoro tudo.

(Entra Imogênia.)

IMOGÊNIA · Então, Pisânio?
PISÂNIO · Uma carta, senhora, de meu amo.
IMOGÊNIA ·
De quem? Teu amo? É meu também, Leonato.
Sábio seria o astrônomo que os astros
conhecesse como eu a letra dele.
Leria no futuro. Dai-me, deuses
bondosos, que as notícias sejam todas
de amor, saúde e de alegria pura
não que um do outro nos achamos longe,
porque isso o magoaria. Algumas dores
são passíveis de cura; esta é uma delas:
reforça o amor. Satisfação em tudo.
portanto, menos nisso. Boa cera,
com tua permissão. Sede abençoadas,
abelhas, por fazerdes os ferrolhos
para tantos segredos. Os amantes
e os devedores insolúveis, votos
formulam diferentes. Muito embora
para a prisão mandeis os devedores,
selais as tábuas de Cupido infante.
Boas notícias, deuses!
"A lei e a cólera de vosso pai, se me encontrassem
em seus domínios, não poderiam ser tão cruéis
para mim como vós, oh criatura caríssima! se com
vosso olhar vos recusásseis a me chamar à vida.
Ficai sabendo que me encontro na Câmbria, em
Milford-Haven. Segui o que vos aconselhar o amor
em semelhante circunstância. Com isso, deseja-vos
todas as venturas o que se mantém fiel ao voto feito,
o vosso, em amor sempre crescente.
Leonato Póstumo."
Oh! Um cavalo de asas! Compreendeste,
Pisânio? Ele se encontra em Milford-Haven.
Lê e me dize a que distância fica.
Se, por negócios fúteis, pode um homem
numa semana ir lá, por que não posso
esgueirar-me um só dia até esse ponto?
Por isso, fiel Pisânio, já que mostras
ansiedade, como eu, de ver teu amo...
Não; nada de exageros; não como eu.
Sim, dás mostras por modo menos vivo,
não como eu, tão violento, que este anseio
vai muito além do além... Fala depressa —
o conselheiro de Cupido deve
quase entupir o ouvido com palavras,
com risco de asfixia — a que distância
fica esse abençoado porto, Milford?
Contar-me-ás em caminho como Gales
teve a ventura de possuir tal porto;
mas, primeiro de tudo, de que modo
escaparmos daqui; qual a desculpa
para encher o vazio que fizermos
desde a partida até nosso retorno?
Mas, primeiro, pensemos na saída;
por que dar nascimento a essa desculpa
antes de concebida? Falaremos
disso depois. Responde-me depressa,
por favor: quantas vezes vinte milhas
a cavalo faremos numa hora?
PISÂNIO · De sol a sol, princesa, vinte milhas
serão bastante, e, para vós, excesso.
IMOGÊNIA · Ora, amigo, mais lento não iria
quem fosse para a forca. De carreiras
em compita já soube, em que os cavalos
corriam mais depressa do que a areia
no interior da ampulheta. Mas tudo isso
não passa de brinquedo. À camareira
vai dizer que se finja de doente,
para pedir que mandem vê-la o pai.
Depois, me arranja roupa para viagem;
não muito cara; como as usaria
mediana proprietária.
PISÂNIO · Acho, princesa,
que deveríeis refletir...
IMOGÊNIA · Só vejo,
homem, na minha frente; nada enxergo
dos lados nem atrás. Neblina é tudo,
que me impede a visão. Vamos! Depressa!
Faze o que eu disse; livre há um só caminho:
para Milford; o mais é pedra e espinho.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena III

País de Gales. Região montanhosa. Uma caverna. Saem da caverna Belário, Guidério e Arvirago.

Belário · Dia muito bonito para estarmos
em casa, quando é baixa como a nossa.
Abaixai-vos, rapazes; esta porta
nos ensina a adorar o céu, forçando-vos
a vos dobrar para a oração do dia.
Tão elevadas são dos reis as portas
que os gigantes altivos as transpõem
com seus turbantes ímpios, dispensando-me
de saudarem o sol. Salve, céu lindo!
Moramos em caverna, mas tratamos-te
com rudeza menor do que os vaidosos
moradores de esplêndidos palácios.
Guidério · Salve, céu!
Arvirago · Salve, céu!
Belário · Agora, nossa caça montanhesa.
Subi a colina; tendes pernas moças;
ficarei cá no baixo. Quando do alto
me enxergardes menor ainda que um corvo,
refleti que é o lugar que, muitas vezes,
nos diminui ou exalta. Então lembrai-vos
de quanto vos contei, de cortes, príncipes,
das intrigas da guerra e que serviço
não é tal, quando feito, mas apenas
quando reconhecido. Do que vemos
tiraremos vantagens, se soubermos
tirar as conclusões; pois, muitas vezes,
para nosso consolo, notaremos
que o escaravelho alado está mais firme
com seus élitros frágeis do que as águias
de possantes remígios. Nossa vida
tem mais nobreza do que a das pessoas
sujeitas a censuras; é mais rica
do que a de quantos só de peitas vivem;
é mais honrada do que a de quem passa
com vestidos de sedas roçagantes,
mas ainda não pagos. Cumprimentam-nos
muitas vezes os próprios que os enfeitam,
sem quitação poderem dar das contas.
Comparada com a nossa, não é vida.
Guidério · Falais por experiência; nós, contudo,
pobres seres sem asas, nunca voamos
a ponto de perder de vista o ninho,
nem conhecemos o ar que alhures sopra.
Talvez seja a melhor, mesmo, esta vida,
se merece tal nome a vida calma.
Mais doce é para vós, por conhecerdes
outra mais rude; em tudo é condizente
com vossa dura idade. No entretanto,
para nós é uma cela de ignorância,
é viajar sem jamais sair da cama
e estar preso por dívidas, sem nunca
poder transpor o limiar proibido.
Arvirago · De que iremos falar, quando chegarmos
à idade que ora tendes? Quando ouvirmos
em dezembro bater a chuva e os ventos,
de que modo passar as horas frias
na caverna gelada? Não teremos
visto nada; vivemos como feras;
nossa astúcia é tal qual a da raposa
no encalço de uma presa; belicosos
somos quais lobos, quando à caça vamos;
ir empós do que foge é nosso brio;
em coro transformamos a gaiola,
tal como livremente canta o pássaro
a prisão em que vive.
Belário · Que linguagem!
Se a usura das cidades conhecêsseis
tal como o que resulta dessa usura!
O artifício da corte, tão difícil
de abandonar, como de ser vivido;
o pináculo é queda, ou tão instável
que a queda e o medo de cair se igualam.
São as lidas da guerra só canseiras
que parecem buscar perigos grandes
sob o nome de glória que fenece
no esforço da procura e que, por vezes
epitáfio injurioso é quanto alcança
como recordação de um grande feito.
Não; para o bem, o mal é a recompensa;
pior, ainda: ante a censura é força
que nos curvemos. Jovens! Essa história
o mundo lê em mim. No corpo trago
a marca das espadas dos romanos;
minha fama era igual à dos melhores.
Cimbelino me amava; e quando o tema
da conversa era algum dos seus soldados,
meu nome estava perto, pois qual árvore

shakespearebrasileiro.org

era eu então, de galhos carregados.
Mas numa noite, apenas, a tormenta —
chamai-lhe ladroíce — pôs por terra
meus doces frutos todos; mais: as folhas,
e, despido, me expôs às intempéries.
GUIDÉRIO · Oh! Que favor instável!
BELÁRIO · Minha falta,
como vos disse já bastante vezes,
consistiu tão-somente em dois velhacos —
de juramentos falsos mais valiosos
do que minha honra pura — terem dito
a Cimbelino que eu me havia aliado
ao romano inimigo. Fui banido;
durante estes vinte anos esta rocha,
esta amplidão constituiu meu mundo,
onde vivi em liberdade honesta,
pagando ao céu mais dívidas piedosas
do que em todos os anos anteriores.
Mas subamos a encosta; esta linguagem
não é de caçadores. Quem primeiro
ferir a caça, o Rei será da festa;
os outros dois lhe servirão de criados,
sem que medo tenhamos do veneno
que nas cortes pomposas sempre existe.
Encontrar-me-eis no vale.

(Saem Guidério e Arvirago.)

Esconder é difícil as centelhas
da natureza. Ignoram os rapazes
que são filhos de reis, como nem sonha
Cimbelino que os dois estejam vivos.
Pensam que eu sou pai deles, e, conquanto
tenham sido educados na caverna
que os força a se curvarem, até os cimos
dos palácios lhes sobe o pensamento.
Nas situações mais simples e vulgares
lhes mostra a natureza o rumo em que hão de
caminhar como príncipes, em tudo
diferentes dos outros. Polidoro,
de Cimbelino e da Bretanha herdeiro,
a que o pai deu o nome de Guidério...
Por Jove! Sempre que eu, do meu banquinho
de três pés lhe relato minhas proezas
de guerreiro, com espírito exaltado
a história me interrompe. Se lhe falo:
"O inimigo caiu desta maneira;
o pé, assim, lhe pus sobre o pescoço..."
fica com os nervos tensos e com o gesto
reproduz meu relato. O irmão mais moço,
Cadval — seu nome antigo era Arvirago —
em posição igual, dá vida à história,
revelando ainda mais os sentimentos.
Atenção! Levantada foi a caça.
Oh Cimbelino!
Diz-me o céu e a consciência que tu foste
injusto ao me banires. Essa a causa
de eu ter, então, raptado teus dois filhos,
quando um, dois anos, o outro, três contava,
pensando em te privar da sucessão,
como me havias dos meus bens privado.
Serviste de ama aos dois, saudosa Eurífile;
como mãe te acatavam. Diariamente
teu túmulo eles honram. A mim próprio,
Belário — agora Morgan — em conta eles
me têm de pai. A caça já vem vindo.

(Sai.)

Ato III · Cena IV

Perto de Milford-Haven.
Entram Pisânio e Imogênia.

IMOGÊNIA · Quando apeamos, disseste que já estávamos
quase a chegar. Jamais teve desejos
minha mãe de me ver como eu agora.
Homem! Pisânio! Onde se encontra Póstumo?
Que se passa contigo, para estares
a olhar dessa maneira? Qual a causa
desse suspiro que do peito soltas?
O retrato de alguém nessa atitude
seria interpretado como a própria
perplexidade, embora não falasse.
Não assumas postura apavorada,
para que meus sentidos tão tranqüilos
tomados de loucura não se vejam.
Que aconteceu? Por que com olhar severo
me dás esse papel? Se for notícia
de verão, basta rires; se de inverno,
como estás continua. A letra é dele!
A Itália venenosa encontrou meios
de vencer meu marido; ele se encontra

shakespearebrasileiro.org

nalguma situação de grande risco.
Fala, homem; tua boca, porventura,
vai atenuar o horror que, lido, pode
ser fatal para mim.
Pisânio · Por favor, lede,
para em mim verdes a infeliz criatura
mais que todas pisadas pelo fado.
Imogênia *(Lê)* · "Tua senhora, Pisânio, procedeu
no meu leito como prostituta; as provas desse fato
sangram dentro de mim. Não falo movido apenas
por conjeturas, mas por provas tão fortes quanto
a vingança que almejo tomar. Pisânio, tens de
representar o meu papel, no caso de não estares
com a fidelidade conspurcada pelo hálito dela.
Deves matá-la com tuas próprias mãos; dar-te-ei em
Milford-Haven oportunidade para isso; a carta que
lhe fiz visa a esse fim. Se, lá chegado, te mostrares
receoso de desfechar golpe e de dar notícia certa do
acontecido, tornar-te-ás alcoviteiro de sua desonra e,
de igual modo, desleal com relação à minha pessoa."
Pisânio · Por que sacar da espada? Transpassada
pela carta já tem ela a garganta.
Não; é calúnia, cujo gume corta
muito mais do que o fio desta espada;
traz na língua o veneno mais ativo
do que os vermes do Nilo; monta os ventos
seu hálito pestífero, que os cantos
todos do mundo infecta; reis, rainhas,
cortes, virgens, matronas... até mesmo
no secreto do túmulo a calúnia
viperina penetra. Então, senhora?
Imogênia · Falsa a seu leito? Então, que é falsidade?
De vigília ficar, pensando nele?
Chorar todas as horas? Quando pode
mais do que o sono a natureza, tê-lo
de súbito cortado por terrível
pesadelo, em que o vejo e, angustiada,
despertar entre gritos... Ao seu leito
ser falsa será isso?
Pisânio · Pobre senhora!
Imogênia · Eu, falsa? Que o proclame
tua própria consciência. Iachimo, quando
de devasso o acusaste, parecias
um vilão consumado, mas agora
tua figura me parece boa.
Embelecou-o, decerto, alguma pega
da Itália, que por mãe tem a pintura.
Já estou velha; sou roupa fora de uso,
e por ser cara em demasia, para
ficar dependurada nas paredes,
forçoso é me rasgarem. Logo, façam-me
em pedacinhos! Oh! As juras
dos homens atraiçoam as mulheres.
Com tua queda, esposo, conseguiste
que as belas aparências sejam tidas
como máscaras, só, da hipocrisia,
de alhures transplantadas, mero engodo
para apanhar mulheres.
Pisânio · Um momento,
boa senhora.
Imogênia · Após o falso Enéias,
ouvidos, foram tidos como hipócritas
todos os homens bons, do mesmo modo
que o choro de si não pôs em descrédito
as lágrimas piedosas, despojando
da piedade a miséria verdadeira.
Do mesmo modo, Póstumo, cansaste
a destruição nos homens mais honestos:
os mais nobres e bons, como perjuros
serão tidos após tua grande queda.
Vamos, amigo; sê honesto: faze
como mandou teu amo. Quando o vires,
conta-lhe que obediente eu soube ser-lhe.
Eu própria arranco a espada. Vê! Com ela
fere este abrigo ingênuo de amor puro,
o coração transpassa-me. Não temas;
com exceção da dor, não contém nada.
Teu amo ali não se acha; outrora ele era
seu único tesouro. Vamos! Fere-o!
Faze o que te ordenou. Em melhor causa
podes ser corajoso, mas agora
covarde me pareces.
Pisânio · Fora, estúpido
instrumento de morte! Não me deixes
amaldiçoada a mão com o teu contacto.
Imogênia · É preciso que eu morra. Se esse golpe
não vier de tua mão, é que obediente
criado dele não és. A lei divina
tanto proíbe o suicídio, que, sem força,
me cai o braço. Vamos! Vamos! Podes
ferir-me o coração. Espera um pouco:
algo há em frente. Devagar! Não quero
defesa alguma. Como na bainha,
se enterre em mim a espada. Mas que é isto?

shakespearebrasileiro.org

Letras do fiel Leonato, transformadas
em heresia? Fora, corruptores
de minha fé! Não seguireis pesando-me
no coração. É assim que falsos mestres
enganam seus alunos. Mas se as vítimas
o acúleo da traição sentem no vivo,
mais sofre o enganador acerbas dores.
Tu, Póstumo, também, que me incitaste
a desobedecer ao Rei meu pai
e a desprezar as homenagens feitas
por fidalgos e príncipes, ainda hás de
perceber algum dia que tudo isso
não foi ação comum, senão mui rara,
causando-me tristeza o pensamento
de que, quando saciado te encontrares
daquela que hoje comes vorazmente,
muito minha lembrança há de pungir-te.
Vamos! A ovelha incita o carniceiro.
Onde está tua faca? És muito lento
na execução das ordens de teu amo,
quando eu também quero isso.

PISÂNIO · Oh nobre dama!
Desde que eu recebi essa incumbência,
não preguei olhos.

IMOGÊNIA · Se assim é, despacha-te
depressa e vai deitar-te.

PISÂNIO · Com vigílias,
primeiro, hei de perder a própria vista.

IMOGÊNIA ·
Por que, então, começaste e tantas milhas
a andar nos obrigaste inutilmente?
Por que viemos aqui, sem que aproveites
nosso esforço, a canseira dos cavalos
e o momento propício? Para a corte —
alvoroçada com a minha fuga —
não poderei voltar. Por que chegaste
até este ponto? Para largar o arco,
depois de assim te haveres posto em frente
da vítima escolhida?

PISÂNIO · Para poder, com isso, ganhar tempo
e a perder vir tão odioso emprego.
Excogitei um meio. Ouvi-me, cara
princesa, com paciência.

IMOGÊNIA · Fala, deixa
cansada a língua. O nome já me deram
de prostituta; não será possível
ferir-me a orelha golpe mais profundo,
que a sonda a esse não chega. Vamos; fala.

PISÂNIO · Pois bem, senhora; estava convencido
de que não voltaríeis.

IMOGÊNIA · É evidente,
pois me trouxeste aqui para matar-me.

PISÂNIO · Não é isso. Porém se eu for tão sábio
quanto honesto pareço, meu projeto
dará bom resultado. Não há dúvida
que meu amo foi vítima de embuste.
Algum vilão, algum vilão muito hábil
e único em seu mister, contra vós ambos
aplicou seus diabólicos processos.

IMOGÊNIA · Alguma cortesã de Roma.

PISÂNIO · Não,
por minha vida. Mandar-lhe-ei notícia
de que já não viveis, acompanhada
de algum sinal de sangue, pois tenho ordem
para assim proceder. Será sentida
vossa falta na corte, o que há de, certo,
confirmar o meu dito.

IMOGÊNIA · Mas, bom homem,
que farei durante isso? De que modo
viver? Onde ficar? Como alegria
vir a achar nesta vida, se estou morta
para o próprio marido?

PISÂNIO · Se retornar quiserdes para a corte...

IMOGÊNIA ·
Não; nem corte, nem pai, nem coisa alguma
desse estúpido nobre, desse simples
coisa nenhuma, Cloten, desse Cloten
cujas declarações são mais terríveis
para mim do que um cerco.

PISÂNIO · Se é impossível
na corte continuardes, na Bretanha
não podereis ficar.

IMOGÊNIA · Onde, então, homem?
O sol é da Bretanha? Por acaso
só na Bretanha é que faz dia e noite?
Nossa Bretanha é parte do volume
do mundo, não todo ele, um belo ninho
de cisne na lagoa. Podes crer-me:
não é só na Bretanha que se vive.

PISÂNIO · Muito me alegra ver que já pensastes
noutros lugares. Deve em Milford-Haven,
em pouco, estar o embaixador romano,
Lúcio. Pois bem: se acaso for possível
assumirdes feições mais adequadas
ao vosso escuro fado e disfarçardes
o que, patente, vos ocasionara

shakespearebrasileiro.org

tão-somente perigo, bela estrada
se vos depararia e de inefável
perspectiva, que possa, talvez mesmo,
vos levar até Póstumo, ou tão perto
dele que se seus atos não ficarem
visíveis, aos ouvidos a toda hora
vos chegarão notícias de como ele,
realmente, se comporta.
IMOGÊNIA · Oh! Se houver meio!
Embora a honra perigue, sem que possa
sucumbir na entrepresa, arrisco tudo.
PISÂNIO · Muito bem; eis o ponto. É necessário,
esquecendo já já que sois mulher,
a obediência trocardes pelo mando,
a tibieza e a doçura — as duas aias
da mulher, ou, melhor, a própria graça
feminina em pessoa — em petulante
coragem. Sede audaz no que disserdes,
rápida nas respostas, insolente,
de gênio tão briguento quanto a marta.
É até preciso não vos preocupardes
com o tesouro das faces, mas expô-las —
Oh duro coração! Mas é assim mesmo;
não há remédio — ao ávido contacto
do Titã que seus beijos malbarata,
sem mais cuidardes desses trabalhosos
e esquisitos enfeites com que Juno
tendes aborrecido.
IMOGÊNIA · Sê conciso;
percebo teu intento e já me sinto
quase mudada em homem.
PISÂNIO · É preciso,
primeiro, que tomeis deles a forma.
Prevendo isso, já trouxe em meu alforje
um casaco, calções, chapéu e quanto
o exige a circunstância. Assim vestida
e assumindo a aparência de um mancebo
de traços delicados, à presença
do nobre Lúcio ireis, para pedir-lhe
que vos tome a serviço, declarando-lhe
o que sabeis fazer, coisa, decerto,
mui fácil para vós, se ele insensível
não for de todo à música. Sem dúvida
vos há de receber com alegria
por ser pessoa honrada e, sobretudo,
em extremo piedosa. Quanto aos meios
de subsistência, disporeis de tudo
quanto possuo. Sou bastante rico
para não vos faltar na hora presente,
nem deixar de prover-vos no futuro.
IMOGÊNIA · Constituis para mim todo o consolo
que os deuses me deixaram. Parte logo.
Ainda falta pensar em muita coisa,
mas agirei conforme as circunstâncias.
Entro como soldado nesta empresa,
com coragem de príncipe. Vai logo!
PISÂNIO · Neste ponto, princesa, despeçamo-nos
sem mais delongas, para que não seja
sentida minha ausência nem se aventem
suspeitas de que eu fui cúmplice nisto.
Minha nobre senhora, há nesta caixa
que a Rainha me deu algo precioso.
Se enjoardes no mar, ou se sofrerdes
fraqueza em terra, algumas gotas bastam
para vos refazer em pouco tempo.
Acolhei-vos à sombra e revesti-vos
da força masculina. Que vos guiem
os deuses em ludo isso.
IMOGÊNIA · Amém; adeus.

(Saem.)

Ato III · Cena V

Um quarto no palácio de Cimbelino.
Entram Cimbelino, a Rainha, Cloten, Lúcio, nobres e pessoas do séquito.

CIMBELINO · Até aqui. Passai bem.
LÚCIO · Muito obrigado,
poderoso senhor. Recebi cartas
do meu imperador; é necessário
partir. Muito me pesa ser forçado
a vos considerar como inimigo
do meu majestoso amo.
CIMBELINO · Nossos súditos,
senhor, jamais suportarão seu jugo.
Se menos ciosos que eles nos mostrássemos
de nossa autonomia, parecêramos,
por força, pouco real.

shakespearebrasileiro.org

LÚCIO · Só desejara
que condução por terra me arranjásseis
para ir a Milford-Haven. A vós, Rainha,
caibam por sorte todas as venturas.
RAINHA · A vós também.
CIMBELINO · Nomeio-vos, senhores,
para levar a cabo essa incumbência.
Não deveis descurar de coisa alguma.
Nobre Lúcio, até a vista.
LÚCIO · A mão, meu príncipe.
CLOTEN · Dou-vo-la como amigo; de ora em diante,
porém, como inimigo hei de empregá-la.
LÚCIO · Senhor, os fatos é que irão dizer-nos
de quem será a vitória. Passai bem.
CIMBELINO · Antes de haver o digno Lúcio o rio
Severne, atravessado, caros nobres,
permanecei com ele. Mil venturas.

(Saem Lúcio e os nobres.)

RAINHA · Vai de cenho fechado; mas é honroso
que lhe tenhamos sido causa disso.
CLOTEN · Tanto melhor; vossos bretões valentes
isso mesmo queriam.
CIMBELINO · Não faz muito,
ao seu imperador escreveu Lúcio
sobre o que aqui passava. É mais que tempo
de prepararmos nossos fortes carros
de guerra e os cavaleiros. Não demora,
e os exércitos que ele tem na Gália
serão movimentados. Desse ponto
fará guerra à Bretanha.
RAINHA · Não podemos
dormir sobre este caso, sendo urgente
tomarmos decisão rápida e enérgica.
CIMBELINO · Por já termos previsto esse desfecho,
tomamos precauções. Mas onde se acha,
minha gentil Rainha, nossa filha?
Não quis aparecer ante o romano,
nem nos prestou a obrigação diária.
Parece ser composta só de astúcia,
sem noção do dever: é o que notamos.
Ide chamá-la; fomos até agora
em excesso pacientes.

(Sai um dos criados.)

RAINHA · Desde o exílio
de Póstumo tem tido vida à parte.
Para esse mal, senhor, só mesmo o tempo.
Peço, por isso, instante, a Vossa Graça
não ser duro com ela, pois sensível
de tal modo é a censura, que as palavras
a pancada equivalem, sendo golpe
mortal cada pancada.

(Volta o criado.)

CIMBELINO · Então, senhor,
onde está ela? Como justifica
tamanha teimosia?
CRIADO · Desculpai-me,
senhor; o quarto dela está fechado;
não respondem, por mais que aí batamos.
RAINHA · Senhor, ao visitá-lo ultimamente,
apresentou-me escusas pelo modo
retraído da vida que levava.
Seus incômodos, disse-me, a impediam
de este dever cumprir para convosco.
Eu já devera ter-vos dado conta
do que ela me pedira, mas a azáfama
da corte me deixou fraca a memória.
CIMBELINO · Fechado o quarto dela? Ultimamente
ninguém a viu! Prouvera ao céu que seja
falso quanto suspeito.

(Sai.)

RAINHA · Filho, segue-o.
CLOTEN · Há dois dias, também, não tenho visto
Pisânio, o criado dela.
RAINHA · Vai; procura-o.

(Sai Cloten.)

Pisânio, tu, que és tão ligado a Póstumo...
Ele tem minha droga. Só o que peço
é que seja sua ausência motivada
por ter provado dela, pois presume
que se trata de um líquido precioso.
Quanto a ela, onde estará? Talvez se tenha
entregue ao desespero, ou então nas asas
do fervoroso amor terá fugido
para junto do seu querido Póstumo.
Se não estiver morta, está sem honra.
De qualquer jeito, tirarei proveito;
pois, uma vez sem vida, ou, viva e à toa,
dos bretões usarei logo a coroa.

(Volta Cloten.)

Então, meu filho?
CLOTEN · É certo ter fugido.
Ide acalmar o Rei; está furioso;
ninguém ousa acercar-se-lhe.
RAINHA *(à parte)* · Vai tudo
pelo melhor. Quem dera que esta noite
o impedisse de ver o dia próximo!

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

CLOTEN · Amo-a e odeio-a, por ser fidalga e bela,
por ser ornada dos mais raros dotes
de uma senhora, das mulheres todas.
De todas ela tem a melhor parte;
desta arte sendo feita, deixa longe
qualquer outra mulher; por isso a adoro.
Porém o desdenhar-me e ao baixo Póstumo
mostrar dedicação, de tal maneira
lhe macula o conceito, que o precioso
que nela se acha acaba asfixiando-se.
Aqui concluo que ódio lhe dedico,
ou melhor, que me quero vingar dela,
pois quando os tolos...

(Entra Pisânio.)

Quem vem lá? Que é isso?
Conspiração, velhaco? Aproximai-vos,
precioso alcoviteiro. Vinde, biltre:
para onde foi tua ama? Quero pronta
resposta; do contrário, sem demora
te enviarei para as legiões do inferno.
PISÂNIO · Meu bom senhor!
CLOTEN · Tua ama onde se encontra?
Não torno a perguntar. Velhaco sonso,
solta do coração esse segredo,
ou o coração te parto para achá-lo.
Está ela com Póstumo, de cujo
quintal de grosseria uma só dracma
de valor extrair não é possível?
PISÂNIO · Ah, meu senhor! Como é possível isso?
Quando partiu? Em Roma ele se encontra.
CLOTEN · Senhor, onde está ela? Aproximai-vos.
Basta de hesitações; dize-me logo
para onde foi.
PISÂNIO · Oh muito digno lorde!
CLOTEN · Oh muito digno biltre! Sem demora
revela o paradeiro de tua ama.
Numa palavra. Nada de "milordes"
e "muito digno". Fala, ou teu silêncio
será já já tua sentença e a morte.
PISÂNIO · Então, senhor, neste papel se encerra
quanto eu sei com respeito à sua fuga.

(Entrega-lhe uma carta.)

CLOTEN · Vou vê-la. Hei de segui-la, embora se ache
junto ao trono de Augusto.
PISÂNIO *(à parte)* · Se a não desse,
eu viria a morrer. Bastante longe
a esta hora já se encontra. Da leitura
poderá resultar para ele viagem,
não perigo para ela.
CLOTEN · Hum!
PISÂNIO *(à parte)* · Vou mandar-lhe
notícia de que é morta. Oh Imogênia!
Possas viajar sem risco e voltar breve!
CLOTEN · Esta carta é verídica, velhaco?
PISÂNIO · Penso que sim, senhor.
CLOTEN · Queres servir-me? Uma vez que te apega-
te com paciência e constância à sovada fortuna
do mendigo Póstumo, não poderás deixar de ser,
segundo as regras da gratidão, um diligente seguidor
da minha. Queres servir-me?
PISÂNIO · Quero, sim senhor.
CLOTEN · Dá-me a mão; fica com minha bolsa. Não
terás, acaso, contigo, nenhum fato de teu antigo
patrão?
PISÂNIO · Em meus aposentos, milorde, tendo
precisamente o fato que ele usava, quando se
despediu de minha senhora e ama.
CLOTEN · O primeiro serviço que me vais prestar
consistirá em me trazeres esse fato. Que seja esse teu
primeiro serviço. Vai.
PISÂNIO · Pois não, milorde.

(Sai.)

CLOTEN · Encontrar-te em Milford-Haven! —
Esqueci-me de perguntar-lhe uma coisa; mas hei
de lembrar-me logo. — É lá que hei de matar-te,
miserável Póstumo. Desejara que esse fato já
estivesse aqui. Certa vez ela disse — e ainda vomito
do coração o amargor dessas palavras — que tinha
em maior consideração uma roupa de Póstumo do
que a minha nobre e natural pessoal e o adorno de
minhas qualidades. Vou violá-la com aquela roupa.
Primeiro hei de matá-lo à vista dela, para que ela
admire o meu valor; nisso consistirá o castigo do
seu orgulho. Uma vez por terra e concluído o meu
discurso insultuoso sobre o cadáver, e após haver
saciado minha luxúria — o que, como já disse, só
para aborrecê-la porei em prática com as vestes que
ela tanto apreciava — hei de tocá-la a pescoções para
a corte, mandá-la-ei para casa a pontapés. Ela sentia
prazer em zombar de mim; pois eu hei de me alegrar
com a minha vingança.

(Volta Pisânio com a roupa.)

É esse o fato?
PISÂNIO · Sim, meu nobre senhor.

shakespearebrasileiro.org

CLOTEN · Desde quando ela se encontra em Milford-Haven?
PISÂNIO · Mal poderá ter chegado lá.
CLOTEN · Leva esta roupa para o meu quarto; é o segundo serviço que exijo de ti. O terceiro consistirá em te tornares mudo voluntário no que respeita aos meus intentos. Mostra-te serviçal, que não deixará de ir ao teu encontro a verdadeira recompensa. Minha vingança se encontra presentemente em Milford; ah! se eu fosse dotado de asas, para ir no encalço dela! Vem e sê-me fiel.

(Sai.)

PISÂNIO · Aconselhas-me mal; pois ser-te fiel,
com Póstumo é fazer ruim papel.
Vai a Milford; porém que não consigas
Imogênia prender nessas intrigas.
Céu, amparei-a! A pressa deste idiota
obstáculos encontre em toda a rota.

(Sai.)

Ato III · Cena VI

País de Gales. Diante da caverna de Belário. Entra Imogênia, vestida de pajem.

IMOGÊNIA · Vejo quanto é penosa a vida humana.
Estou cansada; nestas duas noites
do chão duro fiz cama; adoeceria,
se não fosse ter força de vontade,
Milford, quando do cimo da montanha
Pisânio me mostrava onde te achavas,
parecias estar perto da vista.
Oh Júpiter, os muros fogem sempre
diante dos miseráveis, digo, os muros
que de abrigo servissem. Dois mendigos
me disseram que errar era impossível
o caminho de Milford. Dá-se o caso
de mentir gente pobre, conhecendo
que há julgamento e pena? Que há de estranho,
se os ricos raramente falam certo?
Mentir na saciedade é mais mesquinho
do que na extrema inópia. A falsidade
muito pior é nos reis do que nos pobres.
Caro esposo, tu és um desses pérfidos.
Quando em ti penso, esqueço-me da fome,
embora há pouco eu me encontrasse a ponto
de morrer de fraqueza. Mas, que é isto?
Vejo um caminho; é algum pouso selvagem.
É melhor não bater; falta-me o ousio;
mas, antes de a vencer completamente,
a fome faz a natureza impor-se
por sua valentia. A plenitude
e a paz fazem cobardes, sendo sempre
geradora do brio a adversidade.
Olá! Há gente aqui? Se for criatura
civilizada, fale; se selvagem,
é pegar ou largar. Ninguém responde?
Então resolvo entrar; mas, antes disso,
a espada sacarei. Se o meu imigo
sentir medo, como eu, ante uma espada,
nem olharia para esta. Dá-me, oh céu,
um inimigo assim!

(Entra na caverna.)

(Entram Belário, Guidério e Arvirago.)

BELÁRIO · Polidoro, provastes ser de todos
o mateiro mais hábil; ficais sendo,
pois, o senhor da festa. Cadval e eu
seremos o criado e o cozinheiro;
ficou isto firmado em nosso pacto.
Perdido fora todo o esforço, caso
carecesse de fim. Nosso apetite
fará que bem nos saiba o almoço rude.
Ronca o cansaço em cima de uma pedra,
enquanto acha a indolência insuportável
o melhor travesseiro. Que a paz reine
em nossa casa, guarda de si própria.
GUIDÉRIO · Eu, de fadiga
me sinto fraco, mas com muita fome.
ARVIRAGO · Temos comida fria na caverna;
vamos nos entreter com isso, enquanto
preparamos a caça.
BELÁRIO *(olhando para o interior da caverna.)*.
Alto! Detende-vos!
Se não o visse a comer do que ali temos,
diria que era um elfo.
GUIDÉRIO · Que há, senhor?
BELÁRIO · Por Júpiter, um anjo! Ou, quando nada,

shakespearebrasileiro.org

maravilha terrena. Vede: a própria
divindade com traços de um mancebo.
(Volta Imogênia.)
IMOGÊNIA · Oh! Não me maltrateis, meus bons senhores.
Chamei antes de entrar e tencionava
comprar quanto tirei, se não mo désseis.
Não roubei nada, posso assegurar-vos,
nem jamais o faria, embora houvesse
achado ouro no chão. Dinheiro dou-vos
por quanto consumi, sendo que eu tinha
a intenção de deixá-lo sobre a mesa
depois de satisfeito e retirar-me
rezando pelo bem-estar do dono.
GUIDÉRIO · Dinheiro, jovem?
ARVIRAGO · Possa transformar-se
todo o ouro universal e a prata em lama,
que é quanto valem, salvo para quantos
adoram deuses anjos.
IMOGÊNIA · Irritei-vos,
vejo-o bem. Mas se a morte ora me derdes
por este feio crime, ficai certos
de que eu teria perecido, caso
não o tivesse feito.
BELÁRIO · E o teu destino?
IMOGÊNIA · Vou para Milford-Haven.
BELÁRIO · Qual teu nome?
IMOGÊNIA · Fidélio, meu senhor. Tenho um parente
que embarca para a Itália em Milford-Haven.
Ia à sua procura; mas de fome
transpassada, incorri neste delito.
BELÁRIO · Belo mancebo, não nos julgues rústicos
nem meças nossos caracteres pela
rudeza do lugar em que vivemos.
Sê bem-vindo. Não tarda a ficar noite.
Antes de ires terá melhor repasto;
gratos te ficaremos se quiseres
dele participar. Dai-lhe, rapazes,
as boas-vindas.
GUIDÉRIO · Se uma jovem fôsseis,
tudo e tudo eu faria porque noivos
pudéssemos ficar. Sinceramente,
se fosse vos comprar, fora esse o preço.
ARVIRAGO · O ser ele homem me deixou contente;
como a irmão hei de amá-lo; seja vosso
o acolhimento que eu daria aquele,
depois de longa ausência. Sois bem-vindo;
alegrai-vos; caístes entre amigos.
IMOGÊNIA · Entre amigos. *(À parte.)* Irmãos? Quem dera, mesmo,
que fôssemos irmãos e um pai tivéssemos.
Baixaria meu preço e eu pesaria
como tu, caro Póstumo.
BELÁRIO · Decerto
domina-o qualquer dor.
GUIDÉRIO · Se eu lhe pudesse
ministrar lenitivo!
ARVIRAGO · Ou eu, embora
corresse riscos ou canseiras. Deuses!
BELÁRIO · Rapazes, escutai.
(Fala-lhes ao ouvido.)
IMOGÊNIA · Os poderosos
que morassem em cortes não maiores
do que esta gruta rude e se servissem
por suas próprias mãos, em tudo guiados
pela consciência, sem ouvidos darem
à voz da multidão sempre volúvel,
não venceriam estes dois meninos.
Deuses, perdoai-me, por eu ter mudado
de sexo, para ser-lhes companheiro,
já que Leonato é infiel.
BELÁRIO · Será assim mesmo.
Rapazes, preparemos nossa caça.
Entrai, formoso jovem; não falamos
alegres em jejum. Depois da sopa,
com toda a discrição desejaremos
saber de tua vida o que julgares
conveniente contar-nos.
GUIDÉRIO · Por obséquio,
passai na frente.
ARVIRAGO · Não é tão bem-vindo
o dia à cotovia e a noite ao bufo.
IMOGÊNIA · Obrigado, senhor.
ARVIRAGO · Entrai primeiro.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena VII

Roma. Uma praça pública.
Entram dois senadores e tribunos.

PRIMEIRO SENADOR ·
É este o teor do imperial edito:
uma vez que os comuns em guerra se acham
contra os panônios e os dalmácios, sendo
por demais fracas as legiões da Gália
para os bretões se oporem, revoltados
recentemente, é força que a nobreza
seja empregada nisso. Foi nomeado
Lúcio procônsul. Quanto a vós, tribunos,
plenos poderes vos delega, para
fazerdes essa leva. Viva César!

PRIMEIRO TRIBUNO ·
É Lúcio general das nossas forças?
SEGUNDO SENADOR ·
Justamente.
PRIMEIRO TRIBUNO · E na Gália ora se encontra?
PRIMEIRO SENADOR ·
Com as legiões de que vos dei notícia,
que deverão ser completadas pelas
tropas ao vosso encargo. O real edito
especifica, ainda, o tempo certo
para vosso despacho e os efetivos
que tereis de arranjar entre a nobreza.
PRIMEIRO TRIBUNO ·
Nosso dever será cumprido à risca.

(Saem.)

Ato IV · Cena I

País de Gales. A floresta próxima da caverna de Belário.
Entra Cloten.

CLOTEN · Já estou perto do ponto em que eles se deviam encontrar, se Pisânio foi veraz em suas indicações. Como se ajeita bem em mim a roupa dele! Por que motivo não se me ajeita do mesmo modo a sua amada, que foi feita por quem fez o seu alfaiate? Tanto mais que se costuma dizer — com licença da expressão — que a mulher se ajeita com quem sabe o jeito de apanhá-las. Vou pôr-me em campo. Devo confessar a mim próprio — sim, porque não constitui fatuidade conversarmos com o espelho, quando estamos sozinhos no quarto — que tenho as linhas do corpo tão bem traçadas quanto as dele; sou moço quanto ele, mais vigoroso e não menos afortunado; ultrapasso-o no que respeita aos dotes da natureza, sou de nascimento superior, igualmente capaz nos serviços da guerra e mais distinguido, até, no combate singular. No entanto aquela cabeçuda lhe dá a preferência. Que é a vida? Dentro de uma hora, Póstumo rolará por terra a cabeça que tens sobre os ombros, a tua amada será violada e tuas vestes serão rasgadas diante de teus próprios olhos. Feito isso, toco-a a pontapés para casa do pai, que não deixará de se mostrar agastado com o meu procedimento um tanto rude. Mas minha mãe sabe o jeito de contornar as suas rabugices e acabará acomodando as coisas. Deixei o cavalo em lugar seguro. Vem para fora, espada! Chegou a hora do trabalho cruel. Fortuna, faze que eles me venham ter às mãos! É este, precisamente, o lugar combinado para o encontro; aquele tipo não ousaria dar-me informações menos verdadeiras. *(Sai.)*

Ato IV · Cena II

Diante da caverna de Belário.
Saem da caverna Belário, Guidério, Arvirago e Imogênia.

BELÁRIO *(a Imogênia)* ·
Se não vos sentis bem, ficai em casa;
depois da caça voltaremos todos.

ARVIRAGO *(a Imogênia)* ·
Irmão, ficai. Acaso irmãos não somos?
IMOGÊNIA · Todos os homens, digo-o sem maldade;
mas a argila difere em dignidade:
muito embora de poeira sejam todos.
Sinto-me muito doente.

shakespearebrasileiro.org

Guidério · Ide caçar,
que eu ficarei em companhia dele.
Imogênia · Não, não estou tão doente, embora sinta
certa indisposição; mas não sou desses
cidadãos tão mimosos que se julgam
mortos, ou quase, antes de estarem doentes.
Fazei vosso passeio costumeiro;
um hábito alterar, é alterar tudo.
Estou doente, é certo; mas de nada
me servirá ficardes; de consolo
não serve a companhia de outros homens,
quando se é insociável. Muito doente
não me encontro, pois posso falar nisso.
Deixai-me aqui ficar. Se eu roubar algo,
só será a mim mesma, e caso eu venha
a morrer, não se perde grande coisa.
Guidério · Já declarei que te amo e ora acrescento
que esse meu sentimento é tão profundo
quanto ao que ao pai dedico.
Belário · Como! Como!
Arvirago · Se for pecado assim falar, senhor,
à pena me submeto do pecado
do meu bondoso irmão. Ignoro a causa
por que ele ama este jovem. Mas recordo-me
de vos ouvir dizer algumas vezes
que os motivos do amor não têm motivo.
Ponde um esquife à porta e perguntai-me
quem deverá morrer, que eu vos respondo:
"Meu pai, não este moço".
Belário *(à parte)* · Oh nobre rasgo!
Oh natureza digna! Insigne raça!
Os covardes descendem de covardes;
a seres vis só seres vis engendram;
farinha e palha tem a natureza,
a rude contumácia e a singeleza.
Pai deles eu não sou; mas não concebo
que tenham mais amor a este mancebo.
Já são nove horas.
Arvirago · Caro irmão, adeus.
Imogênia · Boa sorte na caça.
Arvirago · A vós, saúde.
Senhor, estamos prontos.
Imogênia *(à parte)* · Que criaturas
amáveis! Deuses, que de falsidades
me contaram! Diziam-me na corte
que, fora dela, tudo era selvagem.
Experiência, outro quadro nos revelas.
Os mares imperiais geram só monstros;
seus pobres tributários, no entretanto,
para a mesa fornecem gratos peixes.
Ainda me sinto doente; sofro aperto
no coração. Pisânio, eis o momento
de provar teu remédio.

(Toma um gole do remédio.)

Guidério · Pouca coisa
me disse a seu respeito: que era nobre,
mas infeliz; com desonestidade
perseguido, contudo honesto e sério.
Arvirago · A mim também falou dessa maneira,
acrescentando que com o tempo havia
de me contar mais coisas.
Belário · Para a caça!
Para a floresta! *(A Imogênia.)* Por alguns momentos
vos deixaremos só. Ide deitar-vos.
Arvirago · Não adoeçais; sereis nosso intendente.
Imogênia · Doente ou bom, a vós me sinto preso.
Belário · E assim ficareis sempre.

(Sai Imogênia.)

Esse mancebo,
conquanto sofra muito, inculca nobres
antepassados.
Arvirago · Canta como um anjo!
Guidério · Como cozinha bem! Corta as raízes
em feitio de letras. Suas sopas
fazem pensar que Juno esteja doente
e ele seja o enfermeiro.
Arvirago · Com que graça
um sorriso combina com um suspiro,
como se este assim fosse, simplesmente
por não ser tal sorriso, ao mesmo tempo
que zomba do suspiro aquele riso,
por escapar de um templo tão divino,
para se misturar com os ventos bravos
que aos marujos insultam.
Guidério · Noto nele
sofrimento e paciência, com raízes
muito fundas e fibras enlaçadas.
Paciência, cresce, para que o nojento
sabugueiro, o sofrer, sem vida seja
e a vida aumente à vinha benfazeja.
Belário · O dia avança. Vamos. Quem é esse?

(Entra Cloten.)

Cloten · Não acho aqueles vagabundos. Certo
zombou de mim o biltre. Estou sem forças.

shakespearebrasileiro.org

BELÁRIO · "Aqueles vagabundos!" Por acaso
não se refere a nós? Conheço-o; é Cloten,
o filho da Rainha. Temo alguma
cilada. Há muitos anos que o não vejo,
mas sei que é ele mesmo. Estamos sendo
perseguidos. Partamos.
GUIDÉRIO · Está só.
Vós e o mano ide ver se traz mais gente.
Deixai-me só com ele, por obséquio.
(Saem Belário e Arvirago.)
CLOTEN · Parai! Quem sois, para de mim fugirdes?
Certamente velhacos montanheses.
Já ouvi falar de vós. Que escravo és tu?
GUIDÉRIO · Nunca fui tão escravo como agora,
quando ao "escravo" sem bater respondo.
CLOTEN · És um ladrão, um desertor, um biltre.
Entrega-te, vilão.
GUIDÉRIO · Eu, entregar-me?
A quem? A ti? Quem és? Braços não tenho
tão longos quanto os teus? Coração forte?
Concedo que tens boca mais valente,
porque na língua a espada não conduzo.
Quem és, para mandares que eu me renda?
CLOTEN · Biltre, não me conhece pela roupa?
GUIDÉRIO · Nem o alfaiate, teu avô, idiota,
que te fez essa roupa e, a qual, parece,
por seu turno te fez.
CLOTEN · Não, não foi feita
pelo meu alfaiate, impertinente
lacaio.
GUIDÉRIO · Então despacha-te, e agradece
a quem te presenteou. És um cretino;
repugna-me bater-te.
CLOTEN · Sem-vergonha,
bandoleiro, meu nome escuta e treme.
GUIDÉRIO · Como te chamas?
CLOTEN · Cloten, coisa à-toa.
GUIDÉRIO · Seja Cloten teu nome, vilão duplo,
que não me faz tremer. Serpente, Sapo
ou Víbora, talvez me abalariam.
CLOTEN · Para que maior medo a sentir venhas
e a confusão te aumente, sabe agora
que eu nasci da Rainha.
GUIDÉRIO · Muita pena
me causa essa notícia; não pareces
da altura do teu leito.
CLOTEN · Não tens medo?
GUIDÉRIO · Medo me inspira o que eu respeito: o sábio.
Dos tolos não receio; deles rio-me.
CLOTEN ·
Recebe a morte. Quando eu te houver morto
por minhas próprias mãos, irei no encalço
dos que fugiram, para que as cabeças
sobre as portas de Lud vos pendure.
Selvagem montanhês, rende-te logo.
(Saem combatendo.)
(Voltam Belário e Arvirago.)
BELÁRIO · Não há ninguém por perto.
ARVIRAGO · Nem viva alma;
houve engano, senhor.
BELÁRIO · Não sei dizê-la.
Há muito que o não via; mas o tempo
não lhe atenuou os traços fisionômicos.
Essa maneira de falar aos socos,
por explosões... A voz era de Cloten.
Tenho certeza: era ele.
ARVIRAGO · Aqui o deixamos.
Tenho esperanças de que o mano lhe haja
dado um bom corretivo, pois dissestes
que ele é um mau sujeito.
BELÁRIO · Quando ainda
homem feito não era, não mostrava
do rugir do terror nenhum receio.
A carência de juízo, muitas vezes,
gera valentes. Teu irmão vem vindo.
(Volta Guidério, com a cabeça de Cloten.)
GUIDÉRIO · Grande tolo esse Cloten, uma bolsa
vazia e sem dinheiro. Nem mesmo Hércules
conseguiria lhe arrancar o cérebro,
que era o que ele não tinha. Se eu deixasse
de fazer o que fiz, traria o biltre
minha cabeça como trago a dele
neste momento.
BELÁRIO · Que fizeste?
GUIDÉRIO · Sei
muito bem o que fiz: era um tal Cloten,
nascido da Rainha, a darmos crédito
às suas próprias palavras. Insultou-me
de traidor, montanhês, tendo jurado
tirar-nos as cabeças de onde — graças
sejam dadas aos deuses! — elas se acham,
e levá-las a Lud.
BELÁRIO · Estamos mortos.
GUIDÉRIO · Que temos a perder, meu digno pai,
afora o que ele ameaçou tomar-nos:
nossas vidas? A lei não nos ampara.

shakespearebrasileiro.org

Por que, então, consentir que nos insulte
um pedaço de carne tão grosseira
que o papel se arrogava, ao mesmo tempo,
de juiz e de carrasco? Por temermos
a lei? Alguém foi visto aqui por perto?
BELÁRIO · Nem viva alma se pode ver em torno;
mas o bom raciocínio indica que ele
não deve estar sozinho. Muito embora
fosse de humor variável, só passando
de uma ação má para outra mais grosseira,
acreditar não posso que a loucura
absoluta, a estultícia que lhe é própria
o houvesse feito delirar a ponto
de chegar até aqui sem uma escolta.
É possível, no entanto, que a notícia
chegasse à corte de que nós vivíamos
nesta caverna, como caçadores
anteriormente livres, sendo muito
de temer que com o tempo encabecemos
qualquer revolta séria. Tendo ouvido
Cloten essa notícia, partiu logo —
é muito dele o gesto — prometendo-se
que nos apanharia. Mas não creio
que tenha vindo só; nem o ousaria,
nem os seus o teriam permitido.
É bem fundamentado o nosso medo
de que este corpo tenha mais temível
cauda do que cabeça.
ARVIRAGO · Que disponham
os deuses o que for do agrado deles.
Venha o que vier, o mano agiu direito.
BELÁRIO · Não tenho hoje vontade de ir à caça;
a doença de Fidélio me faria
muito longo o caminho.
GUIDÉRIO · Com a espada
com que ele pretendia degolar-me,
privei-o da cabeça. Vou jogá-la
na torrente que passa atrás da rocha;
vá para o mar e conte aos peixes que ele
era Cloten, o filho da Rainha.
Não me faz mossa alguma.

(Sai.)

BELÁRIO · Tenho muito
receio de que o vinguem. Desejara,
Polidoro, que houvesses procedido
por outro modo, muito embora te orne
tanto brio nativo.

ARVIRAGO · Quem me dera
ter feito aquilo! Assim, alvo tornara-me
único da vingança. Polidoro,
amo-te como irmão, mas te censuro
por me teres privado deste feito.
Desejo agora que a buscar nos venha
quando se opor costuma à força humana,
para nos obrigar a uma resposta.
BELÁRIO · Bem; já está feito. A caça de hoje, foi-se.
Volta para a caverna; juntamente
com Fidélio farás de cozinheiro.
À espera ficarei de Polidoro,
daquele arrebatado, para cearmos.
ARVIRAGO · Pobre Fidélio! Muito de boamente
vou procurá-lo. Para lhe dar cores
faria correr sangue de uma aldeia
composta só de Clotens, sem poupar-me
elogios por tanta caridade.

(Sai.)

BELÁRIO · Oh natureza divinal! Oh deusa!
Como tu própria te revelas grande
nestes dois jovens príncipes! São brandos
como Zéfiro, quando, de mansinho,
passa pelas violetas, sem que a meiga
corola lhes agite; mas tão áspero,
se o sangue real revolto se lhes torna,
como o vento raivoso que segura
pela copa o pinheiro das montanhas
e a dobra para o vale. É prodigioso
que um instinto invisível os dotasse
de realeza espontânea, sem cultivo,
de honra não ensinada, de civismo
não imitado de ninguém, bravura
que neles cresce sem nenhum amanho,
mas dá colheita como se tivesse
sido semeada a tempo. Mas é estranho
que Cloten tenha aparecido. Ignoro
a razão de sua vinda e o que sua morte
poderá nos causar.

(Volta Guidério.)

GUIDÉRIO · Onde está o mano?
Enviei de embaixador à mãe de Cloten,
rio abaixo, a cabeça desse alarve.
Como penhor da volta o corpo fica.

(Ouve-se música solene.)

BELÁRIO ·
O instrumento engenhoso! Está soando,

shakespearebrasileiro.org

Polidoro! Atenção! Mas que motivo
teve Cadval para tocá-lo agora?
GUIDÉRIO · Ele foi para casa?
BELÁRIO · Neste instante.
GUIDÉRIO · Que será? Desde a morte de mãezinha
não voltou a soar. Ações solenes
coisas solenes por igual inculcam.
Triunfo por nada e choro feminino
riso é de mono e pena de menino.
Cadval estará louco?
(Volta Arvirago, carregando Imogênia, como morta.)
BELÁRIO · Ei-lo que chega,
nos braços carregando a triste causa
da censura infundada.
ARVIRAGO · Morto encontra-se
o passarinho que nós tanto amávamos!
Preferia saltar de dezesseis
anos para sessenta e a agilidade
barganhar por muletas a ver isto.
GUIDÉRIO · Oh meigo e lindo lírio! Carregado
pelo mano não és metade belo
do que eras quando andavas por ti próprio.
BELÁRIO · Melancolia, quem sondar te pode,
tocar no lodo e te mostrar a margem
em que tua barquinha preguiçosa
fácil fora ancorar? Oh ser bendito!
Júpiter sabe que homem tu darias.
Mas eu sei bem, criança incomparável,
que morreste de dor. Como o encontraste?
ARVIRAGO · Rígido, como vedes, com um sorriso
como se houvesse sido pelo dardo
de um mosquito afagado, não da morte,
no travesseiro reclinada a face.
GUIDÉRIO · Onde?
ARVIRAGO · No chão; os braços entrançados
deste modo. Julguei, primeiramente,
que estivesse a dormir; tirei, por isso,
os sapatos de sola cravejada,
que os passos me deixaram muito rudes.
GUIDÉRIO · Mas ele dorme, simplesmente. Caso
tenha morrido, vai servir-lhe o túmulo
de leito freqüentado só por fadas.
Perto de ti não chegarão os vermes.
ARVIRAGO · Enquanto for outono e eu tiver vida,
caro Fidélio, a triste sepultura
te enfeitarei com as flores mais graciosas.
Jamais te faltarão pálidas prímulas,
que tuas faces lembram, nem jacintos
azulados, da cor que tens nas veias,
nem pétalas de rosas que em perfume
o hálito não te vencem, seja dito
sem ofensa. Com brio caridoso
te trará isso tudo o pintarroxo,
para maior vergonha dos herdeiros
tornados opulentos de repente
que os pais deixam jazer sem monumento.
Depois, quando a estação passar das flores,
no inverno, o musgo o corpo há de enfeitar-te.
GUIDÉRIO · É o bastante; não jogues com palavras
de mulher em assunto de tal monta.
Tratemos de inumá-lo, sem que nossa
admiração retarde o pagamento
de nossa justa dívida.
ARVIRAGO · E onde havemos
de dar-lhe sepultura?
GUIDÉRIO · Ao lado, é claro,
de nossa mãe, de nossa boa Eurífile.
ARVIRAGO · Que seja assim. E agora, Polidoro,
conquanto nossa voz tenha adquirido
tonalidade grave, o canto fúnebre
teremos de cantar como o fizemos
quando enterramos nossa mãe saudosa.
Serão as mesmas notas; as palavras
não mudarão, também, com a diferença
de dizermos Fidélio em vez de Eurífile.
GUIDÉRIO · Cadval, cantar não posso; choraria,
se quisesse seguir-te nesse empenho,
e nênias desentoadas são piores
do que sermão de padre mentiroso.
ARVIRAGO · Então recitaremos.
BELÁRIO · A tristeza
maior cura a menor, pois esquecemos
Cloten quase de todo. Por mãe tinha,
filhos, uma Rainha, e muito embora
tivesse vindo aqui como inimigo,
não deveis esquecer que foi punido.
Conquanto os poderosos e os pequenos,
depois de mortos, formem igual poeira,
faz distinção entre os degraus da escada.
Nosso imigo era nobre; e embora o houvésseis
privado da existência como imigo,
como príncipe agora o sepultemos.
GUIDÉRIO · Trazei-o, por obséquio; vale tanto
quanto o de Ajaz o corpo de Tersites,

shakespearebrasileiro.org

depois de mortos ambos.
Arvirago · Se quiserdes
ir buscá-lo, diremos nesse espaço
de tempo nosso canto. Principia.
(Sai Belário.)
Guidério · Ainda não, Cadval. É necessário
pormos-lhe o rosto para o lado de este.
Meu pai tem seus motivos.
Arvirago · É verdade.
Guidério · Vem ajudar-me, então.
Arvirago · Bem; principia.
Guidério · Não temas o sol ardente
nem o inverno enregelado;
Já descansas sorridente
depois de cumprido o fado.
O velho, a moça fagueira,
o vilanaz, tudo é poeira.
Arvirago · Não temas os poderosos,
a vingança dos tiranos;
livre estás dos dolorosos
apetites dos humanos.
Os ricos, a ciência inteira,
bons e os maus, tudo é poeira.
Guidério · Do raio não tenhas medo,
Arvirago · nem do trovão ribombante,
Guidério · o amigo não temas tredo,
Arvirago · nem o inimigo arrogante.
Ambos · Moços e velhos, em fieira,
sempre terminam em poeira.
Guidério · Nenhum encanto te ofenda
Arvirago · de algum mago ou bruxa horrenda.
Guidério · Que espectro nenhum se prenda
Arvirago · a essa tua eterna tenda.
Ambos · Que nome tenhas eterno
em teu leito sempiterno.
(Entra Belário, com o corpo de Cloten.)
Guidério · Fizemos as exéquias; sepultemos
agora o corpo.
Belário · Temos poucas flores;
à meia-noite lhe traremos outras.
Os naturais enfeites dos sepulcros
são as plantas banhadas pelo orvalho
refrescante da noite. Sobre o rosto,
fostes quais flores, ora emurchecidas.
Do mesmo modo murcharão as flores
que sobre vós depomos. Afastemo-nos
algum tanto e ponhamo-nos de joelhos.
Tendo voltado para a terra fria,
livres estão da dor e da alegria.
(Saem Belário, Guidério e Arvirago.)
Imogênia *(despertando.)* ·
Pois não, senhor: é para Milford-Haven.
Qual o caminho? Além daquele bosque?
A que distância fica? Oh Deus do céu!
Ainda faltam seis milhas? Estou lassa;
andei a noite toda. Vou deitar-me,
para dormir um pouco. *(Vê o corpo de Cloten.)*
Mas, cuidado!
Nada de companhia. Deuses grandes!
São estas flores como as alegrias
do mundo transitório; seus cuidados,
este corpo sangrento. Só parece
que ainda estou a sonhar. Pensei que eu era
guarda de uma caverna e que servia
de cozinheiro para gente boa.
Mas não é isso; trata-se de um tiro
que de fumo no cérebro se forma,
disparado do nada para o nada.
Algumas vezes ficam-nos os olhos
tão cegos quanto o juízo. Ainda tremo
de medo. Se ainda houver uma gotinha
de piedade no céu, tão pequenina
como olho de carriça, concedei-me,
deuses terríveis, uma parte ao menos!
Prossegue o sonho; embora eu já não durma,
fora e dentro de mim ele se encontra.
Não é pensado: sinto-o. Um corpo de homem!
As mãos são dele; as pernas, reconheço-as;
pés de Mercúrio; eram de Marte as coxas,
de Hércules tinha os músculos... E o rosto
de Jove, onde se encontra? Falta. Como!
Há assassínios no céu? Pisânio, todas
as maldições que aos gregos lançou Hécuba,
acrescidas das minhas, em ti lanço.
Conspiraste com Cloten, o demônio
licencioso; mataste meu marido.
Saber ler e escrever, de agora em diante
será considerado alta traição.
Com cartas falsas o infernal Pisânio...
Fez vir abaixo esse infernal Pisânio
o mastro principal do mais galante
navio que existia. Oh dor! Oh Póstumo,
que é de tua cabeça? Onde se encontra?
O coração Pisânio poderia
haver-te atravessado, sem tirar-te
dos ombros a cabeça. É então possível?

Pisânio! Cloten e ele. Associaram-se
a maldade e a cobiça neste crime.
É claro, é mais que claro; aquela droga
que ele me deu como cordial precioso,
não se me revelou como assassina
dos sentidos do corpo? Está provado:
Pisânio e Cloten realizaram isto.
Oh! Com teu sangue as faces me colora,
para que mais terríveis nos mostremos
a quem nos encontrar. Esposo! Esposo!

(Cai sobre o cadáver.)

(Entram Lúcio, um capitão, outros oficiais e um adivinho.)

CAPITÃO · Segundo vossas ordens, já fizeram
a travessia as legiões da Gália,
e aqui em Milford-Haven vos aguardam
com seus navios. Todos estão prontos.
LÚCIO · E de Roma, há notícias?
CAPITÃO · Os fidalgos
da Itália e os moradores da fronteira
já o senado abalou, almas dispostas
para serviços do mais nobre cunho.
O valoroso Iachimo é o comandante.
LÚCIO · E quando os esperais?
CAPITÃO · Logo que os ventos
o permitirem.
LÚCIO · Semelhante pressa
nos enche de esperanças. Cuidai logo
de passar em revista nossas tropas,
ficando aos capitães esse trabalho.
E agora, que sonhaste quanto à guerra?
ADIVINHO ·
Na última noite os deuses me mostraram
uma visão — jejuara e lhes pedira
que em meu auxílio viessem. — Deste modo:
a ave de Jove eu vi, a águia romana,
que do sul esponjoso o vôo alçara
para esta parte do oeste, onde nos raios
do sol desapareceu, presságio certo,
se os meus pecados não me prejudicam
na arte de adivinhar, de êxito pleno
para as hostes de Roma.
LÚCIO · Sonha sempre
desse modo, sem nunca te enganares.
Mas, devagar! Um tronco sem a copa?
A ruína inculca construção notável.
E ao lado um pajem! Está morto ou dorme?
Morto, decerto, pois à natureza
repugna a cama ter sobre um cadáver,
ou dormir junto a um morto. Mas vejamos
as feições do menino.
CAPITÃO · Está com vida,
milorde.
LÚCIO · Nesse caso, ele vai dar-nos
informações do morto. Jovem, conta-nos
tuas vicissitudes, pois parecem
dignas de as conhecermos. Que homem é este
de quem fizeste rubro travesseiro?
Quem foi que deformou tão belo quadro,
ao contrário da nobre natureza?
Neste triste naufrágio, que perdeste?
Que aconteceu? Quem és? Como te chamas?
IMOGÊNIA ·
Não sou nada, ou, melhor, se alguma coisa,
antes nada ter sido. Foi meu amo
este bretão valente e generoso.
Deixaram-no sem vida os montanheses.
Ai de mim! Já não há amos como ele.
Posso correr de leste para o poente,
pedir serviço, trabalhar com muitos
patrões, de boa qualidade todos,
servir a todos bem, sem que consiga
achar quem se lhe iguale.
LÚCIO · Pobre moço;
menos não me abalaste com essas queixas
do que o aspecto sangrento de teu amo.
Dize-nos o seu nome, caro amigo.
IMOGÊNIA ·
Richard du Champ. *(À parte.)* Se minto sem prejuízo
de ninguém, muito embora os deuses me ouçam,
creio que me perdoam. Que dissestes?
LÚCIO · Teu nome?
IMOGÊNIA · Sou Fidélio.
LÚCIO · É o que revelas
ser em tua conduta. Em tudo o nome
vai com tua lealdade e esta com o nome.
Queres tentar a sorte em meu serviço?
Não direi que acharás tão bondoso amo,
mas é certeza seres estimado
tanto quanto por ele. Nem com carta
do imperador romano, que me fosse
por um cônsul enviada, poderias
recomendar-te como o faz teu mérito.
Vem comigo.

shakespearebrasileiro.org

IMOGÊNIA · Irei, senhor. Primeiro,
porém, sendo isso grato aos deuses do alto,
quero a salvo das moscas pôr meu amo,
quanto com estes pobres instrumentos
possível for cavar; e após o túmulo
ter coberto com folhas e ramagens
e um cento de orações ter pronunciado,
como as sei, repetindo-as de começo,
com suspiros e lágrimas, desligo-me
do seu serviço para entrar no vosso,
se aceitar me quiserdes.
LÚCIO · Quero, jovem.
Mais do que amo, ser-te-ei pai extremoso.
Caros amigos,
este menino acaba de mostrar-nos
nossos deveres de homens. Escolhamos
um lugar em que houver mais margaridas
para, com nossos chuços e alabardas,
cavarmos uma cova. Carregai-o.
Por tua causa, jovem, ele goza
de conceito elevado, merecendo
exéquias de soldado. Fica alegre.
Enxuga as lágrimas. Algumas vezes,
subimos mais, após alguns reveses.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

Um quarto no palácio de Cimbelino.
Entram Cimbelino, nobres, Pisânio e gente do séquito.

CIMBELINO · De novo ide buscar notícias dela.
(Sai uma pessoa do séquito.)
Febre por se encontrar ausente o filho...
Uma loucura que lhe ameaça a vida...
Oh céus! Quão fundamente me atingistes!
Minha alegria máxima, Imogênia,
desapareceu, presa está a Rainha
no seu leito de morte, e isso num tempo
em que medonhas guerras me assoberbam!
Sumiu o filho dela, que me fora
tão útil neste aperto! Golpes duros,
que me fazem perder toda a esperança.
E tu aí, que sabes o motivo
do desaparecimento de Imogênia,
e finges não sabê-lo, meio havemos
de achar para obrigar-te a contar tudo.
PISÂNIO · Minha vida, senhor, a vós pertence;
humildemente, aos pés vo-la deponho.
Porém quanto à minha ama, o paradeiro
dela ignoro, o motivo da partida,
e quando voltará. Vossa Grandeza
pode confiar, que eu sou vosso leal servo.
PRIMEIRO NOBRE ·
Meu bom senhor, Pisânio aqui se achava
no dia em que se deu por falta dela.
Atrevo-me a afirmar que ele é sincero
e que lealmente há de portar-se, como
a um súdito compete. Quanto a Cloten,
tem sido procurado com afinco,
sendo certo que achado há de ser logo.
CIMBELINO · A época é de incerteza. Por um tempo
ficareis solto, mas sem vos livrardes
de nossa desconfiança.
PRIMEIRO NOBRE · Se o permite
Vossa Grandeza, as legiões romanas
que se achavam na Gália, em vossas praias
acabam de saltar. Manda o senado,
de reforço, romanos gentis-homens.
CIMBELINO · A opinião de meu filho e da Rainha!
Com tanta coisa, sinto-me atordoado.
PRIMEIRO NOBRE · Vossos preparativos, majestade,
devem se regular pelas notícias
que tiverdes do imigo. Se aumentarem
de número, igualmente estareis pronto
na mesma proporção. Ora o que importa
somente é pôr em campo nossas forças,
que por partir anseiam.
CIMBELINO · Obrigado.
Entremos, pois; urge enfrentar o tempo
como ele nos procura. Não receamos
o que nos vem da Itália. Só nos pesam
nossos próprios cuidados. Vamos logo!

(Saem todos, com exceção de Pisânio.)

PISÂNIO · Não recebi notícias de meu amo
desde que lhe escrevi que ela morrera.
É estranho. De Imogênia também faltam
notícias, apesar de me haver ela

shakespearebrasileiro.org

prometido escrever-me com freqüência.
Do mesmo modo ignoro o que foi feito
de Cloten. Isso tudo me conturba.
O céu dará remédio. Honesto fico,
mostrando-me desleal; sou fiel mentindo.
Vou provar nesta guerra o amor estreme
que à minha pátria voto, de maneira
que o próprio Rei o note... ou perco a vida.
O tempo há de acertar o que está torto;
sem leme, o barco às vezes volta ao porto.

(Sai.)

Ato IV · Cena IV

País de Gales. Diante da caverna de Belário.
Entram Belário, Guidério e Arvirago.

GUIDÉRIO · É geral o barulho que nos cerca.
BELÁRIO · Evitemo-lo, então.
ARVIRAGO · Qual a vantagem,
senhor, de estarmos vivos, se de todas
as ações nos furtamos e dos riscos?
GUIDÉRIO · Mais: que esperanças nos virá do fato
de assim nos escondermos? Ou seremos
mortos, como bretões, pelos romanos,
ou tomados por estes como bárbaros
e ingratos desertores e, igualmente,
mortos quando não mais lhes formos úteis.
BELÁRIO · Vamos para a montanha, filhos, onde
ficaremos seguros. Para o lado
do Rei não há de passarmos; a notícia
do trespasse de Cloten — já que estranhos
somos de todo e não nos encontramos
alistados no povo — pode, acaso,
dar azo a inquirições sobre a maneira
por que temos vivido e em que paragens,
resultando do que lhes respondermos
a morte prolongada por torturas.
GUIDÉRIO · Senhor, esses escrúpulos, num tempo
como o que atravessamos, não vos ornam
nem nos deixam contentes.
ARVIRAGO · Não é crível
que os bretões, quando ouvirem o nitrido
dos cavalos romanos e avistarem
o acampamento imigo com seus fogos,
com os ouvidos e os olhos ocupados
por notícias de monta, tenham tempo
para se preocuparem com perguntas
sobre quem somos e o lugar de origem.
BELÁRIO · Mas nas fileiras muitos me conhecem.
Os anos, como vistes, da memória
não me apagaram Cloten, por mais moço
que ele fosse no tempo em que eu servia.
Além do mais, o Rei não nos merece
nada: nem vosso amor, nem meus serviços.
Com meu exílio fostes defraudados
da educação precisa, só vos tendo
cabido esta aspereza em que vivemos,
para serdes queimados nos estios
calorosos e como escravos trêmulos
vos mostrardes no inverno.
GUIDÉRIO · Melhor fora
do que essa vida a morte. Por obséquio,
senhor, para as fileiras. Eu e o mano
não somos conhecidos, e a tal ponto
vos achais transformado e inteiramente
fora do pensamento deles todos,
que ninguém vos irá fazer perguntas.
ARVIRAGO · Por esta luz do sol, vou procurá-los.
Como se dá que eu nunca tenha visto
morrer um homem, nem correr o sangue
senão de caça, de covardes lebres
e de bodes ardentes? Que não tenha
montado num cavalo, senão uma
vez simplesmente, quando o cavaleiro,
como eu, não tinha espora nem roseta?
Envergonha-me olhar o sol sagrado,
gozar do benefício de seus raios
abençoados e, assim, por tanto tempo,
sem nome continuar, desconhecido.
GUIDÉRIO · Pelo céu, lutarei. Se me quiserdes
dar permissão, senhor, e vossa bênção,
farei quanto puder. Caso contrário,
o risco procurado em mim recaia,
pela mão dos romanos.
ARVIRAGO · Digo amém.
BELÁRIO · Já que em tão pouco avaliais a vida,
razão não vejo para ter cuidados

shakespearebrasileiro.org

excessivos com a minha tão precária
decrepitude. Irei convosco, jovens.
Se acontecer cairdes na defesa
de vossa pátria, que eu também repouse
nesse leito de morte. Avante! Avante!
(À parte.) O sangue real dos dois correr deseja,
para a origem provar nesta peleja.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Bretanha. O acampamento romano.
Entra Póstumo, com um lenço ensangüentado.

PÓSTUMO · Sim, pano ensangüentado, vou guardar-te
porque eu te quis corado desse modo.
Se vós, homens casados, procedêsseis
da mesma forma, quantos matariam,
por pequenos deslizes, as esposas
mais virtuosas do que eles! Oh Pisânio!
Um bom criado não faz tudo o que o amo
lhe manda executar, senão somente
quanto for de justiça. Deuses! Caso
tivésseis castigado meus pecados,
eu não teria tido vida para
chegar a fazer isto; salvaríeis,
desse modo, Imogênia, dando-lhe azo
para se arrepender, e o peso inteiro
de vossa pena justa em mim cairia.
Mas por amor arrebatais do mundo
quem de pequenas faltas é passivo,
porque a cair não venha ainda mais fundo.
Permitis que outros acumulem crimes
sobre crimes, cada um mais condenável,
porque, atemorizados, se convertam.
Agora tendes Imogênia; faça-se
como o determinastes, e que eu possa,
pela obediência, vir a encontrar graça.
Ao lado de fidalgos italianos
vim combater o reino de Imogênia.
Oh Bretanha! Muito é ter eu matado
tua Rainha. Golpe mais pungente
jamais te assentarei. Ouvi, portanto,
céu bondoso, paciente o meu propósito:
tirarei estas vestes italianas
e como camponês bretão me visto.
Desta arte lutarei contra o partido
que para aqui me trouxe. Quero a morte,
Imogênia, encontrar por tua causa,
já que em cada suspiro a vida perco.
Desconhecido, assim, não despertando
ódio nem compaixão, vou, resoluto,
defrontar o perigo. Possam todos
em mim reconhecer mais valentia
do que de esperar fora de meus trajos.
Deuses, dai-me a bravura dos Leonatos!
Confundirei o mundo desde esta hora:
por dentro muito mais do que por fora.

(Sai.)

Ato V · Cena II

Campo de batalha entre o acampamento bretão e o romano.
Entram, por um lado, Lúcio, Iachimo e o exército romano; por outro, o exército bretão, no qual se encontra Leonato como um soldado comum. Alarma. Entram de novo, combatendo, Iachimo e Póstumo. Póstumo vence Iachimo e o desarma; depois o deixa.

IACHIMO · O peso do meu crime me despoja
do consueto vigor. Consciente, a honra
manchei de uma senhora, a soberana
deste país, razão de ora tirar-me
toda a força o próprio ar que me circunda.
Se não fora isso, como poderia
vencer-me este labrego, rebotalho
da natureza, sendo eu combatente
de nascimento? Títulos pomposos,
honras que desde o berço me acompanham
são insígnias de infâmia, se teus nobres,
Bretanha, ultrapassarem este rústico

shakespearebrasileiro.org

quanto dos nossos ele à frente marcha.
Nem homens somos, digo-o com despeito
sendo cada bretão um deus perfeito.

(Sai.)

(Prossegue a batalha; os bretões fogem; Cimbelino é feito prisioneiro; vêm em seu auxílio Belário, Guidério e Arvirago.)

Belário · Parai! Temos vantagem do terreno.
O passo está guardado. O que nos vence
é a vergonha de nossa poltronice.

Guidério e Arvirago · Parai e resisti!

(Volta Póstumo a auxiliar os bretões; salvam Cimbelino e saem. Tornam a entrar Lúcio, Iachimo e Imogênia.)

Lúcio · Sai das filas, menino, e põe-te a salvo.
O amigo é morto pelo amigo; cresce
a confusão; a guerra é surda e cega.
Iachimo · Receberam reforços.
Lúcio · Este dia
virou estranhamente. Se em auxílio
mais gente não nos vier, força é fugirmos.

(Saem.)

Ato V · Cena III

Outra parte do campo de batalha.
Entram Póstumo e um nobre bretão.

Nobre · Vens de onde resistiram com denodo?
Póstumo · Precisamente; e vós, ao que parece,
vindes dos que fugiram.
Nobre · Isso mesmo.
Póstumo · Não mereceis censura, pois perdido
já se encontrava tudo, se não fosse
lutar por nós o céu. O próprio Rei,
privado de suas asas, todo o exército
desmantelado, só se vendo o dorso
dos soldados bretões, em disparada
pelo passo angustioso... Os inimigos,
cheios de brio, fartos da matança,
com tarefa excessiva para os meios
de que dispunham, mortalmente ao solo
jogando alguns, tocando só de leve
noutros mais, sem contarmos os que o medo
fazia vir ao chão... Dessa maneira
ficou trancado o passo com cadáveres
feridos pelas costas, e covardes
que viviam tão-só para morrerem
de prolongado opróbrio.
Nobre · Onde se encontra
esse desfiladeiro?
Póstumo · Muito perto
do campo de batalha, com um valado
recoberto de relva, de que soube
tirar proveito, posso asseverar-vos,
um antigo soldado. Só por esse
serviço merecera ele da pátria
vida tão longa quanto mostra a barba
de fios argentinos. Colocando-se
de través nesse passo, com dois jovens,
rapazelhos, mais aptos, certamente,
para em compita o prado percorrerem
do que para tais atos sanguinosos:
feições como de máscara, mais belas
do que muitas que cuidam de guardar-se
ou que o pejo enrubesce. Defendendo,
pois, o desfiladeiro, o velho cabo
para os nossos fujões vociferava:
"Só os cervos na Bretanha em fuga morrem,
não nossos homens. Baixem para as trevas
as almas dos que fogem. Voltem todos,
ou seremos romanos, para a morte
vos dar como de corças, já que em fuga
como elas vos achais. Um só remédio
vos poderá salvar: olhar o imigo
de frente, com coragem. Alto! Alto!"
Esses três homens, que três mil valiam
pela coragem como pelos atos —
que por três homens é composto o exército,
quando os demais não fazem coisa alguma —
só com essa palavra: "Alto! Detende-vos!"
adequada ao lugar, de efeito rápido,
mais arrebatadora pela própria
nobreza contagiante e que pudera
mudar em lança a roca, aos rostos pálidos
fez retornar a cor e ao brio avito
criar novos espíritos, de forma
que os que eram pusilânimes apenas
pelo exemplo dos outros — Oh pecado

shakespearebrasileiro.org

da guerra, condenado no primeiro
fugitivo! — de pronto se voltaram,
furiosos como leões que os caçadores
com seus chuços acossam. Os inimigos
param de perseguir, detêm-se, voltam-se
e metem-se a correr em debandada;
fogem como galinhas os que haviam
como açores pairado, desandando
como escravos a estrada que, pouco antes,
vitoriosos haviam palmilhado.
Então nossos poltrões, como migalhas
emboloradas em penosa viagem,
no aperto em salvação se transformaram.
Achando a porta aberta para entrarem
nos corações sem guarda, oh céus, quão fundos
golpes não desfecharam! Alguns ferem
cadáveres; alguns, agonizantes;
outros, até os amigos que se achavam
assoberbados pela primeira onda.
De dez homens, há pouco em fuga postos
por um somente, cada um consegue
matar vinte inimigos. Os que estavam
prestes a sucumbir sem resistência,
terror viraram da batalha imana.

NOBRE · Felicidade rara: um passo estreito,
um velho e dois mancebos!

PÓSTUMO · Não vos mostreis surpreso; fostes feito
mais para revelar admiração
sobre o que vos contarem, do que mesmo
para levar a cabo alguma empresa.
Se quiserdes rimar de brincadeira,
poderei dar a glosa procurada:
"Um velho e dois mancebos: a ventura
dos bretões, dos romanos sepultura".

NOBRE · Não vos zangueis, senhor.

PÓSTUMO · Não há perigo;
quem do inimigo foge é meu amigo;
pois se incoerente ele não for, certo, há de
logo e logo perder minha amizade.
Virei poeta.

NOBRE · Estais zangado. Adeus.

(Sai.)

PÓSTUMO ·
Sempre a andar! É isto um nobre? Oh miserável!
nobreza! Estar na luta e perguntar-me:
que novidades há? Quantos, nesta hora,
perderam a honra para que a carcaça
pudessem pôr a salvo! Procurando
fugir do risco, a morte encontrar foram.
Eu, por minha desgraça protegido,
não pude achar a morte onde mais fundo
seus gemidos se ouviam, nem senti-la
onde seus feros golpes distribuía.
É de estranhar que sendo um monstro horrendo,
se esconda em golpes frescos, brandos leitos
e em vocábulos doces, ou que tenha
mais do que nós agentes, que seus gládios
manejamos na guerra. Hei de encontrá-la.
Porque aos bretões favorecendo agora,
sem que bretão eu seja, volto a pôr-me
no partido em que vim. De agora em diante
deixarei de lutar, para entregar-me
ao primeiro labrego que, de leve,
nos ombros me tocar. A mortandade
feita pelos romanos foi terrível;
mas os bretões hão de vingar-se à altura.
Em qualquer dos partidos, meu empenho
é morrer; outro ideal ora não tenho.
Morrer por Imogênia, tão-somente,
que a vida me anegrou eternamente.

(Entram dois capitães bretões e soldados.)

PRIMEIRO CAPITÃO ·
Louvado seja Júpiter, pois Lúcio
foi feito prisioneiro. Todos dizem
que eram anjos o velho e os dois mancebos.

SEGUNDO CAPITÃO ·
Houve também um quarto, de vestuário
grosseiro, que fez frente aos inimigos.

PRIMEIRO CAPITÃO ·
É o que se diz; mas nenhum deles pôde
ser encontrado. Quem vem lá? Detende-vos!

PÓSTUMO · Um romano,
que não estaria aqui sem fazer nada,
se houvesse tido quem o secundasse.

SEGUNDO CAPITÃO ·
Agarrai-o. Cachorro. Nenhum biltre
há de contar em Roma como os corvos
no campo os tassalharam. Ele fala
de seus feitos no som de quem seja algo,
muito importante. Ao Rei levai-o logo.

(Entram Cimbelino com séquito, Belário, Guidério, Arvirago, Pisânio e prisioneiros romanos. Os capitães apresentam Póstumo a Cimbelino, que o entrega a um carcereiro. Depois saem todos.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena IV

Bretanha. Uma prisão.
Entram Póstumo e dois carcereiros.

Primeiro Carcereiro · Ninguém vos raptará; temos ferrolhos.
Pastai como puderdes.
Segundo Prisioneiro · Apetite!
(Saem os carcereiros.)
Póstumo · Bem-vindo, cativeiro, pois espero
que à liberdade haveis de conduzir-me,
julgo-me mais feliz do que o gotoso
que terá de gemer perpetuamente,
sem que curá-lo possa o grande médico
que jamais erra: a morte, a detentora
das chaves destas grades. Oh consciência,
tens mais duras algemas do que quantas
os maléolos e os punhos me comprimem.
Concedei-me, bons deuses, o instrumento
penitente que solta estes ferrolhos!
Livre, então, para sempre! É suficiente
mostrar-me acabrunhado? É assim que as crianças
obtêm as graças de seus pais terrenos.
Mas os deuses têm mais misericórdia.
Preciso arrepender-me? Não me fora
possível ocasião mais adequada
do que nestes grilhões por mim buscados.
Se não bastar a liberdade, oh deuses,
para que eu fique quite, mais severas
contas não me tomeis do que tirando-me
tudo o que tenho: a vida. Sois mais brandos,
sei-o bem, do que os homens impiedosos;
que de seus devedores insolúveis
um terço, apenas, tiram; menos, ainda:
um sexto, parte mínima, deixando-os
se refazer, depois, do abatimento.
Para mim não quero isso; pela vida
preciosa de Imogênia, tira a minha:
conquanto valha menos, é uma vida;
foi cunhada por ti. Não têm os homens
costume de pesar todas as moedas;
valem também as leves, pela efígie.
Aceitai-me, portanto, que eu sou vosso,
forças incomparáveis! Se for válido
o raciocínio, a vida, então, tirai-me,
cancelando esta fria obrigação.
Oh Imogênia, em silêncio vou falar-te!
(Dorme.)
(Música solene. Entra o espectro de Sicílio Leonato, pai de Póstumo, um velho em trajos de guerreiro, conduzindo pela mão uma idosa matrona, sua esposa, mãe de Póstumo. Músicos os precedem. Depois de um segundo grupo de músicos, vêm os dos Leonatos, irmãos de Póstumo, com as feridas abertas, de que morreram no campo de batalha. Os espectros se colocam em torno de Póstumo, que continua a dormir.)
Sicílio · Senhor do raio, a cólera desvia
destas moscas mortais;
briga com Marte, zanga-te com Juno
e teus trovões fatais
sobre eles descarrega.
Não fez somente bem meu filho amado
que eu não cheguei a ver?
Ainda se achava no materno ventre,
quando eu vim a morrer.
Como pai dele, então, se o juízo humano
neste ponto não erra,
deveras ter ficado, enquanto vida
tivesse ele na terra.
Mãe · Auxílio algum não me prestou Lucina
no meu maior perigo;
arrancado de mim foi o meu Póstumo
para o mundo inimigo.
Que fado doloroso!
Sicílio · Como os antepassados, o fizeram
os deuses em concílio,
deixando-o digno dos maiores prêmios.
Nasceu do grão Sicílio!
Primeiro Irmão · Depois que ficou homem, não se achava
na Bretanha ninguém
que com ele confronto suportasse;
razão de o ter também
escolhido Imogênia, entre as mulheres
a que a palma detém.
Mãe · Quantas perseguições e zombarias
lhe advieram desse enlace!
Da sede dos Leonatos foi banido —

shakespearebrasileiro.org

oh cruel desenlace! —
e da cara Imogênia.

SICÍLIO · Por que deixaste que o mendaz Iachimo,
da Itália vil criatura,
um coração e um nome assim manchasse,
feitos da luz mais pura,
e ludíbrio dos homens te fizesse,
em tanto desventura?

SEGUNDO IRMÃO ·
Nós dois, por isso, e nossos pais baixamos
da sede sublimada;
nós que no rubro campo respondemos
à última chamada
em defesa do trono de Tenâncio,
da pátria muito amada.

PRIMEIRO IRMÃO ·
Do mesmo modo, Póstumo em defesa
lutou de Cimbelino.
Oh Júpiter, deus sumo, por que fazes
tamanho desatino,
dos louros o privando, que lhe havia
prometido o destino?

SICÍLIO · Olha-nos da janela cristalina;
sê agora clemente
com esta raça altiva, e dela afasta
teu raio onipotente.

MÃE · Sendo meu filho bom, Júpiter, livra-o
da dor incontinenti.

SICÍLIO · Do teu marmóreo pouso nos contempla.
Sê justo! Do contrário,
apelaremos para os outros deuses
de teu juízo nefário.

OS DOIS IRMÃOS ·
Vem, Júpiter! Se não, proclamaremos
que és inconstante e vário.

(Júpiter, em meio de relâmpagos e trovões, desce sentado em uma águia; atira um raio; os espectros caem de joelhos.)

JÚPITER · Deixai, sombras mesquinhas e inferiores
de ofender-nos o ouvido. Como o ousio
tendes de dirigir esses clamores
ao grão-tonante, como em desafio?
Pobres sombras do Elísio, retirai-vos
para vossos jardins de eterno viço,
aonde ascendem jamais os mortais laivos;
já não podeis prestar nenhum serviço.
Quem eu amo, atormento, porque seja
por fim mais apreciada a recompensa.
Tranqüilizai-vos, que há de, benfazeja
transformação sanar toda esta ofensa.
Em seu berço brilhou nosso luzeiro;
em nosso templo fez-se o casamento.
Ide, que Póstumo há de prazenteiro
ver transformar-se em dita o seu tormento.
Colocai-lhe esta placa sobre o peito,
porque nela gravei o seu destino.
Ide logo; confiai-me vosso pleito,
pondo remate a tanto desatino.
Sobe, águia, para o pouso cristalino!

(Sobe.)

SICÍLIO · Baixou em meio de trovões; seu hálito
a enxofre recendia; a águia sagrada
parecia querer arrebatar-nos.
Sua ascensão, porém, mais odorosa
foi do que nossos prados abençoados.
A águia real os imortais remígios
sacode satisfeita e o bico afia
como quando seu deus alegre se acha.

TODOS · Júpiter, obrigado!

SICÍLIO · A abóbada de mármore fechou-se.
Já voltou para o sólio luminoso.
Vamos; urge cumprir os seus mandados,
porque fiquemos bem-aventurados.

(Os espectros desaparecem.)

PÓSTUMO *(despertando)* ·
Oh sono! Foste meu antepassado;
deste-me um pai e para mim criaste
dois irmãos e uma mãe. Mas, oh tristeza!
sumiram todos com a maior presteza,
voltando eu a acordar. Os desgraçados
sonham como eu; desperto, nada encontram.
Mas à toa discorro; muita gente
que nada sonha e não merece nada
de súbito se vê de bens cercada,
como se deu comigo neste instante
com um sonho inesperado e tão brilhante.
Fadas neste lugar? Que vejo? Um livro?
Oh jóia rara! Acaso não vais ser-me
como no nosso enganador tablado
vestimenta mais nobre do que o dono?
Que o conteúdo seja também áureo,
não como os nossos cortesãos em tudo.
Cumpre o que me prometes. *(Lê.)*
"Quando um cachorro de leão, de si mesmo
desconhecido, encontrado sem ser procurado, for

shakespearebrasileiro.org

abraçado por um pouco de ar fagueiro, e quando de um cedro imponente os ramos amputados reviverem depois de estarem mortos muitos anos e, reunidos ao velho tronco, crescerem com frescor, as misérias de Póstumo chegarão ao seu termo, a Bretanha será feliz e florescerá na paz e na abundância."
Ainda é sonho, se não for, acaso,
qualquer tolice, dessas que os lunáticos
falam sem compreender. Ambos ou nada:
ou palavras sem nexo, ou mais profundo
discurso para ser analisado.
Seja o que for, à minha vida igualam-se.
Vou conservá-las, quando mais não seja,
por simples simpatia.

(Voltam os carcereiros.)

PRIMEIRO CARCEREIRO · Vamos, senhor: estais pronto para morrer?

PÓSTUMO · Mais do que cozido; estou pronto há muito.

PRIMEIRO CARCEREIRO · O assunto é de forca, senhor. Se estais pronto para isso, é que vos encontrais cozido de verdade.

PÓSTUMO · Se em mim os espectadores encontrarem um bom petisco, ficará pago o escote.

PRIMEIRO CARCEREIRO · A conta vai nos sair muito cara, senhor. O único consolo, é a certeza de que nunca mais sereis chamado para efetuar outros pagamentos, sem que possais recear essas contas de taberna que tantas vezes perturbam a separação, depois de haverem despertado a alegria. Chegais desfalecido por falta de alimento, partis cambaleante pelo excesso de bebida, triste por haverdes despendido muito dinheiro, triste por terdes pago tudo muito caro, com a bolsa e o cérebro vazios: o cérebro, pesado por ter sido por demais leve; a bolsa, leve em excesso, por ter sido aliviada de seu peso. Oh! Ficareis livre de todas essas contradições. Quanta caridade se contém em uma corda barata! Liquida uma conta de milhões em um abrir e fechar de olhos; é o melhor deve e haver que se conhece; fornece-nos a nota de saldo do passado, do presente e do futuro. No pescoço, senhor, trazeis a pena, o livro e o contador: pronto, foi dada a quitação!

PÓSTUMO · Sinto-me mais feliz por morrer do que vós por viver.

PRIMEIRO CARCEREIRO · É isso mesmo, senhor; quem dorme não sente dor de dentes. Mas uma pessoa que tivesse de dormir o vosso sono, com um carrasco para ajudá-lo a preparar a cama, penso que ele gostaria de trocar de lugar com esse oficial. Porque, vede bem, senhor, desconheceis o caminho que ides percorrer.

PÓSTUMO · Conheço-o, sim, companheiro.

PRIMEIRO CARCEREIRO · Então vossa morte possui olhos na testa; mas eu nunca a vi pintada desse jeito. Ou tereis de ser dirigido por alguém que presuma conhecer o caminho, ou ficará a vosso cargo o que é certeza desconhecerdes, ou vos metereis a fazer perquirições, ao sabor dos riscos inerentes. Quanto à maneira por que terminareis a viagem, penso que não voltareis nunca para contá-la a quem quer que seja.

PÓSTUMO · Uma coisa te posso asseverar, camarada, que só carecerão de olhos para se orientar no caminho que eu vou percorrer os que os fecharem de propósito.

PRIMEIRO CARCEREIRO · Que imensa pilhéria, isso de fazer uso alguém dos olhos, para ver o caminho da cegueira! O de que eu estou certo é que o caminho para fechar os olhos é o enforcamento.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Tirai as algemas ao vosso prisioneiro e levai-o ao Rei.

PÓSTUMO · És portador de boas notícias: chamam-me para a liberdade.

PRIMEIRO CARCEREIRO · Nesse caso, o enforcado serei eu.

PÓSTUMO · Ficarias mais livre do que um carcereiro; para os mortos não há ferrolho.

(Saem todos, com exceção do primeiro carcereiro.)

PRIMEIRO CARCEREIRO · A menos que alguém se dispusesse a desposar a forca para gerar forcazinhas, nunca vi prisioneiro com essa disposição. Com toda a consciência, muito embora se trate de um romano, mas há marotos mais consumados que desejam conservar a vida, assim como há muita gente que morre a seu malgrado, como se daria comigo, se eu fosse um desses tais. Desejara que todos os homens tivessem um só modo de pensar e que esse modo fosse bom. Então, sim! Acabariam as forcas e os carcereiros. Estou a falar contra meus interesses do momento, mas nesse meu voto se inclui alguma vantagem.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena V

A tenda de Cimbelino.
Entram Cimbelino, Belário, Guidério, Arvirago, nobres, oficiais e gente do séquito.

CIMBELINO ·
Vinde para o meu lado, vós que os deuses
enviaram para preservar-me o trono.
Confrange-me o peito ver que o pobre
soldado que lutou com tal denodo,
cujos andrajos tanto envergonharam
as armaduras de ouro, cujo peito
despido ia na frente dos escudos,
não possa ser achado. Venturoso
será quem o encontrar, se nossa graça
lhe puder dar ventura.
BELÁRIO · Nunca vira
tanto heroísmo em tão modesto aspecto,
fúria mais nobre em mostras de indigência
e de temor soez.
CIMBELINO · Não há nenhuma
notícia a seu respeito?
PISÂNIO · Procuramo-lo
entre os mortos e os vivos, mas achado
não foi em parte alguma.
CIMBELINO · A meu malgrado,
pois, herdarei a sua recompensa,
que saberei acrescentar à vossa,
(a Belário, Guidério e Arvirago.)
alma, cabeça e coração da pátria,
causa de ora se achar viva a Bretanha.
O momento é chegado de sabermos
a vossa proveniência. Revelai-ma.
BELÁRIO · Senhor, somos fidalgos e nascemos
na Câmbria. Se algo mais vos alegássemos,
por jactância, contrário fora aos fatos,
sobre ser imodesto. Uma só coisa
ainda vos direi: somos honestos.
CIMBELINO · Ajoelhai um momento. Agora alçai-vos
como meus cavaleiros de batalha.
Companheiros me sede; dignidade
vos darei condizente ao vosso estado.
(Entram Cornélio e damas de honra.)
Algo anormal essas feições inculcam.
Por que nossa vitória vos merece
tão triste saudação? Não tendes mostras
de cortesãos bretões, mas de romanos.
CORNÉLIO · Grande monarca, salve! Porque tanta
satisfação vos turve, sou forçado
a dizer que a Rainha faleceu.
CIMBELINO ·
Quem menos adequado do que um médico
para nos transmitir essa mensagem?
Mas agora reflito: se consegue
prolongar-nos a vida a medicina,
por fim a morte apanha ao próprio médico.
Como morreu?
CORNÉLIO · Em condições terríveis;
como vivera: inteiramente louca.
Tendo sido perversa para o mundo,
acabou sendo-o mais para si própria.
Poder-vos-ei contar, se assim quiserdes,
quanto ela confessou. Estas mulheres
vos dirão se eu faltar contra a verdade.
Com lágrimas nos olhos, assistiram
a seu fim todas elas.
CIMBELINO · Então fala.
CORNÉLIO · Em primeiro lugar, disse que nunca
vos dedicara amor, mas tão-somente
ao posto que por vós ela alcançara;
desposara a realeza, era consorte
do trono mas vos tinha ódio entranhado.
CIMBELINO · Só ela o saberia. Se não fosse
ter falado ao morrer, eu não daria
crédito algum nem aos seus próprios lábios.
Prossegui.
CORNÉLIO · Disse mais: que vossa filha,
que ela fingia amar com tantas veras,
verdadeiro escorpião era a seus olhos,
e que veneno lhe teria dado,
para a vida tirar-lhe, se não fosse
ter fugido com tempo.
CIMBELINO · Oh bruxa astuta!
Quem dizer sabe o que se passa no íntimo
de uma mulher? Há mais alguma coisa?
CORNÉLIO · Falta o pior, senhor, porque ela disse
que um veneno mortal vos reservara,
capaz de vos matar a pouco e pouco,
minuto por minuto, devastando-vos

shakespearebrasileiro.org

fibra por fibra. Estava resolvida,
nesse entrementes, recorrendo a lágrimas,
vigílias, beijos e cuidados vários,
a dominar de todo vosso espírito,
para que, na ocasião mais oportuna,
quando brando de todo já estivésseis,
viesse seu filho a herdar-vos a coroa.
Só não pôde levar a cabo o plano
por ter sumido o filho de maneira
misteriosa, o que a fez ser dominada
de uma raiva impudente que a obrigou
a contar seus intuitos, a despeito
dos deuses e dos homens, confessando
que lastimava não haver podido
levar avante os crimes planejados.
Enraivecida, assim, a morrer veio.

CIMBELINO · Vós todas escutastes essas coisas?

PRIMEIRA DAMA ·
Sim, que Vossa Grandeza não se agaste.

CIMBELINO ·
Não culpo os olhos, pois bonita ela era,
nem os ouvidos por ouvir-lhe as lábias,
nem mesmo o coração, pode ser tomado
nas malhas da aparência. Fora um crime
mostrar-me desconfiado. Mas, oh filha!
só tu podes dizer que eu fui um tolo!
Teu sofrimento o prova. O céu me ampare.

(Entram Lúcio, Iachimo, o adivinho e outros prisioneiros romanos, escoltados; no fundo, Póstumo e Imogênia.)

Hoje, Caio, não vens pedir tributo,
que disso já os bretões se libertaram.
muito embora o alto preço fosse a vida
de heróis esclarecidos. Seus parentes
pedem que as almas deles aplaquemos
sacrificando nossos prisioneiros,
o que lhes concedi. Pensa, portanto,
na sorte que te espera.

LÚCIO · Deveríeis,
senhor, pensar nas mutações da guerra.
Por acaso foi vosso o dia de hoje.
Se tivéssemos sido vencedores,
é certeza que, após esfriado o sangue,
jamais ameaçaríamos de espada
passar os prisioneiros. Mas se os deuses
determinaram que nosso resgate
seja pago com a vida, conformemo-nos.
Com coração romano muito pode
suportar um romano. Augusto vive
para pensar no caso. É quanto basta
sobre nossa pessoa. Uma só coisa
desejara pedir-vos: que este pajem,
bretão de nascimento, conseguisse
ser resgatado. Nenhum amo nunca
teve pajem tão bom, tão diligente,
cumpridor dos deveres, prestimoso
sem discrepância alguma, verdadeiro,
tal como ama nos mínimos cuidados.
Secundará seu mérito o pedido
que ora vos faço, o que de Vossa Graça
não me será negado, estou bem certo.
Muito embora a serviço de um romano,
aos bretões não causou nenhum prejuízo.
Salvai-lhe a vida, oh Rei, e muito sangue
fazei correr depois.

CIMBELINO · Já o tinha visto;
sua fisionomia não me é estranha.
Pajem, teus olhos me feriram a alma;
ficas a meu serviço. É incompreensível,
mas não sei explicar a causa oculta
que me leva a dizer-te: Vive, pajem!
Ao teu senhor não deves coisa alguma.
Pede de Cimbelino o que quiseres,
conforme a minha liberalidade
e tua condição: obterás tudo,
sim, ainda mesmo que a pedir viesses
a vida do mais nobre prisioneiro.

IMOGÊNIA · Fica reconhecido a Vossa Graça.

LÚCIO · Não quero sugerir que por mim peças,
caro menino, visto como tenho
certeza que o farás.

IMOGÊNIA · De forma alguma;
tenho em mente outra coisa. Algo mais negro
do que a morte me fere agora a vista.
Vossa vida, bom amo, há de livrar-se
do apuro por si própria.

LÚCIO · Abandonou-me
de todo o pajem; zomba e ri de mim.
Tem ventura fugaz, sempre periga,
quem se fia em rapaz ou em rapariga.
Por que razão se mostra tão perplexo?

CIMBELINO · Que desejas, menino? Amor crescente
me despertas. Reflete com cuidado
no que me vais pedir. Conheces o homem
a que olhas assim tanto? Vamos, fala.

shakespearebrasileiro.org

Queres que viva? É teu parente? Amigo?
IMOGÊNIA · É romano, não mais aparentado
comigo do que eu com Vossa Alteza.
Aliás, porque nasci vosso vassalo,
mais de perto vos toco.
CIMBELINO · Por que causa
o fixas desse modo?
IMOGÊNIA · Em reservado,
senhor, vos contarei, se me quiserdes
conceder atenção.
CIMBELINO · Com todo o gosto;
sou todo ouvidos. Dize-me teu nome.
IMOGÊNIA · Fidélio, meu senhor.
CIMBELINO · És, bom menino,
meu pajem; eu, teu amo. Retiremo-nos;
fala-me com franqueza.
(Cimbelino e Imogênia conversam à parte.)
BELÁRIO · Será crível?
Ressuscitou o pajem?
ARVIRAGO · Este é o pajem
como dois grãos de areia se parecem.
Nosso Fidélio, aquela criança rósea,
que vimos falecer. Que pensais disso?
GUIDÉRIO · É o mesmo, agora vivo.
BELÁRIO · Quieto! Quieto!
Não nos vê. Observemo-lo. Há pessoas
que se parecem muito. Se fosse ele,
nos viria falar, tenho certeza.
GUIDÉRIO · Mas vimo-lo sem vida...
BELÁRIO · Quieto! Quieto!
PISÂNIO *(à parte)* ·
É minha ama. Uma vez que está com vida,
que o tempo corra para qualquer lado.
(Cimbelino e Imogênia avançam.)
CIMBELINO ·
Fica ao meu lado e dize alto o que queres.
(A Iachimo.) Para a frente, senhor e, sem rebuços,
ao pajem respondei; caso contrário,
por nossa majestade e sua graça
de que nos orgulhamos, a tortura
mais atroz há de achar meio adequado
para apartar do falso o verdadeiro.
Podes falar-lhe, pajem.
IMOGÊNIA · Só desejo
que aquele nobre diga de que modo
conseguiu o anel que traz no dedo.
PÓSTUMO *(à parte)* ·
Que tem a ver com isso?
CIMBELINO · Esse diamante,
senhor, como chegastes a alcançá-lo?
IACHIMO · Deverias mandar-me pôr a tratos
para não revelar o que, contado,
virá a ser para ti grande tortura.
CIMBELINO · Como assim! Para mim?
IACHIMO · Feliz me sinto
por ser forçado agora a revelar-vos
algo cujo segredo me pungia.
Por vilania obtive este diamante;
pertenceu a Leonato, que baniste
do reino. Homem nenhum — isto vai ser-te
motivo, mais que a mim, de sofrimento —
de mais nobreza já existiu na terra.
Desejas ouvir mais alguma coisa?
CIMBELINO · Tudo quanto disser respeito ao caso.
IACHIMO · Tua filha, aquele anjo incomparável
por quem meu coração goteja sangue,
negando-se-me o espírito a invocá-la...
Perdão, sinto que a vista se me foge.
CIMBELINO · Minha filha? Que sabes dela? Vamos!
Recupera a energia. Ora prefiro
que vivas quanto o queira a natureza,
a morreres sem teres dito nada.
Vamos, coragem! Fala!
IACHIMO · De uma feita —
desgraçado o relógio que nessa hora
fez soar as pancadas! — Foi em Roma —
maldita a casa! — Havia festa —
contivessem veneno os alimentos,
ou o que eu comi, ao menos! — O bom Póstumo —
como direi? Bondoso era em excesso,
para se achar no meio de velhacos;
entre poucas criaturas excelentes
tinha ele a primazia — estava triste,
a ouvir o que dizíamos de nossas
namoradas da Itália, cujo encanto,
pelo que referíamos, deixava
sem sentido o elogio mais pomposo
dos oradores de mais largo fôlego:
tão lindas eram que tornavam feias
as estátuas de Vênus e Minerva,
deusas que acima estão da natureza;
em qualidades da alma, reuniam
tudo o que os homens louvam nas mulheres,
sem se falar no feminil engodo,
na graça própria que nos fere a vista.

shakespearebrasileiro.org

CIMBELINO · Sinto-me sobre brasas. Sem demora
cheguemos ao que importa.
IACHIMO · Muito breve
lá chegaremos, salvo se a impaciência
vos prolongar demais a expectativa
do sofrimento. Póstumo — tal como
de esperar fora de um amante nobre
que contava com o amor de uma princesa —
tomou a deixa e, sem lançar descrédito
nas pessoas que tanto celebrávamos —
como a própria virtude era ele calmo —
a descrever principiou a amada
que, à medida que a fala ia compondo
e lhe infundia espírito, a nós todos
reduzia ao papel de exalçadores
de cozinheiras, quando seu discurso
como tolos sem fala não deixava.
CIMBELINO · Vamos logo ao que importa.
IACHIMO · A castidade
de vossa filha... Aqui começa o caso...
Ele falava como se Diana
tivesse ardentes sonhos e ela, apenas,
fosse calma de todo, o que eu, coitado,
pus em dúvida, tendo feito a aposta
de moedas de ouro contra este brilhante,
que então no dedo honrado ele trazia,
em como eu subiria ao leito dela,
para o anel lhe ganhar pelo adultério.
Como fidalgo digno, que confiança
tinha na honra da esposa, honra que eu próprio
positivei depois, não teve dúvida
em arriscar o anel, o que faria
ainda mesmo que fosse ele um carbúnculo
de uma roda de Febo. Sem perigo
poderia fazê-lo, embora a pedra
valesse o carro todo. Com esse intento,
parti para a Bretanha. Certamente
vos recordais de mim, senhor, na corte,
onde aprendi com vossa casta filha
quanto dista de um pulha um namorado.
Asfixiada a esperança, mas ardendo
mais e mais o desejo, pôs-se logo
a trabalhar o cérebro italiano
na pesada atmosfera da Bretanha,
e um plano excogitou vil sobre todos,
mas excelente para os meus intuitos.
Em resumo, tão grande resultado
minha traça alcançou, que faz a viagem
de retorno com provas suficientes
para louco deixar o alto Leonato
com lhe abalar a crença na virtude
da esposa imaculada, ante as supostas
provas de seu deslize: descrevi-lhe
o quarto de dormir, tais e tais quadros,
mostrei-lhe o bracelete — Oh! por que meios
infames o alcancei! — chegando mesmo
a citar uns sinais do corpo dela,
de forma que Leonato não podia
deixar de acreditar que ela tivesse
quebrado a castidade e eu ganho a aposta.
Nessa altura... Mas creio que o estou vendo!
PÓSTUMO *(avançando)* ·
Sou eu mesmo, demônio italiano!
Que grande tolo eu fui ao te dar crédito!
Sou um perfeito assassino, um bandoleiro,
sou tudo quanto os biltres sempre foram,
são agora e hão de ser. Dai-me uma corda,
veneno, faca, um julgador direito.
Manda buscar, oh Rei, torturadores
de fecunda inventiva, que eu sou o monstro
que dá lustre às torpezas mais incríveis,
por ser pior do que todas. Sim, sou Póstumo,
o assassino de tua cara filha.
Não; por ser biltre, minto: a um menor biltre
do que assim fui, a um violador sacrílego
dei semelhante encargo. Ela era o templo
da virtude, a virtude objetivada.
Escarrai sobre mim, jogai-me lama,
jogai-me pedras, açulai cachorros
contra minha pessoa, dêem o nome
de Póstumo Leonato aos criminosos,
e seja a vilania menos que antes.
Oh Imogênia saudosa, minha vida,
minha Rainha, minha esposa amada!
Imogênia! Imogênia!
IMOGÊNIA ·
Acalmai-vos, milorde; ouvi com calma.
PÓSTUMO · Pensas que estamos no teatro, pajem
zombador? Então toma tua deixa.
(Bate em Imogênia, que cai ao chão.)
PISÂNIO · Oh cavalheiro, socorrei minha ama,
vossa senhora! Oh meu senhor Leonato,
só agora matastes Imogênia.
Socorrei minha honrada soberana!

shakespearebrasileiro.org

Cimbelino · Está virando o mundo?
Póstumo · Por que sinto
sumir-me a vista?
Pisânio · Despertai, minha ama!
Cimbelino · Se for verdade, os deuses ora intentam
matar-me por excesso de alegria.
Pisânio · Como passa, minha ama?
Imogênia · Para longe
de minha vista! Deste-me veneno.
Fora, homem perigoso! Não respires
onde só se acham nobres.
Cimbelino · É a voz dela.
Pisânio · Senhora,
pedras de enxofre os deuses em mim joguem,
se eu não pensei que a caixa contivesse
algo precioso; dera-ma a Rainha.
Cimbelino · Mais novidades?
Imogênia · Pois envenenou-me.
Cornélio · Oh deuses!
Omiti um dos fatos confessados
pela Rainha, há pouco, que nos provam
quanto és, realmente, honesto: "Se Pisânio
deu a sua ama", disse, "certa droga
que eu lhe entreguei dizendo ser um tônico,
ficou servida como eu desejara
servir um simples rato".
Cimbelino · Que há, Cornélio?
Cornélio · A Rainha, senhor, sobejas vezes
me importunou, pedindo-me venenos
fabricados por mim, sob o pretexto
de que a movia apenas o interesse
de estudar-lhes o efeito em seres baixos
a que valor não damos: cães e gatos.
Mas temendo que a mais ela visasse,
preparei-lhe uma droga que, ingerida,
suspende a vida por alguns momentos,
para fazer que, após, a natureza
suas funções reassuma normalmente.
Bebestes essa droga?
Imogênia · Com certeza,
pois a vida perdi.
Belário · Eis o motivo
de nosso engano, filhos.
Guidério · É Fidélio,
não há que ver.
Imogênia · Qual a razão de haverdes
alijado de vós a própria esposa?
Imaginais que estais sobre uma penha:
jogai-me novamente ao precipício.
(Abraça Póstumo.)
Póstumo · Fica aí, cara amiga, como fruto,
até que o tronco morra.
Cimbelino · Então, meu sangue,
minha filha, o papel me reservaste
de pascácio da peça? Não me falas?
Imogênia *(ajoelhando-se)* · Vossa bênção,
[senhor.
Belário · Não vos censuro
por haverdes amado a este mancebo;
tínheis razão para isso.
Cimbelino · Que estas lágrimas
água benta vos sejam. Imogênia,
tua mãe já não vive.
Imogênia · Essa notícia,
senhor, me deixa triste.
Cimbelino · Grande culpa
teve ela de que nós nos encontrássemos.
Mas seu filho sumiu, sem que possamos
dizer onde se encontra.
Pisânio · Ora que livre,
milorde, estou do medo, vou falar-vos
sem subterfúgios. Quando lorde Cloten
soube que vossa filha se ausentara,
procurou-me de espada nua, os lábios
a espumar, e jurou que me daria
morte imediata, se eu não lhe dissesse
para onde ela tinha ido. Por acaso
tinha eu no bolso uma missiva falsa
de meu amo, que o fez ir procurá-la
para o lado da costa montanhosa
de Milford. Para lá partiu furioso,
tendo envergado roupa de meu mano
que me arrancara à força, com propósitos
inconfessáveis, a jurar que havia
de violar a pureza de minha ama.
O que lhe sucedeu depois, ignoro.
Guidério · Deixai-me terminar a narrativa:
foi morto ali por mim.
Cimbelino · Livrem-te os deuses
de eu ter de pronunciar sentença crua
após tão nobres feitos de tua parte.
Bravo rapaz, desdize-te depressa.
Guidério · Só contei o que fiz.
Cimbelino · Mas era um príncipe.

shakespearebrasileiro.org

GUIDÉRIO · Só sei que era incivil a conta inteira.
Não mostrou ser um príncipe no modo
de me atirar ultrajes, tendo dito
tão grosseiros insultos, que eu me vira
forçado a desafiar o próprio oceano,
se contra mim rugisse desse modo.
Decepei-lhe a cabeça e alegre me acho
por ele não se achar aqui presente
para contar de mim a mesma história.
CIMBELINO ·
Muita pena me causas, mas teu próprio
discurso te condena. É inevitável:
morte as leis te cominam, morto te achas.
IMOGÊNIA · Pensei que aquele tronco sem cabeça
fosse do meu senhor.
CIMBELINO · Ponde-lhe algemas;
levai logo daqui o criminoso.
BELÁRIO · Senhor Rei, um momento! Este mancebo
é de mais nobre origem do que o morto.
Sua ascendência à tua se equipara.
Mereceu mais de ti do que mil Clotens
com quantas cicatrizes ostentassem.
(Ao guarda.) Deixai-lhe os braços livres, que não foram
feitos para esses ferros.
CIMBELINO · Como queres,
velho soldado, malgastar o prêmio
que de nós mereceste, provocando-nos
a cólera a tal ponto? É igual à nossa
sua ascendência?
ARVIRAGO · Houve exagero nisso.
CIMBELINO · Que pagarás com a morte.
BELÁRIO · Morreremos
os três. Mas vou provar-te que é verdade
de dois o que falei: que são de origem
tão boa quanto a tua. Agora, filhos,
vou dizer algo muito perigoso
para minha pessoa, mas de grande
vantagem para nós.
ARVIRAGO · Igual perigo
corremos todos três.
GUIDÉRIO · E iguais vantagens.
BELÁRIO · Que seja, então. Tiveste em tempos idos,
grande monarca, um súdito: Belário.
CIMBELINO · A que vem isso, agora? Foi banido
por mim, por ser traidor.
BELÁRIO · Ele a velhice,
como vês, atingiu. Sim, foi banido,
mas não sei por que é que foi traidor.
CIMBELINO · Levai-o preso; fora o mundo inteiro
pouco para salvá-lo.
BELÁRIO · Menos pressa!
primeiramente, paga-me a despesa
que eu tive com a criação de teus dois filhos.
Logo após, poderás confiscar tudo.
CIMBELINO · A criação de meus filhos?
BELÁRIO · Sou grosseiro e atrevido. Eis-me de joelhos:
não me levantarei sem que meus filhos
haja deixado nobres. Depois disso,
ao velho pai não poupes. Poderoso
senhor, estes dois jovens cavalheiros
que estão convictos de que eu sou pai deles
e esse nome me dão, não são meus filhos:
de vossos rins, senhor, eles nasceram,
de vosso sangue vêm.
CIMBELINO · Como! Meus filhos?
BELÁRIO · Tão certo como serdes vós pai deles.
O velho Morgan que vos fala é aquele
Belário que exilastes. Vosso alvitre
foi toda a minha ofensa o meu castigo,
toda a minha traição; meu sofrimento,
os crimes que me imputam. Estes príncipes
gentis — pois é o que são — nestes vinte anos
foram por mim criados; quanto sabem
é o que lhes ensinei. Vossa Grandeza
conhece até que ponto eu era instruído.
Casei-me com Eurífile, a ama deles,
por os haver raptado, o que ela fez
depois do meu exílio. Concitei-a
à prática desse ato, unicamente
porque fora punido pelo crime
que cometi depois; a pena imposta
de minha lealdade foi a causa
de eu ter sido traidor. Correspondia
a vosso sofrimento pela perda
destes entes queridos o desejo
de dar corpo ao meu plano. Mas, gracioso
senhor, eis novamente vossos filhos.
Ao vo-los entregar, perco os melhores
companheiros do mundo. Como orvalho
caia a bênção sobre eles do céu alto,
pois são merecedores de dois astros
acrescentarem na celeste abóbada.
CIMBELINO · *(Falas a um tempo e choras.)* O serviço
que vós três me prestastes é milagre

shakespearebrasileiro.org

mais raro do que quanto me contaste.
Perdi os filhos; mas se forem estes,
mais dignos desejar não me é possível.
BELÁRIO · Escutai-me ainda um pouco. Este fidalgo
que eu costumo chamar de Polidoro,
oh muito digno príncipe, é Guidério;
este outro gentil-homem é Arvirago,
meu Cadval, vosso príncipe caçula.
Envolvido num manto ele se achava
bordado com muita arte pela própria
Rainha-mãe, que, para melhor prova,
vos poderei mostrar.
CIMBELINO · Guidério tinha
no pescoço um sinal, sangüínea estrela,
marca muito curiosa.
BELÁRIO · Ei-lo, senhor, que ainda mostrar pode
no corpo esse sinal da natureza.
Foi esta providente em sua dádiva
que ora vos faz aqui reconhecê-lo.
CIMBELINO · Desta arte me tornei mãe de três filhos?
Mãe nenhuma jamais se alegrou tanto,
após a decedura. Oh! Abençoados
sejais, por terdes sido por maneira
tão estranha arrancados de vossa órbita,
para voltardes a reinar agora.
Oh Imogênia! Com isto um reino perdes.
IMOGÊNIA · Ao contrário, meu pai: ganhei dois mundos.
Oh meus gentis irmãos! Desta maneira
viemos nos encontrar? Não digais nunca
que eu não falo a verdade: vós me destes
de irmão o nome, e vossa irmã eu era;
eu vos chamei o que éreis mesmo: irmãos.
CIMBELINO · Já vos havíeis visto?
ARVIRAGO · Sim, milorde.
GUIDÉRIO · E nos amamos à primeira vista,
sem quebra de afeição, até julgarmos
que ela havia morrido.
CORNÉLIO · Ao ter tomado
a droga da Rainha.
CIMBELINO · Oh raro instinto!
Quando saberei tudo? Este resumo
violento contém galhos que se expandem
em particularidades incontáveis.
Onde, como viveste? Como a soldo
ficaste do romano prisioneiro?
Como te separaste de teus manos?
De que modo os achaste? Por que causa
deixaste a corte? Onde encontraste abrigo?
Tudo isso e muito mais vos perguntara,
e o tríplice motivo que à batalha
vos compeliu, com todos os problemas
correlatos, se a isso não obstassem
as circunstâncias de lugar e tempo.
Vede como ancorado se acha Póstumo
em Imogênia; qual benigno raio
esta lhe lança o olhar, em mim, nos manos,
em seu amo, emprestando a cada objeto
alegria que em todos se reflete.
Convém deixar o campo e encher o templo
com a fumaça de nossos sacrifícios.
(A Belário.) Meu irmão hás de ser daqui por diante.
IMOGÊNIA · Filha também sou vossa, pois salvastes-me,
para que eu ver pudesse esta hora grata.
CIMBELINO · A alegria é geral, menos para estes
que em ferros se acham. Pois que fiquem livres,
porque de vossa dita participem.
IMOGÊNIA · Meu bom amo, um serviço vou prestar-
vos.
LÚCIO · Possas ser venturosa!
CIMBELINO · Oh! Se o soldado
destemido que tão valentemente
lutou do nosso lado, aqui pudesse
também estar agora, para a graça
receber de um monarca!
PÓSTUMO · Eu sou, milorde,
o que lutei ao lado destes bravos,
com vestes andrajosas, mas de acordo
com o fim que me propunha. E que eu sou ele...
Fala, Iachimo; ao solo vos jogara:
fácil me fora, então, vos deixar morto.
IACHIMO *(ajoelhando-se)* ·
Por terra estou de novo, mas é o peso
da consciência que a curvar-me obriga,
não vosso braço. Peço-vos que a vida
me tireis, que vos devo tantas vezes,
mas primeiro este anel e o bracelete
da mais pura princesa que afirmado
seus sentimentos haja em qualquer tempo.
PÓSTUMO · Não ajoelheis diante de mim;
a força que sobre vós possuo, vou usá-la
para vos dar a vida. Será minha
vingança vos salvar. Vivei e sede
melhor para os demais.
CIMBELINO · Nobre sentença!

shakespearebrasileiro.org

O genro nos ensina a ser magnânimo.
Há perdão para todos.
ARVIRAGO · Ajudastes-nos,
senhor, como se fôsseis, em verdade,
nosso irmão. A certeza que ora temos
de o serdes, nos alegra.
PÓSTUMO · Vosso servo,
príncipes. Vós, meu bom senhor romano,
chamai nosso adivinho. Pareceu-me,
quando a dormir estava, que baixara
do céu sentado na águia, o grande Júpiter,
cercado por espectros dos meus mortos.
Ao despertar, no peito deparou-se-me
esta pequena placa, cujo escrito
de tal dificuldade é para o espírito,
que não posso explicá-la. Ele que a prova
nos dê de sua habilidade nisso.
LÚCIO · Filarmônio!
ADIVINHO · Presente, meu bom lorde!
LÚCIO · Interpreta o sentido deste escrito.
ADIVINHO · "Quando um cachorro de leão de
si mesmo desconhecido, encontrado sem ser
procurado, for abraçado por um pouco de ar
fagueiro, e quando de um cedro imponente os ramos
amputados reviverem depois de estarem mortos
muitos anos e, reunidos ao velho tronco, crescerem
com frescor, as misérias de Póstumo chegarão ao seu
termo, a Bretanha será feliz e florescerá na paz e na
abundância."
O cachorro de leão és tu, Leonato.
como o indica teu nome interpretado,
pois "Leo-nato" diz isso, justamente.
O pouco de ar fagueiro, Cimbelino,
quer dizer tua filha, ao que chamamos
"mollis aer". Ora, ao justo, "mollis aer"
é, para nós, "mulier"; "mulier", explico,
(a Póstumo.) é vossa fiel esposa que nesta hora,
correspondendo ao que nos diz o oráculo,
espontânea e de vós desconhecida,
com ar fagueiro vos enlaça e prende.
CIMBELINO ·
Há sentido em tudo isso.
ADIVINHO · O cedro augusto,
real Cimbelino, és tu, sendo os dois galhos
amputados teus filhos, que, raptados
por Belário, durante muitos anos
foram tidos por mortos, mas agora
revivem junto do imponente cedro,
cuja prole à Bretanha é promissora
de abundância e de paz.
CIMBELINO · Bem. Comecemos
nossa paz desde agora. Caio Lúcio,
conquanto vencedores, submetemo-nos
a César e à alta Roma, prometendo
pagar o anual tributo, de que fomos
dissuadidos por nossa ruim esposa.
Baixou sobre ela e o filho a mão pesada
dos deuses justiceiros.
ADIVINHO · Que a harmonia
desta paz seja sempre regulada
pelos dedos das forças sempiternas.
Desse modo a visão se concretiza
que a Lúcio eu fiz saber antes do embate
inicial da batalha que acalmada
só de pouco se encontra: a águia romana
do sul para oeste o vôo levantara;
diminuíra aos poucos e nos raios
do sol desaparecera, o que era indício
de que nossa águia real, o grande César,
haveria de unir de novo a graça
com Cimbelino, que, radioso, brilha
nestas regiões do oeste.
CIMBELINO · Agradeçamos
aos deuses. Dos altares abençoados
até eles suba em caracóis o fumo.
Anunciemos a paz aos nossos súditos.
A caminho! Que a flâmula romana
e a bretã em concórdia ora tremulem.
Por Lud atravessemos e firmemos
a paz no templo do potente Júpiter,
com festejos solenes. A caminho!
Nunca foram tais festas celebradas
estando as mãos de sangue ainda manchadas.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

ALONSO, Rei de Nápoles.
SEBASTIÃO, seu irmão.
PRÓSPERO, o legítimo duque de Milão.
ANTÔNIO, seu irmão, duque usurpador de Milão.
FERDINANDO, filho do Rei de Nápoles.
GONZALO, um velho e honesto conselheiro.

ADRIANO, FRANCISCO } nobres.

CALIBÃ, escravo selvagem e disforme.
TRÍNCULO, palhaço.
ESTÉFANO, despenseiro bêbado.
Comandante de um navio, contramestre, marinheiros.

MIRANDA, filha de Próspero.
ARIEL, espírito do ar.

ÍRIS, CERES, JUNO, NINFAS, SEGADORES } espíritos.

Outros espíritos, a serviço de Próspero.

Cena

A bordo de um navio; depois, em uma ilha.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

A bordo de um navio no mar. Tempestade, com relâmpagos e trovões.
Entram, por lados diferentes, um comandante de navio e um contramestre.

COMANDANTE · Contramestre!
CONTRAMESTRE · Aqui, comandante! Tudo bem?
COMANDANTE · Bem. Falai com os marinheiros. Pegai firme, se não, iremos dar à costa. Mãos à obra! Mãos à obra!

(Entram marinheiros)

CONTRAMESTRE · Vamos, corações! Coragem! Coragem, meus corações! Força! Coragem! Amainai a mezena! Prestai atenção ao apito do comandante! — Sopra, vento, até arrebentar, se houver espaço bastante!

(Entram Alonso, Sebastião, Antônio, Ferdinando, Gonzalo e outros).

ALONSO · Cuidado, cuidado, bondoso contramestre! Onde está o comandante? Sede homens!
CONTRAMESTRE · Por obséquio, ficai l á embaixo.
ANTÔNIO · Contramestre, onde está o comandante?
CONTRAMESTRE · Não o estais ouvindo? Mas, assim, atrapalhais nosso trabalho. Permanecei nos camarotes; estais mas é ajudando a tempestade.
GONZALO · Tende paciência, amigo.
CONTRAMESTRE · Quando o mar tiver paciência. Vamos, fora daqui! Que importa a estes berradores o nome de Rei? Ide para os camarotes! Silêncio! Não nos prejudiqueis!
GONZALO · Bem; mas lembra-te de quem levas a bordo.
CONTRAMESTRE · Ninguém a quem eu ame mais do que a mim próprio. Sois conselheiro, não? Se pudermos impor silêncio a estes elementos e estabelecer ordem imediata, não tocaremos em uma só corda mais. Recorrei a vossa autoridade; mas se ela for inoperante, dai graças ao céu por terdes vivido tanto e ficai nos camarotes preparados para o que vossa hora vos reservou. — Coragem, meus corações! — Saí do caminho, já disse!

(Sai.)

GONZALO · Tenho muita confiança neste camarada. Não tem cara de quem há de morrer afogado. Tem mais cara de enforcado. Persisti, bondoso Fado, no enforcamento dele. Fazei que a corda de seu destino seja nosso cabo, que o nosso mesmo não oferece nenhuma resistência. Mas se ele não nasceu para a forca, nossa situação é miserável.

(Saem. Volta o Comandante.)

CONTRAMESTRE · Amainai o joanete! Vamos! Depressa! Mais baixo! Mais baixo! Experimentemos deixar só a vela grande! *(Ouve-se um grito no interior.)* A peste leve esses gritadores! Fazem mais barulho do que a tempestade e todas as manobras.

(Voltam Sebastião, Antônio e Gonzalo.)

Outra vez? que fazeis aqui? Será preciso largar tudo e perecer afogado? Quereis ir para o fundo?
SEBASTIÃO · Que a bexiga vos ataque a goela, cão gritador, blasfemo e sem caridade!
CONTRAMESTRE · Nesse caso, trabalhai!
ANTÔNIO · Vai te enforcar, mastim! Vai te enforcar, gritador insolente e sem-vergonha! Temos menos medo de perecer afogado do que tu.
GONZALO · Sirvo eu de fiador em como ele não morrerá afogado, ainda que o navio fosse tão resistente quanto uma casca de noz, e vazasse tanto quanto uma rapariga incontinente.
CONTRAMESTRE · Orça! Orça! Largai duas velas! Virai de bordo outra vez! Ao largo! Ao largo!

(Entram marinheiros com roupas molhadas.)

MARINHEIROS · Está tudo perdido! Vamos rezar! Vamos rezar! Está tudo perdido!

(Saem.)

CONTRAMESTRE · Como! Teremos de ficar com a boca fria?
GONZALO · O Rei e o filho rezam; imitemo-los, que o nosso caso é o mesmo.
SEBASTIÃO · É intolerável!
ANTÔNIO · A vida temos à mercê de uns bêbedos, ratoneiros no jogo. Aquele biltre de boca escancarada... Só quisera ver-te a afogar, e que levado fosses por dez marés!
GONZALO · Espera-o mas é a forca, muito embora a isso se opusessem todas as gotas de água e se alargassem, para tragá-lo de uma vez.

(Rumores confusos no interior.)

shakespearebrasileiro.org

"Misericórdia!"

"O navio está abrindo! Naufragamos!"
"Adeus, irmão!" "Estamos naufragando!"
Antônio · Pereçamos com o Rei.

(Sai.)

Sebastião · Despeçamo-nos dele.

(Sai.)

Gonzalo · Daria agora mil estádios de mar por uma jeira de terra estéril, com urzes longas, tojo escuro... fosse o que fosse. Seja feita a vontade lá de cima; mas preferia ter morte seca.

(Sai.)

Ato I · Cena II

A ilha. Diante da cela de Próspero.
Entram Próspero e Miranda.

Miranda · Se com vossa arte, pai querido, as águas
selvagens levantastes, acalmai-as.
Derramaria o céu pez escaldante,
se até sua face o mar não se elevasse,
para apagar o fogo. Como a vista
dos que sofriam me era dolorosa!
Um navio tão bravo, que, sem dúvida,
conduzia pessoas excelentes,
reduzido a pedaços! Transpassaram-me
o coração seus gritos. Pobres almas!
Pereceram. Se eu fosse um deus potente,
pela terra absorvido o mar seria,
antes de naufragar tão bom navio
com sua carga de almas.
Próspero · Tranqüiliza-te.
Acalma o susto e conta ao teu piedoso
coração que não houve nenhum dano.
Miranda · Oh! Que dia!
Próspero · Nenhum. Tudo o que fiz,
foi por ti, simplesmente, minha filha,
por tua causa, filha idolatrada,
que não sabes quem és, nem tens notícia
de onde eu teria vindo, nem que eu possa
ser mais que Próspero, talvez, o dono
desta gruta e teu pai não muito grande.
Miranda · Desejos nunca tive de obter outras
informações.
Próspero · É tempo de saberes
alguma coisa mais. A mão me empresta
e dos ombros me tira o manto mágico. —
Perfeitamente.

(Tira o manto.)

Fica aí, minha arte. —
As lágrimas enxuga; fica alegre.
O espetac'lo terrível do naufrágio
que em ti fez despertar a própria força
da compaixão, por mim foi de tal modo
dirigido, com tanta segurança,
que, de toda essa gente, cujos gritos
ouviste e que à tua vista naufragou,
nenhuma alma, nenhuma, nem um fio
de cabelo sofreu nenhum prejuízo.
Senta-te aqui; precisas saber tudo.
Miranda · Mais de uma vez quisestes revelar-me
quem eu sou; mas paráveis, entregando-me
a vãs cogitações, e me dizíeis:
"Espera mais; é cedo".
Próspero · Chegou a hora,
não, o minuto justo em que é preciso
teres o ouvido aberto. Ora obedece-me
e atenção presta a tudo. Tens alguma
lembrança da época em que nós ainda
não vivíamos nesta cela pobre?
Não acredito, pois naquele tempo
não contavas três anos.
Miranda · Oh! decerto,
senhor, posso lembrar-me.
Próspero · Por que indícios?
Outra casa? Pessoas diferentes?
A imagem me revela do que possas
ainda ter conservado na memória.
Miranda · Tudo muito distante. É mais um sonho
do que certeza o que a reminiscência
me leva a asseverar. Não houve uma época,
há muito tempo, em que de mim cuidavam

shakespearebrasileiro.org

quatro ou cinco mulheres?
PRÓSPERO · Sim, Miranda;
e mais, até. Porém, como te lembras
de semelhante coisa? Que distingues,
além disso, no escuro do passado
e no seio do tempo? Se consegues
lembrar-te de algo acontecido em época
anterior à tua vinda, também podes
lembrar-te como para cá vieste.
MIRANDA · Disso, porém, não tenho idéia alguma.
PRÓSPERO · Há doze anos, Miranda, sim, doze anos,
era teu pai um poderoso príncipe
e duque de Milão.
MIRANDA · Então, senhor,
não sois meu pai?
PRÓSPERO · Tua mãe foi um modelo
de virtude, e me disse que, em verdade,
minha filha tu eras. Teu pai era,
pois, duque de Milão. Como herdeira única
tinha ele uma princesa, nada menos.
MIRANDA · Oh céus! Por que traição perdemos isso?
Ou foi melhor assim?
PRÓSPERO · Ambas as coisas.
Sim, por traição, como disseste, viemos
parar aqui; mas redundou em nossa felicidade.
MIRANDA · Oh céus! O coração me sangra
só de pensar em quanto vos fui causa
de sofrimento, do que não me resta
nada mais na memória. Prossegui,
por obséquio.
PRÓSPERO · Meu mano, e, pois, teu tio,
de nome Antônio... Peço-te prestar-me
toda atenção. — Concebe-se que possa
ser um irmão tão pérfido a esse ponto? —
Depois de ti, era a ele que eu amava
mais do que tudo neste mundo, tendo-lhe
confiado a direção de meu Estado,
que, na época, primava sobre todos,
tal como Próspero entre os outros príncipes.
Gozando de tão alta dignidade,
não achava rival no que respeita
às artes liberais. A estas dicando
todo o meu tempo, o peso do governo
transferi a meu mano, assim tornando-me
cada vez mais estranho à minha terra,
porque às ciências secretas dedicado.
Teu falso tio, entanto... Estás me ouvindo?
MIRANDA · Sou toda ouvidos, meu senhor.
PRÓSPERO · Havendo
ficado inteiramente a par de como
satisfazer pedidos ou negá-los,
a quem favorecer, a quem de todo
burlar nas pretensões, criou de novo
minhas criaturas, ou melhor, mudou-lhes
a natureza, outra feição lhes dando.
A um só tempo dispondo dos ofícios
e da chave do cargo, afinou todos
os corações de acordo com a toada
que aos ouvidos mais grata lhe soasse,
e na hera se mudou, pois, que meu trono
principesco escondia e que lhe a seiva
vital sugava toda. Mas não prestas
atenção ao que eu digo.
MIRANDA · Presto, sim,
meu bondoso senhor.
PRÓSPERO · Não percas nada,
peço-te. Descurando dos assuntos
temporais e vivendo inteiramente
retirado, a cuidar, tão-só, dos meios
de aperfeiçoar o espírito com as artes
que, a não serem secretas, no conceito
dos homens subiriam, fiz instintos
perversos despertar no mano pérfido.
Minha confiança, como pai bondoso,
fez nascer nele uma traição tão grande
quanto minha boa-fé, que era, em verdade,
sem limites, imensa. Assim, tornado
senhor não só de quanto minhas rendas
lhe facultavam, mas também de tudo
que meu poder, então, lhe permitia —
como alguém que o pecado da memória
cometesse, por dar inteiro crédito
às suas próprias mentiras, enunciadas
como verdades puras — chegou ele
a acreditar que era, de fato, o duque,
por ser o substituto e estar afeito
às mostras exteriores da realeza
e aos privilégios inerentes a ela.
Tendo sua ambição tomado vulto...
Estás me ouvindo?
MIRANDA · Estou, senhor, que a vossa
narração curaria os próprios surdos.
PRÓSPERO · Porque anteparo algum se interpusesse
entre o papel que então lhe competia

shakespearebrasileiro.org

e o ator desse papel, julgou preciso
tornar-se de Milão o único dono.
Eu, coitado, ducado muito grande
já me era a biblioteca. Ele julgou-me
incapaz da realeza temporária;
confederou-se com o Rei de Nápoles —
tal era a sua sede de domínio! —
prometendo pagar-lhe anual tributo
e prestar-lhe homenagem, sujeitando
sua coroa à dele, e, assim, deixando-a —
pobre Milão, que nunca se dobrara! —
na mais vil sujeição.

Miranda · Oh céus!

Próspero · Reflete
sobre essas condições e as conseqüências
de semelhante aliança, e ora me dize
se era um irmão esse homem.

Miranda · Fora grande
pecado ajuizar mal de minha avó.
Já se têm visto muito nobres ventres
dar à luz ruins filhos.

Próspero · Mas cheguemos
às condições. Sendo esse Rei de Nápoles
meu inimigo acérrimo, a proposta
de meu irmão aceita, isto é, em troca
da vassalagem e do estipulado
tributo — não sei quanto — compromete-se
a me expulsar e aos meus do meu ducado,
entregando Milão, a incomparável,
com suas honras todas, a meu mano.
Assim, reunido um traiçoeiro exército,
em certa noite apropriada ao feito
abriu Antônio as portas da cidade
e em plena escuridão os seus asseclas
me tiraram dali rapidamente,
contigo, pobrezinha, esfeita em lágrimas.

Miranda · Oh, que tristeza! Tendo-me esquecido
como eu chorava então, desejos sinto
de chorar novamente; os olhos força-me
esta oportunidade.

Próspero · Alguns momentos
mais de atenção, para chegarmos logo
ao ponto principal, sem o quê fora
toda esta história assaz impertinente.

Miranda · Por que não nos tiraram logo a vida?

Próspero · Bela pergunta, jovem, suscitada
por minha narrativa. Não ousaram,
querida — tanto o povo me estimava —
pôr um selo tão rubro nesse assunto;
mas emprestaram cores mais risonhas
a seus nefandos fins. Em suma, à pressa,
puseram-nos num barco e a algumas léguas
da costa nos levaram, onde tinham
prestes uma carcaça apodrecida
de navio, sem mastros, sem cordoalha,
sem vela, nada, enfim. Os próprios ratos
o haviam, por instinto, abandonado.
Guindaram-nos para aí, porque chorássemos
às ondas mugidoras e suspiros
enviássemos aos ventos, que, piedosos,
devolvendo os suspiros, nos faziam
sofrer por amizade.

Miranda · Oh! Quanto incômodo
não vos causei!

Próspero · Um querubim tu foste,
que a vida me salvou. Então sorrias,
enquanto eu borrifava o mar com lágrimas
salgadas, a gemer sob o meu fardo.
Isso me deu a irresistível força
para agüentar quanto o futuro incerto
me reservasse ainda.

Miranda · E de que modo
fomos bater à praia?

Próspero · A Providência
divina nos guiou. Conosco tínhamos
alimentos alguns e um pouco de água
potável que Gonzalo, da nobreza
napolitana, e que incumbido fora
da execução de todo esse projeto,
por piedade, tão-só, nos concedera,
além de ricas vestes, linho, panos
e muitas outras coisas, que têm sido
de grande utilidade. Assim, por pura
gentileza, sabendo quanto apego
eu tinha aos livros, trouxe-me de minha
biblioteca volumes que eu prezava
mais do que meu ducado.

Miranda · Oh! Se algum dia
pudesse eu ver esse homem!

Próspero · Ora fico
de pé outra vez.

(Torna a vestir o manto.)

Sentada continua,
para ouvires o fim de nossos longos
dissabores marítimos. Chegamos
a esta ilha, e aqui me foi possível, como

shakespearebrasileiro.org

teu preceptor, fazer que progredisses
mais do que outras princesas que dispõem
de muitas horas fúteis e não contam
com um mestre tão assíduo e dedicado.
MIRANDA · O céu vos recompense. E ora dizei-me,
por favor, que ainda tenho inquieto o espírito:
por que essa tempestade levantastes?
PRÓSPERO · Aprenderás mais isso. Por acaso
muito estranho a Fortuna generosa,
minha senhora mui prezada agora,
trouxe os meus inimigos a esta praia.
A ciência do futuro me revela
que o meu zênite se acha dominado
por um astro auspicioso, cuja influência
me cumpre aproveitar, caso não queira
que se apague de vez a minha sorte.
E agora basta de perguntas. Mostras-te
inclinada a dormir, sendo preciso
ceder a esse torpor em tudo grato.
Não podes escolher, tenho certeza.

(Miranda adormece.)

Servidor, estou pronto novamente!
Vem, meu Ariel! Aqui!

(Entra Ariel.)

ARIEL · Meu grande mestre, salve! Salve, grave
senhor! Vim para em tudo obedecer-te,
ou seja, para voar, nadar, no fogo
mergulhar, ou montar nas nuvens densas.
Tua vontade forte é que domina
Ariel e seu poder.
PRÓSPERO · Executaste,
espírito, direito a tempestade,
conforme te ordenei?
ARIEL · Ponto por ponto.
Assaltei o real barco; ora na proa,
ora nos flancos, na coberta, em todos
os camarotes acendi o susto.
Dividido, por vezes, inflamava-me
em diversos lugares: sobre o mastro,
no gurupés, nas vergas, em distintas
chamas aparecia, para numa,
depois, me concentrar. Não são mais rápidos
nem mais ofuscadores os relâmpagos
de Jove, precursores das trovoadas
assustadoras. Tanto fogo e o embate
do sulfúrico estrondo pareciam
tomar de assalto o muito poderoso
Netuno e amedrontar suas bravas ondas.
Sim, até o tridente formidável
lhe tremia nas mãos.
PRÓSPERO · Meu bravo espírito!
Quem terá sido tão constante e firme
que a razão não perdesse em tal revolta?
ARIEL · Não houve alma que a febre da loucura
não revelasse e não mostrasse certos
sinais de desespero. Com exceção
dos marinheiros, todos mergulharam
na espumosa voragem, desertando
o navio, que em chamas eu deixara.
O herdeiro da coroa, Ferdinando,
com os cabelos em pé — mais parecia
junco do que cabelo — deu o exemplo,
e, ao saltar, exclamou: "Ficou vazio
todo o inferno; os demônios estão soltos!"
PRÓSPERO · Muito bem, meu espírito! Foi isso
perto da praia, não?
ARIEL · Bem perto, mestre.
PRÓSPERO · Mas Ariel, estão salvos mesmo todos?
ARIEL · Não se perdeu um fio de cabelo,
nem há nas vestes com que se salvaram
uma mancha sequer; mais frescas todas
estão do que antes. E, de acordo sempre
com o que recomendaste, dispersei-os
em bandos por toda a ilha. O herdeiro príncipe,
fi-lo chegar a terra por si próprio.
Deixei-o a refrescar o ar com suspiros,
sentado a um canto estranho da ilha, os braços
tristemente cruzados, deste modo.
PRÓSPERO · O real navio, com seus marinheiros,
dize onde foi parar, e os mais da frota?
ARIEL · O navio do Rei está no porto,
no golfo em que uma vez me convocaste
para buscar orvalho das Bermudas
tempestuosas. Ali se acha escondido.
Todos os marinheiros estão dentro
da escotilha; com meus encantamentos
secundando a fadiga dos trabalhos,
deixei-os a dormir. Os outros barcos
que eu dispersara estão de novo juntos.
Pelo Mediterrâneo agora singram,
tristemente, rumando para Nápoles,
certos de terem visto a capitânia,
que o Rei levava, soçobrar e Sua
Grandeza perecer.

shakespearebrasileiro.org

PRÓSPERO · Ariel, cumpriste
tua missão a ponto; mas ainda
terás o que fazer. Que tempo é agora?
ARIEL · Meio-dia passado.
PRÓSPERO · Pelo menos
de duas ampulhetas. É preciso
que aproveitar saibamos o intervalo
de agora até seis horas.
ARIEL · Mais fadigas?
Já que novos trabalhos me destinas,
permite que te lembre uma promessa
que ainda não cumpriste.
PRÓSPERO · Quê! Zangado?
Que podes desejar?
ARIEL · A liberdade.
PRÓSPERO ·
Antes do tempo certo? Nunca!
ARIEL · Lembra-te
que te prestei serviços importantes
nunca menti, não descuidei de nada,
nem me mostrei queixoso ou rabugento.
Prometeste abater-me um ano inteiro.
PRÓSPERO · Pareces esquecido do tormento
de que te libertei.
ARIEL · Eu, esquecido?
PRÓSPERO · Sim, esqueceste, e julgas de mais peso
pisar no limo do salgado pélago,
ir empós do cortante vento norte,
nas veias, para mim, descer da terra,
quando o gelo a recoze.
ARIEL · Senhor, não!
PRÓSPERO · Mentes, coisa maligna! Não te lembras
da repelente bruxa Sicorax,
que a idade e a inveja em arco recurvaram?
Já te esqueceste dela?
ARIEL · Não, senhor.
PRÓSPERO · Só parece que sim. Se não, me dize:
de onde era ela? Onde nasceu? Responde.
ARIEL · Na Argélia, meu senhor.
PRÓSPERO · Ah! sim? Preciso
todos os meses repetir quem foste,
coisa de que te esqueces a toda hora.
Essa bruxa maldita, Sicorax,
por crimes horrorosos e terríveis
feitiçarias que os mortais ouvidos
não podem suportar, se viu banida,
como sabes, da Argélia. Uma só coisa —
ia ser mãe — pôde salvar-lhe a vida.
Não é verdade tudo?
ARIEL · Sim, senhor.
PRÓSPERO · Por grávida encontrar-se, essa megera
de olhos azuis foi para cá trazida
e abandonada pelos marinheiros.
Tu, meu escravo, como te nomeias,
eras, então, seu criado. Mas por seres
um espírito muito delicado
para suas ordens por demais terrenas
e repugnantes, não te submetias
a quanto ela ordenava, razão clara
de te haver ela, ouvindo o imperativo
de seu furor imenso e com o auxílio
de seus ministros de poder mais forte,
fechado numa fenda de pinheiro.
Nessa racha de tronco, atormentado,
uns doze anos ficaste, no qual tempo
veio a morrer a amaldiçoada bruxa,
na prisão te deixando, onde soltavas
gemidos tão freqüentes como as rodas
do moinho em seu girar. Então, esta ilha —
se excetuarmos o filho que ela teve,
um mostrengo manchado — forma humana
nenhuma a enobrecia.
ARIEL · Sim, seu filho
Calibã.
PRÓSPERO · Coisa obtusa, é o que te digo.
É o mesmo Calibã que ora me serve.
Ninguém melhor que tu sabe os tormentos
em que te achei. Faziam teus gemidos
ulular lobos e calavam fundo
no coração dos ursos indomáveis.
Era martírio para os condenados
aos suplícios eternos, que desfeito
já não podia ser por Sicorax.
ARIEL · Agradeço-te, mestre.
PRÓSPERO · Caso venhas
de novo a murmurar, fendo um carvalho
e como cunha te comprimo dentro
de seu nodoso corpo, até que venhas
ululado durante doze invernos.
ARIEL · Perdão, mestre; mas hei de conformar-me
a quanto me ordenares, perfazendo
de grado minha obrigação de espírito.

shakespearebrasileiro.org

PRÓSPERO · Faze assim, porque dentro de dois dias
dar-te-ei a liberdade.
ARIEL · Eis o meu nobre mestre, novamente!
Que é preciso fazer? Dize. Que mandas?
PRÓSPERO · A forma adquire logo de uma ninfa,
a mim e a ti visível, tão-somente,
a ninguém mais. Assume essa postura
e volta para cá. Vamos! Depressa!
(Sai Ariel.)
Acorda, coração, acorda logo;
já dormiste bastante.
MIRANDA *(despertando)* · O extraordinário
de vossa história me deixou com sono.
PRÓSPERO · Sacode-o. Vamos ver o meu escravo
Calibã, que só tem palavras duras
para minhas perguntas.
MIRANDA · É um velhaco,
meu senhor, cuja vista me repugna.
PRÓSPERO · Contudo, não podemos dispensá-lo.
Acende-nos o fogo, traz-nos lenha
e nos presta serviços variados
de muita utilidade. Olá! Escravo!
Bloco de terra! Calibã! Responde!
CALIBÃ *(dentro)* ·
Há muita lenha em casa.
PRÓSPERO · Vem! Já disse.
Vou dar-te outro serviço. Tartaruga,
vem logo! Vens?
(Entra Ariel, metamorfoseado em ninfa do mar.)
Que linda aparição!
Meu precioso Ariel, ouve-me à parte.
ARIEL · Será feito, senhor.
(Sai.)
PRÓSPERO · Vem para fora,
escravo venenoso, pelo próprio
diabo gerado em tua mãe maldita.
(Entra Calibã.)
CALIBÃ · Que em vós dois caia orvalho tão nocivo
como o que minha mãe tinha por hábito
colher nos charcos pútridos com uma asa
negra de corvo. Em vós sopre o suloeste
e vos deixe cobertos de feridas.
PRÓSPERO · Por isso, fica certo, hás de esta noite
sofrer cãibras contínuas e pontadas
sentir que te hão de perturbar o fôlego.
À noite, todo o tempo em que puderem
mexer-se os duendes, hão de exercitar-se
sem pausa sobre ti. Tão densamente
como um favo de mel serás picado,
sendo mais dolorosa cada uma
dessas ferretoadas do que quantas
dêem as próprias abelhas.
CALIBÃ · Está na hora
do meu jantar. Esta ilha é minha; herdei-a
de Sicorax, a minha mãe. Roubaste-ma;
adulavas-me, quando aqui chegaste;
fazias-me carícias e me davas
água com bagas, como me ensinaste
o nome da luz grande e da pequena,
que de dia e de noite sempre queimam.
Naquele tempo, tinha-te amizade,
mostrei-te as fontes frescas e as salgadas,
onde era a terra fértil, onde estéril...
Seja eu maldito por havê-lo feito!
Que em cima de vós caia quanto tinha
de encantos Sicorax: besouros, sapos
e morcegos. Eu, todos os vassalos
de que dispondes, era nesse tempo
meu próprio soberano. Mas agora
me enchiqueirastes nesta dura rocha
e me proíbes de andar pela ilha toda.
PRÓSPERO · Escravo mentiroso, só pancada
te pode comover, nunca o bom trato.
Sujo como és, tratei-te como gente,
alojando-te em minha própria cela,
até ao momento em que tiveste o ousio
de querer desonrar a minha filha.
CALIBÃ · Oh oh! Oh oh! Quisera tê-lo feito;
mas mo impediste. Se não fora isso,
com Calibãs houvera a ilha povoado.
PRÓSPERO · Escravo abominável, carecente
da menor chispa de bondade, e apenas
capaz de fazer mal! Tive piedade
de ti; não me poupei canseiras, para
ensinar-te a falar, não se passando
uma hora em que não te dissesse o nome
disto ou daquilo. Então, como selvagem,
não sabias nem mesmo o que querias;
emitias apenas gorgorejos,
tal como os brutos; de palavras várias
dotei-te as intenções, porque pudesses
torná-las conhecidas. Mas embora
tivesse aprendido muitas coisas,
tua vil raça era dotada de algo

shakespearebrasileiro.org

que as naturezas nobres não comportam.
Por isso, merecidamente, foste
restringido a esta rocha, sendo certo
que mais do que prisão tu merecias.
CALIBÃ · A falar me ensinastes, em verdade.
Minha vantagem nisso, é ter ficado
sabendo como amaldiçoar. Que a peste
vermelha vos carregue, por me terdes
ensinado a falar vossa linguagem.
PRÓSPERO · Fora daqui, filho de feiticeira!
Vai buscar lenha e não demores nada,
e o que te digo, que ainda tens serviço.
Ah! Pouco se te dá, demônio? Caso
negligencies ou faças de mau grado
quanto estou a mandar, com velhas cãibras
a tratos ficarás, cheios teus ossos
de dores lancinantes, que te obriguem
a rugir de tal modo, que até as feras
hão de tremer à tua gritaria.
CALIBÃ · Não, por favor... *(à parte.)* Forçoso é
obedecer.
Sua arte é tão potente, que lhe fora
possível dominar até Setebos,
o deus de minha mãe e transformá-lo
em seu vassalo, até.
PRÓSPERO · Vai logo, escravo!
(Sai Calibã. Volta Ariel, invisível, tocando e cantando; Ferdinando o segue.)
Cantiga de Ariel
Sobre esta areia amarela
saudai a bela.
E após a terdes beijado
e o mar calado,
cantai, espíritos ledos,
em coro, vossos brinquedos.
Ouvi! Ouvi!
(Coro disperso.) Au! Au!
Os cães ladram em sarau
(Coro disperso.) Au! Au!
Ouvi sequer
o canto do chantecler:
Co-co-ri-có!
FERDINANDO · De onde vem esta música? Da terra?
Do céu, talvez? Parou. É dirigida,
certamente, a algum deus desta bela ilha.
Na praia eu me encontrava, a lastimar-me
pelo naufrágio de meu pai, o Rei,
quando por sobre as águas esta música
chegou até a mim, deixando serenada
com o seu doce encanto, a um tempo, a fúria
delas e a minha mágoa. Acompanhei-a
até aqui, ou melhor: fui arrastado.
Mas já parou. Não! Ei-la novamente.
ARIEL *canta* ·
Teu pai está a cinco braças.
Dos ossos nasceu coral,
dos olhos, pérolas baças.
Tudo nele é perenal;
mas em algo peregrino
transforma-o o mar de contínuo
O sino das ninfas soa:
(Coro.) Dim, dim, dão!
Escutai como reboa:
(Coro.) Dim, dim, dão!
FERDINANDO ·
Faz-me lembrar a toada o pai defunto.
Não é mortal cantiga, nem terrenos
são esses sons. Agora os ouço em cima.
PRÓSPERO · Afasta as franjas que te os olhos cobre
e dize o que ali vês.
MIRANDA · Será espírito?
Oh céus! que olhar o dele! Acreditai-me,
senhor, a forma é bela. Mas é espírito.
PRÓSPERO · Não, menina; ele dorme, come e bebe
como nós dois, e tem iguais sentidos.
Perfeitamente iguais. Esse mancebo
que ali vês é um dos náufragos. Não fosse
ora achar-se algum tanto maculado
pela tristeza — o verme da beleza —
poderias chamar-lhe um homem belo.
Perdeu os companheiros e ora vaga
pela ilha a procurá-los.
MIRANDA · Chamar-lhe-ia,
de grado, algo divino. Jamais coisa
natural vi tão nobre.
PRÓSPERO *(à parte)* · Tudo marcha
como na alma desejo. — Oh belo espírito,
só por isto dar-te-ei a liberdade
nestes dois dias.
FERDINANDO · Certamente é a deusa
a quem era dicada aquela música. —
Dai-me saber se tendes na ilha a sede
e se podeis instruir-me sobre o modo
de comportar-me aqui. Minha primeira

shakespearebrasileiro.org

pergunta, que por último enuncio,
será: Oh maravilha! Sois humana
ou divina? Que sois?
MIRANDA · Não maravilha,
não divina, senhor; mulher, decerto.
FERDINANDO ·
Minha linguagem! Céus! Sou o mais alto
dos que esta língua falam! Se de novo
me achasse no país em que é falada!
PRÓSPERO · Como assim? O mais alto? Que diria,
se te ouvisse falar, o Rei de Nápoles?
FERDINANDO · Algo modesto, tal como ora sou,
que se mostra admirado por ouvir-te
falar do Rei de Nápoles. Ele ouve-me;
por isso mesmo, choro. Eu, só, sou Nápoles,
que com estes olhos, desde então em pranto,
vi o Rei naufragar, o Rei meu pai.
MIRANDA · Oh, dor!
FERDINANDO · É certo; com seus nobres todos.
O Duque de Milão, também com eles,
e seu valente filho, pereceram.
PRÓSPERO *(à parte)* · O Duque de Milão e sua filha
não menos valorosa poderiam
contradizer-te, se mais oportuna
fosse a ocasião. — Logo à primeira vista
trocou com ela olhares. Só por isto,
meu delicado Ariel, vou libertar-te. —
Uma palavra, meu senhor. Receio
que, dizendo isso, vos prejudiqueis.
MIRANDA (à *parte*) ·
Por que meu pai se expressa por maneira
tão pouco delicada? Este é o terceiro
homem que jamais vi, sendo o primeiro
que me fez suspirar. Que a piedade
possa inclinar meu pai para o meu lado.
FERDINANDO *(à parte)* ·
Se fordes virgem e se não tiverdes
comprometido o coração, de Nápoles
Rainha vos farei.
PRÓSPERO · Mais devagar,
caro senhor. Uma palavra, ainda.
(À parte.) Ambos estão rendidos. É preciso,
porém, deixar um pouco mais difícil
essa conquista, para que a vitória
fácil demais não desmereça o preço.
(A Ferdinando.) Uma palavra. Intimo-te a escutar-me.
Um nome usurpas que não te pertence
e como espião chegaste a esta ilha, para
ma tomares, a mim, o senhor dela.
FERDINANDO ·
Não; por minha honra de homem, vo-lo afirmo.
MIRANDA · Nada de mau pode abrigar tal templo.
Se de casa tão nobre dispusesse
o espírito ruim, tudo o que é belo
se esforçaria para morar nela.
PRÓSPERO *(a Ferdinando)* ·
Acompanha-me!
(A Miranda.) Dele não me fales.
É um traidor.
(A Ferdinando.) Vamos logo. Hei de prender-te
com fortes elos o pescoço e as pernas.
Água do mar terás como bebida;
como alimento encontrarás somente
mexilhões dos regatos, ressequidas
raízes e folhelhos, onde as glandes
tenham feito seus leitos. Vamos logo!
FERDINANDO · Não; vou opor-me a esse tratamento
até que meu inimigo me domine.
(Saca da espada, mas, por encantamento, fica sem
poder mover-se.)
MIRANDA · Oh! Não o provoqueis, pai extremoso,
com tanta rispidez. Ele é educado,
não temeroso em nada.
PRÓSPERO · Como! Tenho
de obedecer aos pés? — Guarda essa espada,
traidor! Fazes menção, tão-só, de usá-la,
mas coragem não tens, que, assaz pesada,
te reprime a consciência. Deixa logo
de tomar posição, que eu poderia
com meu bastão fazer cair-te essa arma.
MIRANDA · Pai, compaixão!
PRÓSPERO · Solta-me a roupa, digo!
MIRANDA · Piedade, pai. Serei tua fiadora.
PRÓSPERO · Nem mais uma palavra! Do contrário,
repreender-te-ei, se não chegar a odiar-te.
Como! Advogando de um traidor a causa?
Silêncio, disse! Pensas que no mundo
não há ninguém assim, porque só viste
a Calibã e a este. Rapariga
sem juízo! Comparado a muitos homens,
este é outro Calibã, como são anjos
os homens perto dele.
MIRANDA · Nesse caso,
muito modestos são meus sentimentos;
não ambiciono ver ninguém mais belo.

shakespearebrasileiro.org

PRÓSPERO ·
Vem comigo; obedece-me. Teus músculos
ainda estão na infância; não têm força.
FERDINANDO ·
Realmente; como em sonho tenho o espírito:
acorrentado. A morte de meu pai,
a fraqueza que sinto, num naufrágio
perdidos os amigos, as ameaças
deste senhor, de quem sou prisioneiro,
tudo eu suportaria, se pudesse,
uma só vez ao dia, de meu cárcere
contemplar esta jovem. Que me importa
que em todo o vasto mundo a liberdade
possa encontrar guarida? Assaz espaço
terei nesta prisão.

PRÓSPERO *(à parte)* · Vai bem.
(A Ferdinando.) Sigamos.
(A Ariel.) Trabalhaste a primor, querido Ariel.
(A Ferdinando.) Acompanha-me.
(A Ariel.) Aguarda as minhas ordens.
MIRANDA · Senhor, ficai tranqüilo; melhor gênio
tem meu pai do que o inculcam tais palavras.
O que ele fez agora é inteiramente
fora do natural.
PRÓSPERO · Serás tão livre
como o vento, mas faze exatamente
tudo o que eu te mandar.
ARIEL · Ponto por ponto.
PRÓSPERO · Acompanhai-me. — Não me digas nada.
(Saem.)

Ato II · Cena I

Outra parte da ilha.
Entram Alonso, Sebastião, Antônio, Gonzalo, Adriano, Francisco e outros.

GONZALO · Por obséquio, senhor, ficai alegre.
Tendes motivo, como nós, de júbilo,
pois de muito ultrapassa o que salvamos
a tudo o que perdemos. Nossa causa
de tristeza é comum. Todos os dias
uma mulher de marinheiro, o chefe
de algum barco de carga, ou mesmo o dono
desse barco, o mesmíssimo motivo
têm de tristeza. Mas no que respeita
ao milagre, refiro-me, sem dúvida,
à nossa salvação, poucas pessoas
falarão como nós. Por isso, penso,
caro senhor, que contrabalançadas
estão as perdas com o que lucramos.
ALONSO · Cala-te, por obséquio.
SEBASTIÃO · Essas palavras
são para ele tal qual um caldo frio.
ANTÔNIO · Mas o visitador ainda insiste.
SEBASTIÃO · O relógio do espírito ele apresta;
vai dar horas.
GONZALO · Senhor!
SEBASTIÃO · Uma! Falai.
GONZALO · Quando as tristezas são assim tratadas,
sabeis o que se ganha?

SEBASTIÃO · Sei; um dólar.
GONZALO · Isso mesmo: uma dor. Falastes com
mais acerto
do que poderíeis imaginar.
SEBASTIÃO ·
E vós interpretastes o dito com mais espírito
do que eu esperava que o fizésseis.
GONZALO · Assim sendo, meu senhor...
ANTÔNIO ·
Oh céus! Como ele é pródigo com a língua!
ALONSO · Por favor, parai com isso.
GONZALO · Já parei. Contudo...
SEBASTIÃO · Ele precisa continuar a falar.
ANTÔNIO · Quem será o primeiro a cantar: ele ou
Adriano?
Vamos apostar?
SEBASTIÃO · O galo velho.
ANTÔNIO · Não, o novo.
SEBASTIÃO · Feito. Quanto apostamos?
ANTÔNIO · Uma gargalhada.
SEBASTIÃO · Aceito.
ADRIANO · Conquanto esta ilha pareça deserta...
SEBASTIÃO · Ah, ah, ah! Já estais pago.
ADRIANO · Inabitada e quase inacessível...
SEBASTIÃO · Contudo...
ADRIANO · Contudo...
ANTÔNIO · Ele não poderia deixar de achá-la.

shakespearebrasileiro.org

ADRIANO · Precisará ser de sutil, doce e agradável temperança.
ANTÔNIO · Temperança era uma rapariga delicada.
SEBASTIÃO · E Sutil, como ele disse com muita erudição.
ADRIANO · Sentimos-lhe o suave bafejo.
SEBASTIÃO · Como de pulmões podres.
ANTÔNIO · Ou como se tivesse sido perfumado por um pântano.
GONZALO · Tudo aqui é vantajoso para a vida.
ANTÔNIO · Sim, com exceção dos mantimentos.
SEBASTIÃO · Que é o que não se encontra, ou muito pouco.
GONZALO ·
Que aparência fresca e agradável a desta relva!
Como é verde!
ANTÔNIO · Realmente; o chão é aleonado.
SEBASTIÃO · Com uma pequena tonalidade verde.
ANTÔNIO · Ele quase não erra.
SEBASTIÃO · Realmente; apenas afasta-se por completo da verdade.
GONZALO · Mas o mais raro de tudo isso, que, por assim dizer, é inacreditável...
SEBASTIÃO · Como se dá com a maioria das raridades muito recomendadas...
GONZALO · ...é que as nossas vestes, molhadas, como o foram, pela água do mar, nada perderam do frescor e do lustre. Mais parecem tingidas pela água do mar, do que manchadas por ela.
ANTÔNIO · Se ao menos um de seus bolsos pudesse falar, tachá-lo-ia de mentiroso.
SEBASTIÃO · A menos que embolsasse com habilidade os seus dizeres.
GONZALO · Tenho a impressão de que nossas vestes estão agora tão frescas como quando as pusemos pela primeira vez na África, no casamento de Claribel, a bela filha do Rei, com o Príncipe de Túnis.
SEBASTIÃO · Foi um belo casamento, tendo sido nós, ao retorno, muito bem-sucedidos.
ADRIANO · Nunca Túnis tivera a graça de possuir uma Rainha tão incomparável.
GONZALO · É certo; desde o tempo da viúva Dido.
ANTÔNIO · Viúva, como? A peste que a carregue! Por que essa viúva, agora? Ora, a viúva Dido!
SEBASTIÃO · E se ele tivesse dito também: o viúvo Enéias? Como interpretais as coisas?
ADRIANO · "A viúva Dido"; não foi o que dissestes? Levastes-me a refletir sobre o caso; ela não era de Túnis, mas de Cartago.
GONZALO · Essa Túnis, senhor, era Cartago.
ADRIANO · Cartago?
GONZALO · Posso assegurar-vos: Cartago.
ANTÔNIO · Sua palavra pesa mais do que a harpa miraculosa.
SEBASTIÃO · Não levantou apenas muralhas, mas também casas.
ANTÔNIO · Qual será o próximo impossível que ele vai deixar fácil?
SEBASTIÃO · Sou de pensar que ele acabará levando a ilha no bolso, para casa, a fim de dá-la para o filho, como uma maçã.
ANTÔNIO · Cujas sementes ele semeará no mar, para que nasçam mais ilhas.
ALONSO · Como?
ANTÔNIO · Sim, no tempo certo.
GONZALO *(a Alonso)* · Estávamos dizendo, senhor, que nossas vestes parecem agora tão frescas como quando nos encontrávamos em Túnis, no casamento de vossa filha, hoje Rainha.
ANTÔNIO · A mais completa Rainha que já foi ter àquelas plagas.
SEBASTIÃO · Com licença: se excetuarmos a viúva Dido.
ANTÔNIO · Oh! a viúva Dido! Sim, a viúva Dido.
GONZALO · Meu gibão, senhor, não está tão fresco como no primeiro dia em que o vesti? Quero dizer, de certo modo.
ANTÔNIO · Um modo muito bem pescado.
GONZALO · Quando o vesti no casamento de vossa filha...
ALONSO · Entupis-me os ouvidos com palavras
que de todo me são insuportáveis.
Antes em tal lugar nunca eu tivesse
casado minha filha, pois, à volta,
perdi meu filho, como também a ela,
porque da Itália estando tão distante,
jamais a reverei. Oh, meu herdeiro
de Milão e de Nápoles, que estranho
peixe terá de ti feito alimento?
FRANCISCO · Senhor, provavelmente ainda está vivo.
Vi-o por cima das ondas, a batê-las,
as cristas cavalgando-lhes. Das águas

shakespearebrasileiro.org

a cólera afastava, a avançar sempre,
e opondo o peito à túmida corrente;
mantinha a ousada fronte sempre acima
das ondas contenciosas e remava
com os braços fortes mui galhardamente,
em direção à praia, que, inclinada
sobre a base batida pelo oceano,
parecia, abaixando-se, ajudá-lo.
Tenho quase certeza de que pôde
salvo alcançar a praia.
ALONSO · Não; morreu.
SEBASTIÃO · A vós, senhor, é que deveis dar graças
por semelhante perda. Não quisestes
à nossa Europa conceder a graça
de possuir vossa filha, preferindo
vir a perdê-la para um africano,
onde banida a tendes, para sempre,
dos olhos que com causa ora a pranteiam.
ALONSO · Paz, por obséquio.
SEBASTIÃO · Todos nós, de joelhos,
instantes, vos pedimos, e ela própria —
bela alma! — vacilante se mostrava
sobre o prato a pender: o da obediência
ou o da aversão. Perdemos vosso filho,
receio-o, para sempre. Mais viúvas
ganhou Milão e Nápoles com isso
do que homens poderíamos levar-lhes
para consolo delas, e foi tudo,
tudo por vossa culpa.
ALONSO · A maior perda
também me coube em sorte.
GONZALO · Sebastião,
essas verdades são inoportunas
e indelicadas; arranhais a úlcera,
em vez de pôr-lhe emplastro.
SEBASTIÃO · Muito bem.
ANTÔNIO · E cirurgicamente doutrinado.
GONZALO · Para nós todos, meu senhor, o tempo
fica ruim, quando ficais nublado.
SEBASTIÃO · Muito ruim?
ANTÔNIO · Horrível.
GONZALO · Se eu tivesse
nesta ilha, meu senhor, uma lavoura...
ANTÔNIO · Urtiga plantaria.
SEBASTIÃO · Ou malva e grama.
GONZALO · E eu, que faria, se Rei dela fosse?
SEBASTIÃO · Não vos embriagaríeis, por não terdes
vinho para beber.
GONZALO · Não; na república
faria tudo pelos seus contrários,
pois não admitiria espécie alguma
de comércio; de magistrados, nada,
nem mesmo o nome; o estudo ficaria
ignorado de todo; suprimira,
de vez, ricos e pobres e os serviços;
contratos, sucessões, questões de terra,
demarcações, cuidados da lavoura,
plantação de vinhedos, nada, nada.
Nenhum uso, também, de óleo e de vinho,
trigo e metal. Ocupação, nenhuma.
Todos os homens, ociosos, todos.
E as mulheres, também; mas inocentes
e puras. Faltaria, de igual modo,
soberania...
SEBASTIÃO · Mas o Rei era ele.
ANTÔNIO · Da república o fim esquece o início.
GONZALO · Todas as coisas em comum seriam,
sem suor nem esforço, produzidas
pela natura. Espadas, espingardas,
facas, chuços, traições e felonias,
eu não admitiria. A natureza
produziria tudo por si mesma,
só para alimentar meu povo ingênuo.
SEBASTIÃO · E casamentos, haveria entre eles?
ANTÔNIO · Não, meu caro senhor; vadios todos:
vilões e prostitutas.
GONZALO · De tal modo
governaria, que deitara sombra
à própria idade de ouro.
SEBASTIÃO · Deus vos guarde,
majestade!
ANTÔNIO · Gonzalo viva! Viva!
GONZALO · E vós, senhor, não me estais ouvindo?
ALONSO · Pára, por obséquio; para mim não falaste
coisa nehuma.
GONZALO · Acredito no que diz Vossa Alteza; mas
assim fiz, para aproveitar a oportunidade de mostrar
a estes cavalheiros que eles são de pulmões tão
delicados e sensíveis, que riem por coisa nenhuma.
ANTÔNIO · Estávamos rindo de vós.
GONZALO · De mim, que em matéria de gracejos,
sou coisa nenhuma para vós. Assim, continuais a rir
de coisa nenhuma.

shakespearebrasileiro.org

ANTÔNIO · Que golpe certeiro!
SEBASTIÃO · Se não bateu de lado.
GONZALO · Sois cavalheiros de humor valente, capazes de levantar de sua esfera a lua, no caso de vir ela a ficar cinco semanas sem se modificar.

(Entra Ariel, invisível, tocando música solene.)

SEBASTIÃO · Sim, faríamos isso, para depois irmos caçar morcegos com archotes.
ANTÔNIO · Não vos agasteis, meu caro senhor.
GONZALO · Tranqüilizai-vos; não vou perder o senso assim com tanta facilidade. Sinto os olhos pesados; quereis rir, vendo-me dormir?
ANTÔNIO · Dormi e escutai-nos.

(Todos adormecem, com exceção de Alonso, Sebastião e Antônio.)

ALONSO · Como assim! Já dormiram? Tão depressa?
Quem me dera que os olhos, a um só tempo,
se me fechassem e estes pensamentos!
Mas parece que estão propensos a isso.
SEBASTIÃO · Não recuseis sua pesada oferta;
mui raramente ele visita a mágoa,
mas, quando o faz, é de real consolo.
ANTÔNIO · Nós dois, caro senhor, vos guardaremos.
Velaremos, enquanto repousardes,
por vossa segurança.
ALONSO · Agradecido.
Cansaço extraordinário!

(Adormece. Ariel sai.)

SEBASTIÃO · Que curiosa
fadiga se apossou de todos eles!
ANTÔNIO ·
Sem dúvida é do clima.
SEBASTIÃO · E nossas pálpebras,
por que não baixa o clima? Não me sinto
sonolento.
ANTÔNIO · Nem eu, tampouco. Tenho
despertos os espíritos. Caíram
todos a um tempo, como por vontade.
Parecem sucumbidos por um raio.
Meu digno Sebastião, que poderíamos...
Sim, que nos fora... Não; sobrestejamos
nisso por ora. No entretanto, leio-te
no rosto tudo o que podias ser.
É a ocasião que te chama. A minha vívida
fantasia percebe uma coroa
que te baixa à cabeça.
SEBASTIÃO · Estás desperto?
ANTÔNIO · Não ouves minha voz?
SEBASTIÃO · Ouço. Contudo,
é uma linguagem sonolenta. Falas
do fundo de teu sono. Que disseste?
Repouso extraordinário, esse; com os olhos
abertos, e a dormir; de pé, falando,
movendo-te, e a dormir pesadamente.
ANTÔNIO · Meu nobre Sebastião, deixas a tua
adormecer, morrer de todo,
piscar, enquanto ficas acordado.
SEBASTIÃO ·
Roncas distintamente. Há algum sentido
nesse teu ronco.
ANTÔNIO · Estou falando sério,
mais do que de costume, o que devíeis
fazer também, porque me compreendêsseis.
Assim, tua valia triplicara.
SEBASTIÃO ·
Sou uma água parada.
ANTÔNIO · Vou mostrar-vos
como ela há de correr.
SEBASTIÃO · Fazei-o; minha
preguiça hereditária me encoraja
mais a refluir.
ANTÔNIO · Oh! Se soubésseis quanto
dais força à idéia assim zombando dela!
Quanto, torcendo aos termos o sentido,
os deixais ajustados a vós mesmo!
É certo, quem reflui, por vezes chega
quase a tocar o fundo, seja a causa
disso o medo ou a preguiça.
SEBASTIÃO · Fala logo.
O rosto e os olhos te anunciam algo
cujo parto te custa muitas dores.
ANTÔNIO · Então, senhor, ouvi. Conquanto aquele
nobre ali, de memórias um tanto fraca
e que mais fraca há de ficar, depois
que ele baixar à terra, tenha quase
persuadido o monarca — pois é o espírito
da persuasão, sem que outra coisa faça,
a não ser isso mesmo — que seu filho
ainda está vivo... Tão absurdo é que este
não se tenha afogado como a esse homem
que ali dorme nadar.
SEBASTIÃO · Não tenho a mínima
esperança de que ele haja escapado.
ANTÔNIO · Oh! Como dessa mínima esperança
vos nasce uma esperança muito grande!
Não ter sobre isto a mínima esperança,

é ter sobre outra coisa uma tão grande,
que a própria vista da ambição não pode
devassar-lhe os arcanos, duvidando
de quanto ali descobre. Concedeis-me
que Ferdinando pereceu?
SEBASTIÃO · Concedo.
ANTÔNIO ·
Podeis dizer-me, então, quem seja o herdeiro
mais próximo do trono?
SEBASTIÃO · Claribel.
ANTÔNIO · A Rainha de Túnis, que demora
dez léguas para além da vida humana,
que notícias não pode ter de Nápoles,
salvo se o sol servisse de correio —
fora lerdo demais o homem da lua —
antes de um queixo recém-nado achar-se
no ponto de barbear-se? Ela, por causa
de quem fomos tragados pelas ondas,
embora alguns se vissem vomitados
por elas outra vez, para que parte
tomar pudessem numa grande peça
em que o passado é prólogo e o futuro
depende só de nós?
SEBASTIÃO · Que trapalhada!
Como dissestes? É verdade: a filha
de meu irmão Rainha ora é de Túnis;
herdeira ela é de Nápoles, havendo
algum espaço entre esses dois países.
ANTÔNIO ·
Sim, mas espaço em que todos os cúbitos
nos parecem gritar: "De que maneira
há de a volta medir-nos para Nápoles
essa tal Claribel? Que fique em Túnis,
e acorde Sebastião!" Ora, admitamos
que a morte fosse que a estes dominasse
neste momento. Não se encontrariam
em pior situação. Vive quem pode
Nápoles governar tão bem como esse
que dorme ali estendido, como há nobres
tão faladores como esse Gonzalo,
desnecessariamente tagarela.
Eu, também, se o quisesse, poderia
papaguear como ele. Oh, se tivésseis
meu modo de pensar! Como este sono
em vossa promoção vos ajudara!
Compreendeis-me?
SEBASTIÃO · Parece que compreendo.
ANTÔNIO · E como aplaudireis a vossa dita?
SEBASTIÃO · Lembro-me agora que já destronastes
vosso irmão Próspero.
ANTÔNIO · É verdade. Vede
como estas vestes me vão bem no corpo;
muito melhor do que antes. Os vassalos
de meu irmão, meus companheiros eram;
hoje são meus criados.
SEBASTIÃO · Quanto à vossa
consciência...
ANTÔNIO · Ora, senhor! Onde é que há isso?
Se fosse uma frieira, obrigar-me-ia
a calçar as chinelas; mas no peito
não sinto essa deidade. Se coubessem
entre mim e Milão vinte consciências
poderiam gelar e derreter-se,
sem que me molestassem. Ali se acha
vosso irmão. Em verdade, não valera
mais do que a terra sobre que repousa,
se fosse o que parece ser: defunto,
sendo que eu poderia facilmente,
com este aço obediente — usando apenas
três polegadas dele — para sempre
deixá-lo preso ao leito. De igual modo
faríeis vós, lançando num silêncio
que nunca acabe aquele velho traste,
o tal senhor Conselho, que, desta arte,
não nos censuraria. Quanto aos outros,
aceitam sugestões tão facilmente
como os gatinhos, leite. Estão dispostos
a fazer soar as horas quantas vezes
lhes dissermos que é tempo.
SEBASTIÃO · Caro amigo,
teu caso é o meu fanal. Do mesmo modo
que obtiveste Milão, hei de obter Nápoles.
Saca da espada; um golpe vai livrar-te
de um tributo, enquanto eu, teu soberano,
te votarei afeto.
ANTÔNIO · Saquemos juntos;
ao levantar a mão, fazei o mesmo
para atacar Gonzalo.
SEBASTIÃO · Uma palavra!

(Conversam à parte. Música. Torna a entrar Ariel, invisível.)

ARIEL · Meu mestre, graças à sua parte, soube
do perigo em que está seu grande amigo.
Por isso me mandou — que, do contrário,

shakespearebrasileiro.org

lhe falharia o plano — porque a vida
te conservasse nesta conjuntura.
(Canta ao ouvido de Gonzalo.)
Enquanto dormes tranqüilo,
a traição, como do estilo,
está desperta.
Se ainda tens amor à vida,
põe fim à sesta comprida.
Alerta! Alerta!
ANTÔNIO · Então, sejamos rápidos.
GONZALO · Agora,
bons anjos, amparai o Rei.
(Despertam.)
ALONSO · Que é isso?
Que é isso? Despertai! Por que arrancastes
das espadas? Por que esse olhar de espectro?
GONZALO · Que aconteceu?
SEBASTIÃO · Enquanto nós estávamos
a vos vigiar o sono, cuidadosos,
um ruído cavo ouvimos, qual rugido
de touros ou de leões. Não acordastes?
Para mim era um ruído insuportável.
ALONSO · Não ouvi nada disso.
ANTÔNIO · Oh! Um estrondo
de apavorar o ouvido até de um monstro,
de produzir um terremoto. Certo,
era o rugir de leões em grandes bandos.
ALONSO ·
Gonzalo, ouvistes algo?
GONZALO · Por minha honra,
senhor, ouvi apenas um sussurro
muito estranho, realmente, que, de pronto,
me fez ficar desperto. Sacudi-vos,
senhor, e vos chamei. Foi quando os olhos
abri, vendo as espadas assim nuas.
Houve barulho, é certo; é mais prudente
de guarda nós ficarmos, ou mudarmos
de lugar. Arranquemos as espadas.
ALONSO · Saiamos logo, para procurarmos
meu pobre filho.
GONZALO · Possa o céu guardá-lo
dessas feras terríveis, pois é certo
encontrar-se nesta ilha.
ALONSO · Vamos logo.
(Sai com os outros.)
ARIEL · O que o mestre mandou, cumpri com
brilho.
Parte, Rei, à procura de teu filho.
(Sai.)

Ato II · Cena II

Outra parte da ilha.
Entra Calibã, com uma carga de lenha.
Ouve-se ruído de trovão.

CALIBÃ · Que quantas infecções o sol aspira
dos atoleiros, dos pauis e charcos,
sobre Próspero caiam, morte lenta
fazendo-o padecer. Necessidade
tenho de amaldiçoá-lo, muito embora
seus espíritos me ouçam. É verdade
que eles só me beliscam, me amedrontam
com visagens de duendes, só me atiram
nos lodaçais, ou do caminho certo,
no escuro, me desviam, sob a forma
de tições movediços, quando Próspero
os manda assim fazer. Mas por coisinhas
de nada sobre mim eles se atiram,
às vezes como monos careteiros,
que os dentes batem e depois me mordem;
sob a forma de porco-espinho, às vezes,
que suas pontas eriçam, machucando-me
demais os pés desnudos. Outras vezes,
fico todo envolvido por serpentes
que me sibilam com suas línguas bífidas,
de me deixarem louco.
(Entra Tríngulo.)
Justamente!
Eis um de seus espíritos. Só veio
para me atormentar, por eu ser tardo
no transporte da lenha. Vou deitar-me
rente ao chão; pode ser que não me veja.
TRÍNCULO · Por aqui não há nem bosques, nem
arbustos, para a gente se resguardar do tempo, e já se
anuncia nova tempestade. Já ouço assobiar o vento.

shakespearebrasileiro.org

Aquela nuvem escura lá embaixo, aquela grande ali, parece-se com um alforje sujo, que esteja prestes a derramar o seu conteúdo. Se trovejar como da outra vez, não sei onde esconder a cabeça. Aquela nuvem não poderá deixar de despejar-se aos baldes. — Olá! Que temos aqui? É homem ou peixe? Está vivo ou morto? É peixe; o cheiro é de peixe, esse velho cheiro de ranço, que lembra muito a peixe, no jeito de bacalhau meio passado. Mas, que peixe esquisito! Se eu estivesse agora na Inglaterra — como já me aconteceu de outra feita — e fosse dono deste peixe pelo menos em pintura, não haveria tolo de feira que não pagasse uma moeda de prata para vê-lo. Este monstro me deixaria homem. Naquela terra não há animal estranho que não faça homens. Não dão um ceitil para auxiliar um aleijado, mas darão dez para ver um índio morto. As pernas são como as de gente; as barbatanas parecem braços... E está quente, por minha fé! Abandono minha primeira idéia; não é peixe, mas um insulano que a trovoada derrubou. *(Trovões.)* Ai de mim! Recomeça a tempestade. O melhor que tenho a fazer é ficar debaixo do manto dele; em toda a redondeza não há outro abrigo. A necessidade nos faz habituar com estranhos companheiros de leito. Vou esconder-me aqui, até que passe a borra da tempestade.

(Entra Estéfano, cantando, com uma garrafa na mão.)

Estéfano · Jamais ao mar voltarei.
Desejo morrer na praia...
Essa melodia é muito lúgubre para o enterro de uma pessoa. Muito bem. Aqui está o meu consolo.

(Bebe.)

O comandante, o contramestre e eu,
e o grumete também,
gostávamos do Meg, Isbel e Iseu;
mas de Kate, ninguém,
porque nos espachava com risota:
"Vai te enforcar, idiota!"
Não gostava de piche e de alcatrão;
mas o alfaiate nela punha a mão.
Ao mar, rapazes! Ela que se enforque!
Essa também é tétrica; mas aqui tenho o consolo.

(Bebe.)

Calibã · Não me atormentem, oh!
Estéfano · Que será isso? Teremos demônios por aqui? Pregai-nos peças, fantasiando-vos de selvagens e homens da Índia? Ah! Não escapei de morrer afogado, para ter medo desses quatro pés. É dito conhecido: não há homem de quatro pés que me faça ceder terreno; o que poderá ser repetido enquanto Estéfano respirar pelo nariz.
Calibã · O espírito me atormenta, oh!
Estéfano · Deve ser um monstro da ilha, com quatro pernas, que provavelmente apanhou febre. Mas onde diabo terá ele aprendido nossa linguagem? Que não seja por mais nada, vou dar-lhe algum fortificante. Se o deixar bom e puder domesticá-lo e levá-lo comigo para Nápoles, será presente para qualquer imperador que ande sobre couro de boi.
Calibã · Por favor, não me atormentes mais;levo já a lenha para casa.
Estéfano · Está com acesso agora, não havendo muito senso no que fala. Vou dar-lhe a prova da minha garrafa. Se ele nunca bebeu vinho, há muita probabilidade de livrar-se da febre. Se o deixar bom e o domesticar, não terá sido muito grande o desembolso; quem ficar com ele, pagará com sobra.
Calibã · Por enquanto, não me atormentas muito; mas dentro de pouco irás fazê-lo, vejo-o pelo teu tremor. Neste momento Próspero está influindo sobre ti.
Estéfano · Criai ânimo! Abri a boca. Isto, gato, vos fará soltar a língua. Abri a boca; isto vos sacudirá o próprio tremor, é o que vos digo à maravilha.

(Dá de beber a Calibã.)

Ninguém sabe onde tem um amigo. Abri novamente a mandíbula.
Trínculo · Parece-me que conheço essa voz. Deve ser de... Não; pereceu afogado; estes aqui são demônios. Oh! Defendei-me!
Estéfano · Quatro pernas e duas vozes; é um monstro primoroso. Com voz da frente, fala bem dos amigos; com a de trás calunia e pronuncia discursos horrorosos. Se bastar todo o vinho da minha garrafa, hei de curar-lhe a febre. Vamos. Amém. Vou pôr também um pouco naquela outra boca.
Trínculo · Estéfano!
Estéfano · A tua outra boca me chamou pelo nome? Piedade! Piedade! Não é monstro, é demônio. Vou deixá-lo; não tenho comigo uma colher grande.
Trínculo · Estéfano! Se fores Estéfano, toca-me e fala-me, porque sou Trínculo. Não tenhas medo; sou

shakespearebrasileiro.org

o teu bom amigo Trínculo.
ESTÉFANO · Se fores Trínculo, vem para cá. Vou puxar-te pelas pernas mais curtas. Se aqui há pernas de Trínculo, têm de ser forçosamente estas. És Trínculo, em verdade! Mas como é que ficaste sendo o excremento deste bezerro da lua? Será que ele expele Trínculos?
TRÍNCULO · Pensei que ele houvesse sido vítima de raio. Mas não morreste afogado, Estéfano? Tenho esperança, agora, de que não tivesses morrido, realmente. Já passou a tempestade? De medo da tempestade, escondi-me debaixo da capa do bezerro da lua. E tu, Estéfano, estás vivo? Oh, Estéfano! Dois napolitanos salvos!
ESTÉFANO · Por favor, não me vires desse jeito; não tenho o estômago muito firme.
CALIBÃ *(à parte)* · Se são espíritos, são coisa fina. Aquele é um deus valente, que me pode dar licor celestial; vou ajoelhar-me.
ESTÉFANO · Como escapaste? Como chegaste até aqui? Jura-me por esta garrafa como conseguiste escapar. Eu me salvei em cima de uma barrica de xerez que os marinheiros atiraram ao mar. Juro por esta garrafa que eu fiz de uma casca de árvore com minhas próprias mãos, depois que fui lançado à praia.
CALIBÃ · Quero jurar por essa garrafa que ficarei sendo teu vassalo fiel, porque esse licor não é terreno.
ESTÉFANO · Aqui! E agora jura-me: como conseguiste escapar?
TRÍNCULO · Nadando para a praia, homem, como um pato. Nado como um pato, posso jurá-lo.
ESTÉFANO · Aqui, beija o livro.
(Dá a Trínculo a garrafa.)
Podes nadar como um pato, mas foste feito como um ganso.
TRÍNCULO · Oh Estéfano, ainda há mais?
ESTÉFANO · Uma barrica inteira, homem. Minha adega fica num rochedo perto do mar. Foi lá que eu escondi o vinho. Então, bezerro da lua, como vai a febre?
CALIBÃ · Não caíste do céu?
ESTÉFANO · Caí da lua, posso asseverar-te. Já houve tempo em que eu era o homem da lua.
CALIBÃ · Eu já te vi dentro dela e me prostrei diante de ti. Minha ama me mostrava onde tu estavas, teu cão e o feixe de lenha.
ESTÉFANO · Vamos; jura por isto; beija o livro! Dentro de pouco tornarei a enchê-lo. Jura!
TRÍNCULO · Por esta boa luz, esse monstro é bem simplório. E eu tive medo dele! Muito fraco, em verdade, o tal monstro. Ora, o homem da lua! Que monstro ingênuo! Bonito trago, monstro, por minha fé!
CALIBÃ · Todas as polegadas vou mostrar-te,
de terra fértil da ilha. Os pés te beijo.
Sê meu deus, por favor.
TRÍNCULO · Por esta luz, é um monstro borracho e muito pérfido. Quando o deus dele estiver dormindo, ele lhe roubará a garrafa.
CALIBÃ · Beijo-te os pés e quero vassalagem permanente jurar-te.
ESTÉFANO · Então vem; ajoelha-te e jura.
TRÍNCULO · Hei de rir até morrer, à custa deste monstro de cabeça de cachorro. Não pode haver monstro mais indecente do que este. Tenho gana de dar-lhe uma boa coça.
ESTÉFANO · Vamos, beija.
TRÍNCULO · Como está bêbado o pobre monstro! Que monstro abominável!
CALIBÃ · Hei de mostrar-te as fontes mais saudáveis;
pescarei para ti, colherei bagas,
trarei lenha bastante. Possa a peste
carregar o tirano a que estou preso.
Já não lhe levarei feixes de lenha;
sim, vou seguir-te, oh homem prodigioso!
TRÍNCULO · É um monstro excessivamente ridículo; fazer de um pobre bêbado um prodígio!
CALIBÃ · Permite que te traga maçãs bravas;
com minhas unhas grandes vou tirar-te
da terra belas túbaras; um ninho
de gaio vou mostrar-te e o meio fácil
de armar ciladas para os macaquinhos.
Irei contigo aos bosques de aveleiras
e algumas vezes te trarei das rochas
filhotes de gaivotas. Vamos? Vamos?
ESTÉFANO · Só quero agora que me indiques o caminho, sem maior palavreado. — Trínculo, uma vez que o Rei e todos os da nossa companhia pereceram afogados, tomaremos posse disto. — Aqui! Leva a garrafa! — Amigo Trínculo, daqui a pouquinho tornaremos a enchê-la.
CALIBÃ · Adeus, mestre! Adeus! Adeus!
(Canta, embriagado.)

shakespearebrasileiro.org

TRÍNCULO · Um monstro que uiva; um monstro que se embriaga!
CALIBÃ · Já não farei barragem para peixe,
nem fogo irei buscar,
quando ele me mandar.
Não lavo prato nem carrego feixe.
Bã, bã, bã, Calibã!
outro mestre amanhã!
Liberdade! Viva! Liberdade! Liberdade!
ESTÉFANO · Oh bravo monstro! Vamos; mostra-nos o caminho.

(Saem.)

Ato III · Cena I

Diante da cela de Próspero.
Entra Ferdinando, carregando um feixe de lenha.

FERDINANDO · Há jogos fatigantes, mas aumenta-lhes
a fadiga a atração. Muitos serviços
de baixa qualidade são levados
a cabo com nobreza, e assuntos mínimos
a ricos fins podem levar por vezes.
Esta tarefa humilde poderia
ser-me tão repugnante quanto odiosa;
mas a dama a que sirvo anima os mortos
e em prazer me transforma estas canseiras.
Dez vezes mais gentil ela se mostra
do que o pai intratável, todo feito
de aspereza e rigor. Em obediência
à sua imposição, preciso agora
carregar e empilhar alguns milheiros
destas achas de lenha. Minha doce
senhora sofre, quando me contempla
neste áspero trabalho, e diz que nunca
imposta foi tarefa assim tão baixa
a um tal trabalhador. Sou esquecido;
mas estes pensamentos agradáveis
as forças me estimulam; quanto menos
penso na situação, mais produtiva
se me torna a tarefa.

(Entra Miranda; Próspero a segue a certa distância.)

MIRANDA · Oh! Por obséquio,
não trabalheis assim! Antes o raio
queimasse toda a lenha que obrigado
sois a empilhar. Quando ela for queimada,
há de chorar por vos haver cansado.
Agarrado meu pai está com os livros.
Descansai, por favor. Nestas três horas
ele não aparece.

FERDINANDO · Oh, mui prezada
senhora, baixará o sol no ocaso,
sem que eu possa concluir minha tarefa.
MIRANDA · Se vos quiserdes assentar, um pouco
carregarei as achas. Por obséquio,
dai-me essa; eu mesma a deporei na pilha.
FERDINANDO · Não, preciosa criatura; preferira
quebrar o dorso, arrebentar os nervos,
a vos ver degradada num serviço
tão humilhante, enquanto eu fico ocioso.
MIRANDA · É tão digno de mim esse trabalho
quanto de vós, sobre me ser possível
executá-lo muito mais depressa,
porque não me repugna, como vejo
que acontece convosco.
PRÓSPERO *(à parte)* · Pobre criança;
já estás tocada; esta visita o prova.
MIRANDA ·
Pareceis fatigado.
FERDINANDO · Não, mui nobre
senhora; para mim faz manhã fresca,
na noite em que de vós estiver perto.
Dizei-me, por obséquio, vosso nome;
só desejo incluí-lo, de ora em diante,
nas minhas orações.
MIRANDA · Oh pai!
Revelei-o, de encontro ao que ordenastes.
FERDINANDO · Admirável Miranda! Sim, remate
de toda perfeição, digna de quanto
no mundo há de mais raro. A numerosas
damas já dirigi olhares ternos,
por vezes tendo-me ficado presos
os atentos ouvidos na harmonia
de seu doce falar. Dotes variados
me fizeram gostar de outras mulheres,
sem, contudo, empenhar nisso a alma toda,

shakespearebrasileiro.org

porque sempre se opunha algum defeito
às suas qualidades mais sublimes,
para o valor manchar-lhes. Vós, no entanto,
ah! tão perfeita e incomparável, fostes
feita de tudo o que de mais custoso
pode haver na criação.
MIRANDA · Não me recordo
de ninguém do meu sexo, nem vi nunca
feições de outra mulher, tirante as minhas,
quando ao espelho estou. Do mesmo modo,
jamais tive ante os olhos, dentre os seres
a que eu podia dar o nome de homem,
senão vós, caro amigo, e meu bom pai.
Como a gente é lá fora, desconheço.
Mas por minha pureza — a jóia rara
de meu dote de noiva — não quisera
ter outro companheiro em todo o mundo
senão vós tão-somente, nem comigo
criar na imaginação outra pessoa
a que eu pudesse amar. Mas falo muito,
vejo-o agora, olvidada inteiramente
das recomendações de meu bom pai.
FERDINANDO ·
Por posição, Miranda, eu sou um príncipe,
ou, porventura, Rei — antes não o fosse! —
a quem fora tampouco suportável
este serviço vil de carrear lenha
como sentir nos lábios uma mosca.
Minha alma é que vos vai falar agora:
no mesmo instante em que vos vi, voou-me
do peito o coração, para servir-vos,
razão de eu me ter feito vosso escravo.
Por vossa causa, apenas, transformei-me
num paciente lenhador.
MIRANDA · Amais-me?
FERDINANDO · Oh céu! Oh terra! Sede testemunhas
do que ora vou dizer, e com propício resultado
coroai meu juramento,
se eu falar a verdade. Sendo eu falso,
por desgraças trocai quanto o futuro
me reserve de bens. Mais do que a tudo
neste mundo eu vos amo, estimo e honro.
MIRANDA · Sou tola por chorar do que me alegra.
PRÓSPERO *(à parte)* ·
Belo encontro de dois afetos raros.
Possa o céu chover graças no que entre ambos
neste instante germina.
FERDINANDO · Qual a causa
de chorardes?
MIRANDA · De minha desvalia,
que não se atreve a oferecer-vos tudo
que eu desejara dar e, muito menos,
a receber o que me fora morte
não chegar a possuir. Mas é criancice
tudo isso; quanto mais tenta esconder-se
minha afeição, maior se patenteia.
Fora, fora, esperteza vergonhosa!
Santa inocência, ensina-me a expressar-me!
Sou vossa esposa, se me desposardes;
caso contrário, morrerei servindo-vos;
podeis me recusar por companheira,
mas vossa criada poderei ser sempre,
quer o queirais, quer não.
FERDINANDO (ajoelhando-se) · Minha querida,
minha senhora! E eu sempre assim, humilde.
MIRANDA · Meu marido, portanto?
FERDINANDO · Sim, aceita-vos
o coração com o mesmo entusiasmo
que a escravidão aceita a liberdade.
Eis minha mão.
MIRANDA · E a minha aqui; com ela
vos dou meu coração. E agora, adeus,
por uma meia hora.
FERDINANDO · Oh, por milhares!
(Ferdinando e Miranda saem por lados diferentes.)
PRÓSPERO · Tão alegre quanto eles não presumo
que possa estar, pois foram surpreendidos
por quanto aconteceu; coisa nenhuma
me deixa mais alegre. Mas é tempo
de voltar a meu livro, pois preciso
realizar até à ceia muita coisa
de extrema relevância.
(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena II

Outra parte da ilha.
Entra Calibã com uma garrafa, Estéfano e Trínculo.

ESTÉFANO · Não me fales! Quando o barril ficar vazio, beberemos água. Antes disso, nem uma gota. Por isso, criemos coragem e vamos abordá-lo! — Monstro-criado, bebe à minha saúde.
TRÍNCULO · Monstro-criado! A loucura desta ilha! Dizem que só há cinco habitantes na ilha. Três aqui estão; se os outros dois tiverem o cérebro como nós, o Estado não irá lá muito bem das pernas.
ESTÉFANO · Bebe, monstro-criado, quando eu mandar. Tens os olhos quase enfiados na cabeça.
TRÍNCULO · Onde querias que ele os tivesse? Seria um monstro muito famoso, em verdade, se tivesse os olhos na cauda.
ESTÉFANO · Meu servo-monstro afogou a língua em xerez. Quanto a mim, o mar não poderá afogar-me. Sem tocar pé em terra, posso nadar, de ida e vinda, trinta e cinco léguas. Por esta luz. Monstro, serás o meu tenente, ou o meu porta-bandeira.
TRÍNCULO · Tenente, se quiserdes, pois segurar a bandeira é o que ele não poderá.
ESTÉFANO · Não haveremos de correr, monsieur Monstro.
TRÍNCULO · Nem andar, tampouco; ficareis deitados, como cães, sem dizer palavra.
ESTÉFANO · Bezerro da lua, fala uma vez na vida, se fores um bom bezerro da lua.
CALIBÃ · Como passa tua Honra? Deixa-me lamber a sola de teus sapatos. Não hei de continuar no serviço dele; não é corajoso.
TRÍNCULO · Mentes, monstro ignorante! Encontro-me em condições de esbarrar num oficial de justiça. Vamos, responde, peixe devasso: já houve algum covarde que bebesse tanto xerez como eu bebi hoje? Não quererás dizer uma mentira monstruosa, sendo, como és, metade peixe e metade monstro?
CALIBÃ · Vê como ele zomba de mim! Consentes isso, príncipe?
TRÍNCULO · "Príncipe", foi o que ele disse! Como um monstro assim pode ser tão ingênuo!
CALIBÃ · Vê! Vê! Vai recomeçar! Por favor, mata-o a dentadas.
ESTÉFANO · Trínculo, pára com essa língua suja. Se provocares desordem... a primeira árvore! O pobre monstro é meu súdito e não sofrerá nenhuma indignidade.
CALIBÃ · Obrigado, meu nobre lorde. Queres mais uma vez ouvir minha proposta?
ESTÉFANO · Quero, sem dúvida. Ajoelha e repete-a. Eu e Trínculo ficaremos de pé.

(Entra Ariel invisível.)

CALIBÃ · Como já te disse, sou servo de um tirano, de um feiticeiro, que por meio de sua astúcia me despojou desta ilha.
ARIEL · Mentes!
CALIBÃ · Tu é que mentes, símio bobo.
Por mim, meu valente amo te matava.
Não menti nada.
ESTÉFANO · Trínculo, se o interromperdes mais uma vez em sua história, por esta mão, arranco-vos alguns dentes.
TRÍNCULO · Não falei nada.
ESTÉFANO · Então, psiu! Nem mais uma palavra.

(A Calibã.)

Continua.
CALIBÃ · Foi por feitiçaria, como disse,
que ele ficou com a ilha. Caso tua
Honra se dispuser a castigá-lo —
pois sei que tens coragem, que é o que falta
àquele tipo —
ESTÉFANO · Isso é verdade.
CALIBÃ · Serás o dono da ilha e eu teu criado.
ESTÉFANO · Mas de que modo levaremos a cabo o empreendimento? Podes conduzir-me até ao inimigo?
CALIBÃ · Posso, sim, meu senhor. Hei de entregar-to quando estiver dormindo, onde possível
te for meter-lhe na cabeça um prego.
ARIEL · É mentira! Não podes.
CALIBÃ · Bobo sarapintado! Tipo imundo!
Suplico à tua Alteza dar-lhe golpes
e tomar-lhe a garrafa; ela conosco,
ele que beba água do mar, somente,
pois não lhe mostrarei as fontes frescas.
ESTÉFANO · Trínculo, não enfrentes outro perigo. Se interromperes mais uma vez o monstro com uma

shakespearebrasileiro.org

única palavra, por esta mão, mandarei embora a
minha misericórdia e te farei virar bacalhau.
TRÍNCULO · Mas que fiz eu? Não fiz nada. Vou
mudar de lugar.
ESTÉFANO · Não disseste que o monstro estava
mentindo?
ARIEL · Mentes!
ESTÉFANO · Minto, não? Então toma isto.
(Bate em Trínculo.)
Se gostares disto, desmente-me mais uma vez.
TRÍNCULO · Eu não te desmenti. Além de
transtornado do espírito, ficastes com os ou-
vidos perturbados? A peste seja de vossa
garrafa. Tudo isso é efeito do xerez. Que a peste
carregue vosso monstro e o diabo vos arranque
os dedos.
CALIBÃ · Ah! Ah! Ah!
ESTÉFANO · Agora, prossegue a tua história. Tu, aí,
coloca-te mais longe!
CALIBÃ · Bate-lhe com vontade! Mais um pouco,
que eu baterei também.
ESTÉFANO · Mais longe! — Adiante!
CALIBÃ · Ora, como eu te disse, ele tem o hábito
de dormir toda tarde. Aí, te fora
possível asfixiá-lo, após o teres
privado de seus livros; ou, munido
de um pau, lhe partirás em dois o crânio;
se não, o estriparás com qualquer vara,
ou a garganta com faca lhe seccionas.
Mas, primeiro, é preciso que te lembres
de lhe tomar os livros, pois, sem eles,
é um palerma como eu, já não dispondo
de espírito nenhum sobre que mande.
Todos, como eu, lhe têm ódio entranhado.
Basta queimar-lhe os livros. Utensílios
valiosos também tem — assim lhes chama —
para enfeitar sua futura casa.
Mas o que é sobretudo de estimar-se
é a beleza da filha, que ele próprio
considera sem par. Mulher nenhuma
jamais eu vi, tirante Sicorax,
minha mãe, e ela mesma. Mas tão longe
deixa ela Sicorax como o que é grande
ao que é muito pequeno.
ESTÉFANO · É assim bonita?
CALIBÃ · Muito, senhor; há de enfeitar-te o leito,
posso jurar-te, e dar-te bela prole.
ESTÉFANO · Monstro, vou matar esse homem.
Sua filha e eu seremos Rei e Rainha. — Viva nossa
Graça! — E Trínculo e tu próprio sereis vice-Reis.
Agrada-te a proposta, Trínculo?
TRÍNCULO · Excelente.
ESTÉFANO · Dá-me a mão. Entristece-me haver-te
batido; mas enquanto viveres, guarda uma boa língua
na cabeça.
CALIBÃ · É certo ele dormir nesta meia hora.
Queres, então, destruí-lo?
ESTÉFANO · Por minha honra.
ARIEL · Vou contar isso para o meu senhor.
CALIBÃ · Transbordo de prazer; deixas-me alegre.
Rejubilemos, pois. Cantar não queres
o estribilho que há pouco me ensinaste?
ESTÉFANO · Farei o que me pedes, monstro; farei
tudo o que me pedires. Cantemos, Trínculo. *(Canta.)*
Zombemos dele, oh oh! Vamos rir dele!
Vamos rir dele, oh oh! Zombemos dele!
O pensamento é livre.
CALIBÃ · Não é essa a melodia.
(Ariel toca a melodia num tamboril e
numa flauta.)
ESTÉFANO · Que significa isso?
TRÍNCULO · É a melodia de nosso estribilho, tocada
pelo espectro de Ninguém.
ESTÉFANO · Se fores um homem, mostra-te sob a
tua verdadeira forma; se fores o demônio, assume a
que bem te aprouver.
TRÍNCULO · Oh! Que os meus pecados sejam
perdoados!
ESTÉFANO · Quem morre, salda as dívidas. Desafio-
te! Misericórdia!
CALIBÃ · Estás com medo?
ESTÉFANO · Não, monstro; eu, não.
CALIBÃ · Não tenhas medo; esta ilha é sempre
cheia de sons, ruídos e agradáveis árias,
que só deleitam, sem causar-nos dano.
Muitas vezes estrondam-me aos ouvidos
mil instrumentos de possante bulha;
outras vezes são vozes, que me fazem
dormir de novo, embora despertado
tenha de um longo sono. Então, em sonhos
presumo ver as nuvens que se afastam,
mostrando seus tesouros, como prestes
a sobre mim choverem, de tal modo
que, ao acordar, choro porque desejo

shakespearebrasileiro.org

prosseguir a sonhar.
ESTÉFANO · Que reino e tanto me vai ser este! Vou ter música de graça.
CALIBÃ · Uma vez destruído Próspero.
ESTÉFANO · O que se dará dentro de pouco. Não me esqueci da história.
TRÍNCULO · O som está se distanciando; acompanhemo-lo, para depois liquidarmos o nosso negócio.
ESTÉFANO · Monstro, vai na frente, que nós te acompanhamos. Quisera ver esse tamborileiro; tem talento, de fato. Não vens?
TRÍNCULO · Eu também vou, Estéfano.

(Saem.)

Ato III · Cena III

Outra parte da ilha.
Entram Alonso, Sebastião, Antônio, Gonzalo, Adriano, Francisco e Outros.

GONZALO · Oh! Por Nossa Senhora! É-me impossível,
senhor, dar mais um passo. Os velhos ossos
me doem de rachar. Isso é um perfeito
labirinto, ora reto, ora com voltas.
Com licença, preciso de descanso.
ALONSO · Não te censuro, velho, porque eu próprio
fatigado me sinto de tal modo,
que os espíritos tenho obnubilados.
Assenta-te e descansa. Neste ponto,
deixo toda esperança, recusando-me
a ouvir-lhe as vãs lisonjas. Já não vive
quem tanto procuramos; afogou-se,
rindo-se o mar do nosso afã na terra.
Pois que se vá!
ANTÔNIO *(à parte, a Sebastião)* · Alegro-me por vê-lo
tão desesperançado. Só por causa
de um primeiro malogro, certamente
não haveis de abrir mão de vosso intento.
SEBASTIÃO *(à parte, a Antônio)* ·
Aproveitemos o primeiro ensejo.
ANTÔNIO *(à parte, a Sebastião)* ·
Que seja à noite, pois estando todos
prostrados de fadiga, embora o queiram,
não poderão ficar tão vigilantes,
como quando dispostos.
SEBASTIÃO *(à parte, a Antônio)* ·
Bem, à noite.

(Música solene e estranha. No alto, Próspero, invisível. Embaixo entram figuras bizarras, que carregam uma mesa com iguarias; dançam à volta da mesa, saudando gentilmente; depois de convidarem o Rei e as demais pessoas para comer, desaparece.)

ALONSO · Que harmonia! Escutai, meus bons amigos.
GONZALO · Que suave e deliciosa melodia!
ALONSO ·
Oh céus! Dai-nos bons guardas. Que foi isso?
SEBASTIÃO · São fantoches com vida. Agora creio
que haja unicórnios, que na Arábia serve
uma árvore de trono para a fênix,
que a reinar lá se encontra neste instante.
ANTÔNIO · Creio nos dois; e tudo o mais que de hábito
tem sido posto em dúvida, procure-me;
jurarei que é verdade nua e crua.
Os viajantes não mentem, muito embora
na pátria os tolos os acoimem disso.
GONZALO · Se eu relatasse em Nápoles tudo isto,
alguém me acreditara? Se contasse
de que jeito são estes insulanos —
pois são, sem dúvida, habitantes da ilha —
que embora sejam de exterior monstruoso —
observai bem! — revelam gentileza
muito maior do que o fariam muitos —
melhor, ninguém — da geração humana?
PRÓSPERO *(à parte)* ·
Falastes com acerto, nobre honesto,
que muitos dos que estão hoje nesta ilha
são piores que o diabo.
ALONSO · Ao fim não chego
de minha admiração ante estas formas,
estes gestos e sons, que, embora do uso
da fala carecentes, concretizam

shakespearebrasileiro.org

uma linguagem muda e eloqüentíssima.
PRÓSPERO · Elogio à saída.
FRANCISCO · Eles sumiram
por modo muito estranho.
SEBASTIÃO · Pouco importa,
uma vez que as viandas nos deixaram,
pois fome não nos falta. Sois servidos
a provar o que há aqui?
ALONSO · Muito obrigado.
GONZALO ·
Ora, senhor, não tenhais medo. Quando
nós éramos meninos, quem creria,
porventura, que houvesse montanheses
com barbela de touro na garganta,
a pender-lhes do peito como saco
balouçante de carne? Ou gente houvesse
com a cabeça no peito? Ora, tudo isso
nos é presentemente asseverado
pelos viajantes sobre os quais apostas
correm de um contra cinco.
ALONSO · Vou sentar-me
para comer, embora perca a vida.
O melhor já passou; todo o restante
não vale nada. Mano, nobre duque,
vinde, imitai-nos nisso.

(Trovões e relâmpagos. Entra Ariel sob a forma de uma harpia, agita as asas sobre a mesa e faz desaparecer as iguarias por meio de um artifício engenhoso.)

ARIEL · Três pecadores sois que ora o Destino —
que tem como instrumento o baixo mundo
e tudo o que ele encerra — fez nas praias —
vomitar pelo mar nunca saciado,
justamente nesta ilha que não deve
conter seres humanos, por não serdes
dignos de conviver com os outros homens.
Vou deixar-vos privados da razão.

(Vendo Alonso, Sebastião, etc. sacar das espadas.)

É com valor como esse que os humanos
se enforcam e se afogam. Loucos todos!
Eu e meus companheiros somos servos
do Fado. Os elementos de que vossas
espadas são compostas, poderiam
tão bem ferir os ventos sibilantes,
ou matar com pancadas irrisórias
as águas que não cessam de reunir-se,
como estragar de leve uma penugem,
sequer, de minhas asas. Igualmente
invulneráveis são meus companheiros.
Mas embora pudésseis fazer algo:
ora as vossas espadas se tornaram
muito pesadas para vossas forças;
não as levantaríeis. Mas lembrai-vos —
que esta é a minha incumbência neste instante —
que vós três o bom Próspero expulsastes
de Milão, entregando-o, e sua filha,
ao mar que ora vos pune. Foi por esse
feito facinoroso que as Potências —
que tardar podem, mas jamais esquecem —
contra vosso sossego concitaram
tantos mares furiosos, tantas praias,
sim, todas as criaturas. De teu filho,
Alonso, te privaram. Pela minha
voz te anunciam destruição morosa,
pior do que qualquer modalidade
de morte repentina, que vos há de
passo a passo seguir por onde fordes.
Para vos preservardes dessa cólera —
que sobre vós há de cair sem falta
nesta ilha desolada — só de auxílio
vos será contrição muito sincera
e, de ora em diante, uma existência pura.

(Desaparece em meio de trovões. A seguir, ao som de uma música agradável, tornam a entrar as figuras bizarras, que se põem a dançar fazendo momices e contorções e depois carregam a mesa.)

PRÓSPERO *(à parte)* ·
Com muita perfeição tomaste a forma,
meu Ariel, de harpia: era graciosa,
a um tempo, e ameaçadora. Em teu discurso,
não te afastaste em nada do que eu disse.
Do mesmo modo, os criados secundários,
com muita exatidão e sempre a ponto,
de seus papéis saíram. Eficientes
estão sendo meus altos sortilégios,
achando-se estes meus imigos presos
à sua própria loucura. Todos eles
estão em minhas mãos. Mas vou deixá-los
com seus delírios, para ir ver o moço
Ferdinando, que morto todos crêem,
e à minha e sua amada estremecida.

(Desaparece.)

GONZALO ·
Em nome de quanto há de mais sagrado,

shakespearebrasileiro.org

por que, senhor, olhais tão fixamente?
ALONSO · É monstruoso! monstruoso! Pareceu-me
que as ondas tinham voz e me falavam,
que ventos me cantavam e que o próprio
trovão — órgão profundo e pavoroso —
o nome vinham me dizer de Próspero
e com voz grave a morte me anunciavam.
É certo, então: leito encontrou meu filho
no chão lodoso. Irei, pois, procurá-lo
até onde não chegou sonda nenhuma
e na lama com ele sepultar-me.

(Sai.)

SEBASTIÃO · Dá-me de cada vez um só demônio,
que as legiões vencerei.
ANTÔNIO · Estou contigo.

(Saem Sebastião e Antônio.)

GONZALO · Aqueles três estão desesperados.
Tal qual veneno, cuja ação demora
para se patentear, o crime deles
só agora os rói por dentro. Assim, concito-vos —
por terdes todos juntas mais flexíveis —
a ir atrás deles, para os resguardarmos
das conseqüências a que poderia
levá-los a loucura.
ADRIANO · Vinde, peço-vos.

(Saem.)

Ato IV · Cena I

Diante da cela de Próspero.
Entram Próspero, Ferdinando e Miranda.

PRÓSPERO · Se vos puni com muita austeridade,
farto prêmio os trabalhos vos compensa,
pois o fio vos dou de minha vida,
de que eu próprio dependo. Novamente
nas mãos ta deposito. Todas essas
vexações não passavam de experiências
a que tua afeição foi submetida.
Galhardamente resististe a todas.
Ratifico ante o céu meu rico mimo.
Oh Ferdinando! Não me julgues fútil
por elogiá-la assim, pois vais em breve
convencer-te de quanto ela ultrapassa
quaisquer louvores, que a coxear se esforçam,
mas em vão, por segui-la.
FERDINANDO · Creio nisso,
embora o contestasse algum oráculo.
PRÓSPERO · Então recebe minha filha, como
presente meu e tua aquisição
dignamente alcançada. Mas se acaso
o laço virginal lhe desatares
antes de haverem sido celebradas,
sem omissão, as santas cerimônias
e seus ritos sagrados: muito longe
de abençoar essa união o céu, deitando
sobre ela o grato orvalho, há de o ódio estéril,
o desdém de olho mau e a atroz discórdia
o leito vos juncar de ervas daninhas
de tal modo nojentas, que repulsa
por ele sentireis. Acautelai-vos,
por isso, e que vos ilumine a lâmpada
de Himeneu.
FERDINANDO · Pelo meu desejo ardente
de vir a ter, com tal amor, tranqüilos
dias, vida mui longa e bela prole:
as cavernas mais negras, os lugares
mais oportunos, os mais poderosos
argumentos dos gênios da maldade
que em nós próprios habitam, nunca me há de
mudar a honra em luxúria, nem deixar-me
sem fio o gume desse dia santo.
Antes de tal pensar, ficarão mancos
os cavalos de Febo e acorrentada
nos abismos a noite.
PRÓSPERO · Bela jura.
Senta-te, pois, e fala-lhe; pertence-te.
Aqui, Ariel, meu servo diligente!

(Entra Ariel.)

ARIEL · Que deseja meu mestre poderoso?
Aqui estou.
PRÓSPERO · Muito a ponto realizaste
com meus servos menores minhas ordens

shakespearebrasileiro.org

mais recentes. Preciso novamente
de todos vós, para uma peça idêntica.
Vai buscar-me os espíritos, depressa,
sobre os quais te dei força, e aqui os reúne.
Concita-os a moverem-se de pronto,
porque desejo apresentar aos olhos
deste amoroso e jovem par algumas
ilusões de minha arte. Prometi-lhes
que o faria, e de mim isso ora esperam.
ARIEL · Neste momento?
PRÓSPERO · Sim, num piscar de olhos.
ARIEL · Sem que digas "Muito bem!"
ou me grites "Vai e vem!"
Velozes como ninguém
aqui estarão sem porém.
Amais-me, mestre, também?
PRÓSPERO · De coração, meu delicado Ariel.
Antes de eu te chamar não te aproximes.
ARIEL · Muito bem. Compreendi.

(Sai.)

PRÓSPERO · Olha, sê verdadeiro; não afrouxes
a rédea dos carinhos; os mais fortes
juramentos são palha para o fogo
dos sentidos. Procura comedir-te;
do contrário, boa noite, juramentos!
FERDINANDO · Senhor, ficai tranqüilo; a branca e fria
neve da virgindade que ora trago
no coração me abate por completo
o calor dos sentidos.
PRÓSPERO · Muito bem. —
Agora, meu Ariel, volta depressa!
Antes de haver espírito de sobra
do que faltar-nos um. Sê prestimoso. —
E agora, apenas olhos; ninguém fale.

(Música serena. Mascarada. Entra Íris.)

ÍRIS · Ceres, deusa benéfica, apressada
de teus campos te afasta de cevada,
de trigo, aveia, ervilha e de centeio,
de teus prados virentes, onde, em meio
de forragem, rumina o lento gado;
dos córregos de margens com bordado
de peônias e caniços, em que abril
faz nascer, ao teu gesto, flores mil,
porque coroas castas as pudicas
ninfas possam tecer; das matas ricas
de sombra, a que se acolhem namorados
do desdém das zagalas já cansados;
das vinhas especadas, das ruidosas
praias do mar, e, assim, das alterosas
montanhas onde ao sol costumas pôr-te...
A Rainha que no alto tem a corte
de quem sou ponte de água e mensageira,
te ordena deixar tudo e, mesureira,
à sua graça juntar-te soberana,
para que aqui, com cortesia lhana,
brinques com ela. Seus pavões, de vê-la
já se ufanam. Vem, Ceres, recebê-la!

(Entra Ceres.)

CERES · Mensageira de cores variegadas,
que a consorte de Jove sempre agradas,
que com tuas asas de açafrão às flores
deitas orvalho e restituis as cores
e com teu arco azul linda coroa
nos bosques pões e na sutil lagoa:
linda charpa da terra dadivosa,
que quer de mim tua Rainha airosa?
Por que me mandou vir para o gramado?
ÍRIS · Porque um contrato seja celebrado
de amor sincero, e para que se apreste
voluntário presente.
CERES · Arco celeste,
saberás informar-me se com ela
estão Vênus e o filho? Desde aquela
vez em que, por astúcia, a filha amada
me tiraram, em presa cobiçada
de Dis a transformando, a escandalosa
companhia abjurei da deusa airosa
e de seu filho cego.
ÍRIS · A companhia
dos dois não te amedronte, que na via
de Pafo os encontrei; num carro lindo
de pombas ia o filho. Não sorrindo
se partiram daqui, porque feitiço
libertino tentaram, antes disso,
lançar neste casal de namorados
que haviam feito votos sublimados
de não subirem para o casto leito
sem que acendido já tivesse a jeito
sua tocha Himeneu. Mas foi em vão;
partiu sem realizar sua intenção
a acolorada amante de Mavorte.
Seu petulante filho, de tal sorte
ficou zangado que quebrou as setas,

shakespearebrasileiro.org

juras fazendo claras e secretas
de não lançar nenhum disparo mais,
porém, como os peraltas, com os pardais
gastar o tempo todo.
CERES · Pelo andar
percebo que a alta Juno está a chegar.
(Entra Juno.)
JUNO · Como vai indo minha irmã? Comigo
vinde abençoar este casal amigo,
porque sejam felizes e exalçados
nos filhos por nascer.
Cantiga
JUNO ·
Honras, filhos e riquezas,
vida longa sem surpresas,
horas felizes sem conta
Juno agora vos apronta.
CERES ·
Celeiro sempre repleto
de tudo, do chão ao teto,
vides ao peso encurvadas,
plantas sempre carregadas;
só vos chegue a primavera
estando a colheita à espera.
Felicidades sem conta
é o que Ceres vos apronta.
FERDINANDO · Nunca vi espetáculo tão belo.
Fascinante harmonia! Temerário
não serei por demais imaginando
que se trate de espíritos?
PRÓSPERO · Espíritos
que eu conjurei de seus confins longínquos,
por meio de minha arte, para darem
corpo às minhas presentes fantasias.
FERDINANDO ·
Oh! Deixai-me viver sempre aqui mesmo;
um pai tão raro e sábio, em paraíso
transforma este lugar.
(Juno e Ceres falam baixo e mandam Íris executar uma ordem.)
PRÓSPERO · Silêncio, amigo.
Juno e Ceres cochicham gravemente.
Algo ainda há por fazer. Silêncio agora;
caso contrário, ficará quebrada
toda nossa magia.
ÍRIS · Náiades ninfas das correntes ledas,
de coroas de junco e expressões quedas,
saí de vossos leitos e na grama
vinde dançar; é Juno que o proclama.
Ninfas pudicas, nada vos impeça
de exaltar este enlace. Bem depressa.
(Entram algumas ninfas.)
Segadores tostados pelo sol,
de agosto lassos, à reunião de escol
comparecei alegres, e com vossos
chapéus de palha de centeio nossos
festejos animai, porque hoje é dia
feriado. Dando mostras de alegria,
vinde todos tirar uma das ninfas
que, de pouco, deixaram suas linfas,
para dançar na grama.
(Entram alguns segadores, com vestes limpas, e se reúnem às ninfas, em dança graciosa.
Quase no fim da dança, Próspero estremece subitamente e fala, com o que todos desaparecem devagar, no meio de um ruído cavo e confuso.)
PRÓSPERO *(à parte.)* ·
Por pouco não me esquece a traça infame
do animal Calibã e de seus cúmplices,
contra a minha existência. Estamos quase
no minuto da trama combinada.
(Aos espíritos.) Muito bem; é o bastante; ide-vos todos.
FERDINANDO · Curioso como vosso pai se encontra
sob violenta paixão!
MIRANDA · A não ser hoje,
nunca o vi externar tão forte cólera.
PRÓSPERO · Pareceis, caro filho, um tanto inquieto,
como quem sente medo. Criai ânimo,
senhor; nossos festejos terminaram.
Como vos preveni, eram espíritos
todos esses atores; dissiparam-se
no ar, sim, no ar impalpável. E tal como
o grosseiro substrato desta vista,
as torres que se elevam para as nuvens,
os palácios altivos, as igrejas
majestosas, o próprio globo imenso,
com tudo o que contém, hão de sumir-se,
como se deu com essa visão tênue,
sem deixarem vestígio. Somos feitos
da matéria dos sonhos; nossa vida
pequenina é cercada pelo sono.
Reconheço, senhor, que estou irritado.
Suportai-me, vos peço; é da fraqueza.

shakespearebrasileiro.org

Enturva-se-me o cérebro já velho.
Não vos amofineis com minha doença.
Caso vos for do agrado, entrai na cela,
para aí repousardes. Enquanto isso,
darei algumas voltas, porque possa
tornar-me calmo.

FERDINANDO E MIRANDA · Paz vos desejamos.

(Saem.)

PRÓSPERO · Rápido como o pensamento, vem
meu Ariel. Agradeço-te.

(Entra Ariel.)

ARIEL · Sigo sempre
de perto tuas intenções. Que queres?

PRÓSPERO · Precisamos, espírito, estar prontos
para que Calibã não nos surpreenda.

ARIEL · É certo, mestre. Quando trouxe Ceres,
pensei em te falar; mas tive medo
de causar-te desgosto.

PRÓSPERO · Dize-me onde deixaste esses lacaios?

ARIEL · Como disse, senhor, todos estavam
vermelhos de bebida e tão valentes,
que o próprio ar atacavam pelo ousio
de lhes soprar no rosto, o chão calcavam
por lhes beijar os pés, e sempre atentos
na traça combinada. Nesse instante
toquei meu tamboril, ao que eles, logo,
como potros selvagens, com as orelhas
em pé ficaram, olhos espantados,
e as narinas abertas, como o cheiro
de música a sentir. Enfeitiçados
lhes deixei os ouvidos de tal forma,
que, como bezerrinhos, os mugidos
me seguiam por entre os tojos duros,
os espinheiros e as mordentes sarças,
que nas pernas mui frágeis lhes entravam.
Por fim deixei-os no paul coberto
de imundícies, atrás de vossa cela,
onde até ao queixo se contorcem, para
da lama se livrarem pegajosa.

PRÓSPERO · Muito bem, caro pássaro. Conserva-te
invisível por mais alguns momentos.
Vai a casa e me traze o que encontrares
de badulaques; com isso engendraremos
armadilha para esses malfeitores.

ARIEL · Vou já! Vou já!

(Sai.)

PRÓSPERO ·
É um demônio, um demônio de nascença,
em cuja natureza jamais pôde
atuar a educação. Foram perdidos
todos os meus esforços; sim, perdido
completamente, sempre, quanto hei feito
a ele por amor à humanidade.
Seu corpo com a idade fica hediondo
e cada vez mais ulcerado o espírito.
Atormentá-los vou até que rujam.

(Volta Ariel, carregado de vestimentas brilhantes, etc.)

Vamos, pendura tudo nessa corda.

(Próspero e Ariel se tornam invisíveis. Entram Calibã, Estéfano e Trínculo, inteiramente molhados.)

CALIBÃ · Agora, por favor, pisai de leve,
porque a toupeira cega não perceba
quando nos caem os pés. Estamos perto.

ESTÉFANO · Monstro, vossa fada, que dizíeis ser
uma fada sem maldade, procedeu simplesmente
conosco como com marotos.

TRÍNCULO · Monstro, estou sentindo o cheiro de
urina de cavalo, o que me causa grande indignação
ao nariz.

ESTÉFANO · Ao meu também. Estás ouvindo,
monstro? Se me causares o menor aborrecimento...
Toma cuidado!

TRÍNCULO · Não passarás de um monstro perdido.

CALIBÃ · Concedei-me, meu bom senhor, um pouco
mais de vosso favor; sede paciente,
que o prêmio prometido vai deixar-vos
esquecido de tantos contratempos.
Por isso falai baixo; tudo se acha
tão sossegado como à meia-noite.

TRÍNCULO · Sim, mas perdemos as garrafas no
atoleiro!

ESTÉFANO · O que não constitui para nós, monstro,
apenas uma desgraça, mas perda irreparável.

TRÍNCULO · Que eu sinto mais do que toda esta
umidade. Isso, monstro, ainda é trabalho de vossa
fada sem maldade.

ESTÉFANO · Hei de recuperar a minha garrafa, ainda
que me atole até às orelhas.

CALIBÃ · Acalma-te, meu Rei. Estás vendo isto?
É a boca da caverna. Entra sem bulha
e o bom crime comete decidido,
que dono te fará desta bela ilha
e de mim, Calibã, teu lambe-pé.

ESTÉFANO · Dá-me a mão; já começo a ter
pensamentos sanguinários.

shakespearebrasileiro.org

TRÍNCULO · Oh Rei Estéfano! Oh par! Oh digno Estéfano, vê que belo guarda-roupa aqui está para ti!
CALIBÃ · Deixa isso, tolo; são bugigangas.
TRÍNCULO · Oh, oh, monstro! Sabemos muito bem o que sejam pacotilhas. Oh Rei Estéfano!
ESTÉFANO · Tira esse manto, Tríncul o. Por esta mão, quero esse manto para mim.
TRÍNCULO · Tua Graça o terá.
CALIBÃ · Na hidropsia se afogue este pateta.
Que estais pensando, para assim ficardes
diante desses andrajos? Deixai isso.
Primeiro, a morte dele. Caso acorde,
desde os pés à cabeça vai deixar-nos
a pele triturada, de nós todos
fazendo bela papa.
ESTÉFANO · Fica quieto, monstro! — Senhora linha, este gibão não é o meu? Presentemente o gibão já passou a linha. Agora gibão, vais perder os cabelos e tornar-te gibão careca.
TRÍNCULO · A ele! A ele! Com licença de Vossa Graça, mas sabemos roubar em linha reta.
ESTÉFANO · Muito obrigado pela pilhéria. Fica com esta roupa. Não se dirá que o espírito não é recompensado enquanto eu for Rei deste país. "Roubamos em linha reta!" Muito bem dito, realmente. Toma mais esta peça, como prêmio da frase.
TRÍNCULO · Vem, monstro; passa um pouco de visgo nos dedos e some com o resto da roupa.
CALIBÃ · Não quero nada; perderemos tempo com isso, e nos transformaremos em macacos ou em patos bravos, de testa acanhada e para baixo.
ESTÉFANO · Monstro, espicha os dedos. Ajuda a levar isto para onde está o meu barril de vinho. Caso contrário, expulso-te do meu reino. Vamos, carrega isto.
TRÍNCULO · E isto também.
ESTÉFANO · Sim, e mais isto.

(Ouve-se barulho de caçada. Entram diversos espíritos sob a forma de cães, que se põem a perseguir Estéfano, Trínculo e Calibã. Próspero e Ariel os espicaçam com gritos.)

PRÓSPERO · Pega, Montanha! Pega!
ARIEL · Prateado! Por aqui, Prateado!
PRÓSPERO · Aqui, Fúria! Aqui, Sultão! Pega! Pega!

(Calibã, Estéfano e Trínculo saem perseguidos.)

Vai, incumbe os meus duendes de torcer-lhes
com secas convulsões todas as juntas,
de com cãibras os nervos repuxar-lhes,
com beliscões deixando-os mais manchados
do que os gatos selvagens e as panteras.
ARIEL · Escuta: estão rugindo.
PRÓSPERO · Que sejam perseguidos sem piedade.
Meus inimigos, neste instante, se acham
de todo ao meu dispor. Dentro de pouco
terás o ar à vontade. Alguns momentos,
ainda, me acompanha e cumpre tudo
que eu te mandar fazer.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Diante da cela de Próspero.
Entram Próspero, com suas vestes mágicas, e Ariel.

PRÓSPERO ·
Concretizam-se, enfim, meus planos todos;
meus feitiços não falham; meus espíritos
me obedecem e o tempo segue em linha
reta com sua carga. Que horas são?
ARIEL · Seis horas, meu senhor; precisamente
a hora em que me dissestes deveriam
cessar nossos trabalhos.
PRÓSPERO · Sim, disse isso,
quando fiz levantar a tempestade.
Mas agora me informa, meu espírito,
como está o Rei e a sua comitiva.
ARIEL · Fechados todos eles, tal qual como
tínheis determinado; justamente
como os deixastes, prisioneiros todos
no bosque de limeiras que protege,
senhor, vossa caverna. Nenhum deles
se livrará sem vosso assentimento.
O Rei, o mano dele e o vosso se acham

shakespearebrasileiro.org

completamente fora do juízo;
os demais os lastimam, transpassados
de dor e desespero, salientando-se
aquele que chamastes de "O bom velho
senhor Gonzalo". As lágrimas lhe correm
pelos fios da barba como gotas
do inverno nos caniços. De tal modo
vossos encantamentos os trabalham,
que, se os vísseis agora, era certeza
ficardes comovido.

PRÓSPERO · É assim que pensas,
espírito?

ARIEL · Eu, senhor, se fosse humano,
decerto ficaria.

PRÓSPERO · Pois o mesmo
comigo vai se dar. Sendo ar, apenas,
como és, revelas tanto sentimento
por suas aflições; e eu, que me incluo
entre os de sua espécie, e as dores sinto,
como os prazeres, tão profundamente
tal como qualquer deles, não podia
mostrar-me agora menos abalado.
Muito embora seus crimes me tivessem
tocado tão de perto, em meu auxílio
chamo a nobre razão, para sofrearmos
de todo minha cólera. É mais nobre
o perdão que a vingança. Estando todos
arrependidos, não se estende o impulso
do meu intento nem sequer a um simples
franzir do sobrecenho. Vai, liberta-os,
meu Ariel. Vou romper o encantamento,
a razão restituir-lhes e fazê-los
voltar a ser o que eram.

ARIEL · Vou buscá-los.

(Sai.)

PRÓSPERO · Vós, elfos das colinas e dos córregos,
das lagoas tranqüilas e dos bosques;
e vós que rasto não deixais na areia,
quando caçais Netuno nas vazantes,
ou dele vos furtais, quando retorna;
vós, anõezinhos brincalhões, que círculos,
à luz do luar, traçais de ervas amargas,
que as ovelhas recusam; e vós outros
que criais por brinquedo os cogumelos
noturnos e vos alegrais com o toque
solene da manhã; com cujo auxílio —
muito embora sejais mestres fraquinhos —
fiz apagar-se o sol ao meio-dia,
chamei os ventos revoltados, guerra
suscitei atroadora entre o mar verde
e a abóboda azulada, o ribombante
trovão provi de fogo, o tronco altivo
do carvalho de Jove abri ao meio,
de seu próprio corisco me valendo;
abalado deixei os promontórios
de fortes alicerces, os pinheiros
e cedros arranquei pelas raízes...
Ao meu comando, os túmulos faziam
despertar os que neles repousavam,
e, abrindo-se, deixavam-nos sair,
tão forte era minha arte. Mas abjuro,
neste momento, da magia negra;
uma vez conjurado mais um pouco
de música celeste — o que ora faço —
para que nos sentidos lhes atue —
tal é o poder do encantamento aéreo —
quebrarei a varinha; a muitas braças
do solo a enterrarei, e em lugar fundo,
jamais tocado por nenhuma sonda,
afogarei meu livro.

(Música solene. Volta Ariel; Alonso o segue com ademanes frenéticos, acompanhado por Gonzalo; Sebastião e Antônio, no mesmo estado, acompanhado por Adriano e Francisco. Todos entram no círculo feito por Próspero e aí se conservam sob a ação do encantamento. Próspero os contempla e fala.)

Que uma canção solene, o mais possante
consolador das mentes perturbadas,
o cérebro te cure, que no crânio
te ferve, agora, inútil. Pára aí mesmo,
porque imobilizado ora te encontras
por meus encantamentos.
Impecável Gonzalo, homem honrado:
meus olhos, compassivos com a atitude
dos teus deixam cair gotas amigas.
O encantamento se desfaz aos poucos.
Assim como a manhã, roubando a noite,
dilui a escuridão, do mesmo modo
a despertar começam-lhe os sentidos
e a expulsar os vaportes ignorantes
que a nitente razão lhes revestia.
Meu salvador sincero, bom Gonzalo,
servidor dedicado de teu amo,
hei de pagar-te em casa os benefícios

com palavras e obras. Por maneira
crudelíssima, Alonso, procedeste
comigo e minha filha. Foste nisso
levado por teu mano. Esse o motivo,
Sebastião, de sofreres tantas dores
e vós aí, meu sangue e minha carne,
meu irmão, que à ambição deste acolhida,
expulsando o remorso e a natureza —
razão de serem muito mais intensas
as compunções internas — planejastes
assassinar aqui vosso monarca.
Embora sejas um desnaturado,
recebe o meu perdão. — O entendimento
já começa a crescer e a maré próxima
dentro de pouco cobrirá a praia
da razão, que ainda está cheia de lama.
Nenhum deles me vê nem reconhece.
Ariel, vai até à cela e de lá traze
minha espada e o chapéu.

(Sai Ariel.)

Troco esta roupa,
e vou ficar como em Milão eu era.
Espírito, depressa! Falta pouco
para ficares livre.

(Volta Ariel cantando, e ajuda Próspero a vestir-se.)

ARIEL ·

Como as abelhas volito
em busca do mel bendito.
Numa corola dormito,
quando o bufo solta o grito.
Meu cavalinho bonito —
um morcego — sempre incito
a ter o verão bem fito.

Vou viver, vou viver alegremente
sob os ramos da selva florescente.

PRÓSPERO · Oh, reconheço o meu gentil Ariel.
Vou sentir tua falta... Pouco importa.
Ficarás livre. Assim... Assim... Assim...
Como és, sem seres visto, vai ao barco
do Rei, onde acharás os marinheiros
a dormir na escotilha. Despertados
o comandante e o contramestre, obriga-os
a vir para este ponto. Isso, depressa.

ARIEL · Engulo o ar no caminho e aqui retorno
antes de o pulso vos bater duas vezes.

(Sai.)

GONZALO · Todas as dores, confusões, espantos,
todos os desesperos aqui moram.
Algum poder celeste nos retire
deste país terrível.

PRÓSPERO · Aqui vedes
Próspero, senhor Rei, o antigo Duque
de Milão. Como prova de que um príncipe
vivo contigo fala neste instante,
abraço-te e te dou as mais sinceras
boas-vindas e a todos de teu séquito.

ALONSO · Se és ele mesmo ou não, ou qualquer
mágico
fantasma, como os outros que até há pouco
de mim zombaram, como decidir-me?
Como de carne e sangue tens o pulso,
e desde que te vi sinto acalmar-se-me
a inquietação da mente, que a loucura,
muito o receio, em mim nascer fizera.
Tudo isso — se isso tudo for verdade —
tem uma história por demais estranha.
Resigno o teu ducado e te conjuro
a me perdoar as faltas. Porém como
pode estar vivo Próspero e nesta ilha?

PRÓSPERO · Primeiramente, nobre amigo, deixa
que te abrace a velhice, pois tua honra
não conhece medida nem limites.

GONZALO · Se isto tudo é real ou imaginário,
não poderei jurá-lo.

PRÓSPERO · Em vós atuam
ainda algumas sutilezas da ilha,
que não vos deixam crer na realidade.
Bem-vindos sois, amigos.

(À parte, a Sebastião e Antônio.)

Se o quisesse,
meu par de nobres, eu pudera agora
fazer que contra vós se condensasse
a cólera do Rei, desmascarando-vos
como dois vis traidores. Mas não quero
neste instante contar coisa nenhuma.

SEBASTIÃO *(à parte)* · O diabo fala pela tua boca.

PRÓSPERO · Não;
a vós, senhor perverso, a que não posso
dar o nome de irmão sem que me suje,
a falta mais hedionda vos perdôo...
Perdôo todas, mas neste momento
reclamo o meu ducado que, por força,
tereis de me entregar.

shakespearebrasileiro.org

ALONSO · Se fores Próspero,
realmente, então revela-nos algumas
particularidades sobre o modo
como, enfim, te salvaste; dize como
nos encontraste aqui, nós que há três horas,
apenas, naufragamos nesta praia,
onde perdi — como é pungente o acúleo
da lembrança! — meu caro Ferdinando.
PRÓSPERO · Sinto muito, senhor.
ALONSO · É irreparável
a perda, e diz-me a paciência que ela
própria nada consegue neste caso.
PRÓSPERO · Penso, ao contrário, que não procurastes
seu auxílio eficiente. Em perda idêntica,
por sua doce graça, contemplado
me vi com sua ajuda soberana,
ficando satisfeito.
ALONSO · Perda idêntica?
PRÓSPERO · Tão grande como a vossa, e tão recente.
E para suportá-la não dispunha
dos meios de consolo que vos restam,
pois perdi minha filha.
ALONSO · Filha? Oh Céus!
Se em Nápoles os dois ora estivessem,
como Rei e Rainha! Para tanto,
desejara enterrado ora encontrar-me
no leito cenagoso em que meu filho
repousa neste instante. Há quanto tempo
sofrestes essa perda irreparável?
PRÓSPERO · Na última tempestade. Mas percebo
que estes senhores por tal modo se acham
estupefactos ante o nosso encontro,
que a razão perdem, não acreditando
que os olhos usam no seu próprio ofício
e que sua fala é natural anélito.
Porém, por mais que todos deslocados
houvésseis sido dos sentidos, crede
como certo que eu sou, de fato, Próspero
que de Milão, há tempo, fui expulso
e que desembarquei por modo estranho
na mesma praia em que ora naufragastes,
para ser dono dela. Mas sobre isso,
por ora, é quanto basta; é larga história,
para contada ser dia por dia,
não relação para fazer-se à mesa
e muito menos ao primeiro encontro.
Sois bem-vindo, senhor. É nesta cela
que tenho minha corte; nela poucas
pessoas me acompanham, sem que súdito
nenhum tenha aqui fora. Examinai-a,
por obséquio. Uma vez que o meu ducado
me restituístes, vou recompensar-vos
com um presente precioso. Pelo menos
vou fazer um milagre que vos há de
tão contente deixar como exultante
fiquei com meu ducado.

(Abre-se a porta da cela, deixando ver Ferdinando e Miranda, que jogam xadrez.)

MIRANDA · Estais usando de esperteza, príncipe.
FERDINANDO · Não, querida; por nada neste mundo
poderia fazê-lo.
MIRANDA · Sim, por um par de reinos poderíeis
altercar, e eu vos juro que chamara
a isso jogo correto.
ALONSO · Se tudo isto
for outra vez uma ilusão desta ilha,
duas vezes perdi meu caro filho.
SEBASTIÃO ·
Oh Milagre estupendo!
FERDINANDO · Muito embora
ameacem sempre, os mares são piedosos.
Amaldiçoei-os sem razão para isso.

(Ajoelha-se em frente de Alonso.)

ALONSO · Que te envolvam as bênçãos incontáveis
de um venturoso pai. Alça-te e dize
como aqui vieste ter.
MIRANDA · Oh! Que milagre!
Que soberbas criaturas aqui vieram!
Como os homens são belos! Admirável
mundo novo que tem tais habitantes!
PRÓSPERO · Para ti isso é novo.
ALONSO · Quem é a jovem
com quem jogavas? Vossas mais antigas
relações não terão mais de três horas.
A deusa que nos separou, por que ora
de novo nos reunira?
FERDINANDO · É criatura
mortal, senhor; mas pela Providência
imortal me foi dada. Fiz a escolha,
quando o consentimento não podia
pedir do meu bom pai, estando certo
de que pai já não tinha. Ela é a filha
do mui famoso duque de Milão,
de que tanto já ouvira, mas que nunca
chegara a contemplar. Recebi dele

shakespearebrasileiro.org

uma segunda vida, e ora um segundo
pai me fez dele esta gentil menina.
ALONSO · Sou todo dela. Mas como me é estranho
ter de pedir perdão ao próprio filho!
PRÓSPERO · Parai aí, senhor; não nos dobremos
sob o peso do fardo das lembranças
do que já se passou.
GONZALO · Derramei lágrimas
interiores; se não, já me teria
manifestado. Oh deuses! Inclinai-vos
por uns momentos, e sobre estes jovens
fazei descer uma coroa benta,
pois fostes vós que a estrada nos traçastes
para aqui nos reunirmos neste instante.
ALONSO · Digo amém, bom Gonzalo.
GONZALO · Assim, Milão
foi de Milão expulso, porque viessem
seus descendentes a ser Reis de Nápoles?
Oh! Alegrai-vos sobremodo e o fato
gravai a ouro em perduráveis lápides.
Foi achar Claribel, numa viagem
a Túnis, o marido; Ferdinando,
seu irmão, uma esposa, onde ele próprio
se dava por perdido; o duque Próspero,
o ducado numa ilha tão modesta;
e todos nós nos encontramos, quando
já não éramos donos de nós mesmos.
ALONSO *(a Ferdinando e Miranda)* ·
Dai-me as mãos. Que a tristeza e os pesadumes
o coração apertem de quem votos
não fizer de alegria.
GONZALO · Seja. Amém.
(Volta Ariel com o Comandante e o Contramestre que o seguem com sinais de estupefação.)
Olhai, senhor! Olhai! Mais gente nossa.
Deu certo a minha profecia: caso
forcas houvesse em terra, este sujeito
não morreria na água. E ora, blasfemo,
que ao mar jogavas a divina Graça,
aqui em terra esgotaram-se-te as pragas?
Que novidades há?
CONTRAMESTRE · A melhor delas
é termos encontrado sãos e salvos
o Rei e os de seu séquito. A segunda
é que nosso navio, que há três horas,
somente, acreditávamos perdido,
está firme e arvorado, como quando
iniciamos a viagem.
ARIEL *(à parte, a Próspero)* ·
Fiz tudo isso,
mestre, neste intervalo.
PRÓSPERO *(à parte, a Ariel)* ·
Oh meu espírito
habilidoso!
ALONSO · Naturais eventos
não pode ser tudo isso. A um fato estranho,
segue outro ainda maior. Dizei-nos como
chegaste até aqui.
CONTRAMESTRE · Caso eu tivesse
certeza plena de que estou desperto,
tentaria fazer cabal relato.
Mortos de sono estávamos, embaixo
das escotilhas todos — não sabemos
como isso aconteceu — quando, de súbito,
desencontrada confusão se eleva
de rugidos atroantes e de guinchos,
barulho de cadeias arrastadas
e outras espécies várias de ruídos,
todos horríveis, que nos despertaram.
No mesmo instante livres nos achamos
e em toda galhardia percebemos
nosso real, galante e bravo barco
e nosso comandante, embasbacado,
que pulava de alegre. De repente —
com vossa permissão — como num sonho
nos separamos e trazidos fomos
para aqui, atordoados.
ARIEL *(à parte, a Próspero)* ·
Foi bem-feito?
PRÓSPERO *(à parte, a Ariel)* ·
Otimamente, meu zeloso espírito;
em breve serás livre.
ALONSO · É o mais estranho
labirinto que os homens já pisaram
ultrapassa tudo isso a natureza
no seu curso normal. Será preciso
buscar a explicação nalgum oráculo.
PRÓSPERO · Não aflijais, meu soberano o espírito,
procurando explicar com tanto empenho
a estranheza do caso. Mais de espaço —
o que vai ser em breve — hei de contar-vos
com particularidades que vos hão de

shakespearebrasileiro.org

parecer aceitáveis, tudo quanto
se passou por aqui. Nesse entrementes,
ficai alegre e pensai bem de tudo.
(À parte, a Ariel.)
Aproxima-te, espírito; liberta
Calibã e os demais; desfaze o encanto.
(Sai Ariel.)
Meu gracioso senhor, como se sente?
ainda estão faltando alguns sujeitos
esquisitos de vossa companhia,
de que não vos lembrais.
(Volta Ariel empurrando Calibã, Estéfano e Trínculo, com as roupas roubadas.)

ESTÉFANO · Cada um cuide só dos outros, sem se importar consigo mesmo, porque tudo só depende da sorte. Coragem, monstro-raio! Coragem!

TRÍNCULO · Se o que eu trago na cabeça forem espiões de verdade, temos aqui uma aparição admirável.

CALIBÃ · Oh Setebos! Que espíritos notáveis,
em verdade! Quão belo está meu amo!
Temo que me castigue.

SEBASTIÃO · Ah! Ah! Que coisas
ora nos surgem, meu senhor Antônio?
Poderemos comprá-las com dinheiro?

ANTÔNIO · Decerto poderemos; uma delas
é puro peixe e, sem nenhuma dúvida,
vendável no mercado.

PRÓSPERO · Vede apenas,
senhores, as roupagens destes homens.
Dizei-me agora se eles são honestos.
Esse tipo disforme que ali vedes,
teve por mãe uma terrível bruxa,
e de poder tão grande que até mesmo
na lua tinha influência, e provocava
marés e baixa-marés, realizando
da lua o ofício, sem o poder dela.
Esses três indivíduos me roubaram;
e aquele meio-diabo — pois é filho
bastardo, já se vê — tramou com eles
assassinar-me. Dois desses marotos
são vossos conhecidos; este bloco
de escuridão é minha propriedade.

CALIBÃ · Beliscado serei de ficar morto.

ALONSO · Aquele ali não é acaso, Estéfano,
meu despenseiro bêbado?

SEBASTIÃO · Está bêbado;
mas como arranjou vinho?

ALONSO · Cambaleante
de bêbado está Trínculo. Mas como
terão eles achado esse admirável
elixir que os deixou tão remoçados?
Como vieste a cair nesta salmoura?

TRÍNCULO · De tal maneira eu me meti na salmoura
desde a última vez que vos vi, que tenho receio de
que nunca mais me saia dos ossos. Agora posso
desafiar as picadas dos mosquitos.

SEBASTIÃO · E tu aí, Estéfano! Como vais passando?

ESTÉFANO · Oh! Não me toqueis! Não sou
Estéfano, mas pura cãibra. Próspero — Querias ser
Rei da ilha, não, maroto?

ESTÉFANO · Daria um Rei bem doentio.

ALONSO *(apontando para Calibã)* ·
É a coisa mais estranha que eu já vi.

PRÓSPERO · É tão disforme nos costumes como
no feitio exterior. Ide, maroto,
já para minha cela, acompanhado
de vossos dois amigos. Se quiserdes
ser perdoado, arrumai-a com bem zelo.

CALIBÃ · É o que farei; e de ora avante quero
mostrar-me mais razoável e obter graça.
Mas que asno reforçado eu fui, tomando
por um deus este bêbado e inclinando-me
diante deste imbecil!

PRÓSPERO · Vai logo. Fora!
Ide repor essas quinquilharias
no lugar onde estavam.

SEBASTIÃO · De onde foram
roubadas, é o mais certo.
(Saem Calibã, Estéfano e Trínculo.)

PRÓSPERO ·
Senhor, convido Vossa Alteza e os vossos
a entrar em minha pobre cela, para
descansar esta noite, pretendendo
parte dela empregar com narrativas
de tão grande atração que — não o duvido —
depressa passará: a história toda
de minha vida e, assim, os acidentes
por que passei até chegar a esta ilha.
Logo pela manhã hei de levar-vos
ao vosso barco e, logo após, a Nápoles,
onde espero assistir ao matrimônio
destes dois entes que nos são tão caros.
Daí me acolherei ao meu Milão,
onde cada terceiro pensamento

shakespearebrasileiro.org

será dicado à minha sepultura.
Alonso · Estou ansioso por ouvir a história
de vossa vida, que há de estranhamente
prender-nos a atenção.
Próspero · Contarei tudo,
prometendo-vos mares calmos, auras
auspiciosas e velas tão velozes
que alcançareis, dentro de pouco tempo,
vossa real esquadra.
(À parte, a Ariel.) Meu Ariel,
deixo isso a teu cuidado, e, após, sê livre
nos elementos. Passa bem, querido. —
Por obséquio, senhores, entrai logo.

(Saem.)

Epílogo

(Dito por Próspero.)

Meu encanto terminado,
reduzi-me ao próprio estado,
que é bem precário, em verdade.
Agora, vossa vontade
aqui poderá deixar-me
ou a Nápoles enviar-me.
Mas é certo que alcancei
meu ducado, e já perdoei
quem mo roubara. Por isso,
não queira vosso feitiço
que eu nesta ilha permaneça
tão estéril e revessa,
mas dos encantos malsãos
livrai-me com vossas mãos.
Vosso hálito deve inflar
minhas velas pelo mar;
caso contrário, meu plano
de agradar será vesano,
pois de todo ora careço
da arte negra de alto preço,
que os espíritos fazia
surgir de noite ou de dia.
Restou-me o temor escuro;
por isso, o auxílio procuro
de vossa prece que assalta
té mesmo a Graça mais alta,
apagando facilmente
as faltas de toda gente.
Como quereis ser perdoados
de todos vossos pecados,
permiti que sem violência
me solte vossa indulgência.

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Leontes, Rei da Sicília.
Mamílio, jovem Príncipe da Sicília.

Camilo
Antígono
Cleômenes
Dion
} nobres da Sicília.

Políxenes, Rei da Boêmia.
Florizel, seu filho.
Arquídamo, um nobre da Boêmia.
Um marinheiro.
Um carcereiro.
Um velho pastor, pai putativo de Perdita.
Bobo, seu filho.
Um criado do velho pastor.
Autólico, um mariola.

Hermíone, esposa de Leontes.
Perdita, filha de Leontes e de Hermíone.
Paulina, esposa de Antígono.
Emília, uma dama.
Outras damas, do serviço da Rainha.

Mopsa
Dorcas
} pastoras.

Nobres e damas da Sicília, criados, guardas, sátiros, pastores, pastoras, etc.
O Tempo, como coro.

Cena

Parte na Sicília, parte na Boêmia.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Antecâmara do palácio de Leontes.
Entram Camilo e Arquídamo.

ARQUÍDAMO · Se alguma vez, Camilo, tiverdes oportunidade de visitar a Boêmia, em missão idêntica à que me trouxe aqui, vereis, como disse, a grande diferença que existe entre nossa Boêmia e vossa Sicília.

CAMILO · Creio que no próximo verão o Rei da Sicília pretende pagar ao Rei da Boêmia a visita que lhe deve.

ARQUÍDAMO · Então, a nossa hospitalidade nos vai deixar envergonhados, mas o nosso amor nos justificará, porque...

CAMILO · Suplico-vos...

ARQUÍDAMO · É verdade; falo com conhecimento de causa. Não nos será possível, com tanta magnificência... uma tão rara... Não sei como expressar-me. Teremos de dar-vos alguma bebida soporífica, para que vossos sentidos, não percebendo nossa insuficiência, ainda que não nos possam elogiar, pelo menos não nos censurem.

CAMILO · Avaliais muito alto o que vos é dado de boa vontade.

ARQUÍDAMO · Podeis crer que falo de acordo com meu entendimento e como impõe a honestidade.

CAMILO · Com relação à Boêmia, Sicília nunca poderá mostrar excesso de amabilidade. O Rei da Sicília e o da Boêmia passaram juntos a mocidade, tendo entre eles a amizade criado tão profundas raízes, que não poderá deixar de produzir galhos. Desde que a compostura da idade viril e as obrigações reais os separaram, suas relações, ainda que não diretas, têm sido mantidas regiamente por meio de mimos, cartas e embaixadas amistosas, de forma que pareciam continuar juntos, embora estivessem separados e que se apertavam as mãos por sobre um grande abismo e se abraçavam dos confins dos ventos contrários. Que o céu conserve essa amizade.

ARQUÍDAMO · Penso que não há no mundo malícia nem pretexto que possam modificá-la. Vosso jovem Príncipe Mamílio vos proporciona inefável satisfação; não conheço gentil-homem de maiores esperanças.

CAMILO · Nesse ponto, concordo convosco; é uma criança admirável, que cura, realmente, seus súditos e deixa vigorosos os corações envelhecidos. As pessoas que já usavam muletas antes do seu nascimento, ainda querem viver para vê-lo homem feito.

ARQUÍDAMO · E a não ser por esta razão, morreriam de grado?

CAMILO · Sim, no caso de não terem outra desculpa para quererem viver mais tempo.

ARQUÍDAMO · Se o Rei não tivesse filho, eles desejariam continuar vivendo até que lhe nascesse um.

Ato I · Cena II

O mesmo. Um quarto de Estado no palácio.
Entram Leontes, Políxenes. Hermíone, Mamílio, Camilo e séquito.

POLÍXENES · Já serviu de sinal por nove vezes
o úmido astro ao pastor, dês que deixamos
sem fardo nosso trono. Igual espaço
de tempo, caro mano, deveríamos
encher com nossos agradecimentos,
mas como vosso devedor perpétuo,
ainda assim, nos partíramos. Por isso,
tal como um zero em ponto vantajoso,
multiplico por um "muito obrigado"
todos os que antes dele se encontrarem.

LEONTES · Deixai de lado os agradecimentos
por algum tempo, para no-los dardes
no instante da partida.

POLÍXENES · Amanhã mesmo,
senhor, há de ser isso. Inquieto deixam-me
os meus receios sobre o que é possível
germinar ou nascer em nossa ausência.
Não sopre em casa vento algum maligno,
que me faça dizer: "Os meus temores
eram justificados". Além disso,

já cansei por demais Vossa Realeza.
LEONTES · Nosso vigor, querido mano, pode
opor-se a mais do que isso.
POLÍXENES · É-me impossível
ficar mais tempo.
LEONTES · Uma semana, ao menos.
POLÍXENES · Não; impossível; amanhã.
LEONTES · O tempo
dividamos, então, sem que eu aceite,
desta vez, objeções.
POLÍXENES · Não insistais,
por favor, assim tanto. Voz nenhuma,
no mundo inteiro, sim, me poderia
convencer como a vossa, o que sem dúvida
agora se daria, caso houvesse
qualquer motivo urgente em vossos rogos
e em mim fortes razões para esquivar-me.
Meus negócios me atraem para casa;
se insistirdes comigo, me castiga
vossa amizade. Minha permanência
vos é pesado fardo, a um tempo, e incômodo.
Para obviar a ambos, mano, despeçamo-nos.
LEONTES · Emudeceu minha Rainha, acaso?
Dizei alguma coisa.
HERMÍONE · Tencionava,
senhor, ficar calada até que houvésseis
dele arrancado o juramento explícito
de que não ficará. Tentais vencê-lo
com frieza excessiva. Declarai-lhe
que tendes a certeza de que tudo
na Boêmia está bem, como o proclamam
as novas recebidas ontem mesmo.
Falai-lhe assim, porque dessa maneira
o batereis, no seu melhor reduto.
LEONTES ·
Muito bem dito, Hermíone.
HERMÍONE · Se acaso
tivesse dito que quer ver o filho,
fora razão de peso. Ele que o jure;
depois deixa-o partir. Ele que o jure,
que aqui não ficará, pois haveremos
de tocá-lo com nossas próprias rocas.
(*A Políxenes.*) · Ora a pedir me atrevo uma semana
de vossa real presença. Ao visitar-vos
na Boêmia meu senhor, dar-lhe-ei licença
para ficar um mês além do prazo
marcado para a volta, embora, Leontes,
não te ame menos uma pancadinha
de relógio do que qualquer esposa
que acate seu marido. Resolvestes
ficar?
POLÍXENES · Senhora, não.
HERMÍONE · Sim, ficareis.
POLÍXENES ·
Em verdade, é impossível.
HERMÍONE · Em verdade?
Escusais-vos com juras muito fracas.
Mas embora com vossos juramentos
das esferas os astros arrancásseis,
eu vos diria: "Não, senhor, é inútil
falardes em partir". De forma alguma.
Esse "de forma alguma" pronunciado
por uma dama é tão potente como
se dito por um Rei. Não resolvestes
ainda? Então, forçada sou a deter-vos
como meu prisioneiro, não como hóspede.
Pagareis, desse modo, ao vos partirdes,
vossa estada entre nós sem esbanjardes
os agradecimentos. Que dizeis?
Hóspede ou prisioneiro? Pelo vosso
terrível "em verdade", é inevitável:
tereis de ser um ou outro.
POLÍXENES · Então, vosso hóspede,
senhora, pois ser vosso prisioneiro,
para mim fora ofensa mais difícil
de cometer, que para vós puni-la.
HERMÍONE · Não serei carcereira, então, mas vossa
hospedeira bondosa. Vamos; quero
dirigir-vos perguntas sobre todas
as peraltices que com meu marido
fizestes quando crianças. Ambos éreis,
de certo, nobrezinhos mui galantes.
POLÍXENES · Pois não, formosa soberana, moços
que criam sempre ter diante de si
dias em tudo iguais e que haveriam
de ser sempre rapazes.
HERMÍONE · Meu marido,
decerto, era, dos dois, o mais terrível.
POLÍXENES · Éramos como dois cordeiros gêmeos
que um para o outro balavam, saltitantes
ao sol, de tão contentes. Permutávamos
nossa inocência apenas, inocência.
A doutrina do mal desconhecendo,
nem sequer conceber então podíamos
que alguém a conhecesse. Se tivéssemos
continuado a viver dessa maneira,

shakespearebrasileiro.org

sem que nossos espíritos ingênuos,
pelo sangue levados, se exaltassem,
com ousadia ao céu nos fora lícito
responder: "Não culpados", excetuando-se
nossa herança mortal.
Hermíone · De onde concluímos
que tropeçastes, desde então, por vezes.
Políxenes · Oh mui prezada dama! Desde essa época
temos sido tentados, pois naqueles
dias implumes, minha atual esposa
ainda era bem menina, e não havia
também vossa preciosa formosura
caído sob as vistas do meu jovem
camarada de jogo.
Hermíone · Deus nos guarde!
Não tireis conclusões, que poderíeis
chamar-me e a vossa esposa de demônios.
Mas prossegui sem medo; respondemos
pelos pecados que por nossa causa
cometestes então, caso conosco,
só, tivésseis pecado e só conosco
persistísseis nesse erro, sem que houvésseis
tido amores com outra até ao presente.
Leontes · Convenceste-o?
Hermíone · Não partirá, senhor.
Leontes · Recusou-se a ficar a meu pedido.
Hermíone querida, nunca a ponto
falaste como agora.
Hermíone · Nunca?
Leontes · Nunca,
tirante uma só vez.
Hermíone · É, então, verdade?
Falei bem duas vezes? E a primeira,
quando foi? Por obséquio, dize logo.
Enche-me de elogios e me deixa
tão gorda como as aves bem tratadas.
A boa ação que morre sem encômios,
mata milhares que esperavam isso.
Nossa paga é o elogio. Por mil milhas
com um beijo terno podereis levar-nos,
sem que nos faça um passo andar a espora.
Mas voltemos ao ponto de partida.
Minha última ação boa foi pedir-lhe
que ficasse. E a primeira? Se interpreto
corretamente o que dizeis, aquela
teve uma irmã mais velha. Oh! se seu nome
fosse Graça! É, então, certo? Uma vez, antes,
eu falei com propósito. Mas, quando?
Oh! Permiti que o saiba! Estou ansiosa.
Leontes · Ora, foi quando três azedas luas
mui demoradamente se finaram,
antes de eu conseguir que essa mão branca
se abrisse e confirmasse o teu afeto,
depois do que, em resposta, me disseste:
"Sou vossa para sempre".
Hermíone · Sim, foi graça.
Falei bem duas vezes, não é certo?
Uma, para alcançar o real esposo;
outra, a fim de reter um pouco o amigo.
(Estende a mão a Políxenes.)
Leontes *(à parte)* · Muito quente! Muito quente!
Unir as afeições de tal maneira,
é unir, também, o sangue. Estou sentindo
"tremor cordis"; o coração me dança,
mas não é de alegria. O acolhimento
pode ficar de rosto descoberto,
condescender, até, em liberdade,
por generosidade e exuberância,
mesmo, do coração. Até aí, concedo.
Mas baterem palminhas, beliscarem-se
os dedos, como o fazem neste instante,
permutarem sorrisos estudados,
como em frente do espelho e, após, suspiros
soltarem, como toque de buzina
que a morte propalasse do veadinho...
Oh! Tal acolhimento é-me contrário,
visceralmente, ao peito e ao sobrecenho.
Vem, Mamílio; és meu filho?
Mamílio · Sim, bondoso
senhor.
Leontes · Verdade? Então és meu fedelho.
Quê? Sujaste o nariz? Todos afirmam
que é igualzinho ao meu. Vem, capitão;
precisamos ser limpos, capitão;
nada devemos carregar na testa,
conquanto a vaca, o boi e o bezerrinho
passem por muito limpos. — Como! Ainda
tocando virginal sobre as mãos dela? —
Então, bezerro libertino? És mesmo
meu bezerrinho, não?
Mamílio · Se vos agrada
tal coisa, meu senhor.
Leontes · Para isso falta-te
cabeça dura e as minhas excrescências.

shakespearebrasileiro.org

Ficarias como eu. Como dois ovos,
dizem todos, nós somos. As mulheres
é que o dizem... Precisam dizer algo.
Mas embora tão falsas elas fossem
como a cor preta de tintura nova,
ou como o vento e as águas, e até os dados
que o jogador cobiça, quando linha
divisória entre o teu e o meu não traça:
verdadeiro seria asseverarem
que o menino comigo se parece.
Senhor pajem, olhai-me com esses olhos
da cor do céu. Meu vilãozinho, caro,
caríssimo pedaço de mim mesmo!
Tua mãe poderia... É, então, possível?
Instinto, teus impulsos no alvo acertam;
possível deixas o que nunca fora
sequer imaginado; ajuda encontras
até nos sonhos; vais achar aliado
no próprio irreal e ao nada te associas.
Depois te tornas crível, pois te juntas
a alguma coisa. Agora fazes isso
sem justificações, e o sinto fundo,
pois o cérebro tenho envenenado
e a fronte endurecida.
Políxenes · Que se passa
com Sua Majestade da Sicília?
Hermíone · Parece preocupado.
Políxenes · Então, senhor?
Como passais? Que tem o caro mano?
Hermíone ·
Dais a impressão de que na fronte tendes
grande preocupação. Estais zangado?
Leontes · Falando sério, não. Como é freqüente
trair a natureza a sua própria
loucura, seu desvelo, transformando-se
em objeto de escárnio para os peitos
endurecidos! Contemplando os traços
do rosto de meu filho, pareceu-me
recuar vinte e três anos no passado,
vendo-me quando calça eu não usava,
com meu casaco de veludo verde,
a espada amordaçada, porque o dono
não chegasse a morder, assim tornando-se —
como com os ornamentos acontece —
perigosa demais. Quão parecido,
pensava então, eu era a este grãozinho,
a este pirralho, a este cavalheiro!
Honesto amigo, aceitaríeis ovos
em lugar de dinheiro?
Mamílio · Não, milorde;
primeiro, brigaria.
Leontes · Assim, valente?
Desse modo, irás longe. Caro mano,
sois tão ligado ao vosso jovem príncipe
como nós parecemos ser ao nosso?
Políxenes · Senhor, em casa ele é meu passatempo,
minha alegria, objeto de cuidados;
ora amigo jurado, ora inimigo,
parasita da corte, meu soldado,
ministro, tudo, em suma. Deixa os dias
de julho curtos como os de dezembro
com seu gênio infantil sempre variável,
curando-me de certos pensamentos
que, de outro modo, o sangue me engrossaram.
Leontes · No que me diz respeito, a mesma coisa
se dá com este escudeiro. Agora vamos
passear, senhor, e vos deixar com vossos
pensamentos mais graves. Cara Hermíone,
revela na acolhida a nosso mano
todo o amor que nos votas. Que para ele
fique barato quanto nós tivermos
de caro aqui. Depois de ti e deste
pequeno vagabundo, é ele, sem dúvida,
quem mais de perto o coração me toca.
Hermíone · Se quiserdes achar-nos, estaremos
às ordens no jardim. Vireis depressa?
Leontes · Fazei como quiserdes; hei de achar-vos
onde quer que estejais ao descampado.
(À parte.) · Agora estou pescando, muito embora
eles não vejam como eu solto a linha.
Muito bem! Muito bem!
Como a boquinha ela para ele estende,
ou melhor, o biquinho! E como ao braço
dele se apóia com a desenvoltura
das mulheres que têm marido dócil!
(Saem Políxenes, Hermíone e o séquito.)
Bem, já se foram. Lama até aos joelhos;
excrescências acima das orelhas...
Brinca, menino, brinca; tua mãe
também está brincando. Eu também brinco,
mas meu papel é tão ignominioso,
que acabará com vaia no meu túmulo.
Como dobre vou ter pateada e escárnio.
Vai brincar, rapazinho; vai. Já houve

shakespearebrasileiro.org

antes de mim maridos enganados,
se nisso não me iludo, como muitos
deve haver, no momento em que isto falo,
que a esposa ao braço levam, sem que a mínima
suspeita de que houvesse ela as comportas
aberto, permitindo que o vizinho
do lado pescar viesse no seu tanque,
sim, seu vizinho, o tal senhor Sorriso.
Serve, até, de consolo, imaginarmos
que outros homens também possuem portas
que se abrem como as minhas, sem que os donos
tenham vontade disso. Se os maridos
de esposas infiéis desesperassem,
enforcar-se-ia, certamente, a décima
parte da humanidade. Não há cura
para esse mal. Influência é de um planeta
lascivo, que revela seus efeitos
onde é predominante, parecendo-me
que a leste, a oeste, ao norte e ao sul tem força.
Em conclusão: não pode haver barreiras
que a entrada a um ventre impeçam. Ficai certos
do seguinte: o inimigo elas permitem
sair e entrar com armas e bagagens.
Milhares dentre nós sofrem da doença,
sem que suspeitem disso. Então, menino?

Mamílio · Pareço-me convosco, dizem todos.

Leontes · Isso consola. Quê! Camilo aqui?

Camilo · Sim, meu senhor.

Leontes · Mamílio, vai brincar;
és honesto. *(Sai Mamílio.)* Camilo, este importante
senhor vai demorar.

Camilo · Muito trabalho
tivestes para que a âncora pegasse;
escapulia sempre que a jogáveis.

Leontes · Observaste isso?

Camilo · Às vossas insistências
não queria ceder, sempre alegando
negócios de importância.

Leontes · Percebeste-o?
(À parte.) · Já se fala baixinho a meu respeito:
"O soberano da Sicília é um..."
Custou-me percebê-lo. — Por que causa,
ele ficou, Camilo?

Camilo · Ante as instâncias
da bondosa Rainha.

Leontes · Da Rainha,
poderá ser; "bondosa", fora certo;
mas, sendo o que é, não é. Compreendeu isso
outra cabeça astuta além da tua?
Pois teu entendimento chupa, absorve
mais que os blocos comuns. Terá sido isso
notado só por naturezas raras?
por alguns indivíduos de cabeça
mais do que extraordinária, sendo o vulgo
cego, talvez, para essas coisas? Dize.

Camilo ·
Que coisas, meu senhor? Penso que todos
são de pensar que o Rei da Boêmia espicha
demais sua visita.

Leontes · Como?

Camilo · Espicha,
demais sua visita.

Leontes · Bem; e a causa?

Camilo · Para satisfazer Vossa Grandeza
e aos pedidos de nossa mui graciosa
soberana.

Leontes · Satisfazer! É boa.
De vossa soberana? É quanto basta.
Até agora, Camilo, te confiava
não somente segredos que me tocam
de perto o coração, como os de Estado,
e, como sacerdote, me aliviavas
o peito. Como penitente absolto
de ti sempre partíamos. Mas fomos
iludidos com tua integridade,
ou com a que como tal considerávamos.

Camilo · Deus não o queira, senhor!

Leontes · Para de novo
dizer-te o meu pensar: não és honesto,
ou, se para isso fores inclinado,
és um covarde que o jarrete cortas,
por trás, à honestidade, de seu curso
natural impedindo-a. Ou te devo
considerar um servo que na minha
confiança calou mui profundamente
e, por isso, relapso, ou como um tolo
que observa o jogo que se faz em casa,
nota o ganho excessivo e toma tudo
como simples pilhéria.

Camilo · Meu gracioso
senhor, eu posso ser relapso, tolo,
medroso, se o quiserdes, falhas essas
de que ninguém pode julgar-se isento,
para afirmar que nunca, em meio aos fatos

shakespearebrasileiro.org

infinitos do mundo, houvesse sido
medroso, tolo ou mesmo negligente.
Se alguma vez, senhor, conscientemente
negligenciei no que se relaciona
aos vossos interesses, foi tolice
de minha parte; se papel de tolo
consciente fiz, foi minha negligência
que teve a culpa, por haver deixado
de pensar até ao fim nas conseqüências;
e se medroso me mostrei, por vezes,
de fazer algo cujo resultado
me parecia incerto, revelando-se
o plano não isento de perigo,
era isso um medo de que os mais sisudos
nem sempre se livraram. Essas falhas,
senhor, são permitidas, sendo certo
que a própria honestidade delas sofre.
Mas seja Vossa Graça mais explícito,
mostrando-me de frente minhas falhas;
se eu as negar, é que não me pertencem.

Leontes · Nunca viste, Camilo — mas não pode
haver sobre isso dúvida; seria
preciso que tivesses as janelas
dos olhos mais compactas do que os cornos
de marido enganado — ou nunca ouviste —
pois ante um fato desses, tão visível,
não fica mudo o boato — ou não pensaste —
pois quem não pensa nisso é destituído
de reflexão — que minha esposa é infiel?
Confessa-o logo — a menos que te insurjas
com impudência contra os próprios olhos,
os ouvidos e o juízo — e me declara
que minha esposa é uma prostituta
e que merece o nome vergonhoso
que às fiandeiras de linho sempre damos,
por se entregarem antes do consórcio.
Vamos, confirma tudo.

Camilo · Não; jamais
diante de mim ninguém insultaria
minha nobre senhora desse modo,
sem que vingança, logo, eu não tomasse.
Maldito eu tenha o coração, mas nunca
dissestes nada mais de vós indigno
do que neste momento. Insistir nisso,
fora pecado mais hediondo ainda
do que aquele, se fosse verdadeiro.

Leontes · E o falar baixo, nada representa?
Encostarem-se as faces? os narizes?
beijarem-se nos lábios? com um suspiro
interromper o curso de um sorriso —
prova infalível de infidelidade —
encontrarem-se os pés, andarem sempre
pelos cantos, quererem que os relógios
fossem menos morosos, que os minutos
fossem horas, o dia, noite escura?
E todo o mundo — menos eles, claro;
excetuando-se os dois — com catarata
nos olhos, para que pecar pudessem
sem ninguém o notar... Tudo isso é nada?
Então é nada o mundo todo e tudo
que nele se contém; o céu é nada,
Boêmia é nada, minha esposa é nada,
são nada todos esses nadas, caso
for nada quanto passa.

Camilo · Meu bondoso
senhor, curai-vos sem demora dessas
fantasias doentias; quase sempre
são muito perigosas.

Leontes · Dize: é certo.

Camilo ·
Não, não, senhor!

Leontes · É certo; estás mentindo.
Torno a dizer, Camilo: estás mentindo.
Odeio-te! Confessa que não passas
de um rústico grosseiro, de um escravo
negligente, e até mesmo de um tranqüilo
contemporizador que a vista lanças
indiferente para o bem e o mal,
propenso a aceitar ambos. Se tivesse
minha mulher o fígado infectado
como sua própria vida, nem uma hora
viveria ela agora.

Camilo · Quem lhe causa
semelhante infecção?

Leontes · Quem? Justamente
quem a usa tal qual uma medalha
pendente do pescoço: o Rei da Boêmia.
Se eu tivesse comigo servidores
de confiança, com olhos, a um só tempo,
para ver minha honra e seu proveito,
para vantagem própria, ora fariam
algo que desfaria muita coisa.
Sim, tu, seu escanção — que de uma humilde

shakespearebrasileiro.org

condição eu tirei, grande fazendo-te,
e podes ver, mais claramente, ainda,
do que o céu vê a terra e a terra o céu,
como sou ultrajado — poderias
temperar a bebida numa copa
que para o meu amigo resultasse
um sono duradouro. Tal mistura
me fora um cordial.

Camilo · Senhor, meu príncipe,
é certo: eu poderia fazer isso,
sem recorrer, até, a essas bebidas
de ação muito violenta, mas valendo-me
de um licor vagaroso, que não age
com a visível malícia dos venenos.
Mas crer não posso que haja semelhante
mácula em minha augusta e alta senhora,
tão soberanamente honrada e digna.
Sempre te amei...

Leontes · Se acaso ainda o duvidas,
que a peste te carregue. Então me julgas
tão mal equilibrado, a tal extremo
perturbado que, sem necessidade,
me forje esses tormentos? Sujar queira
a pureza, a brancura de meu leito
que, sem isso, repouso me aprestara,
mas, manchado, é aguilhão, espinho, urtiga,
ferrão de abelhas? Infamar quisesse
o sangue deste príncipe, meu filho,
que eu amo como meu e que presumo
seja realmente meu? Será possível
que eu fizesse tudo isso? Há alguém tão louco?

Camilo · Sou forçado, senhor, a dar-vos crédito.
Creio no que dizeis. O Rei da Boêmia
vai desaparecer, ficando assente,
no entanto, que, uma vez ele afastado,
receberá de novo Vossa Alteza,
como antes, a Rainha, se não fosse
por outra causa, por amor ao príncipe,
mas também para pôr cobro na língua
dos maldizentes das vizinhas cortes
onde tendes amigos ou aliados.

Leontes · Teu conselho coincide justamente
com o que eu comigo mesmo decidira.
Disso sua honra não sairá manchada.

Camilo · Meu soberano,
saí, portanto, e com fisionomia
tão prazenteira como só a amizade
mostra em dia festivo, tratai sempre
o Rei da Boêmia e vossa alta senhora.
Eu sou o escanção dele; se bebida
salutar eu lhe der, excluí-me logo
do número de vossos servidores.

Leontes · É tudo; se o fizeres, a metade
terás do coração que aqui me bate;
caso contrário, o teu terás partido.

Camilo ·
Fá-lo-ei, senhor.

Leontes · Hei de mostrar-me afável,
como me aconselhaste.

(Sai.)

Camilo · Oh mulher infeliz! Mas qual é a minha
situação? É preciso que eu propine
veneno ao bom Políxenes, não tendo
razão para isso, afora a obediência
que devo ao meu senhor, o qual, achando-se
em rebelião consigo mesmo, exige
de seus homens idêntica atitude.
Promovido serei se fizer isso.
Mas ainda que eu achasse mil exemplos
de pessoas que, tendo da existência
privado o ungido do Senhor, levassem
depois vida feliz, não o faria.
Mas já que a pedra, o pergaminho e o bronze
um só exemplo disso não nos contam,
que a própria vilania o repudie.
Preciso, pois, abandonar a corte.
Faço-o... Não o faço... De qualquer maneira
quebrarei o pescoço. Os passos guia-me,
feliz estrela! O Rei da Boêmia chega.

(Entra Políxenes.)

Políxenes ·
É estranho! É muito estranho! Só parece
que meu favor aqui está em declínio.
Não me falar! Ora essa! Boa tarde,
Camilo.

Camilo · Salve, muito real senhor.

Políxenes · Que novidades há na corte?

Camilo · Nada
particular, senhor.

Políxenes · Pelo semblante
do Rei dir-se-ia que ele uma província
perdeu ou alguma terra que estimasse
tanto como a si mesmo. Neste instante
o encontrei, e o saudei como de hábito.
Mas ele a vista desviando e os lábios
contraindo num gesto de desprezo,
afastou-se depressa, a sós deixando-me

shakespearebrasileiro.org

a pensar no que pode estar em curso
para causar alteração tão grande.
Camilo · Não me atrevo a sabê-lo, meu senhor.
Políxenes · Quê! Não vos atreveis? Sabeis de tudo,
e não vos atreveis a revelar-mo?
O caso é assim, porque para vós mesmo
o que sabeis contais, sem responderdes
que não vos atreveis. Meu bom Camilo,
vosso rosto alterado ora me serve
de espelho em que também mudados vejo
meus traços fisionômicos. Forçoso,
pois, é que eu tenha alguma parte nisso,
para me ver assim tão transtornado.
Camilo · Uma doença atacou alguém na corte,
mas não posso nomeá-la; foi pegada
de vós, que, no entretanto, estais sadio.
Políxenes ·
Como! Pegou de mim? Mas certamente
não me fareis possuidor da vista
do basilisco. Olhei para milhares
de pessoas, que muito prosperaram
por esse fato, sem causar a morte
de ninguém só por isso. Bom Camilo,
sois, sem dúvida alguma, um gentil-homem
e, além do mais, instruído — o que à nobreza
serve de adorno não menor que o nome
de nossos genitores, cujo brilho
nos serve de elevar — instantemente
vos suplico se acaso sabeis algo
de que eu precise ter conhecimento,
não o deixeis permanecer oculto
nas prisões da ignorância.
Camilo · Responder-vos
não me é possível.
Políxenes · Transmiti doença
e me acho tão sadio? Não; preciso
obter uma resposta. Estás me ouvindo,
Camilo? Ora conjuro-te, por tudo
quanto a honra pode permitir a um homem —
não sendo a menor parte este pedido —
que me esclareças tuas conjeturas
acerca da desgraça não visível
que para mim se esgueira. Ainda está longe?
Já vem próxima? Como preveni-la?
Ou então, de que maneira suportá-la?
Camilo · Vou contar-vos, senhor, o que se passa,
pois intimado fui em nome da honra
por quem honrado eu julgo. Ouvi, portanto,
meu conselho, que deve ser seguido
no mesmo instante em que o tiver exposto;
se não, só restará para nós ambos
gritar "Perdidos" e nos dar boa-noite.
Políxenes ·
Fala, então, bom Camilo.
Camilo · Estou incumbido
por ele de matar-vos.
Políxenes · Ele quem,
Camilo?
Camilo · O Rei.
Políxenes · E a causa?
Camilo · Ele presume,
não, jura com inteira segurança,
como se o houvesse visto ou sido o ferro
que vos tivesse atarraxado nisso,
que tocastes por modo criminoso
na Rainha sua esposa.
Políxenes · Que em geléia
pútrida se me altere o melhor sangue
e que meu nome sob o jugo fique
lado a lado do que traiu o Altíssimo;
que meu nome ilibado, de tal modo
podre se torne que, onde quer que eu chegue,
cause nojo aos narizes mais obtusos;
que de minha presença todos fujam,
não, que todos a temam mais ainda
do que a peste mais grave de que se haja
falado ou dado a conhecer por livros.
Camilo · No que respeita ao pensamento dele,
poderíeis jurar pelas estrelas
do céu, uma por uma, e seus influxos,
mas o mesmo seria pretenderdes
proibir que o mar à lua não seguisse,
como o edifício sacudir de sua
loucura, de alicerces assentados
na crença inabalável e que vida
terá tanto quanto ele.
Políxenes · De que modo
nasceu tudo isso?
Camilo · Ignoro-o. Mas certeza
tenho completa de que é preferível
fugir das conseqüências dessa idéia,
a procurar saber como nasceu.
Assim, no caso de confiança terdes
em minha honestidade — que heis de logo
levar como penhor — fugi esta noite.
Secretamente contarei aos vossos

shakespearebrasileiro.org

seguidores o que há, providenciando
para que saiam da cidade em grupos
de dois ou três, apenas, por poternas
de meu conhecimento. Enquanto a mim,
junto de vós irei tentar a sorte,
por esta confissão, aqui perdida.
Não vacileis; pela honra dos meus entes
mais queridos, contei-vos a verdade.
Não me é possível esperar, no caso
de quererdes mais provas, pois o risco
correis de quem se achasse condenado
pelo próprio monarca e cuja morte
jurada já estivesse.

Políxenes · Creio em tudo;
o coração no rosto ele mostrava.
Dá-me a mão; de piloto ora me serve,
que vizinho do meu será teu posto.
Meus navios já se acham preparados
e há dois dias meus homens só me esperam
para partirmos. Este ciúme atinge
pessoa mui preciosa. Será forte
quão valiosa ela for, e tão violento
quanto o marido for mais poderoso.
Pensando que se encontra desonrado
por quem lhe dedicara sempre afeto,
com mais furor há de querer vingar-se.
O medo me conturba. Feliz viagem,
sê minha amiga e de consolo serve
à graciosa Rainha, alvo de suas
suspeitas infundadas, mas sem parte
nenhuma ter em nada. Vamos logo,
Camilo. Como pai hei de acatar-te,
se a vida me salvares. Estou pronto.

Camilo · Minhas atribuições me facilitam
as chaves das poternas. Saiba Vossa
Grandeza aproveitar-se da hora urgente.
Vamos, senhor! Depressa!

(Saem.)

Ato II · Cena I

Sicília. Um quarto no palácio.
Entram Hermíone, Mamílio e damas da corte.

Hermíone · Levai daqui o menino. É insuportável;
cansa-me por demais.

Primeira Dama · Vinde comigo,
meu gracioso senhor; brinquemos juntos.

Mamílio · Não, não quero; de vós não quero nada.

Primeira Dama · Por quê, caro senhor?

Mamílio · Beijais-me muito
duramente e falais comigo como
se eu ainda fosse criança. Antes aquela.

Segunda Dama ·
E o motivo, senhor, de me quererdes?

Mamílio · Não há de ser por terdes sobrancelhas
escuras, muito embora todos digam
que as sobrancelhas dessa cor assentam
muito bem nas mulheres, se não forem
muito espessas, somente um semicírculo
ou meia-lua, como feita à pena.

Segunda Dama ·
Quem vos ensinou isso?

Mamílio · Ora, aprendi-o
no rosto das mulheres. Por obséquio:
de que cor são as vossas sobrancelhas?

Primeira Dama ·
Azul, milorde.

Mamílio · Ora, isso é brincadeira.
Nariz azul já vi numa senhora;
mas sobrancelhas, nunca.

Segunda Dama · Ora escutai-nos.
Vossa mãe, a Rainha, está engordando.
Dentro de poucos dias passaremos
a servir outro belo e jovem príncipe.
Então, só podereis brincar conosco,
se tiverdes vontade.

Primeira Dama · Ultimamente,
de fato, está ficando muito gorda.
Que tenha um bom trabalho.

Hermíone · De que assunto
vos ocupais com tanta seriedade?
Vinde, senhor; sou novamente vossa.
Contai-nos uma história.

Mamílio · Alegre ou triste?

Hermíone · A mais alegre que vos for possível.

Mamílio · Vai melhor com o inverno história triste.
Conheço uma de espíritos e duendes.

shakespearebrasileiro.org

Hermíone · Vamos ouvi-la, bom senhor; sentai-vos
aqui junto de mim, e que me causem
medo vossos espíritos. Sois forte
para contar histórias. Começai.
Mamílio ·
Era uma vez um homem...
Hermíone · Não, sentai-vos,
para depois falar.
Mamílio · ...que residia
perto do cemitério. — Aqueles grilos
poder-me-iam ouvir; vou falar baixo.
Hermíone · Então vinde falar-me aqui no ouvido.
(Entram Leontes, Antígono, nobres e outras pessoas.)
Leontes · Encontraste-lo ali? Com todo o séquito?
Camilo estava junto?
Primeiro Nobre · Atrás do bosque
de pinheiros. Jamais tamanha pressa
vira em ninguém, assim. Acompanhei-os
com a vista até aos navios.
Leontes · Quão ditoso
me julgo por sentir-me verdadeiro!
Como as minhas suspeitas se confirmam!
Antes soubesse menos! Quão maldito
nessa felicidade! É concebível
que uma aranha se esgueire para o copo
de que venha a servir-se uma pessoa
que, após, o larga, sem que do veneno
sinta qualquer efeito: é que infectada
não lhe estava a consciência. Mas se aos olhos
o nojoso ingrediente lhe apresentam,
e ver lhe fazem como usara o copo,
logo a garganta e os flancos se lhe estalam
sob esforços violentos. No meu caso,
bebi a aranha e a vi. De alcoviteiro
Camilo lhe serviu, serviu de cúmplice.
Há uma conjura contra minha vida,
contra a coroa. Ficam confirmadas,
assim, minhas suspeitas. Esse falso
vilão que eu empregava, já se achava
contratado por ele; descobriu-lhe
meus planos, entregando-me ao ridículo,
mais do que isso: em peteca transformando-me,
que, à vontade, eles todos sopapeassem.
Como foram franqueadas as poternas
sem maior embaraço?
Primeiro Nobre · Tão-somente
em virtude da grande autoridade
de que ele desfrutava e que, por vezes,
mais do que isso alcançou sob vossas ordens.
Leontes ·
Sei isso muito bem. — Dai-me o menino!
Foi ventura não o teres criado ao peito.
Muito embora nos traços se pareça
muito comigo, sobra nele o sangue
que só de vós provém.
Hermíone · Que é isso? Graça?
Leontes · Levai daqui o menino; junto dela
não convém que ele fique. Logo! Logo!
(Sai Mamílio, acompanhado.)
Ela que brinque com o de que está grávida.
Quem te deixou tão gorda foi Políxenes.
Hermíone · Digo que não foi ele, e o juro, certa
de que me dareis crédito, conquanto
propenso vos acheis para negá-lo.
Leontes · Senhores, contemplai esta mulher.
Examinai-a bem. Certo diríeis:
"Muito bela pessoa!" Mas, de pronto,
vos forçara a dizer a honestidade
do coração: "Que pena não ser pura,
mas desonesta!" Elogiai-lhe apenas
a aparência exterior — que, sem ressalvas,
merece alto discurso — que, de pronto
vereis os "Ahs!" e os "Huns!" e o encolher de ombros
e todas essas pequeninas armas
com que a calúnia atua... Oh! enganei-me!
com que a piedade atua, que a calúnia
mina a própria virtude — o encolher de ombros,
e os "Ahs!" e os "Huns!", no instante em que
dissésseis
"Como é formosa!" vos impediriam
de acrescentar: "É honesta". Assim, que fique
conhecido por quem mais sofre ante essa
revelação: é adúltera.
Hermíone · Se acaso
fosse isso dito por um celerado,
o mais completo que no mundo houvesse,
mais celerado ainda se tornara.
Mas vós, senhor, vos enganais apenas.
Leontes · Minha senhora, houve um pequeno engano,
tão-só, de vossa parte: em vez de Leontes,
Políxenes. Oh coisa à-toa. Deixo
de chamar-te criatura de teu posto,
para que o barbarismo, aproveitando-se
desse meu precedente, não aplique
o mesmo nome a todas as pessoas,

shakespearebrasileiro.org

as posições deixando confundidas
de nobres e mendigos. Disse: é adúltera,
e o nome declarei de seu comparsa.
Digo mais: é traidora, e tem por cúmplice
Camilo, que se encontra a par de quanto
comunicar para ela fora opróbrio,
tirante o seu parceiro: é prostituta
tão baixa como aquelas a que o vulgo
dá nomes pouco limpos. Mais: é cúmplice
na fuga deles.

Hermíone · Não, por minha vida;
não sou cúmplice em nada. Que remorsos
não sentireis, quando tiverdes plena
certeza da injustiça que, de público,
me fazeis neste instante! Meu prezado
senhor será satisfação pequena
dizerdes-me que estáveis enganado.

Leontes ·
Não; se eu me engano quanto à segurança
dos alicerces sobre que edifico,
não é forte bastante o próprio centro
da terra para sustentar o peso
de uma simples pitorra de estudante.
Para a prisão com ela! Quem por ela
quiser interceder, é criminoso
só por haver falado.

Hermíone · Algum planeta
nocivo está imperando; é necessário
mostrar paciência, até que O céu assuma
feição mais favorável. Meus bondosos
senhores, nunca fui propensa ao choro,
como em geral se dá com o nosso sexo.
Possivelmente a falta desse inútil
orvalho secará vossa piedade.
Mas aqui sinto aquela dor honrosa
que abrasa em demasia, porque possa
ser apagada por algumas lágrimas.
A todos vós, senhores, peço, instante,
que me julgueis com ânimo tão brando
quando ditar vos possa a caridade.
Seja feita a vontade do monarca.

Leontes *(aos guardas)* · Serei obedecido?

Hermíone · Quem vem comigo? Peço a Vossa Alteza
deixar que minhas damas me acompanhem,
pois bem o vedes, meu estado o exige.
Bobinhas, não choreis; não há motivo.
Se porventura ouvirdes que vossa ama
mereceu ficar presa, a flux chorai
quando me libertarem. A presente
acusação vai ser-me proveitosa.
Adeus senhor; jamais quis ver-vos triste,
mas triste heis de ficar, tenho certeza.
Vinde senhoras; tendes permissão.

Leontes · Fazei o que eu mandei. Levai-a logo!
(Sai a Rainha, escoltada, e as damas de companhia.)

Primeiro Nobre ·
Suplico a Vossa Alteza que de novo
mande vir a Rainha.

Antígono · Agi com muita
cautela, meu senhor, porque a justiça
não se mude em violência, o que seria
causa de sofrimento triplicado:
para vós, vossa esposa e vosso filho.

Primeiro Nobre ·
Por ela, meu senhor, empenho a vida —
como o faço; aceitai-a — em como é pura
ante os olhos do céu e vossa vista,
no que respeita à acusação de há pouco.

Antígono · Se se provar que ela não é honesta,
farei uma cocheira do meu quarto
de casado e andarei emparelhado
sempre com minha esposa, sem que venha
dela a me fiar daí por diante, a menos
que a veja ou toque nela. Se a Rainha
não for séria, não há no mundo todo
uma só polegada de mulher,
uma dracma de carne delas todas,
que falsa não se mostre.

Leontes · Ficai quietos.

Primeiro Nobre ·
Meu bom senhor...

Antígono · Por vós é que falamos,
não por nós mesmos. Fostes iludido
por algum intrigante que, por isso,
há de ser condenado eternamente.
Se eu soubesse quem é este canalha,
fá-lo-ia achar na terra o próprio inferno.
Ela prevaricar!... Tenho três filhas:
a mais velha de onze anos; as menores,
de sete, uma, e a outra cinco, mais ou menos.
Se for verdade, hão de pagar-me todas.
Hei de esterilizá-las... Por minha honra.
Não chegarão a completar quatorze,
porque a gerar não venham filhos falsos.

shakespearebrasileiro.org

São co-herdeiras; mas prefiro ver-me
mutilado, a que tenham só bastardos.
LEONTES · Basta! Parai com isso! Nisso tudo
tomais da coisa o cheiro com sentido
frio como o nariz de um próprio morto.
Mas eu a vejo e sinto, como agora
sentis o que vos faço, e mais: percebo
o órgão com que sinto isso.
ANTÍGONO · Sendo certo,
cavar não precisamos sepultura,
para nela enterrar a honestidade.
Não remanesce dela parte mínima,
para purificar esta esterqueira
que abrange toda a terra.
LEONTES · Como! Vejo
que não acreditais no que vos digo.
PRIMEIRO NOBRE · Sobre esse assunto, meu
senhor, prefiro
que sejais vós, não eu, o mentiroso.
Mais me alegra saber que ela está pura
do que ver confirmada esta suspeita,
por mais que nisto o mundo vos censure.
LEONTES · Por que vos dar explicação do caso?
Antes obedecer ao próprio impulso.
Dispensar podem nossos privilégios
vosso conselho em tudo, sendo apenas
nossa bondade inata que vos chama
para dar opinião. Assim, se agora —
por estardes perplexos ou fingirdes
grande estupefação — não conseguirdes,
ou não quiserdes, como nós, dobrar-vos
à verdade dos fatos, ficai certos
de que vos dispensamos o conselho;
o fato, a perda, o lucro, todo o curso,
só a nós dirá respeito.
ANTÍGONO · E eu desejara,
meu soberano, que em silêncio houvésseis
considerado o assunto, sem lhe terdes
dado publicidade.
LEONTES · Como fora
possível fazer isso? Ou vos tornastes,
com os anos, ignorante, ou já nascestes
rematado pateta. Bastariam
a fuga de Camilo e a mui notória
familiaridade entre eles — tão patente
como jamais suspeita alguma vira,
e que faltava apenas ser notada,
para ser confirmada integralmente,
provando o fato as outras circunstâncias —
para levar-me a agir dessa maneira.
Contudo, para ver minha conduta
mais reforçada ainda — que em assunto
de tanta relevância, condenada
fora qualquer violência — mensageiros
despachei ao sagrado Delfo, ao templo
de Apolo: Dion e Cleômenes, bastante
conhecidos de vós, como homens íntegros.
Dessa resposta tudo ora depende.
O divino conselho irá acalmar-me
ou esporear-me ainda mais. Não estou certo?
PRIMEIRO NOBRE · Certíssimo, senhor.
LEONTES · Embora convencido eu já me encontre,
sem precisar de saber mais, o oráculo
virá servir para acalmar o espírito
dos que, como este, por credulidade
da ignorância, não podem convencer-se
da verdade dos fatos. Desse modo,
de bom aviso pareceu-nos pô-la
sob chaves, para que ela não consiga
levar a cabo a trama forjicada
pelos dois que fugiram. Vinde logo;
público vou tornar o que ora passa.
Este negócio vai movimentar-nos.
ANTÍGONO *(à parte)* ·
Para boas risadas, é o que eu penso,
se a verdade chegar a ser sabida.

(Saem.)

Ato II · Cena II

O mesmo. O interior de uma prisão.
Entram Paulina e alguns criados.

PAULINA · O carcereiro da prisão! Chamai-o.
Dizei-lhe quem eu sou.

(Sai um dos criados.)

Nobre senhora!
Não há corte na Europa suficiente
para tua pessoa. E agora presa!

(Volta o criado com o carcereiro.)

Bom senhor, conheceis-me?
CARCEREIRO · Se conheço?

shakespearebrasileiro.org

Sim, como uma senhora muito digna,
a quem muito venero.
PAULINA · Nesse caso,
por obséquio, levai-me até à Rainha.
CARCEREIRO · É impossível, senhora, pois tenho ordens
expressas em contrário.
PAULINA · Quanta formalidade, para o acesso
impedir de visitas amistosas
à honestidade e à honra! É permitido,
dizei-me, ver uma de suas damas?
Emília, por exemplo?
CARCEREIRO · Se quiserdes,
minha senhora, retirar os criados,
mandarei vir Emília.
PAULINA · Então chamai-a.
Retirai-vos.

(Saem os criados.)

CARCEREIRO · Contudo, é necessário
que eu assista à conversa.
PAULINA · Pois que seja.

(Sai o carcereiro.)

Ultrapassa os preceitos da própria arte
todo esse esforço para deixar preto
o que é, em si mesmo, branco.

(Volta o carcereiro, com Emília.)

Gentil dama,
a graciosa Rainha como passa?
EMÍLIA · Tão bem quanto, reunidos, o permitem
tão alto posto e tanta desventura.
Os sustos e as tristezas — jamais dama
tão delicada suportou tamanhas —
provocaram-lhe o parto antes do tempo.
PAULINA · Menino?
EMÍLIA · Não, menina; bela criança,
forte e cheia de vida. Sua vista
consola a Rainha, que lhe fala: "Minha
pequena prisioneira, somos ambas
inocentes".
PAULINA · Atrevo-me a jurá-lo:
malditos sejam esses perigosos
acessos do monarca. É necessário
contar-lhe o que houve; tem de saber tudo.
Isso compete a uma mulher; incumbo-me
de lhe dar a notícia. Se disser-lhe
palavras doces, quero que na língua
me rebentem feridas, cessando ela
de servir de trombeta para a minha
cólera de feições congestionadas.
Emília, por obséquio, recomenda
à Rainha meus préstimos. No caso
de ela querer confiar-me a pequerrucha,
mostrá-la-ei ao monarca, prometendo
servir-lhe de advogado diligente.
Quem sabe se ele ficará mais brando
à vista da menina? Muitas vezes
o silêncio da cândida inocência
persuade onde os discursos fracassaram.
EMÍLIA · Muito digna senhora, tão patente
é vossa honra e a bondade muito própria,
que não pode deixar de ter bom êxito
vossa nobre entrepresa. Não conheço
senhora alguma mais talhada para
tão grande iniciativa. Queira Vossa
Senhoria esperar no quarto anexo,
que logo eu vou participar à Rainha
vossa nobre proposta. Hoje mesmo ela
pensara nisso; mas não se atrevera
a dar essa incumbência a qualquer nobre,
com medo de um fracasso.
PAULINA · Emília, dize-lhe
que eu saberei uso fazer da língua.
Se fluir dela eloqüência como audácia
no peito ora me estua, é quase certo
ser eu bem sucedida.
EMÍLIA · Deus vos guie.
Vou ver logo a Rainha. Por obséquio,
vinde para mais perto.
CARCEREIRO · Se a Rainha
se decidir a vos confiar a criança,
não sei ao que me exponho, pois careço
de ordens nesse sentido.
PAULINA · Ora, senhor,
não precisais ter medo; prisioneira
do ventre era essa criança; mas por normas
e processos da grande natureza
conseguiu resgatar-se e ficar livre.
Participar não pode, assim, da cólera
do soberano, nem tem culpa alguma
da falta da Rainha, se houve falta.
CARCEREIRO · Acredito.
PAULINA · Podeis ficar tranqüilo.
Por minha honra, hei de pôr-me de permeio
entre vós e o perigo.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena III

O mesmo. Um quarto no palácio.
Entram Leontes, Antígono, nobres e pessoas do séquito.

LEONTES · Repouso algum de dia nem de noite.
É sinal de fraqueza suportarmos
o mal dessa maneira; só fraqueza.
Se ao menos estivesse a causa extinta...
parte da causa: a adúltera; que o biltre
do Rei se encontra longe do meu braço,
fora do alvo e mirada de meus planos,
completamente impune. Mas não posso
passar o gancho nela. Se deixasse
de existir, consumida pelas chamas,
metade do repouso, certamente,
de novo alcançaria. Quem vem lá?
PRIMEIRO CRIADO ·
Meu soberano...
LEONTES · Como está o menino?
PRIMEIRO CRIADO · Dormiu a noite toda. É de esperar-se
que se restabeleça.
LEONTES · Para a sua
nobreza contemplar! Tendo a desonra
compreendido da mãe, começou logo
a estiolar-se, murchou, sentindo muito
profundamente tudo o que passara.
Aceitou a vergonha como própria;
perdeu toda a alegria, a fome, o sono,
e entrou de definhar. Deixai-me só.
Ide ver como passa neste instante.

(Sai o criado.)

Oh vergonha! tiremo-lo da idéia.
O pensamento de querer vingar-me
se vira contra mim. É poderoso
por demais, em si mesmo, além da ajuda
dos parentes e aliados. Pois deixemo-lo,
até que o tempo nisso me auxilie.
Por enquanto, a vingança a atinge, apenas.
Zombam de mim Camilo e o Rei da Boêmia;
brincam com minha dor. Mas muito tempo
não hão de rir, que hei de alcançá-los breve.
Tampouco rirá ela, porque a tenho
bem presa agora.

(Entra Paulina, com uma criança nos braços.)

PRIMEIRO NOBRE · Não podeis entrar.
PAULINA · Ora, meus bons senhores, ajudai-me,
que o podeis. Mais valor dais à tirânica
cólera dele do que à própria vida
da Rainha? Ela, uma alma tão graciosa,
que mais pureza tem do que ele ciúme?
ANTÍGONO · É quanto basta.
SEGUNDO CRIADO · Toda a noite insone,
senhora, ele passou, tendo dado ordem
para que ninguém viesse perturbá-lo.
PAULINA · Menos calor, meu bom senhor. Eu venho
trazer-lhe sono, apenas. As pessoas
como vós, que se esgueiram perto dele
como se fossem sombras, e suspiram
quantas vezes sem causa ele se agita,
é que alimentam toda a sua insônia.
Eu, palavras lhe trago, assim verazes
como medicinais, tenções honestas
para purgá-lo desse humor nocivo,
que o impede de dormir.
LEONTES · Quem faz barulho?
PAULINA · Não é barulho, meu senhor; apenas
uma conversa necessária, acerca
de alguns compadres para Vossa Alteza.
LEONTES · Como! Levai daqui essa audaciosa!
Antígono, eu te havia prevenido
de que não deveria essa mulher
chegar perto de mim. Sabia que ela
tentaria isso mesmo.
ANTÍGONO · Disse-lhe isso,
meu senhor, e observei que ela incorria
no desagrado vosso e meu, se acaso
tentasse visitar-vos.
LEONTES · Como! Falta-te
energia? Não mandas então nela?
PAULINA · Para impedir de fazer mal, decerto.
Mas nisto, a menos que vos siga o exemplo,
prendendo-me por presa da honra achar-me,
ficai certo de que ele em mim não manda.
ANTÍGONO ·
Vós a ouvistes? Quando ela toma as rédeas
nos dentes, disparar a deixo sempre.
Nunca tropeça.
PAULINA · Venho, meu bondoso
soberano, pedir que me escuteis.

shakespearebrasileiro.org

Vossa leal serva eu sou, sou vossa médica,
conselheira obediente e dedicada.
Mas para vossa cura não me atrevo
a me insinuar, tal como o fazem muitos
daqui mesmo. Da parte venho, disse,
de vossa boa esposa.
LEONTES · Boa esposa!
PAULINA · Boa esposa, milorde; boa esposa.
Repito: boa esposa; e pelas armas
isso mesmo provara, se homem fosse,
o pior dentre os presentes.
LEONTES · Expulsai-a
daqui!
PAULINA · Quem não prezar os próprios olhos,
de leve ora me toque. Por vontade
sairei. Antes, porém, darei remate
à missão a que vim. A boa Rainha —
pois boa ela é — teve uma filha vossa.
Ei-la! Para ela pede a vossa bênção.
(Depõe a criança no berço.)
LEONTES · Fora daqui, virago feiticeira!
Alcoviteira infame!
PAULINA · Não sou isso.
Tão ignorante sou de tal ofício,
quanto vós em me dardes esse título,
e tão honesta sou quanto vós, louco,
o que, no estado em que se encontra o mundo,
posso afiançar-vos, chega até de sobra
para a gente ser tida como honesta.
LEONTES · Traidores! Não a jogareis lá fora?
Entregai-lhe a bastarda! *(A Antígono.)* Velho tonto,
títere das mulheres, que abandonas
o poleiro por causa destes gritos!
Levai daqui a bastarda e a entregai logo
a essa velha sem dentes.
PAULINA · Desonradas
as mãos te fiquem sempre, se tocares
na princesa, depois do termo baixo
que ele falou.
LEONTES · Tem medo da mulher!
PAULINA · Quisera que da vossa vos temesseis,
pois desse modo, com maior certeza,
de vossos chamaríeis vossos filhos.
LEONTES · Ninhada de traidores!
ANTÍGONO · Não sou traidor; por esta luz divina.
PAULINA ·
Nem eu, tampouco; nem ninguém, exceto,
dos presentes, um só, que é ele mesmo,
pois sua honra sagrada, a da Rainha,
do filho esperançoso, desta criança,
à calúnia entregou, cujos acúleos
ferem mais do que a espada. Ele recusa-se —
e no caso presente é verdadeira
maldição não podermos constrangê-lo —
a extirpar uma idéia que é tão podre
quanto o carvalho e a pedra são sadios.
LEONTES · Uma ralheta de infindável língua,
que bateu no marido e ora me atiça.
Não é minha essa criança; é de Políxenes;
retirai-a daqui e, juntamente
com a mãe, lançai-a ao fogo.
PAULINA · É vossa filha,
sim. O antigo provérbio poderia
ter hoje aplicação: "Tão parecida
convosco, que dá pena". Contemplai-a,
senhores: muito embora seja a cópia
por demais reduzida, o texto inteiro
reproduz o do pai. A boca, os olhos,
o todo carrancudo, a testa, o riso,
as covinhas das faces e do queixo,
o feitio exatíssimo dos dedos,
das unhas, da mão toda... Oh Natureza,
deusa bondosa, que fizeste, para
tanto ela ao genitor ser parecida?
Se a alma também plasmares, o amarelo
de entre as cores exclui, para que um dia,
como ele, a suspeitar ela não venha
que não são do marido os próprios filhos.
LEONTES · Bruxa grosseira! E tu, sujeito à-toa!
Merecias a forca por não teres
poder para fazê-la ficar quieta.
ANTÍGONO · Enforcai os maridos que não podem
realizar essa proeza, e escassamente
vos sobrará um súdito.
LEONTES · De novo
vos ordeno: tirai-a daqui logo!
PAULINA · O mais desnaturado e indigno esposo
não faria pior.
LEONTES · Quisera ver-te
numa fogueira.
PAULINA · Pouco me incomodo.
Herético é quem lança fogo à pira,
não quem nela se extingue. Não vos chamo
de tirano; porém o modo indigno

shakespearebrasileiro.org

por que tratais a esposa — sem poderdes
acusá-la de nada, afora a vossa
própria imaginação tão mal parada —
mostra certo sabor de tirania,
deixando-vos ignóbil, mais do que isso:
vergonha para o mundo.
LEONTES · Pelo vosso
penhor de vassalagem, retirai-a
daqui, sem mais tardança. Se eu, de fato,
fosse tirano, ela estaria viva?
Se tivesse certeza de que eu o era,
não me viria agora dizer isso.
Levai-a daqui logo!
PAULINA · Por obséquio,
não precisais puxar-me; irei sozinha.
Tomai conta, senhor, de vossa filha;
é vossa. Possa Jove conceder-lhe
melhor anjo da guarda. Para que essas
mãos sobre mim? Mostrando-vos zelosos
a esse ponto com todas as loucuras
que ele fizer, só lhe sereis nocivos.
Deixai! Deixai! Adeus. Já nos partimos.
(Sai.)
LEONTES · Traidor, isso é obra tua. Espicaçaste
contra mim tua esposa. Minha a filha!
Levai-a daqui logo! E se te mostras
tão compassivo assim, carrega-a. Vamos!
E que depressa as chamas a consumam.
Tu, justamente! Tu! Carrega-a logo!
Antes de uma hora volta com a notícia
de que foram cumpridas minhas ordens.
Mas bem testemunhado! Do contrário,
hei de tirar-te a vida e o que mais tenhas.
Se te recusas, pretendendo contra
minha cólera opor-te, dize logo,
que com estas mãos farei saltar o cérebro
desta bastarda. Leva-a para o fogo,
já que atiçaste contra mim tua esposa.
ANTÍGONO ·
Não fiz tal, meu senhor. Estes fidalgos,
meus nobres companheiros, se o quiserem,
podem justificar-me.
PRIMEIRO NOBRE · Sim, podemos,
meu soberano; não tem culpa alguma
da vinda da mulher.
LEONTES · Sois mentirosos,
sem exceção de um só.
PRIMEIRO NOBRE · Vossa Grandeza poderia ter-nos
em melhor conta. Sempre vos servimos
fielmente; fora justo que nesta hora
reconhecêsseis isso. Suplicamo-vos
de joelhos, como prêmio dos serviços —
passados e futuros — que esse intento
vos apraza mudar. É horrível,
tão sanguinário, para que não tenha
conseqüências nefastas. Ajoelhamo-nos
todos a um tempo.
LEONTES ·
Sou pluma que se agita a qualquer vento?
Terei de ver um dia essa bastarda
vir ajoelhar-se em minha frente, para
dar-me o nome de pai? É preferível
queimá-la agora, a ter de amaldiçoá-la.
Pois veja. Fique viva. Será o mesmo:
não viverá.
(A Antígono) · Senhor, aproximai-vos.
Já que mostrais tão grande empenho, ao lado
dessa parteira, dona Margarida,
para salvar a vida da bastarda —
pois é o que ela é; tão certo como achar-se
grisalha minha barba — que faríeis
para salvar a vida desta coisa?
ANTÍGONO · Tudo o de que eu fosse capaz, milorde,
e que a honra não condene. Ao menos isto:
empenharei o sangue que me resta,
para a vida salvar desta inocente.
Tudo o que for possível.
LEONTES · Vou mandar-te
fazer algo possível. Jura agora
por esta espada que hás de obedecer-me.
ANTÍGONO · Obedeço, senhor.
LEONTES · Toma bem nota,
e cumpre o que eu mandar — estás ouvindo? —
pois o não cumprimento de uma parte
qualquer das instruções, implica morte
não para ti, apenas, para a tua
mulher de língua solta, a que perdoamos
por esta vez. Ordeno-te, portanto,
já que és nosso vassalo, de pegares
esta bastarda e a transportares para
qualquer lugar deserto e bem distante,
fora de nossas terras, aí deixando-a
sem mais piedade, entregue à sua própria
proteção e à mercê do áspero clima.

shakespearebrasileiro.org

Acaso estranho a nossas mãos a trouxe.
Com justiça, pois, ora te encarrego —
sob ameaça de morte e de torturas —
de estranhamente nalgum ponto a pores,
onde o acaso a alimente ou a estruí-la venha.
Vamos: leva-a daqui!
Antígono · Juro fazê-lo,
embora a morte rápida lhe fosse
caridade maior. Que algum espírito
potente ensine aos corvos e aos milhanos
a te servirem de ama. Os próprios ursos
e os lobos, dizem, da ferocidade
natural se despindo, já mostraram
tais provas de piedade. Feliz sede,
senhor, mais do que o pede esta façanha.
E que a bênção celeste te proteja,
pobre coisinha condenada à morte.
(Sai, levando a criança.)
Leontes · Não, não hei de criar filhos dos outros.
(Entra um criado.)
Criado · Se Vossa Alteza o permitir, há uma hora
chegou o correio, novas nos trazendo
da embaixada que enviastes ao oráculo.
Já voltaram de Delfo Dion e Cleômenes;
pisaram terra e marcham para a corte.
Primeiro Nobre ·
Com permissão, senhor, mas essa pressa
ultrapassa qualquer expectativa.
Leontes · Vinte e três dias lhes durou a viagem.
Tal rapidez é indício de que Apolo
deseja que a verdade logo surja.
Convocai logo uma sessão, senhores,
ante a qual possa aparecer a nossa
muito desleal esposa. Tendo sido
de público acusada, é necessário
que a sentença também seja solene.
Ser-me-á o coração peso angustioso
enquanto ela viver. Deixai-me agora
e refleti em tudo o que vos disse.
(Saem.)

Ato III · Cena I

Sicília. Rua numa cidade.
Entram Cleômenes e Dion.

Cleômenes ·
O clima é delicado, o ar muito ameno,
por demais fértil a ilha, ultrapassando
de muito o templo os usuais encômios.
Dion · Elogiar-me apraz o que mais fundo
me impressionou: as vestes celestiais —
esse é o termo apropriado, me parece —
e a dignidade de seus graves donos.
E o sacrifício? Quão cerimonioso,
solene e extraterreno foi o ofício!
Cleômenes · A voz atroadora, sobretudo,
do oráculo, que lembra o próprio estrondo
dos trovões do alto Jove, surpreendidos
os sentidos deixou-me, aniquilando-me.
Dion · Se o resultado dessa nossa viagem
for tão feliz para a Rainha — Oh! seja
dessa maneira, sim! — como agradável
nos foi, rápida e rara, não teremos
perdido nosso tempo.
Cleômenes · Grande Apolo,
dá bom êxito a tudo! Não me agradam
essas proclamações que insistem tanto
sobre faltas de Hermíone.
Dion · A violência
com que é levado avante esse processo,
vai pôr fim ao assunto ou esclarecê-lo.
Quando for lido o oráculo, selado
pelo antiste de Apolo, algo mui raro
ficará conhecido. Vamos logo.
Cavalos frescos, e que venturoso
seja o fim de tudo isto.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena II

Sicília. Uma corte de justiça.
Leontes, nobres e oficiais.

LEONTES · Esta sessão — com grande pesadume
é que o dizemos — nos abala o peito.
A ré é filha de um monarca e nossa
muito prezada esposa. A pecha tira-nos
de tirania o fato de ser público
todo o processo, que há de seguir nisso
seu curso natural, até à sentença
condenatória ou à plena absolvição.
Trazei a prisioneira.
OFICIAL · Apraz a Sua Alteza que a Rainha
apareça em pessoa ante esta corte.
Silêncio!

(Entram Hermíone, com guardas, Paulina e damas de companhia.)

LEONTES · Lede a acusação.
OFICIAL · "Hermíone, esposa do digno Leontes,
Rei da Sicília, és acusada e aqui citada por crime
de alta traição, por teres cometido adultério com
Políxenes, Rei da Boêmia, e conspirado com Camilo
para tirar a vida do Rei, nosso soberano senhor, teu
real esposo. Tendo sido esse propósito descoberto
em parte pelas circunstâncias, tu, Hermíone,
contrariamente à fidelidade e à obediência próprias
de um leal súdito, entraste em conchavo com eles
e os ajudaste, para sua maior segurança, a fugir
durante a noite."
HERMÍONE · Já que quanto eu pudesse ora dizer-vos
consistiria apenas no protesto
contra essa acusação, não me amparando
nenhuma testemunha, afora eu própria,
quase não me aproveita declarar-me
"Não culpada". Uma vez que está estimada
minha virtude como hipocrisia,
quanto eu viesse a dizer, do mesmo modo
será interpretado. Apenas isto:
se os poderes divinos se interessam
pelos atos humanos, como o fazem,
não duvido de que minha inocência
fará corar a acusação indébita
e tremer, ante a calma, a tirania.
Vós, meu senhor, sabeis perfeitamente —
conquanto simuleis ora o contrário —
que toda minha vida foi tão pura,
tão leal e casta, quanto desgraçada
presentemente sou, mais do que todos
os exemplos da história, sem excluirmos
os casos de invenção postos em cena,
para abalar o público. Ora vede-me:
companheira de leito de um monarca,
tendo direito a parte igual no trono,
filha de um grande Rei e mãe de um príncipe
esperançoso, compareço à barra
de um tribunal, para falar acerca
da honra e da vida, ante qualquer pessoa
que me deseje ouvir. A vida, estimo-a
como dor, que de grado evitaria;
quanto à honra, é herança que transmito aos meus.
Por isso, defendê-la me proponho.
Senhor, apelo para vossa própria
consciência. Antes de haver a vossa corte
Políxenes chegado, não me achava
na vossa graça, e digna não me tinha
dela sempre mostrado? E, após sua vinda,
por que conduta extraordinária, acaso,
me mostrei censurável, para, agora,
ser citada a esta corte? Se os limites
da honra ultrapassei de um fio, apenas;
se por ações ou pensamentos a isso
me sentisse inclinada, endurecido
torne-se o coração dos que me escutam,
e que as pessoas que me são mais próximas
pelo sangue me insultem sobre o túmulo.
LEONTES · Jamais ouvi dizer que esses ousados
vícios fossem dotados de impudência
menor para negar seus próprios atos,
que para os praticar.
HERMÍONE · É muito certo;
conquanto isso, senhor, não se me aplique.
LEONTES ·
Não quereis confessar.
HERMÍONE · Não me é possível
reconhecer senão os meus defeitos
inevitáveis. Quanto ao Rei Políxenes,
de quem me fazeis cúmplice, confesso
que amor lhe dedicava tal como ele
de mim, sem quebra de honra, esperaria,

shakespearebrasileiro.org

uma espécie de amor que condissesse
com minha posição, amor em nada
diferente do que vós próprio havíeis
recomendado que lhe revelasse.
Se então eu me tivesse conduzido
por outro modo, certo eu me mostrara
desobediente em relação a vós
e ingrata para o amigo, cujo afeto,
desde que falar pôde, desde a infância,
se declarou por vosso, livremente.
Quanto à conspiração, o gosto ignoro-lhe,
muito embora me fosse ela servida,
porque dela provasse. Só o que posso
dizer é que Camilo é homem probo.
Mas a razão de haver ele deixado
vossa corte, se os deuses, sobre o assunto,
souberem o que eu sei, são ignorantes.
Leontes · Sabíeis, sim, da parte dele, como
também sabíeis quanto era preciso
fazer em sua ausência.
Hermíone · Não compreendo,
senhor, vossa linguagem. Minha vida
se acha a tiro, tão-só, de vossos sonhos;
aqui vo-la deponho.
Leontes · Vossos atos
são meus sonhos; sonhei que de Políxenes
tivestes um bastardo. Distanciada
vos achais da vergonha — que as mulheres
dessa laia o estão sempre — como longe
da verdade dos fatos. Contestá-los
vos compete, sem que isso, agora, possa
vos ser de algum proveito, pois tal como
jogado fora foi o teu produto —
destino justo — por ser carecente
de um pai que o reclamasse — maior culpa
te cabe neste ponto do que a ele —
agora vais sentir nossa justiça,
que em seu curso mais brando, nada menos
do que pena de morte te comina.
Hermíone · Poupai vossas ameaças; o espantalho
com que me amedrontais, eu o procuro.
Já não posso ter gosto nesta vida;
sua coroa e máxima ventura —
vossa confiança — dou como perdida,
pois sinto que se foi, embora ignore
como isso aconteceu. Minha segunda
alegria, primícias deste corpo,
me foi tirada, como se terrível
infecção eu tivesse. Meu terceiro
consolo, malfadada pelos astros,
dos seios me arrancaram — leite puro
na boquinha tão pura! — para à morte
ser arrastada. Eu própria, proclamada
pelos postes como uma prostituta;
um ódio cego me negou o direito
de parto, concedido às mães de todas
as posições. Por fim, fui arrastada
para aqui, em pleno ar, antes de as forças
haver recuperado. Ora dizei-me,
meu soberano, que felicidades
esperar posso, ainda, desta vida,
para temer a morte? Por tudo isso,
prossegui; mas ouvi-me estas palavras;
minha vida, avalio-a como palha.
Quanto à minha honra, desejara vê-la
sem mancha alguma. Sendo eu condenada
por suspeitas, apenas, dormitando
todas as provas favoráveis, menos
as que vosso ciúme ora desperta,
digo que isso é crueldade, não justiça.
A vós nobres, declaro que confio
plenamente no oráculo. Há de Apolo
ser meu juiz.
Primeiro Nobre · É justo esse desejo.
Em nome, pois, de Apolo, que se tornem
conhecidas de vez suas palavras.

(Saem alguns oficiais.)

Hermíone · O Imperador da Rússia foi meu pai.
Oh! Se vivo estivesse e, agora, visse
sua filha ante os juízes! Contemplara
minha total miséria; mas com olhos
brandos de compaixão, não de vingança.

(Voltam os oficiais, com Cleômenes e Dion.)

Oficial · Agora ides jurar sobre esta espada
da justiça, Cleômenes e Dion,
que estivestes em Delfo e que trouxestes
de lá, realmente, este selado oráculo,
recebido das mãos do sacerdote
do grande Apolo, e que de então até hoje
não tivestes o ousio de violá-lo,
quebrando o sacro selo, para o texto
secreto conhecerdes.
Cleômenes e Dion · Sim, juramos.
Oficial · "Hermíone é casta; Políxenes, sem

shakespearebrasileiro.org

mancha; Camilo, um súdito leal; Leontes, um
tirano ciumento; seu inocente filho, legitimamente
concebido; e o Rei viverá sem herdeiro, se não for
achado o que foi perdido."
NOBRES · Bendito seja o grande Apolo!
HERMÍONE · Seja
louvado eternamente.
LEONTES · Leste certo?
OFICIAL · Sim, milorde; tal como se acha escrito.
LEONTES · Não há verdade alguma nesse oráculo.
Continue a sessão. É só mentira.
(Entra um criado.)
CRIADO · Senhor! O Rei! O Rei!
LEONTES · Que acontece?
CRIADO · Oh senhor, vou tornar-me odiado, apenas
por vos dar a notícia; mas o príncipe,
vosso filho, de medo e de tristeza
pela sorte da Rainha, acabou indo.
LEONTES · Acabou indo, como?
CRIADO · Sim, morreu.
LEONTES · Apolo está zangado; o próprio céu
me castiga a injustiça.
(Hermíone desmaia.)
Então? Levai-a!
PAULINA · A nova foi fatal para a Rainha.
Vede o que a morte está fazendo nela.
LEONTES · Retirai-a daqui. Muito oprimido
tem ela o coração. Vai refazer-se.
Dei crédito excessivo às minhas próprias
suspeitas. Por obséquio, ministrai-lhe
drogas que a façam retornar à vida.
(Saem Paulina e as damas, sustentando Hermíone.)
Perdoa, Apolo, a minha irreverência
com relação ao teu sagrado oráculo.
Hei de reconciliar-me com Políxenes,
reconquistar a esposa, o bom Camilo
chamar de novo, proclamando-o súdito
verdadeiro e bondoso, pois, levado
por pensamento sanguinário à idéia
de vingança escolhi Camilo para
dar veneno ao meu quase irmão Políxenes,
o que teria sido executado,
se Camilo, de espírito bondoso,
não houvesse atrasado minhas ordens
precipitadas, ainda que com prêmios
e ameaças rigorosas eu tivesse
querido intimidá-lo e encorajá-lo
Nada fazendo, tudo fez; Camilo,
com muita humanidade e a honra escutando,
contou todo o meu plano ao meu real hóspede,
abandonou seus bens, que eram vultosos,
como o sabeis, e se confiou de todo
ao jogo certo da fortuna instável,
sem mais riqueza que a honra. Como a minha
ferrugem lhe ressalta o brilho próprio!
Como a sua piedade torna as minhas
ações mais pretas ainda!
(Volta Paulina.)
PAULINA · Que desgraça!
Vinde desapertar-me o laço, para
que, fazendo-o romper, não se me estale
de todo o coração.
PRIMEIRO NOBRE · Que houve, senhora?
PAULINA · Tirano, que tormentos inventaste
para minha tortura? Que fogueiras,
rodas, tratos, flagelos, que fervuras,
em óleo ou chumbo, para mim se aprestam?
Que martírios, antigos ou recentes,
me esperam, se cada uma das palavras
que eu disser, em resposta, só merece
quanto de pior tiveres inventado?
A tua tirania, trabalhando
com teu ciúme de comum acordo —
fantasias mui fracas para crianças,
tolas e ociosas para raparigas
de nove anos — Oh! vê o que fizeram
e, depois, enlouquece inteiramente! —
pois as tuas tolices anteriores
condimento, tão-só, foram desta última.
O teres sido falso para o amigo —
Políxenes — foi nada; pois, com isso,
te revelaste, apenas, inconstante,
infernalmente ingrato e mentecapto.
Outrossim, não foi muito desejares
envenenar a honra de Camilo,
querendo que ele a um Rei a morte desse —
pecado à-toa, logo ultrapassado
por outros mais monstruosos, como teres
jogado aos corvos tua própria filha —
pouco ou nada, realmente, embora um diabo
primeiro ao fogo arrancaria lágrimas,
antes de fazer isso. Não te culpo,
também, diretamente, pela morte
do príncipe gentil, cuja noção
de honra — noção muito alta para a idade —
partiu-lhe o coração, ao pensamento

shakespearebrasileiro.org

de que um pai tão grosseiro quanto louco
sua mãe graciosa houvesse difamado.
Não, também disso não te faço carga.
Mas o último — oh senhores! deveis todos
gritar "Desgraça!" ao dizer eu qual seja —
a Rainha, a Rainha, a mais querida
e inefável criatura, já não vive...
E a vingança ainda não caiu sobre ele!

Primeiro Nobre · Que os poderes de cima o não consintam!

Paulina · Já disse que morreu, e agora o juro.
Mas se nem juras, nem palavras, podem
convencer-vos, vós mesmos ides vê-la.
Se conseguirdes dar-lhe cor aos lábios,
ou brilho aos olhos, o calor externo,
por dentro o hálito vivo, hei de servir-vos
como o faria a deuses. Mas não tenhas
remorsos, oh tirano, por tudo isso!
São fatos por demais pesados, para
que com tua dor consigas abalá-los.
Entrega-te somente ao desespero.
Mil joelhos, dez mil anos sem parada,
inteiramente nu, jejuns terríveis
numa montanha desolada, inverno
perpétuo, tempestade irreprimível,
não poderiam demover os deuses
a olhar para o lugar em que estiveres.

Leontes · Vai-te, vai-te; jamais dirás bastante.
Mereço quanto de pior disserem
todas, todas as línguas.

Primeiro Nobre · Ficai quieta!
Por mais que tenha acontecido, falta
mui grave cometeste, com tamanho
despejo de linguagem.

Paulina · Dá-me pena;
quando cometo alguma falta, logo
que venho a conhecê-la, me arrependo.
Que desgraça! Mostrei como as mulheres
são, no comum, demais precipitadas.
O nobre coração mostra abalado.
O que passou e já não tem remédio,
lastimar não devemos. Dor alguma
deveis mostrar, senhor, ante o que eu disse.
Pelo contrário, peço-vos punir-me
por vos haver lembrado o que devíeis
deixar no esquecimento. Meu bondoso
soberano, senhor, meu real senhor,
perdoai a uma estouvada; mas o afeto
que a vossa esposa... Oh! novamente louca!
Maior estouvamento! Não desejo
falar dela outra vez, nem dos meninos,
vossos filhos; não hei de recordar-vos,
também, de meu senhor, que está perdido,
do mesmo modo. Sede, pois, paciente,
que não direi mais nada.

Leontes · Não, falaste
somente o que se deu. Prefiro todas
essas verdades a que me lastimes.
Por obséquio, levai-me para a sala
onde está o corpo dela e o do menino.
Terão um só sepulcro; sobre a lápide
gravada vai ficar a verdadeira
causa da morte de ambos, para nossa
vergonha sempiterna. Diariamente,
hei de a capela visitar em que eles
se acharem repousando. Meu consolo
vai consistir nas lágrimas vertidas
sobre essa laje. E enquanto a natureza
me permitir fazer esse exercício,
prometo repeti-lo diariamente.
Conduzi-me a essas dores.

(Saem.)

Ato III · Cena III

Boêmia. Lugar deserto, perto do mar.
Entram Antígono, com a criança, e um marinheiro.

Antígono · Estás bem certo de que o nosso barco
veio ter aos desertos da Boêmia?

Marinheiro · Sim, senhor; e receio que tenhamos
descido em ruim hora. Enfarruscado
vejo o céu, e a ameaçar-nos iminente
tempestade. Sinceramente o digo:
ele reprova o nosso empreendimento;
por isso está sombrio.

Antígono · Seja feita
sua vontade. Volta para bordo;
vai vigiar teu barco; não demora,
e estarei de retorno.

Marinheiro · Ponde pressa

shakespearebrasileiro.org

no que fizerdes, sem vos arriscardes
demais pelo interior, pois é certeza
vir por aí borrasca. Além de tudo,
é conhecida esta região, por causa
dos animais de preia que aqui vivem.
ANTÍGONO · Volta, que já te sigo.
MARINHEIRO · Estou contente,
de coração, por não ter parte nisso.
(Sai.)
ANTÍGONO ·
Vem, coitadinha! Embora eu nunca tenha
dado crédito, ouvi dizer que o espírito
dos mortos aqui voltam. Se for certo,
tua mãe me apareceu na última noite,
pois nunca tive um sonho assim tão próximo
do estado de vigília. Aproximou-se-me
um vulto que a cabeça balouçava
para um lado e para outro. Nunca vira
um vaso de tristeza assim tão cheio
e de aspecto de tanta dignidade.
Com vestes de cor branca, cintilante
como a própria pureza, aproximou-se
do camarote em que eu dormindo estava.
Diante de mim três vezes inclinando-se
e tentando falar, se lhe tornaram
duas fontes os olhos. Mas contendo-se,
o silêncio rompeu desta maneira:
"Já que o destino, meu bondoso Antígono,
te escolheu, contra o teu melhor intuito,
para jogares fora minha filha —
ao que, por juramento, estavas preso —
lugares afastados há bastantes
na Boêmia. Num deles, entre lágrimas,
deixa-a, a chorar. E como para todos
ela perdida está, o nome dá-lhe
de Perdita, te peço. Mas por este
serviço ingrato, que por meu marido
te foi imposto, nunca mais tua esposa
Paulina hás de rever". E assim, com guinchos,
desapareceu no ar. Aterrorado,
logo me recompus, tendo concluído
que sonhado não fora tudo aquilo,
senão pura verdade. Brincadeiras
são sempre os sonhos, mas com este, apenas,
supersticiosamente embora, quero
com acerto orientar-me. Estou convicto
de que Hermíone é morta e que é vontade
de Apolo, já que é filha de Políxenes
esta criança, que seja aqui deixada —
para viver ou para ser destruída — em terra
do verdadeiro pai. Botão, floresce!
(Deposita a criança no chão.)
Fica aí. Eis teu nome. Toma isto,
também.
(Depõe um embrulho junto da criança.)
Se for do gosto da fortuna,
dará para te criar, ainda sobrando-te
alguma coisa. Aí vem a tempestade.
Coitadinha! Por causa dos pecados
de tua mãe, exposta à morte e ao resto.
Chorar não me é possível, porém sangra-me
o coração. Maldito eu sou por ver-me
forçado a fazer isto. Adeus. O dia
se embrusca mais e mais. Vais ser ninada
com uma canção muito áspera. Tão negro,
durante o dia, nunca o céu esteve.
Que selvagem clamor! O mais prudente
será ir para bordo. É uma caçada.
Estou perdido!
(Sai, perseguido por um urso. Entra um pastor.)
PASTOR · Desejara que não houvesse idade entre
dezesseis e vinte e três anos, ou que a mocidade
dormisse todo esse tempo, que só é ocupado em
deixar com filhos as raparigas, aborrecer os velhos,
roubar e provocar brigas. Escutai! A quem ocorreria
caçar com semelhante tempo, senão a esses cérebros
ferventes, de dezenove a vinte e dois anos? Fizeram
tresmalhar-se dois dos meus melhores carneiros, e
eu receio que o lobo os encontre primeiro que seu
dono. Se eu tiver de encontrá-los, há de ser para o
lado da praia, onde vão pastar a erva. Boa sorte, se
assim o quiseres. Mas, que temos aqui? *(levantando
a criança.)* Misericórdia! Uma criança! Uma linda
criança! Será menino ou menina? Uma menina
linda, muito bonita, mesmo. Decerto, algum passo
em falso. E embora eu não seja letrado, posso ler
que se trata de passo em falso de alguma dama
de posição. Houve algum trabalho de escada, ou
de baú, no ângulo de qualquer porta. Mais calor
tinham os que geraram isto do que esta pobre
coisinha. Só por piedade vou ficar com ela, mas vou
esperar até que meu filho chegue. Neste momento
ele gritou. Olá! Oh!
(Entra o bobo.)

shakespearebrasileiro.org

BOBO · Olá! Oh!
PASTOR · Como! Estavas tão perto? Se quiseres ver uma coisa de que falarás até depois de morto e podre, vem aqui. Por que estás a chorar, homem?
BOBO · Eu vi duas dessas visões, no mar e em terra; mas não posso dizer se foi no mar, porque agora tudo é céu, entre a terra e o firmamento não se pode enfiar a ponta de um alfinete.
PASTOR · Que queres dizer com isso, rapaz?
BOBO · Desejara que vísseis como ela ronca, como se enfurece, como bate na praia. Mas isso não importa. Oh! os gritos lastimáveis das pobres almas! Às vezes, percebendo-os; outras vezes, sem distinguir ninguém; agora, o navio a tocar na lua com o mastro principal, para, logo, ser sorvido pela escuma e pela geada, como quando a gente atira uma rolha dentro de um barril. E agora, o que se passou em terra: assistir como o urso lhe lacerava as espáduas; como ele me gritava por socorro, e dizia que era nobre e se chamava Antígono. Mas, para acabar com o navio: ver como o mar o absorvia, porém, antes, como as pobres almas rugiam e o mar zombava deles; e como o cavalheiro rugia, e o urso zombava dele, rugindo ambos mais alto do que o mar e a tempestade.
PASTOR · Em nome da Misericórdia! Quando se passou isso, rapaz?
BOBO · Agora mesmo; ainda não tive tempo de piscar uma vez, desde que vi essas coisas. Os homens ainda não tiveram tempo de esfriar debaixo da água, nem o urso de jantar a metade do gentil-homem. Foi neste momento.
PASTOR · Quisera ter estado presente, para ajudar o velho.
BOBO · Quisera que tivésseis estado ao lado do navio, para ajudá-lo, também; porque então a vossa caridade não tomaria pé.
PASTOR · Histórias tristes! Histórias tristes! Mas olha para aqui, rapaz, e abençoa a tua felicidade. Encontraste em teu caminho só coisas que se extinguem; eu, algo que começa a viver. Eis um espetáculo para ti; contempla isto, uma capa de batismo próprio para a filha de um fidalgo. Olha! Toma, rapaz! Toma! Abre isso. Vamos ver. Já me profetizaram que as fadas me deixariam rico. Deve ser alguma criança enjeitada. Abre logo. Que é que há dentro, rapaz?
BOBO · Sois um velho rico. Se os pecados da mocidade vos forem perdoados, ireis viver muito bem. Ouro! Tudo ouro!
PASTOR · É ouro de fadas, rapaz, como o tempo o provará. Vamos, carrega firme! Para casa, logo, pelo caminho mais curto. Tivemos sorte, rapaz; e para continuarmos sempre assim, bastará sermos discretos. Deixa os carneiros correrem. Vamos, meu bom menino; vamos logo para casa, pelo caminho mais curto.
BOBO · Segui direto com o vosso achado, que eu vou ver se o urso já deixou o gentil-homem, e quanto comeu dele. Só são temíveis, quando estão com fome. Se sobrou alguma coisa do homem, dar-lhe-ei sepultura.
PASTOR · É uma boa ação. Se puderes identificá-lo pelo que houver sobrado dele, vai buscar-me, para que eu também o veja.
BOBO · Muito bem; farei isso mesmo, e vós me ajudareis a sepultá-lo.
PASTOR · Hoje é um dia feliz, rapaz, em que nos cumpre praticar boas ações.

(Saem.)

Ato IV

Entra o Tempo, como coro.

TEMPO · Eu, que a todos castigo, alegro e espanto
bons e maus, erro muito e, no entretanto,
descubro os erros, ora determino
usar as asas com bastante tino,
sob a forma do Tempo. Por tudo isso,
à conta não leveis de mau serviço
dezesseis anos haver eu pulado,
sem ao menos deixar assinalado
quanto passou durante esse intervalo,
que em meu poder está, sem grande abalo,
dobrar a lei, numa hora muito minha,
e hábitos velhos alterar asinha.
Aceitai-me qual sou, qual tenho sido
antes de o uso vetusto haver nascido

shakespearebrasileiro.org

e o que ora ainda impera. Estive junto
da hora que os viu nascer e do conjunto,
também, do que há de vir, pois tudo passa,
sendo certeza que eu deixarei baça
toda esta luz, tal como na memória
dos presentes se encontra a antiga história.
Assim, se o permitir vossa paciência,
virarei a ampulheta, porque urgência
ponha no conto, como se dormindo
passado houvésseis esse tempo infindo.
Deixando Leontes — que de tal maneira
se mostra arrependido da cegueira
de seu grande ciúme, que fechado
se mantém todo o tempo — transportado,
gentis espectadores, para a linda
Boêmia imaginai-me, e mais, ainda:
deveis estar lembrados que de um filho
do Rei já vos falara. Assim, com brilho
vos direi o seu nome: Florizel.
Mas deixando de lado esse donzel,
falemos de Perdita que, entretanto,
adquiriu tanta graça, que de espanto
enche quantos a vêem. Não direi nada
do que se vai passar, que à hora azada
tudo a saber vireis. Ora o argumento
do Tempo é a filha de um pastor e um cento
de coisas correlatas. Concedei-me
toda vossa paciência. E, então, dizei-me
se algum dia já vistes passatempo
tão mesquinho. Se não, o próprio Tempo
vos diz que almeja, mui sinceramente,
que outro não possais ver como o presente.

(Sai.)

Ato IV · Cena I

Boêmia. Um quarto no palácio de Políxenes.
Entram Políxenes e Camilo.

Políxenes · Por favor, meu bom Camilo, não insistas. Recusar-te alguma coisa, deixa-me doente; e morto, conceder o que me pedes.

Camilo · Há quinze anos não vejo a minha pátria; embora eu tenha passado no estrangeiro a maior parte da vida, desejaria deixar lá os ossos. Além do mais, o Rei penitente, meu senhor, mandou chamar-me. Poderei levar algum alívio para a sua tristeza; pelo menos tenho essa presunção, o que também me anima a partir.

Políxenes · Se me amas, Camilo, não anules todos os serviços que me prestaste, deixando-me neste momento. Tua própria bondade é a causa de eu não poder dispensar-te. Melhor teria sido nunca te haver conhecido, do que vir a perder-te. Havendo tu dado início a vários assuntos que ninguém mais poderá levar a cabo, será forçoso ou ficares, para que tu mesmo os arremates, ou levares contigo os próprios serviços que me prestaste. Se eu não te recompensei como o mereces — impossível me fora fazer mais — procurarei esforçar-me para mostrar-me mais reconhecido, lucrando com isso apertar ainda mais os laços da amizade que nos liga. Peço-te, portanto, que não me tornes a falar dessa terra fatal, a Sicília, cujo nome, só por si, me martiriza, por me fazer lembrado do Rei penitente, como lhe chamaste, o meu reconciliado irmão. A perda de sua esposa insubstituível, e de seus filhos, agora e sempre é de lamentar-se. Dize-me, quando viste meu filho, o Príncipe Florizel? Os Reis são tão infelizes quando verificam tendências menos graciosas em seus filhos, como quando perdem os que eram adornados só de virtudes.

Camilo · Senhor, há três dias que não vejo o príncipe. Quais possam ser suas felizes ocupações, não sei dizê-lo. Mas com pesar observei que ultimamente ele anda muito arredio da corte e que é menos assíduo do que antes aos seus exercícios principescos.

Políxenes · Observei isso também, Camilo, o que me deixou assaz preocupado, indo a ponto de vigiar o retraimento com os olhos dos meus auxiliares. Por estes soube que ele freqüenta a casa de um humilde pastor, um homem que, segundo se propala, do nada, com grande estupefação dos vizinhos, chegou a uma situação inexplicável.

Camilo · Já ouvi falar, senhor, desse homem, que tem uma filha da mais rara beleza. A fama de tal beleza se espalhou muito mais do que fora de esperar da que se originasse de uma choupana humilde.

Políxenes · Foi isso também o que me disseram.

shakespearebrasileiro.org

Receio que seja esse o engodo que atrai meu filho. Vais acompanhar-me até essa choupana, para, sem nos darmos a conhecer, conversarmos com o pastor. Penso que nos será fácil obter de sua simplicidade que nos revele o verdadeiro motivo das visitas de meu filho. Peço-te, pois, que me ajudes neste passo pondo de lado a idéia de voltares para a Sicília.

Camilo · De muito bom grado obedecerei a vossas ordens.

Políxenes · Meu bravo Camilo! Teremos de nos disfarçar.

(Saem.)

Ato IV · Cena II

O mesmo. Uma estrada perto da cabana do pastor. Entra Autótico, cantando.

Quando os narcisos nascem no vale —
Viva! — e a zagala corta a campina,
Que belo tempo! — Ninguém me fale —
À neve pálida o sangue anima.
O linho branco da sebe pende —
Viva! — Que canto, o dos passarinhos!
Se os apanhasse! Quem não me entende?
Cerveja límpida aos canequinhos...

Canta a calhandra. Que melodias! —
Viva! — Respondem-lhe o gaio e o tordo.
Para mim cantam e minhas tias...
E nós no feno... Que dia gordo!

Já servi o Príncipe Florizel, e no meu tempo só vestia veludo de três pelos... Mas agora estou aposentado.

Mas vou chorar só por isso?
A lua brilha, querida.
Quanto menos o serviço,
mais alegre será a vida.

Se licença o caldeireiro
tem de andar de alforje às costas,
confesso tudo, ligeiro,
sem que me façam em postas.

Negocio com camisas; quando o milhano faz o ninho, cuidado com as peças menores. Meu pai me pôs o nome de Autólico... Tendo nascido ele, como eu, sob a influência de Mercúrio, foi também batedor de coisinhas sem valor. Os dados e as mulheres me deixaram deste modo, provindo toda a minha renda de roubos insignificantes. A forca e as varas são por demais poderosas na estrada larga do roubo. A idéia de ser malhado ou enforcado, constitui para mim verdadeiro pesadelo. Na outra vida não quero pensar nisso. Uma presa! Uma presa!

(Entra o bobo.)

Bobo · Vejamos: cada onze carneiros dão vinte e oito libras de lã; cada vinte e oito libras de lã rendem uma libra e um xelim... Quinhentos carneiros tosquiados, quanta lã darão ao todo?

Autólico *(à parte)* · Se o laço não escapar, o galo é meu.

Bobo · Não poderei fazer a conta sem o auxílio de um calculador. Vejamos: que precisarei comprar para a festa da tosquia de nossos carneiros? "Três libras de açúcar, cinco de passas de Corinto, arroz..." — Que pretenderá esta minha irmã fazer com arroz? Mas meu pai a pôs como Rainha da festa, e ela sabe o que faz. Ela me confeccionou vinte e quatro ramalhetes para os tosadores, que são cantores a três vozes, e dos melhores. A maior parte são tenores e baixos, só havendo entre eles um puritano que canta salmos na cornamusa. Preciso de açafrão para dar cor à torta de peras; de arilo e tâmara, nada, que isso não está na nota; noz-moscada, sete; uma ou duas raízes de gengibre — isso eu poderei pedir em qualquer parte —; quatro libras de ameixas e outras tantas de passas.

Autólico · Oh! Se eu nunca tivesse nascido!

(Atira-se ao chão.)

Bobo · Em meu nome!

Autólico · Socorro! Socorro! arrancai-me estes trapos, e depois, a morte!

Bobo · Ah, pobre alma! Precisas, mas é que te ponham mais trapos em cima do corpo, não que te despojem dos que tens.

Autólico · Oh senhor! mais me faz sofrer a repugnância que por eles sinto do que os golpes que

shakespearebrasileiro.org

recebi, que, no entanto, foram bem violentos e se contaram por milhões.

Bobo · Ah, pobre homem! Um milhão de pauladas é coisa séria.

Autólico · Fui roubado, senhor, e espancado. Arrancaram-me o dinheiro e as vestes, e me puseram sobre o corpo estes farrapos detestáveis.

Bobo · Foi algum pedestre que te fez isso ou algum homem de cavalo?

Autólico · Foi um pedestre, meu caro senhor; pedestre.

Bobo · Realmente, pela roupa que ele deixou contigo, deve ser mesmo pedestre. Se isso é cota de cavaleiro, já viu trabalho muito crespo. Dá-me a mão; vou ajudar-te. Vamos; dá-me a mão.

(Ajuda-o a levantar-se.)

Autólico · Oh meu bom senhor! Devagar!

Bobo · Ah, pobre alma!

Autólico · Oh meu bom senhor! Devagar, meu bom senhor; receio estar com a omoplata fora do lugar.

Bobo · E agora? Podes ficar de pé?

Autólico · Docemente, meu senhor.

(Rouba a bolsa de dentro do bolso do bobo.)

Docemente! Acabastes de me prestar um serviço caritativo.

Bobo · Estás sem dinheiro? Posso dar-te algum.

Autólico · Não, meu bom senhor. Não. Por obséquio, senhor. Tenho um parente que mora a uns três quartos de milha daqui, para onde justamente vou indo. Lá, encontrarei dinheiro e tudo o mais de que precisar.

Não me ofereçais dinheiro, por obséquio; isso me parte o coração.

Bobo · Que espécie de sujeito era o que vos roubou?

Autólico · Um tipo, senhor, que eu vi correndo a redondeza com o jogo de "Trou Madame". Sei que antes disso ele esteve a serviço do príncipe. Não poderei dizer-vos, meu caro senhor, por qual teria sido de suas virtudes; mas o certo é que ele foi expulso da corte a chibatadas.

Bobo · Vícios, quereis dizer, sem dúvida; a virtude nunca é expulsa da corte a chibatadas. Por lá tratam-na muito bem, com o fito de retê-la quanto possível; no entanto, está sempre de passagem.

Autólico · Era vício mesmo que eu queria dizer, meu senhor. Conheço muito bem esse tipo. Depois disso ele já andou por aí tudo, carregando um macaco; depois, foi servente de processo, beleguim; depois, adquiriu um conjunto de títeres que representavam "O Filho Pródigo", e se casou com a mulher de um caldeireiro, a uma milha do lugar em que tenho minhas terras e meus bens, e depois de exercer todas as profissões velhacas, acabou tornando-se um maroto de marca maior. Algumas pessoas lhe dão o nome de Autólico.

Bobo · A forca para ele! Um ladrão, por minha vida! Um ladrão! Ele gosta de freqüentar as festas noturnas, as feiras e os combates de urso.

Autólico · Perfeitamente, senhor; é esse mesmo; foi esse o maroto que me deixou nestes trajes.

Bobo · Em toda a Boêmia não há maroto mais covarde; se o tivésseis encarado com firmeza e cuspido no rosto dele, é certeza que se poria a correr.

Autólico · Devo confessar-vos, senhor, que não sou lutador. Para tanto, falta-me coragem, o que decerto ele bem sabia, podeis crer-me.

Bobo · Como vos sentis agora?

Autólico · Bem melhor do que antes, meu doce senhor; já posso ficar de pé e andar um pouco. Poderei, até, despedir-me de vós, para dirigir-me devagarinho até à casa de meu parente.

Bobo · Queres que te acompanhe até à estrada?

Autólico · Não, meu belo senhor; não, meu doce senhor.

Bobo · Então, adeus; preciso ir comprar temperos para a festa da tosquia dos nossos carneiros.

Autólico · Muitas felicidades, meu doce senhor.

(Sai o bobo.)

Vossa bolsa não tem calor suficiente para comprar esses temperos. Hei de fazer-vos companhia em vossa festa. Se eu não conseguir desdobrar este roubo e não transformar os tosadores em carneiros, quero deixar de fazer parte da lista dos profissionais, para ter o nome inscrito no livro da virtude.

Sigamos por este atalho,
alegre o dia inteirinho, oh!
Quem vive preso ao trabalho,
alvo é sempre de escarninho, oh!

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena III

O mesmo. Clareira diante da cabana do pastor. Entram Florizel e Perdita.

Florizel · Essas vestes estranhas vos emprestam
maior relevo às graças. Não pastora,
sois Flora empós de abril. Essa tosquia
tão álacre é reunião de belos deuses,
dos quais sois a Rainha.
Perdita · Meu gracioso
senhor, bem não me fica censurar-vos
pelo vosso exagero. Sim, perdoai-me
por falar desse modo. Mas vossa alta
pessoa, adorno máximo do reino,
abatestes com essas vestes rústicas,
enquanto a mim, humilde rapariga,
me enfeitastes qual deusa. Se esta festa
não fosse constituída por loucuras,
sempre, de toda sorte, que os convivas,
por hábito, digerem, eu corara
por vos ver desse jeito, desmaiando,
quero crer, se ao espelho me enxergasse.
Florizel ·
Bendigo o instante em que o meu bom falcão
o vôo dirigiu por sobre as terras
de vosso pai.
Perdita · Que Jove vos confirme.
No que me diz respeito, a diferença
de nossas posições me deixa pávida.
Vossa Grandeza não conhece o medo;
mas tremo à idéia de que poderia
vosso pai, por capricho do momento,
vir também por aqui. Oh Fados! Como
não ficaria à vista de sua obra,
com trajes tão grosseiros? Que diria?
E como eu conseguira, sob o peso
deste luxo de empréstimo, encarar-lhe
toda a severidade?
Florizel · Só com coisas
alegres devereis ora ocupar-vos.
Os próprios deuses, humilhando a sua
divindade ante o amor, variadas formas
de animais assumiram. Jove em touro
se mudou e mugiu; Netuno, o verde,
baliu como carneiro; e o deus de vestes
de chamas, o áureo Apolo, como humilde
pastor se viu, tal como o faço agora.
Nenhum deles jamais mudou de forma
por beleza mais rara, nem por móveis
tão puros como os meus, pois meus desejos
não marcham diante da honra, nem mais quente
do que a fé a paixão se me revela.
Perdita · Mas meu senhor, jamais vosso propósito
firme assim ficará, se for chocar-se —
o que será fatal — de encontro ao grande
poderio do Rei. Uma de duas
coisas forçosamente há de passar-se:
renunciareis de todo ao vosso intento,
ou eu à própria vida.
Florizel · Minha cara
Perdita, não enubles, por obséquio,
a alegria da festa com tão loucas
suposições. Minha lindeza, caso
eu não possa ser teu, do mesmo modo
não serei de meu pai, pois impossível
me será pertencer-me, ou ser de alguém,
se a ti não pertencer. Persisto nisso,
muito embora o Destino diga "Não".
Fica alegre, querida, e cuida agora
de dissipar os pensamentos tristes
com o auxílio do que vires. Nossos hóspedes
estão chegando. Faze alegre o rosto,
como se já estivéssemos no instante
de celebrar as núpcias que juramos
para um futuro próximo.
Perdita · Oh Fortuna,
sede-nos auspiciosa!
Florizel · Vede! Vossos
hóspedes se aproximam. Recebei-os
com afabilidade e que o semblante
irradie alegria.

(Entram Políxenes e Camilo, disfarçados, o pastor, o bobo, Mopsa, Dorcas e outros.)

Pastor · Ora, filha! Nas festas deste dia,
quando ainda viva estava minha velha,
ela era ao mesmo tempo despenseira,
padeira, cozinheira, ama e criada;
cumprimentava a todos e os servia,
cantava suas coisas e dançava

suas voltas, também; ora se achava
nesta ponta da mesa, ora no meio,
ora apoiava-se ao ombro dos convivas,
de toda gente. O rosto era só fogo,
pela labuta e pelo que bebia
para aplacar as chamas, não deixando
ninguém de acompanhá-la nesses brindes.
Vós ficais isolada, parecendo
mais um dos convidados, do que mesmo
a dona dos festejos. Por obséquio,
dá as boas-vindas a estes dois amigos
desconhecidos, que esse é o melhor meio
de nos tornarmos conhecidos deles
e, assim, amigos certos. Vamos logo,
apagai o rubor e revelai-vos
o que sois: a Rainha desta festa.
Acolhei-nos alegre, por estarmos
presentes aos festejos da tosquia.
Assim, prosperará vosso rebanho.
PERDITA *(a Políxenes)* ·
Sois bem-vindo, senhor. Meu pai quer que hoje
fique eu sendo a Rainha desta festa.
(A Camilo.) ·
Sois bem-vindo. Dá-me essas flores, Dorcas.
Reverendos senhores, ofereço-vos
arruda e rosmaninho; a cor e o cheiro
essas flores conservam todo o inverno.
Como lembrança e graça conservai-as
de nossa parte. Sede, pois, bem-vindos.
POLÍXENES · Pastora — sois uma pastora linda —
muito de acordo com a nossa idade,
flores do inverno nos oferecestes.
PERDITA · Senhor, quando o ano vai ficando velho,
sem ser a morte do verão ainda,
nem do trêmulo inverno o nascimento,
as flores mais gentis são, tão-somente,
cravo vermelho e goivo variegado,
a que muitos dão o nome de bastardo
da natureza. Dessa espécie, o nosso
jardim silvestre nada ora apresenta.
Nunca procuro obter muda nenhuma.
POLÍXENES · Por que, gentil menina, as desprezais?
PERDITA · Por ter sabido que nas suas cores,
ao lado da criadora natureza
a arte também influi.
POLÍXENES · Que seja assim;
mas em nada melhora a natureza,
senão por meios que ela mesma cria.
Assim, essa arte a que vos referistes,
que ajuda a natureza, é uma arte feita
por ela própria. Assim, gentil menina,
enxertamos num galho em tudo rústico
alguma planta rara, vindo a casca
de baixa espécie alimentar o broto
de uma raça mais nobre. Essa arte, certo,
corrige a natureza... não, transforma-a;
mas é uma arte que é a própria natureza.
PERDITA · Tendes razão.
POLÍXENES · Enriquecei, portanto,
vosso jardim com goivos, sem lhes dardes
o nome de bastardos.
PERDITA · Jamais hei de
pegar do sacho para plantar uma
muda sequer, tal como não quisera —
se pintada estivesse — que este jovem
me elogiasse por isso, declarando
que a mim, por noiva, apenas, desejara.
Aceitai estas flores: alfazema,
hortelã, segurelha, manjerona,
e esta aqui, malmequer, que se recolhe
com o sol, para com ele levantar-se
também, cedo, a chorar. Flores são todas
do meio do verão, próprias para homens
de meia idade, creio. Sois bem-vindo.
CAMILO · Esquecer-me-ia de pastar se fosse
um dos vossos carneiros, e vivera
só de vos contemplar.
PERDITA · Oh, coitadinho!
Tão magro ficaríeis, que as rajadas
de janeiro, sem custo, vos passaram
de lado a lado. Agora, belo amigo,
para vós desejara ter algumas
flores primaveris, que condissessem
com vossa mocidade. E para vós,
também, e para vós, que nesses cândidos
ramos trazeis de vossa virgindade
ainda os botõezinhos. Oh Prosérpina!
Não dispor eu das flores que do carro
de Dis, só de pavor, cair deixaste!
Os narcisos que a aparecer se atrevem
antes das andorinhas, e que os ventos
de março enleiam no seu grande encanto;
as violetas escuras, mas mais doces
do que de Juno as pálpebras ou o hálito

shakespearebrasileiro.org

de Citeréia; as descoradas prímulas,
que fenecem solteiras, sem que tenham
visto o brilhante Febo em sua força —
doença muito freqüente entre as donzelas —
verbasco altivo, imperial coroa,
lírios de toda espécie, incluída entre eles
a flor-de-lis. Oh! faltam-me essas flores
para tecer grinaldas, caro amigo,
e com elas cobrir-te.

FLORIZEL · Como a um corpo
sem vida?

PERDITA · Não; não como a um corpo morto;
como num leito onde brincasse amor.
Ou então... Não para dar-lhe sepultura,
mas para recebê-lo nestes braços.
Aceitai vossas flores. Só parece
que eu represento como vi nas festas
da pastoral da Páscoa. Este vestido,
certamente, me fez mudar de gênio.

FLORIZEL · Sempre ultrapassa o que fazeis a tudo
quanto está feito. Se falais, querida,
desejaria que falásseis sempre;
quando cantais, quisera que, cantando,
vendêsseis e comprásseis e, cantando,
distribuísseis esmolas, murmurásseis
vossas preces, bem como dirigísseis
vossos negócios. Se dançais, acaso,
desejara que fósseis uma vaga,
para que não fizésseis senão isso,
em movimento sempre, sempre a mesma,
sem mais função alguma. Vosso modo
de proceder, tão singular em cada
caso à parte, tal como o mais recente,
coroa vossos feitos. Desse modo,
vossas ações em tudo são Rainhas.

PERDITA · Oh Dóricles, vossos encômios pecam
pelo exagero! Se não fôsseis jovem
e não deixásseis vislumbrar um sangue
tão verdadeiro e leal, que vos revela
qual pastor sem defeito, eu poderia
mui sabiamente, meu querido Dóricles,
considerar que me fazeis a corte
por um caminho errado.

FLORIZEL · Tão sem jeito,
quero crer, vos mostrais de ter receio,
como eu de provocá-lo. Mas agora
vamos dançar; a mão, minha Perdita,
por obséquio. Assim ficam duas pombas
que não tencionam separar-se nunca.

PERDITA · Por isso eu juro.

POLÍXENES · Entre as campônias rústicas
nunca donzela mais encantadora
deslizou no relvado. Tudo quanto
diga ou faça, revela uma criatura
maior do que ela própria. É muito nobre
para o meio em que está.

CAMILO · Algo ele diz-lhe
que a faz ficar corada. Não há dúvida:
é a Rainha do leite e da coalhada.

BOBO · Música, vamos!

DORCAS · Se dançais com Mopsa,
os beijos dela temperai com alho.

MOPSA · Ora, que coisa!

BOBO · Basta de palavras.
Temos os nossos hábitos. Comecem!
Música, vamos!

(Música. Dançam pastores e pastoras.)

POLÍXENES ·
Bom pastor, por obséquio, quem é aquele
rapaz bem apessoado que ora dança
com vossa filha?

PASTOR · Dóricles lhe chamam;
ele se orgulha de possuir pastagens
de subido valor. Sei isso, apenas
pelo que ele contou, mas acredito,
pois parece sincero. Também o creio,
pois nunca a lua se mirou no lago,
como ele se detém a ler nos olhos
de minha filha. Para dizer tudo:
penso que meio beijo não decide
qual dos dois mais amor dedica ao outro.

POLÍXENES ·
Ela dança com muita graça.

PASTOR · É certo;
e assim faz tudo, embora não me fique
bem falar desse modo. Se o mancebo
Dóricles vier a conquistá-la, a noiva
lhe levará de dote alguma coisa
com que ele nem sonhou.

(Entra um criado.)

CRIADO · Oh senhor! Se pudésseis ouvir o
bufarinheiro que está aí fora, nunca mais dançaríeis
ao som do tamboril e da gaita. Sim, nem mesmo uma
cornamusa vos poderia abalar. Canta melodias mais
depressa do que vós contais dinheiro e as pronuncia

shakespearebrasileiro.org

como se houvesse engolido baladas, estando todos os ouvidos pendentes de suas modulações.

BOBO · Não poderia ter chegado em melhor ocasião. É preciso fazê-lo entrar. Aprecio enormemente as baladas, quando tratam de assunto triste, posto em música alegre, ou de qualquer coisa agradável cantada num tom melancólico.

CRIADO · Sabe cantigas para homens e mulheres de todas as idades. Nenhum comerciante de luvas serviria melhor os seus fregueses. Sabe as mais lindas canções de amor, para raparigas, e isso sem nenhuma escabrosidade, o que é raro, com um mundo de refrães delicados, de dildãos e tralalás. "Bate nela! Dá socos nela!" e quando algum maroto de boca larga pretende, por assim dizer, tomar a coisa ao pé da letra, e pôr em prática o conselho, ele faz a rapariga responder. "Olá! Não me façais mal, bom homem!" dar-lhe um empurrão e escapar com um "Olá! Não me façais mal, bom homem!"

POLÍXENES · Um companheiro e tanto!

BOBO · Podeis estar certo de que vos referistes a um tipo admirável. Por acaso, não terá ele bordados para vender?

CRIADO · Tem fitas de todas as cores do arco-íris; mais agulhetas do que poderiam com erudição desembaraçar todos os advogados da Boêmia, ainda que lhes viessem às grosas; lãs, algodão, cambraia. Ele as canta como se fossem deuses e deusas. Imaginaríeis que uma camisa é um anjo, de tal modo ele vos fala de suas mangas e dos bordados.

BOBO · Por obséquio, traze-o logo, fazendo que ele entre a cantar.

PERDITA · Convém adverti-lo de que não deve usar palavras inconvenientes em suas canções.

(Sai o criado.)

BOBO · Esses bufarinheiros, irmã, trazem mercadorias que nem podeis imaginar.

PERDITA · Sim, bondoso mano, ou que nem me darei ao trabalho de imaginar.

(Entra Autólico, cantando.)

O linho é branco de neve,
ao corvo o crepe não deve;
luvas de vários matizes,
máscaras para narizes,
delicadas como rosas,
para cutes melindrosas;
braceletes e colares
e perfumes para os lares,
coifas douradas, corpinhos —
rapazes, que presentinhos! —
alfinetes, boa tala
para os vestidos de gala...
Comprai-me logo, rapazes,
quanto ora fordes capazes,
sem deixar que vossas belas
fiquem tristes e amarelas.
Comprai! Comprai!

BOBO · Se eu não estivesse apaixonado por Mopsa, tu não me arrancarias um tostão; mas estando preso a ela, como me encontro, não poderei escapar da peia de algumas luvas e fitas.

MOPSA · Que me foram prometidas antes da festa, mas que, ainda assim, não chegam com muito atraso.

DORCAS · Ele te prometeu muito mais do que isso, se entre nós não houver mentirosos.

MOPSA · E para vós ele deu tudo o que prometera, se é que não deu também alguma coisa, cuja restituição, agora, vos deixaria envergonhada.

BOBO · As moças de hoje já não terão bons modos? Usarão elas as saias onde deveriam ter o rosto? Não vos sobra tempo, por ocasião da ordenha, ou quando vos recolheis, ou quando limpais o forno, para falar baixinho sobre essas intimidades? Será preciso tagarelar desse modo diante de todos os convidados? Por sorte, eles conversam baixo. Abafai as línguas, e nem mais uma palavra!

MOPSA · Já terminei. Vamos; tínheis-me prometido um lenço de seda para o pescoço e um par de luvas perfumadas.

BOBO · Não te contei como fui roubado no caminho, tendo ficado sem nenhum dinheiro?

AUTÓLICO · É fato, senhor; há muitos malandros por aí afora; por isso, é preciso estar sempre com os olhos abertos.

BOBO · Não tenhas medo, homem, que aqui não perdereis nada.

AUTÓLICO · Assim o espero, senhor; porque trago comigo muita coisa de valor.

BOBO · Que tens aí? Algumas baladas?

MOPSA · Por favor, compra-me algumas; gosto muito de baladas impressas, porque assim temos a certeza de que são verídicas.

AUTÓLICO · Aqui está uma de toada muito triste: Como a mulher de um usurário deu à luz vinte

shakespearebrasileiro.org

sacos de moedas de ouro de uma só vez e como ela desejava comer assados de cabeças de víboras e de sapos.

MOPSA · E acreditais que isso seja verdade?

AUTÓLICO · Pura verdade; aconteceu há um mês.

DORCAS · Deus me livre de casar com um usurário.

AUTÓLICO · Vem citado aqui o nome da parteira, uma tal Mistress Taleporter, e de cinco ou seis mulheres que estiveram presentes ao parto. Por que haveria eu de espalhar mentiras?

MOPSA · Por favor, compra essa.

BOBO · Que seja, então; deixa essa de lado; mas primeiro mostra-nos outras baladas. Depois compraremos alguma coisa mais .

AUTÓLICO · Aqui está outra, de um peixe que apareceu na costa, na quarta-feira de oitenta de abril, a quarenta mil braças acima da água, e cantou esta balada contra o duro coração das raparigas. Há quem diga que ele tinha sido mulher, que fora transformada em um peixe frio por ter querido trocar carne com quem lhe dedicava amor. Essa balada é muito triste e igualmente verídica.

DORCAS · E pensais que essa também seja verdadeira?

AUTÓLICO · Cinco juízes a subscrevem, havendo mais testemunhas para o caso do que eu poderia carregar.

BOBO · Deixa essa também de lado. Mostra-nos outra.

AUTÓLICO · Esta aqui é uma balada alegre, mas muito interessante.

MOPSA · Precisamos também de algumas alegres.

AUTÓLICO · Esta é bastante alegre, sendo cantada com a música de "Duas raparigas que faziam a corte ao mesmo homem". Em todo o Oeste não há quase rapariga que não a saiba de cor. É muito procurada, posso assegurar-vos.

MOPSA · Nós duas poderemos cantá-la; se quiseres fazer uma das vozes, poderás ouvi-la. É a três vozes.

DORCAS · Aprendemos essa música há um mês.

AUTÓLICO · Posso cantar a minha voz; deveis saber que é esse o meu ofício. Estou pronto.

AUTÓLICO · Já vou; não ireis comigo;
para onde vou, não vos digo.

DORCAS · Para onde?

MOPSA · Oh! aonde?

DORCAS · Para onde?

MOPSA · Não deverias ter medo
de revelar-me um segredo.

DORCAS · Nem a mim... Ninguém responde?

MOPSA · Se vais à granja ou ao moinho,

DORCAS · desviado estás do caminho.

AUTÓLICO · Eu, não.

DORCAS · À granja?

AUTÓLICO · Lá, não.

DORCAS · Juraste-me amor eterno.

MOPSA · E que me serias terno.
Para onde iremos, então?

BOBO · Em pouco tempo nós mesmos a cantaremos. Meu pai e o gentil-homem estão conversando assunto sério; não os perturbemos. Vem comigo e traze os teus embrulhos. Raparigas, vou comprar muita coisa para vós duas. Bufarinheiro, dá-nos a primazia na escolha. Meninas, acompanhai-me.

(Sai o Bobo, com Dorcas e Mopsa.)

AUTÓLICO · E haveis de pagar bem caro.
Não quereis comprar-me fita
para a capinha bonita,
minha pombinha, trá-lá?
Sede fina, lã espessa,
enfeites para a cabeça
da última moda, trá-lá?
Todos ao bufarinheiro!
Quem tiver muito dinheiro
comprará tudo, trá-lá!

(Volta o criado.)

CRIADO · Mestre, chegaram agora três carreteiros, três ovelheiros, três boiadeiros e três guardadores de porcos, que se disfarçaram em homens de cabelo. Eles mesmo se denominam Sátiros e sabem uma dança que as raparigas, por não tomarem parte nela, dizem que não passa de uma misturada de pulos, conquanto elas próprias concedam que há de agradar muito, no caso de não ser a dança muito forte para quem está habituado a danças delicadas.

PASTOR · Que se retirem! Não queremos saber disso agora; já temos loucuras em excesso. Percebo que vos fatigamos, senhor.

POLÍXENES · Não fatigais senão os que vos distraem. Por obséquio, deixai-nos ver esses quatro ternos de pastores.

CRIADO · Três dentre eles, segundo eles próprios o disseram, já dançaram na presença do Rei, saltando o pior dos três doze pés e meio de comprido.

PASTOR · Parai com essa tagarelice. Já que estes bons
senhores se comprazem em vê-los, fazei-os entrar,
mas que seja logo.
CRIADO · Como não! Eles já estão à porta, senhor.
(Sai. Volta o criado com doze campônios
disfarçados de sátiros. Estes dançam e se retiram.)
POLÍXENES *(ao pastor)* ·
Sim, pai; depois vos falarei sobre isso.
(A Camilo.) · Já foram longe por demais. É tempo
de separá-los. O pastor é simples
e diz o que não deve. *(A Florizel.)* Então, galante
pastor? O coração tendes tomado
por algo que da festa vos afasta.
Pois em verdade, quando eu era moço
e, como vós, ficava apaixonado,
enchia minha bela de presentes.
Já teria saqueado as sedas todas
daquele vendedor, sendo forçoso
que ela viesse a aceitá-las. Mas deixastes
que ele partisse sem comprar-lhe nada.
Se vossa apaixonada interpretasse
mal toda essa reserva, e a definisse
como falta de amor, quando não fosse
de generosidade, ficaríeis
atrapalhado para responder-lhe,
mormente se fizerdes grande empenho
de vir a conquistá-la.
FLORIZEL · Venerando
senhor, eu sei que ela dá pouco apreço
a essas quinquilharias. Os presentes
que ela de mim almeja, bem guardados
tenho-os no coração. Todos são dela,
muito embora não os tenha ainda entregue.
(A Perdita.) · Permite que o imo peito eu patenteie
diante deste senhor, que, tudo o indica,
o amor já conheceu. A mão te pego,
esta mão tão macia quanto o peito
das cândidas pombinhas, e tão brancas
como dentes de etíope, ou qual neve
que o vento norte joeira duas vezes.
POLÍXENES · Que virá depois disso?
Com que delicadeza o pastorzinho
lavar parece a mão, de si tão branca?
Mas vejo que vos distraí. Ouçamos
o juramento, pois saber desejo
como empenhais a fé.
FLORIZEL · Vou já fazê-lo;
nisso, me servireis de testemunha.
POLÍXENES · Servir pode também o meu vizinho?
FLORIZEL · Não ele só, os homens, toda a terra,
o firmamento, tudo: que se eu fosse
coroado Rei do mais possante império,
e digno desse posto me mostrasse;
se o mancebo mais lindo eu fosse, acaso,
que olhar já enfeitiçou, e dispusesse
de saber e de força mais que humanos,
tudo eu desprezaria, se privado
de seu amor me visse. A seu serviço
poria essas vantagens; dedicara
tudo à sua pessoa, ou, decidido,
sacrificara tudo, se a perdesse.
POLÍXENES · Solene juramento!
CAMILO · Que revela
mui sincera afeição.
PASTOR · E tu lhe dizes
o mesmo, minha filha?
PERDITA · É-me impossível
falar tão bem, nada fazer tão bem,
nem traduzir melhor os sentimentos;
contudo, sei medi-los na pureza
dos sentimentos dele.
PASTOR · Aqui, as mãos.
Negócio feito. Ireis ser testemunhas,
caros desconhecidos, do contrato.
Minha filha lhe entrego, e o dote dela
ao dele igualarei.
FLORIZEL · Sim, poderíeis
fazê-lo apenas com a virtude dela.
Quando alguém falecer, hei de herdar tanto
como nem mesmo em sonho poderíeis
imaginar sequer; o suficiente
para vos assombrar. Porém uni-nos
diante destes senhores.
PASTOR · Dai-me a mão.
Filha, a Vossa também.
POLÍXENES · Um momentinho,
mancebo, por obséquio. Tendes pai?
FLORIZEL ·
Tenho, sim; mas, que importa?
POLÍXENES · E ele se encontra
ciente do que se passa?
FLORIZEL · Não, nem nunca
virá a saber de nada.

shakespearebrasileiro.org

Políxenes · Parece-me que um pai,
nas núpcias de seu filho é o convidado
que mais condiz à mesa. Respondei-me
de novo, por obséquio: já se encontra
vosso pai, porventura, inteiramente
incapaz de tratar de assunto sério?
A idade e o reumatismo deprimente
deixaram-no abobado? Pode, acaso,
falar? Entende o que se diz? Distingue
bem as pessoas? Gere os seus negócios?
Preso ao leito se encontra, e em quanto faça
parece criança?
Florizel · Não, meu bom senhor;
tem bastante saúde e ainda revela
vigor acima dos da sua idade.
Políxenes · Se for assim, por esta barba branca,
não procedeis, em relação a ele,
como a um filho compete. A razão manda
que meu filho por si escolha esposa;
mas a mesma razão fala bem alto
que o pai — cuja maior felicidade
consiste em ter uma bonita prole —
também opine em semelhante caso.
Florizel · Concedo tudo; mas por outras causas;
reverendo senhor, que não vos posso
revelar, a meu pai não direi nada
com respeito a este assunto.
Políxenes · Não; contai-lhe.
Florizel · É impossível.
Políxenes · Falai-lhe, por obséquio.
Florizel · Não poderá saber o que se passa.
Políxenes · Meu filho, usa com ele de franqueza;
não ficará zangado ao ter ciência
da escolha que fizeste.
Florizel · Vamos! Vamos!
É impossível. Firmemos nossa união.
Políxenes *(descobrindo-se)* ·
Vosso divórcio, moço, a quem não devo
dar o nome de filho, pois te mostras
vil demais para que eu te reconheça.
Um herdeiro do cetro, que prefere
cajado de pastor!... Só o que me pesa,
velho traidor, é reduzir-te a vida
de uma semana apenas, como mandar-te
pendurar numa forca. E tu, bonito
tipo de feiticeira, que sabias
muito bem que real tolo tinhas preso...
Pastor · Que dor no coração!
Políxenes · Hão de os espinhos
arranhar-te a beleza, até a igualarem
à tua condição. — E tu, pateta,
se eu souber que suspiras de saudades
desta coisa nenhuma — que é certeza
nunca mais a reveres — destituo-te
da sucessão do trono, declarando-te
estranho a nosso sangue e a nossa casa,
e tão distante dela como o próprio
Deucalião. Toma nota do que eu digo:
retorna para a corte. E tu, saloio,
por esta vez, embora incorrido hajas
em nosso desprazer, de ti desviamos
a punição fatal. E vós, feitiço —
digna bastante para um pegureiro...
Sim, para este também, que se revela —
não se opusesse a tanto o nosso nome —
pouco digno de ti — se em algum tempo
descerrares os rústicos ferrolhos,
para deixá-lo entrar, ou se nos braços
o prenderes de novo, hei de uma morte
tão cruel te reservar quanto franzina
fores para enfrentá-la.

(Sai.)

Perdita · Aniquilada
completamente, embora não ficasse
muito atemorizada, pois estive
uma ou duas vezes para lhe ser franca,
dizendo-lhe que o mesmo sol que brilha
sobre sua corte não esconde o rosto
de nossa pobre choça e ambas contempla.
Não vos dignais, senhor, de partir logo?
Já vos havia dito como tudo
viria a terminar. Cuidai, vos peço,
de vossa posição, que este meu sonho...
Uma vez despertada, não prossigo
no papel de Rainha um só momento;
voltarei a ordenhar minhas ovelhas
e a chorar.
Camilo · Pai, que é isso? Dize algo,
antes de vir a morte.
Pastor · É-me impossível
pensar ou dizer nada, sem que possa
atrever-me a saber o que sabia...
Oh príncipe! Matastes quem chegara
aos oitenta e três anos calculando

shakespearebrasileiro.org

baixar tranqüilamente à sepultura,
morrer no leito em que meu pai morrera,
e ao lado de seus ossos venerandos
encontrar o repouso. Mas agora,
algum carrasco o corpo há de envolver-me
num lençol e depô-lo onde não haja
sacerdote que poeira jogue nele.
Oh coisa desprezível! Tu sabias
que era o príncipe! Como te atreveste
a fazer essa aliança? Estou perdido
completamente! Se a morrer eu viesse
neste instante, teria arrematado
minha existência como o desejara.

(Sai.)

FLORIZEL · Por que me olhais assim? Estou somente
penalizado, mas não sinto medo.
Houve atraso, mas não se alterou nada.
O que eu era, ainda sou; tanto mais força
faço para avançar, quanto mais sinto
que me puxem por trás. É com protestos
que me sinto no ajoujo.

CAMILO · Meu gracioso
senhor, não ignorais como é o caráter
de vosso pai. Nestas primeiras horas
não admite conversa, estando eu certo
de que não pretendeis insistir nisso.
Dificilmente, temo, há de ele vossa
presença suportar. Será prudente,
pois, evitá-lo até que fique calmo.

FLORIZEL · Não tenho essa intenção. Mas, sois Camilo?

CAMILO · Ele mesmo, senhor.

PERDITA · Oh! Quantas vezes
vos disse que tudo isso se daria?
Quantas vos repeti que só durara
minha grandeza, até que se tornasse
conhecida a verdade?

FLORIZEL · Isso só fora
possível se perjuro eu me tornasse.
Então, que a natureza aperte os flancos
da terra e moa todas as sementes
que ela no bojo tem. Eleva o olhar.
Agora, pai, deserda-me, se o queres,
que herdeiro passo a ser de meu afeto.

CAMILO · Atendei a conselhos.

FLORIZEL · Sim, do próprio
coração. Se a razão a obedecer-lhe
se resolver, razoável vou mostrar-me.
Do contrário, os sentidos à loucura
se inclinarão, dando-lhe as boas-vindas.

CAMILO · Isso revela desespero, príncipe.

FLORIZEL · Podeis chamar-lhe assim; mas se é verdade
que me reforçam juras, dou-lhe o nome
de honestidade. Nem por toda a Boêmia,
Camilo, nem as honras que eu pudesse
receber, nem por tudo que o sol veja,
ou que a terra contenha; nem por quanto
possa o mar esconder nas profundezas
de braças insondáveis, hei de as juras
quebrar que fiz à minha linda amada.
Por tudo isso vos peço, já que sempre
fostes amigo certo de meu pai,
quando ele vier a dar por minha falta —
pois não pretendo nunca mais revê-lo —
a cólera acalmai-lhe com conselhos
adequados, pois doravante vamos
lutar: eu e a fortuna. Assim vos digo,
e podereis contar-lhe, que me empego
com quem não posso proteger na praia.
E, por felicidade, de um navio
disponho aqui, bem perto, que eu não tinha
para isso aparelhado. O itinerário
não precisais saber; não me compete,
portanto, revelá-lo.

CAMILO · Oh caro príncipe!
Desejara que o espírito tivésseis
mais acessível a um conselho honesto
ou mais forte na própria adversidade.

FLORIZEL · Ouve, Perdita. *(A Camilo.)* Logo vos atendo.

CAMILO · Mostra-se inabalável; é certeza
partir. Feliz eu fora se pudesse
utilizar sua saída, para
servir aos meus intentos, preservá-lo
dos perigos da ausência, demonstrar-lhe
todo o respeito e amor, sendo esse o preço
de voltar a rever minha Sicília,
bem como aquele infeliz Rei, meu amo,
como tanto desejo!

FLORIZEL · Bom Camilo,
tanto agora me apremam coisas graves,
que vou deixar de lado a cerimônia.

shakespearebrasileiro.org

Camilo · Quero supor, senhor, que já tivestes
conhecimento de como eu dedico
todo o meu pobre préstimo ao serviço,
tão-só, de vosso pai.
Florizel · Sim, com nobreza
sempre o servistes. A meu pai é música
elogiar vossos feitos, não lhe dando
pouca preocupação o pensamento
de premiá-los à altura.
Camilo · Bem, meu príncipe;
se estais certo do amor que ao Rei eu voto,
e, por seu intermédio, a quem mais perto
dele se encontra — vossa própria Alteza
graciosa — consenti que eu vos dirija,
caso vosso projeto bem pensado
possa ser alterado. Por minha honra,
um lugar vos indico em que acolhida
Vossa Alteza achará em tudo digna,
onde vos lograreis de vossa amada,
de quem, agora o vejo, nada pode
vos separar, senão tão-só — que os fados
não o permitam! — vossa própria ruína,
e onde a desposareis. Em vossa ausência
tudo farei para acalmar a cólera
do descontente pai e por deixá-lo
disposto como dantes.
Florizel · De que modo,
Camilo, poderá ser isso feito —
quase um milagre! — para que eu te chame
mais do que humano e em tudo em ti confie?
Camilo · Já decidistes o lugar em que heis de
procurar acolhida?
Florizel · Não, ainda;
mas como foram fatos positivos
a causa de partirmos tão de súbito,
escravos confessamo-nos do acaso,
que os ventos tocam para qualquer parte.
Camilo · Então ouvi-me e nisto obedecei-me.
Se persistis no intento e quereis mesmo
levar a termo a fuga, dirigi-vos
para a Sicília, e lá apresentai-vos
com vossa esposa — pois princesa,
vejo-o bem, será logo — ao Rei Leontes.
Recebida será conforme o título
de vossa própria esposa. Só parece
que estou vendo: Leontes abre os braços
a chorar e vos dá as boas-vindas,
pedindo-vos perdão, como se fôsseis
vosso pai em pessoa, as mãos oscula
da nova princesinha e uma e mais vezes
volta a tratar dos sentimentos próprios —
a ingratidão e o amor — enviando aquela
para o inferno e almejando que este cresça
mais depressa que o tempo ou o pensamento.
Florizel · Mas meu digno Camilo, que pretexto
darei para a visita?
Camilo · Sois enviado,
direis, de vosso pai, para saudá-lo
e levar-lhe conforto. Toda vossa
conduta, as coisas que deveis dizer-lhe
como se vosso pai por vós falasse —
e que só nós sabemos — por escrito,
príncipe vos direi, com minuciosas
indicações do que será preciso
dizer em cada audiência. Desse modo,
não poderá deixar de ficar crente
de que representais o pensamento
de vosso pai e que falais por ele
de todo o coração.
Florizel · A vós me entrego;
o plano é promissor.
Camilo · Muito mais viável
de que vos atirardes sem destino
a águas nunca sulcadas ou a paragens
com que nunca sonhastes, na certeza
de misérias sem número, só tendo
por esperança vos livrardes de uma,
para cairdes noutra. Não padece
dúvida que o melhor que vossas âncoras
vos fariam, seria fundear sempre
onde ficar não vos agrade nunca.
Ademais, é a ventura, sabeis disso,
o laço mais potente para o amor,
cuja estrutura grácil e, por ela,
também o coração, com a adversidade
por demais se ressente.
Perdita · Uma de vossas
proposições é certa: a adversidade
pode influir nas feições, mas nunca pode
vencer o coração.
Camilo · É desse modo
que pensais? Outra filha assim, na casa
de vosso pai não há de vir ao mundo
nestes sete anos.

FLORIZEL · Meu bondoso amigo,
tão à frente ela vai da instrução própria,
quanto a retarda o berço.
CAMILO · Quem dissesse
que lhe falta instrução, cometeria
erro palmar, pois mestra ela parece
de muitos professores.
PERDITA · Oh! Perdoai-me,
senhor, mas coro só de agradecer-vos.
FLORIZEL · Minha linda Perdita! Mas estamos
pisando sobre espinhos. Bom Camilo,
salvador de meu pai e agora nosso,
médico de nós todos: que faremos?
Não estamos vestidos como filhos
do Rei da Boêmia, para aparecermos
na corte da Sicília.
CAMILO · Não seja isso,
senhor, razão de vos deixar inquieto.
Como o sabeis, é lá que tenho toda
minha fortuna. Todo meu cuidado
consistirá, portanto, em aprestar-vos
com pompa real, tal como se realmente
representásseis uma cena minha.
Por exemplo, senhor. Ouvi-me, para
vos convencerdes de que tendes tudo.

(Conversam à parte.)

(Entra Autólico.)

AUTÓLICO · Ah! Ah! Que louca é a Honestidade!
E como é simplória a Confiança, sua irmã de
juramento! Vendi todas as minhas bugigangas:
pedras falsas, fitas, espelhos, vidrinhos de perfume,
broches, caderninhos de notas, baladas, facas, luvas,
cordão de sapatos, braceletes, brincos, nada me
ficou! Era mais quem empurrava os outros, querendo
todos ser os primeiros a comprar, como se as minhas
frioleiras fossem santificadas e valessem como
bênçãos para os compradores. Desse modo, pude
ver quais eram as bolsas de melhor aparência, o de
que não me esquecerei na ocasião oportuna. Meu
bobo — muito pouca coisa lhe falta para que ele seja
um homem sensato — de tal modo ficou tomado de
paixão pelas baladas das raparigas, que não arredou
pé enquanto não aprendeu a toada e as letras, o
que atraiu para o meu lado o resto do rebanho,
cujos sentidos se concentraram nos ouvidos.
Poderíeis desapertar as vestes de qualquer pessoa
e retirar-lhe dos bolsos uma moeda, que ninguém
sentia nada. Poderia ter roubado chaves pendentes
de correntes; ninguém percebia coisa alguma, não
ouvia outra coisa a não ser a canção de meu homem,
boquiabertos diante de sua absoluta desvalia. Desse
modo, aproveitando-me do letargo universal, cortei o
cordão da maior parte das bolsas festivas e aproprieime delas. E se não fosse ter aparecido o velho, a fazer
um barulhão por causa de sua filha e do filho do
Rei, espantando-me do restolho os corvos, não teria
deixado com vida uma só bolsa em todo o exército.

(Camilo, Florizel e Perdita vêm para a frente.)

CAMILO · Chegando minhas cartas, pelos meios
de que já vos falei, ao mesmo tempo
que vós, desmancharão qualquer suspeita.
FLORIZEL · E as cartas que obtiverdes do Rei
Leontes...
CAMILO · Deixarão satisfeito vosso pai.
PERDITA · Sede feliz; quanto dizeis inculca
boa aparência.
CAMILO *(percebendo Autólico)* · Quem é esse tipo?
Como instrumento, poderá servir-nos.
Não convém omitir coisa nenhuma.
AUTÓLICO *(à parte)* · Se eles ouviram o que eu disse,
o fim é a forca.
CAMILO · Então, amigo? Por que tremes desse
jeito? Não tenhas medo, homem; ninguém pensa em
te fazer mal.
AUTÓLICO · Eu sou um pobre camarada, senhor.
CAMILO · Pois então, continua a sê-lo, que nenhum
de nós tenciona privar-te dessa vantagem. Contudo,
podemos fazer uma barganha com a aparência de tua
pobreza. Por isso, despe-te imediatamente — basta
saberes que há grande urgência — e troca de roupa
com este gentil-homem. Embora só ele tenha a
perder com a troca, fica com mais isto, de crescença.
AUTÓLICO · Sou um pobre camarada, senhor.

(À parte.)

Conheço-vos perfeitamente.
CAMILO · Vamos! Por obséquio, despacha-te! O
cavalheiro já está meio despido.
AUTÓLICO · Estais falando sério, senhor? *(À parte.)*
Estou farejando uma cilada em tudo isso.
FLORIZEL · Vamos logo, por obséquio.
AUTÓLICO · É certo que já recebi o penhor; mas, em
consciência, não posso aceitá-lo.
CAMILO · Desabotoa! Desabotoa logo!

(Florizel e Autólico trocam as vestes respectivas.)

shakespearebrasileiro.org

Feliz senhora — que se concretize
quanto ora profetizo! — retirai-vos
para um lugar discreto; na cabeça
ponde o chapéu de vosso apaixonado,
puxando-o para os olhos; cobri o rosto,
trocai de roupa, transformai-vos
quanto vos for possível, alterando
vossa aparência verdadeira, para
que possais — pois receio que vos vejam —
chegar a bordo sem que vos conheçam.

PERDITA · Vejo que tenho o meu papel na peça.

CAMILO · Não há remédio. Pronto?

FLORIZEL · Poderia
conversar com meu pai, sem que ele o nome
de filho seu me desse.

CAMILO · É necessário
ficardes sem chapéu. Vinde, senhora.
Adeus, adeus, amigo.

AUTÓLICO · Adeus, senhor.

FLORIZEL · Oh Perdita! Esquecemos uma coisa!
Vem! Uma palavrinha!

(Falam à parte.)

CAMILO *(à parte)* ·
Consiste agora todo o meu cuidado
em revelar ao Rei a fuga deles
e o lugar do refúgio, tendo quase
certeza de chegar a convencê-lo
de seguir-lhes no encalço. Assim, eu junto,
vejo outra vez Sicília, o que desejo
fazer com impaciência feminina.

FLORIZEL · Que a sorte nos ajude. E assim, Camilo,
vamos ganhar a praia.

CAMILO · Toda a pressa
nunca será demais.

(Saem Florizel, Perdita e Camilo.)

AUTÓLICO · Entendo do negócio; farejo-o de
longe. Ouvido aberto, mirada rápida e mãos leves
são indispensáveis a todo batedor de carteira. Um
bom nariz também faz parte dos requisitos, para
farejar trabalho para os demais sentidos. Percebo
que estamos em uma época em que os desonestos
prosperam. Que barganha magnífica já não seria a
que eu fiz, ainda que não me tocasse nenhum lucro
de crescença! E que lucro enorme com a troca! Não
há dúvida: este ano os deuses estão coniventes
conosco, sendo-nos permitido tudo fazer *ex tempore*.
O próprio príncipe está no ponto de realizar alguma
patifaria, fugindo do domicílio paterno com as
peias nos pés. Se eu estivesse certo de que era ato
de honestidade comunicar ao Rei o que se passa,
não lhe diria nada. Considero maior velhacaria
guardar sigilo sobre o caso, com o que me mantenho
coerente com a minha profissão. Afaste-mo-nos! Eis
que vêm chegando mais ocupações para um cérebro
quente. Todo beco, toda loja, igreja, sessão, todo
enforcamento dá trabalho a quem quer que cuide de
seus interesses.

(Voltam o bobo e o pastor.)

BOBO · Vede que homem sois agora. Não há outra
saída, senão revelardes ao Rei que ela é uma criança
encontrada, sem nenhuma relação com vossa carne e
com vosso sangue.

PASTOR · Não; escuta-me.

BOBO · Não; escutai-me.

PASTOR · Então, prossegue.

BOBO · Uma vez que ela não é nem vossa carne
nem vosso sangue, vossa carne e vosso sangue não
ofenderam o Rei; assim sendo, nem vossa carne
nem vosso sangue se tornaram passíveis de punição.
Mostrai-lhe os objetos que encontrastes juntamente
com ela, todos eles misteriosos, com exceção dos que
ela traz consigo. Uma vez feito isso, deixai que a lei
assobie, é o que vos digo.

PASTOR · Contarei tudo ao Rei, palavra por palavra,
sim, sem omitir a partida que lhe pregou o próprio
filho, que não procede como homem de bem, posso
afirmá-lo, nem com relação ao pai, nem com relação a
mim, ao querer fazer-me cunhado do Rei.

BOBO · De fato, cunhado era o menos que poderíeis
ser dele, depois do que ficaríeis com o sangue mais
caro não sei quanto a onça.

AUTÓLICO *(à parte)* · Muito bem pensado, meus
basbaques.

PASTOR · Vamos então procurar o Rei. Levamos-
lhe neste embrulho alguma coisa que o fará coçar a
barba.

AUTÓLICO *(à parte)* · Não compreendo em que essa
revelação poderá prejudicar a fuga do meu senhor.

BOBO · Tomara que ele esteja em palácio.

AUTÓLICO *(à parte)* · Embora eu não seja
naturalmente honesto, às vezes o sou por acaso.
Ponhamos no bolso esta excrescência de mascate.
(Arranca a barba postiça.) Então, rústicos, para onde
vos atirais?

shakespearebrasileiro.org

Pastor · Vamos a palácio, com permissão de Vossa Senhoria.
Autólico · Que negócio tendes lá? Quais? Com quem? Que contém esse embrulho? Onde morais? Como vos chamais? Quantos anos tendes? Vossos recursos? Família? Em suma: revelai-me tudo que for conveniente saber.
Bobo · Somos gente simples, senhor.
Autólico · Mentira! Sois ásperos e peludos; não me venhais com mentiras. Mentir só é próprio de comerciantes, que por vezes nos impingem petas, a nós outros, soldados. Mas nós lhes pagamos com moeda batida, não com ferro que bate; por isso eles não nos mentem.
Bobo · Vossa Senhoria esteve no ponto de nos apanhar numa mentira, se nós não tivéssemos sido surpreendidos na hora.
Pastor · Sois da corte, senhor, se não vos desagrada?
Autólico · Agrade-me ou não me agrade, sou cortesão. Não percebes o ar da corte nesta indumentária? Não ando no compasso da corte? Teu nariz não percebe em minha pessoa o odor da corte? Não faço reflexos em tua baixeza com o meu desprezo de cortesão? Sou cortesão da cabeça aos pés, alguém que poderá fazer avançar ou retardar teus interesses na corte. Por isso, ordeno-te que me reveles o que te leva lá.
Pastor · Certo negócio, senhor, com o Rei.
Autólico · E com que advogado contas para isso?
Pastor · Não sei, senhor, com permissão de Vossa Senhoria.
Bobo · Advogado, na linguagem da corte, quer dizer faisão. Dizei-lhe que não tendes nenhum.
Pastor · Realmente, senhor; não tenho nenhum faisão; nem macho nem fêmea.
Autólico · Como somos felizes por não sermos gente desse quilate! A natureza, contudo, poderia ter-me feito como eles são. Não devo desprezá-los.
Bobo · Deve ser um grande cortesão.
Pastor · As vestes são ricas, mas ele não as usa com elegância.
Bobo · Quanto mais original, mais nobre parece. Um grande homem, posso afiançar-vos; conheço pela maneira de palitar os dentes.
Autólico · E aquele embrulho? Que contém? Para que é essa caixa?
Pastor · Neste embrulho, senhor, e nesta caixa há segredos que só podem ser revelados ao Rei, o que se dará dentro de uma hora, se eu conseguir falar-lhe.
Autólico · Pois perdeste o trabalho, meu velho.
Pastor · Por quê, senhor?
Autólico · O Rei não se acha no palácio; foi para bordo de um novo navio, a fim de purgar sua melancolia e tomar ar. Se fores capaz de compreender assuntos sérios, deves saber que o Rei está cheio de preocupações.
Pastor · É o que dizem, senhor, por causa de seu filho, que queria casar com a filha de um pastor.
Autólico · Se esse pastor ainda não está na grade, que trate de fugir. As maldições que vão cair em cima dele, as torturas que terá de suportar, quebrariam o dorso a qualquer homem e o coração de um monstro.
Bobo · Pensais assim, meu senhor?
Autólico · Não é ele somente que há de sofrer o que a maldade possa inventar de pesado e a vingança de amargoso; todos os seus parentes, até o quinquagésimo grau, serão também entregues ao carrasco. É pena, mas é inevitável. Um velho assobiador de ovelhas, um guardador de carneiros, que queria que sua filha se tornasse fidalga! Há quem diga que vai ser apedrejado; mas eu penso que essa morte, para ele, seria pouco branda. Puxar nosso trono para uma cabana de pastor! Todas as mortes são poucas, e a mais cruel ainda será muito branda.
Bobo · Já ouvistes dizer, senhor, se não vos desagrada, que esse velho tenha algum filho?
Autólico · Tem um filho, que vai ser esfolado vivo, depois besuntado de mel e posto ao lado de um vespeiro, onde o deixarão até ficar morto três quartas e uma dracma. A seguir, fá-lo-ão reanimar com *aquavitae* ou qualquer outra infusão quente. Depois, escalavrado como estiver, no dia mais quente previsto pelo almanaque, será colocado contra um muro de tijolos, onde o sol olhará para ele com o seu olho sul e o ficará contemplando até que as moscas o liquidem. Mas, por que falarmos desses velhacos e traidores, cujas misérias só nos provocam riso, tão graves foram seus crimes? Dizei-me — pois pareceis gente honesta e simples — que é que levais para o Rei. Gozando de certa consideração, poderei guiar-vos até a bordo do navio em que ele se acha, levar-vos à sua presença e segredar-lhe algumas palavrinhas

shakespearebrasileiro.org

a vosso favor. Se há alguém — tirante o Rei — que poderá dar boa conclusão a vossas pretensões, aqui está essa pessoa.

Bobo · Parece gozar de grande autoridade. Instai com ele; dai-lhe ouro; porque embora a autoridade seja um urso teimoso, muitas vezes, à vista de ouro, deixa-se conduzir pelo nariz. Mostrai o interior de vossa bolsa ao exterior da mão dele, e nem mais uma palavra. Não vos esqueçais: "Apedrejado" e "esfolado vivo!"

Pastor · Se quereis ter a bondade, senhor, de patrocinar nosso negócio, aqui tendes o ouro de que disponho. Poderei arranjar outro tanto, deixando este jovem como penhor, até que vos traga a outra porção.

Autólico · Depois de eu ter feito o que prometi?

Pastor · Perfeitamente, senhor.

Autólico · Muito bem. Então, entrega-me essa metade. E tu, também estás interessado nesse negócio?

Bobo · De certo modo, senhor; mas embora minha pele não seja lá das melhores, espero que não me façam sair dela contra minha vontade.

Autólico · Oh! Isso só acontecerá com o filho do pastor. À forca com ele, para que sirva de exemplo.

Bobo · Coragem! Coragem! Teremos de procurar o Rei e mostrar-lhe esses objetos estranhos. É preciso que ele fique sabendo que ela não é vossa filha nem minha irmã. Do contrário, estaremos perdidos.

Senhor, uma vez concluído o negócio, dar-vos-ei tanto quanto vos deu este velho, ficando, como ele disse, na qualidade de penhor, até que ele traga o resto da importância.

Autólico · Tenho confiança em vós. Ide na frente, em direção do mar. Vou só ver o que se passa do outro lado da sebe, e já vos alcançarei.

Bobo · Para nós este homem foi uma bênção, pode-se dizer; verdadeira bênção.

Pastor · Vamos na frente, conforme ele ordenou que o fizéssemos. Foi a Providência que no-lo enviou.

(Saem o pastor e o bobo.)

Autólico · Estou vendo que se eu quisesse ser honesto, a Fortuna não o consentiria; ela própria faz que as presas me venham cair na boca. Sou cortejado agora por uma dupla vantagem: obter ouro e prestar um bom serviço ao príncipe meu senhor. Quem sabe até que ponto isso poderá redundar em seu proveito? Vou levar-lhe a bordo essas duas toupeiras, esses dois cegos. Se ele achar proveito em recambiá-los para terra, por julgar que não lhe diz respeito a petição que eles tencionam apresentar ao Rei, que me dê o nome de maroto, por me ter mostrado tão serviçal; já estou à prova de fogo com tudo o que diz respeito a semelhante título e ao opróbrio inerente a ele. Vou apresentá-los ao príncipe; pode ser que isso me renda alguma coisa.

(Sai.)

Ato V · Cena I

Sicília. Um quarto no palácio de Leontes.
Entram Leontes, Cleômenes, Dion, Paulina e outros.

Cleômenes · Senhor, fizestes muito; o sofrimento
que revelais é próprio só de mártires.
Quantos erros houvésseis praticado,
já se acham redimidos, que ultrapassa
de muito a penitência vossas faltas.
Como remate, o céu imitai nisso,
esquecendo vosso erro, e, tal como ele,
a vós mesmo perdoando.

Leontes · Em todo o tempo
que dela eu me lembrar e de seus dotes,
impossível ser-me-á lançar no olvido
quanto fui mau em relação a ela,
quanto comigo injusto, indo até ao ponto
de deixar sem herdeiro o próprio trono
e de matar a mais distinta esposa
com que sonhar pudesse qualquer homem.

Paulina · É certo, meu senhor; é muito certo.
Se desposásseis todas as mulheres
do mundo, uma por uma, ou se de quantas
agora existem retirásseis tudo
que de mais alto as orna, para a esposa
perfeita conseguirdes, impossível
vos fora, ainda, pô-la em paralelo

com aquela que matastes.
LEONTES · É o que eu penso,
também. A que eu matei... Sim, dei-lhe a morte;
foi o que fiz. Porém me feres fundo,
falando desse modo. Tão amarga
te sabe à língua essa lembrança, como
à minha retentiva. Assim me fala,
boa amiga, mas muito mais de espaço.
CLEÔMENES · Não, jamais, boa dama. Poderíeis
ter falado mil coisas que mais úteis
fossem neste momento e mais de acordo
com a bondade que tanto vos distingue.
PAULINA · Sois um daqueles que desejam vê-lo
novamente casado.
DION · Se não fordes
desses também, é que não tendes pena
das condições do Estado, nem das glórias
vos importais de seu ilustre nome,
não vos incomodando os grandes riscos
que o reino ameaçar podem, se Sua Graça
continuar desse modo sem herdeiros,
a morrer vindo os que se mostrem dúbios.
Que fora mais piedoso do que júbilo
revelar pela bem-aventurança
de que se goza a falecida Rainha?
Que mais piedoso, ainda, porque o trono
mais firme se tornasse, para nosso
consolo e bem das gerações futuras,
do que de novo abençoar o leito
de Sua Alteza com uma grata esposa?
PAULINA · Nenhuma é digna disso, se pensarmos
naquela que morreu. Demais, os deuses
hão de querer que em tudo se confirmem
seus desígnios ocultos. Não é certo
ter-se manifestado o divo Apolo,
e dito expressamente o seu oráculo
que sem herdeiro ficaria Leontes,
enquanto não aparecesse a filha
que ora perdida está? Mas tão obstrusa
para nossa razão será tal coisa,
como quebrar a tumba o meu Antígono
e voltar para mim, pois que é certeza —
por minha vida o juro — ter morrido
juntamente com ela. Ora, assim sendo,
desejais que meu amo ao céu se oponha,
que despreze seus planos? *(A Leontes.)* Não vos seja
motivo de cuidado a descendência.
A coroa há de achar seu próprio herdeiro.
O famoso Alexandre deixou a sua
para o mais digno, tendo, assim, o trono
passado para um sucessor condigno.
LEONTES · Boa Paulina, sei que ainda cultuas
a memória de Hermíone. Oh! tivesse
seguido teus conselhos! Ainda hoje
contemplaria minha cara esposa
e um tesouro colhera de seus lábios.
PAULINA · Deixando-os mais valiosos depois disso.
LEONTES · Só falas a verdade. Igual esposa
já não se encontra. Logo, não me falem
mais em casar. Uma pior consorte,
que de mim recebesse mais afagos,
obrigaria seu sagrado espírito
a voltar para o corpo e vir ao palco
em que eu — seu assassino — ainda me encontro,
para, com desespero, perguntar-me:
"Por que me fazeis isso?"
PAULINA · Se tivesse
poder para isso, causa lhe sobrara.
LEONTES · Não lhe faltara, certo; e me induzira
a matar a mulher que eu desposasse.
PAULINA · Se espectro errante eu fosse, é o que faria.
Mandar-vos-ia contemplar-lhe os olhos,
e depois perguntara: "Esse olhar morto
foi que vos atraiu?" Depois, soltara
tão forte guincho, que vos deixaria
de ouças arrebentadas, despedindo-se
com vos dizer: "Recorda-te de mim!"
LEONTES · Estrelas cintilantes, verdadeiras
estrelas, não passando os outros olhos
de carvões apagados. Não receies
outra mulher, Paulina; jamais hei de
casar de novo.
PAULINA · Não quereis jurar-me
que não vos casareis, sem que para isso
vos dê consentimento?
LEONTES · Quero, boa
Paulina; juro-o pela vida eterna.
PAULINA · Tomai nota, senhores, desta jura.
CLEÔMENES · A excessivo tormento o submeteis.
PAULINA · A menos que lhe surja aos olhos outra
que se pareça tanto com Hermíone
como sua própria imagem.

shakespearebrasileiro.org

CLEÔMENES · Boa dama...
PAULINA ·
Cheguei ao fim. Se o meu senhor, de fato,
quer casar outra vez — se decidistes,
senhor, sobre esse ponto — reservai-me
a incumbência de esposa procurar-vos.
Não há de ser tão jovem quanto Hermíone,
mas de tal aparência, que se o espírito
ia morta retornasse, se alegrara
de vê-la em vossos braços.
LEONTES · Minha boa
Paulina, não nos casaremos antes
de nos dares licença.
PAULINA · Será isso
Quando voltar àvida vossa esposa.
Antes, jamais.

(Entra um gentil-homem.)

GENTIL-HOMEM · Alguém que se apresenta como
o Príncipe Florizel, descendente de Políxenes,
com sua esposa — a mais formosa jovem
que eu jamais vi — deseja ser trazido
diante de Vossa Alteza.
LEONTES · Que acontece?
Não chega como fora de esperar-se
da grandeza do pai. Essa visita
tão despida de toda cerimônia,
tão súbita, nos diz que não se trata
de uma visita regular, mas de algo
forçado ou acidental. Qual é o seu séquito?
GENTIL-HOMEM · Poucas pessoas; todas, gente
simples.
LEONTES · Vem com ele, dissestes, a princesa?
GENTIL-HOMEM · A mais linda porção de argila,
creio, que o sol em qualquer tempo haja alumiado.
PAULINA · Oh Hermíone!
Como em todos os tempos o presente
se vangloria à custa do passado,
teus encantos agora o lugar cedem
diante dos mais recentes. Cavalheiro,
vós mesmo já dissestes e escrevestes —
mas vosso escrito, agora, está mais frio
do que seu próprio tema — que ela nunca
fora igualada e não o seria nunca.
Desse modo, com sua formosura,
defluía vosso verso; mas vazante
muito grande se deu, para dizerdes
que alguém vistes mais bela do que Hermíone.
GENTIL-HOMEM ·
Perdão, senhora; uma, porém, eu tinha —
com vossa permissão — quase esquecido.
Mas esta agora, quando for notada
por vossos olhos, obterá, sem dúvida,
irrestritos encômios. É criatura
que se fundar quisesse alguma seita,
faria arrefecer aos próprios chefes
das outras o entusiasmo, convertendo
para a sua a quem quer que ela acenasse.
PAULINA · Inclusive mulheres?
GENTIL-HOMEM · As mulheres
hão de dedicar-lhe amor, por estar ela
muito acima dos homens, e estes todos,
por ser ela a mais rara das mulheres.
LEONTES · Ide, Cleômenes. E vós, com vossos
mais distintos amigos, conduzi-os
para que os abracemos.

(Saem Cleômenes, nobres e o gentil-homem.)

Mas é estranho
que venha por maneira tão furtiva!
PAULINA · Se estivesse com vida o nosso príncipe —
a pérola das crianças — formaria
com este nobre um par digno de ver-se,
pois entre a idade de ambos não havia
um mês de diferença.
LEONTES · Por obséquio,
não prossigas. Bem sabes que ele morre
para mim novamente, quando nele
qualquer pessoa fala. No momento
em que eu vir esse nobre — estou bem certo —
tuas palavras hão de sugerir-me
pensamentos que louco vão deixar-me.
Mas eis os visitantes.

(Volta Cleômenes com Florizel, Perdita e outros.)

Caro Príncipe,
vossa mãe foi fiel ao matrimônio,
porque reproduziu, ao conceber-vos,
a imagem fiel de vosso nobre pai.
Se vinte e um anos eu tivesse agora —
de tal maneira os traços fisionômicos
de vosso pai em vós se reproduzem,
toda sua postura — vos daria
o título de irmão, como com ele
costumava fazer naquele tempo,
e de alguma loucura vos falara
que praticado houvéssemos pouco antes.

shakespearebrasileiro.org

De coração vos dou as boas-vindas
e a vossa bela esposa — vera deusa! —
Oh céus! Perdi dois filhos, um casal,
que se entre o céu e a terra ainda estivessem,
espanto despertaram como agora,
par gracioso, o fazeis. Por culpa própria,
perdi a companhia e o grande afeto
de vosso nobre pai. Pelo infortúnio
dobrado como estou, desejaria
viver ainda só para revê-lo.

Florizel · Por ordem dele vim até à Sicília
e de sua parte trago-vos saudares
como um amigo e Rei a um mano envia.
E se a fraqueza própria da velhice
do consueto vigor não o tivesse,
de algum modo, privado, ele, em pessoa,
medido então teria a terra e os mares
que entre o seu trono e o vosso se interpõem,
com o fito de vos ver, a vós, a que ele —
mandou que vos dissesse — amor dedica
maior que aos tronos todos e aos monarcas
que, vivos, nele se acham.

Leontes · Que bondoso
gentil-homem! Que irmão! Todos os males
que te causei, de novo me compungem
e essa tua mensagem tão tocante
me exprobra a negligência. Sois bem-vindo
como o é a primavera sobre a terra.
Como! Expôs ele esta criatura linda
ao jogo perigoso, ou, quando nada,
pouco agradável do feroz Netuno,
só para vir saudar quem não é digno
dessas canseiras nem de que se arrisque
tão preciosa pessoa?

Florizel · Meu bondoso
soberano, da Líbia ela procede.

Leontes · Onde o valente Esmalo, esse guerreiro
nobre e honrado, é temido e venerado?

Florizel · De lá, real senhor, da parte dele,
cujas lágrimas, quando nos partimos,
a proclamavam filha muito amada.
De lá, precisamente, um vento próspero
do sul nos trouxe, para cumprimento
darmos às ordens de meu pai, de a Vossa
Grandeza visitarmos. Quase todo
meu séquito, ao tocarmos na Sicília,
foi por mim dispensado, não somente
porque levada à Boêmia fosse a nova
do meu bom êxito na Líbia, como
por dar notícias que eu com minha esposa
chegamos bem onde ora nos achamos.

Leontes · Que os deuses caridosos purifiquem
de qualquer infecção nossa atmosfera
todo o tempo que aqui permanecerdes.
Tendes um pai piedoso, um gentil-homem
de nobreza sem jaça, contra cuja
santa pessoa eu cometi pecado.
Como castigo disso, o céu colérico
me deixou sem herdeiro, enquanto vosso
bendito pai — merecedor de tudo
com que o céu o abençoe — feliz se encontra
convosco, digno dele. Oh! A que altura
não teria eu chegado, se pudesse
ver uma filha e um filho tão perfeitos
com o par que ora vejo!

(Entra um nobre.)

Nobre · Muito nobre
senhor, não merecera nenhum crédito
quanto vos vou dizer, se não tivéssemos
as provas aqui perto. Grande príncipe,
Boêmia pessoalmente vos saúda,
valendo-se do meu modesto préstimo.
A deter vos concita o filho dele
que, esquecido do cargo e dos deveres,
fugiu do pai, das próprias esperanças,
com a filha de um pastor.

Leontes · Onde está Boêmia?

Nobre · Nesta cidade; acabo de falar-lhe.
Sei que falo sem nexo, mas de acordo
com meu espanto e esta mensagem rara.
Ao vir depressa para vossa corte,
seguindo o rasto, pelo que suponho,
deste belo casal, deu em caminho
com o pai desta princesa improvisada
e o irmão dela, que a pátria abandonaram
em companhia deste jovem príncipe.

Florizel · Camilo me traiu, ele que à prova
do tempo a honestidade e a honra pusera.

Nobre · Podeis fazer-lhe carga disso mesmo,
pois com o Rei vosso pai ele se encontra.

Leontes · Quem! Camilo?

Nobre · Camilo, sim, milorde:
falei-lhe agora mesmo. Interrogados
por ele os dois coitados estão sendo.

shakespearebrasileiro.org

Nunca vi infelizes tremer tanto;
ajoelham-se a toda hora, a terra beijam,
outra coisa não dizem senão juras.
O Rei da Boêmia as mãos leva aos ouvidos
e os ameaça de morte com suplícios.
Perdita · Meu pobre pai! O céu mandou espias
sobre nós; não consente que levemos
ao fim nosso esposório.
Leontes · Sois casados?
Florizel ·
Não, senhor; nem jamais nos casaremos.
Será mais fácil, pelo que parece,
virem beijar os vales as estrelas.
Quem poderá ganhar com dados falsos?
Leontes · E ela, senhor, é filha de um monarca?
Florizel · Será, quando tornar-se minha esposa.
Leontes · Quero crer que esse "quando", com a chegada
de vosso pai, vem muito lentamente.
Causa-me pena, muita pena mesmo,
ver que os laços rompestes da amizade
a que o dever vos conservava preso,
como verificar que vossa escolha
não seja, em posição, tão opulenta
como o é em formosura, porque fosse
natural que a possuísseis.
Florizel · Alça a vista,
minha querida. Ainda que a Fortuna,
nossa inimiga declarada, ao lado
de meu pai nos dê caça, força alguma
tem de modificar, de um fio apenas,
nosso sincero amor. Senhor, suplico-vos
lembrardes-vos do tempo em que devíeis
tanto à idade quanto eu. Com os sentimentos
de então sede advogado em minha causa.
Meu pai, se lhe falardes, não vos há de
negar nenhum pedido, dando como
ninharias as coisas mais valiosas.
Leontes · Se isso fosse verdade, eu lhe pedira
vossa amada preciosa, que ele julga
não valer coisa alguma.
Paulina · Meu senhor,
nos olhos tendes muita mocidade;
um mês antes da morte da Rainha,
muito mais digna desse olhar era ela
do que a pessoa que ora estais olhando.
Leontes · Olhando esta, era nela que eu pensava.
(A Florizel.) Não respondi a vossa petição.
Vou ao encontro, já, de vosso pai.
Desde que não tisnou mancha nenhuma
dos desejos vossa honra, considero-me
amigo vosso e deles. Vamos juntos
e vede o que eu fizer. Vinde, meu caro.

(Saem.)

Ato V · Cena II

O mesmo. Diante do palácio.
Entram Autólico e um gentil-homem.

Autólico · Por obséquio, senhor, estivestes
presente a essa história?
Gentil-Homem · Estive presente, quando abriram
o embrulho e ouvi como o velho pastor contou como
o havia encontrado, ao que se seguiu uma fase rápida
de espanto, tendo-nos sido dada ordem para que
saíssemos da sala. Parece que ouvi ainda o pastor
dizer que havia achado a criança.
Autólico · Desejaria muito saber o desenlace disso.
Gentil-Homem · Fiz uma exposição muito
incompleta do que houve; mas as alterações que eu
percebi no Rei e em Camilo eram indicadoras de
extrema perplexidade. Pela maneira que se olhavam,
dir-se-ia que os olhos iam saltar-lhes das órbitas;
havia eloqüência no mutismo deles e linguagem em
seus próprios gestos. Davam a impressão de estarem
ouvindo falar de mundos resgatados ou destruídos.
Revelavam sinais de grande estupefação; mas
qualquer testemunha sagaz, que só formasse opinião
pelo que visse, não saberia dizer se toda aquela
emoção era fruto de alegria ou de tristeza, sendo
certeza que só poderia tratar-se de um desses dois
sentimentos, elevado ao máximo.

(Entra outro gentil-homem.)

Aí vem um gentil-homem que talvez nos possa
informar de mais alguma coisa. Quais são as
novidades, Rogero?
Segundo Gentil-Homem · Nenhuma, senão
fogos de alegria. Cumpriu-se o oráculo: a filha do

Rei foi encontrada. Tantas coisas espantosas se tornaram conhecidas nesta hora, que os fazedores de baladas não serão capazes de dar-lhes expressão adequada.

(Entra um terceiro gentil-homem.)

Aí vem o intendente da senhora Paulina. Ele vos contará mais algumas particularidades. Então, senhor, em que ponto estão as coisas? As novidades que nos são dadas como puras verdades, parecem-se tanto com um velho conto, que a veracidade do fato se nos afigura muito suspeita. É certo que o Rei encontrou a herdeira?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM · Certíssimo, se em qualquer tempo a verdade já foi demonstrada pelas circunstâncias. Poderíeis jurar que vistes tudo o que vos contam, tal é a coerência das provas. O manto da Rainha Hermíone, a jóia que a criança trazia ao pescoço, as cartas de Antígono, cuja letra foi reconhecida, a majestade da senhorita, a semelhança com a mãe, a expressão de nobreza, muito acima de sua educação, e denotadora de origem mais elevada, e muitas outras evidências proclamam, sem sombra de dúvida, que ela é mesmo a filha do Rei. Vistes o encontro dos dois monarcas?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Não.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM · Então perdestes um espetáculo que não pode ser contado; precisava ter sido visto. Teríeis visto como as alegrias se coroavam sucessivamente, e de forma tal que só parecia que a tristeza chorava por despedir-se deles, de tal modo a alegria patinhava em lágrimas. Ambos não faziam senão olhar para o céu e levantar as mãos, com tão perturbados modos, que só eram reconhecíveis pelas vestes, não pela fisionomia. Nosso Rei, como se quisesse sair de si mesmo, de alegria por haver encontrado a filha, como se de súbito essa alegria se houvesse transformado em dor, gritava: "Oh, tua mãe! Tua mãe!" Depois, pedia perdão ao Rei da Boêmia; depois abraçava o genro; depois, corria a abraçar açodadamente a filha. Agradece ao velho pastor, que se mantinha como uma figura de chafariz estragada pelo tempo durante muitas gerações de Reis. Nunca ouvi falar de um encontro como esse; deixa manca qualquer relação que dela se queira fazer e desafia qualquer descrição.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Dizei-me, ainda, por obséquio, que aconteceu com Antígono, que fora incumbido de expor a criança?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM · Ainda no jeito dos velhos contos, em que há muito que dizer, muito embora cochile a credulidade e nenhum ouvido fique atento: foi estraçalhado por um urso, conforme o afirma o filho do pastor, cuja palavra é reforçada não somente por sua própria ingenuidade — que parece grande, realmente — como também por um lenço e os anéis que Paulina reconheceu como tendo pertencido ao marido.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM · E que foi feito do navio dele e de seus tripulantes?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM · Foi a pique no momento preciso em que morria o dono, e à vista do pastor, de forma que todos os instrumentos que haviam tomado parte no ato de ser exposta a criança se perderam no momento em que ela foi encontrada. Mas, oh! que nobre combate se travava em Paulina, entre a alegria e a tristeza! Um dos olhos se abaixava pela perda do marido, enquanto o outro se elevava por ter sido cumprido o oráculo; levantava do solo a princesa e a abraçava com tamanho ardor, como se a quisesse cravar no coração, para que não viesse a correr o risco de vir novamente a perder-se.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM · A grandeza dessa cena merecia um auditório de Reis e de príncipes, por serem tais os seus atores.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM · Um dos acidentes mais comovedores, que chegou a pescar nos meus olhos — só tendo apanhado água, sem pegar peixe algum — à relação da morte da Rainha e da causa que a provocou — admiravelmente confessada e lastimada pelo Rei — foi a tensão dolorosa da filha, que, num crescendo de manifestação de sofrimento, por último, com uma exclamação, poderia dizer, sangrou em lágrimas, pois estou certo de que o meu coração também chorava sangue. Dos assistentes, os mais de pedra mudaram de cor; alguns desmaiaram; todos se mostravam profundamente comovidos, e se o mundo inteiro houvesse presenciado a cena, a tristeza teria sido universal.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM · Já voltaram para a corte?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM · Não; que a princesa ouviu falar da estátua de sua mãe, que se acha sob a guarda de Paulina — trabalho que requereu anos e que foi recentemente concluído por Júlio Romano, o grande mestre italiano, que, se fosse imortal,

shakespearebrasileiro.org

insuflaria alento em sua criação e usurparia a própria função da natureza, tal é a perfeição com que a imita. Fez uma Hermíone tão semelhante a Hermíone, que, segundo dizem, a gente fala com ela e fica à espera de resposta. Para lá se dirigiram todos com a sofreguidão da afeição, pretendendo cear lá mesmo.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM · Eu sempre tive comigo que Paulina escondia algum segredo muito importante, porque desde o falecimento de Hermíone, duas ou três vezes por dia ela se dirigia sozinha para essa casa apartada. Não quereis ir também lá, para nos associarmos à alegria geral?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM · Haverá quem não queira ir, gozando do benefício do acesso? A cada piscar de olhos pode nascer um novo motivo de alegria. Nossa ausência nos deixaria privados de informações. Sigamos.

(Saem os gentis-homens.)

AUTÓLICO · Agora, se não fosse a mácula de minha vida anterior, choveriam sobre mim as promoções. Fui eu que levei o velho e seu filho para bordo do navio do príncipe e lhe disse que os surpreendera a falar de certo embrulho e de não sei que mais. Mas nessa ocasião o príncipe se encontrava obcecado pela filha do pastor — ainda a tinha nessa conta — que começava a sofrer de enjôo, não estando ele tampouco muito mais firme, porque a tempestade não parara. Daí não ter sido descoberto nessa ocasião o segredo. Mas para mim, tanto faz. Se tivesse sido eu o descobridor do segredo, isso não anularia minhas velhacarias anteriores. Aí vêm os dois, aos quais eu fiz bem sem o querer; encontram-se em pleno desabrochar da fortuna.

(Entram o pastor e o bobo.)

PASTOR · Vamos, menino; outros filhos não posso ter; mas teus filhos e tuas filhas hão de nascer fidalgos.

BOBO · Belo encontro, senhor. Há dias não vos quisestes bater comigo, por eu não ser gentil-homem de nascimento. Vedes esta roupa? Dizei que não a estais vendo e continuai a pensar que eu não sou gentil-homem de nascimento. Faríeis melhor se dissésseis que esta roupa não é de gentil-homem de nascimento. Experimentai desmentir-me, para verdes se eu sou ou não um gentil-homem de nascimento.

AUTÓLICO · Agora sei, senhor, que sois, realmente, um gentil-homem de nascimento.

BOBO · Sim, e sempre o fui, desde as últimas quatro horas.

PASTOR · Eu também, rapaz.

BOBO · Sim, vós também; mas eu me tornei gentil-homem de nascimento antes de meu pai, porque o filho do Rei me tomou pela mão e me chamou de irmão. Foi só depois que os dois Reis deram o nome de irmão a meu pai e que o príncipe meu irmão e a princesa minha irmã chamaram de pai a meu pai, tendo nós, então, chorado as primeiras lágrimas de gentil-homem.

PASTOR · Ainda poderemos viver, filho, para chorar muitas mais.

BOBO · É certo; do contrário, seria verdadeira infelicidade, dada a nossa posição tão despropositada.

AUTÓLICO · Humildemente vos suplico, senhor, que me perdoeis todas as faltas cometidas em relação a Vossa Senhoria, e que vos digneis dizer a meu favor uma palavrinha ao príncipe, meu amo.

PASTOR · Peço-te, meu filho, que faças isso; precisamos mostrar-nos generosos, agora que somos gentis-homens.

BOBO · Prometes que te corrigirás?

AUTÓLICO · Sim, com a permissão de Vossa Senhoria.

BOBO · Dá-me a mão; vou jurar ao príncipe que tu és um sujeito tão honesto como quem quer que o seja na Boêmia.

PASTOR · Poderás dizer isso, porém sem jurar.

BOBO · Não jurar, agora que sou gentil-homem? Camponeses e burgueses que se contentem em falar; eu, hei de jurar.

PASTOR · E se for falso?

BOBO · Por mais falso que seja, um gentil-homem poderá afirmar em juramento, quando se trata de favorecer a um amigo. Vou jurar ao príncipe que tu és bom de mãos e que não te embriagas, ainda que eu saiba que não és de mão muito boa e que te embriagas. Mas hei de jurá-lo, desejando que sejas muito bom de mãos.

AUTÓLICO · Hei de esforçar-me para sê-lo, senhor, quanto em mim estiver.

BOBO · Sim, prova-me isso por todas as maneiras. Se eu não me admirar de tu ousares embriagar-te sem seres bom de mãos, nunca mais acredites em mim. Escutai! Os Reis e os príncipes, nossos parentes, vão indo ver a estátua da Rainha. Vamos; acompanha-nos; seremos bons para ti.

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena III

(Saem.)

O mesmo. Uma capela em casa de Paulina. Entram Leontes, Políxenes, Florizel, Perdita, Camilo, Paulina, nobres e séquito.

LEONTES · Quanto consolo, minha boa e digna
Paulina, estou a dever-te!
PAULINA · Se por vezes,
meu soberano, errei, não foi por gosto.
Todos os meus serviços sempre foram
compensados de sobra. Mas o fato,
senhor, de não vos terdes dedignado,
com vosso irmão coroado e os dois herdeiros,
de visitar a minha pobre casa,
é excesso de bondade que impossível
em toda a vida me será pagar-vos.
LEONTES · Oh Paulina! Só incômodo vos damos
com a honra que dizeis. Mas aqui viemos,
para a estátua admirar de nossa esposa.
Atravessamos vossas galerias
não sem grande prazer, proporcionado
pela vista de tantas raridades
que nela se contêm; mas ainda falta
ver o que minha filha tanto almeja:
a estátua da mãe dela.
PAULINA · Assim como ela
não teve em vida quem se lhe igualasse,
do mesmo modo, creio, sua imagem
inanimada excede tudo quanto
pela mão do homem foi jamais criado.
Eis a razão de a conservar à parte.
Aqui está ela. Agora preparai-vos
para ver como a vida simulada
zomba da própria vida, como nunca
da morte o sono o fez. Ei-la! Admirai-a
e dizei que é perfeita.

(Paulina afasta uma cortina, deixando ver Hermíone, em posição de estátua.)

Esse silêncio
diz bem de vosso espanto; isso me agrada.
Mas dizei qualquer coisa. Vós, primeiro,
meu soberano; não é mais ou menos
parecida?
LEONTES · Tal qual como era em vida.
Não me censures, pedra idolatrada,
se eu disser que és realmente a minha Hermíone.
Não, sem me censurares é que és ela,
que sempre foi tão branda como a própria
infância, como a graça. Mas, Paulina,
Hermíone não tinha tantas rugas;
não tinha a idade que aparenta agora.
POLÍXENES ·
Oh! muito menos!
PAULINA · Tanto mais nos forçam
à admiração os méritos do artista,
que a fez envelhecer dezesseis anos,
plasmando-a como se hoje ela vivesse.
LEONTES · Como podia estar ainda, tanto
para minha alegria, quanto agora
me punge o coração. Oh! Desse mesmo
modo ela estava, com igual aprumo
de nobre majestade — vida quente,
que ora o calor perdeu — quando a primeira
declaração lhe fiz. Oh! envergonho-me!
A pedra não irá lançar-me em rosto
que mais pedra do que ela ora eu pareço?
Ó real obra-prima! Há força mágica
em tua majestade, que me evoca
neste momento todos os meus crimes
e priva minha filha estarrecida
da vida dos sentidos, transformando-a
em pedra, como tu.
PERDITA · Oh! Permiti-me,
sem me tachardes de supersticiosa,
que eu me ponha de joelho e bênção peça.
Senhora, soberana mui querida,
que vos finastes quando eu vim ao mundo,
dai-me a mão, porque a beije!
PAULINA · Oh! mais paciência!
A estátua foi concluída há pouco tempo;
as cores ainda não estão bem secas.
CAMILO · Meu senhor, vossa dor tem sido grande
todo esse tempo. Dezesseis invernos
não a apagaram; dezesseis estios
não puderam secá-la. Nunca vive
tanto a alegria; em muito menos tempo
qualquer outra tristeza se matara.
POLÍXENES · Permiti, caro irmão, que quem foi causa
de tudo isto, de seu poder se valha
para de vós tirar parte da pena

que a ele próprio acabrunha.
PAULINA · Com franqueza,
meu senhor, se eu tivesse imaginado
que vos abalaríeis tanto à vista
de minha pobre estátua — pois a pedra
me pertencia — não vo-la mostrara.
LEONTES ·
Não corras a cortina.
PAULINA · É conveniente
não a verdes mais tempo; em vosso enlevo
poderíeis pensar que ela se move.
LEONTES · Deixa! Deixa! Quisera estar sem vida,
se morto eu já não parecesse há muito.
Quem foi o autor da estátua? Vede, príncipe,
não tendes a impressão de que respira?
de que estas veias contêm mesmo sangue?
POLÍXENES ·
É uma obra-prima; nesses lábios pulsa
mais quente a própria vida.
LEONTES · A fixidez
do olhar tem movimento. Só parece
que a arte zomba de nós.
PAULINA · Não; vou tapá-la.
Tão abalado meu senhor se encontra
que há de acabar pensando que ela vive.
LEONTES · Cara Paulina, deixa-me durante
vinte anos na ilusão de que é assim mesmo.
Toda a razão do mundo vale menos
do que a ventura de uma tal insânia.
PAULINA · Causa-me pena, meu senhor, o ter-vos
abalado a esse ponto. Poderia
vos causar aflição mais acendrada.
LEONTES · Faze-o, Paulina. Essa aflição me sabe
mais docemente que qualquer cordial.
Mas sempre quer-me parecer que dela
vem alento se evola. Mas quando houve
quem na pedra gravasse o próprio anélito?
Podem zombar de mim, mas vou beijá-la.
PAULINA · Perdão, meu soberano, mas a tinta
dos lábios ainda não secou de todo;
com vosso beijo iríeis retirá-la,
sobre sujar-vos de óleo da pintura.
Puxo a cortina?
LEONTES · Não, nestes vinte anos.
PERDITA · Tanto tempo eu também ficara
olhando-a.
PAULINA · Agora decidi-vos; ou da sala
vos retirai já já, ou preparai-vos
para maior assombro. Se puderdes
olhar a estátua ainda, farei que ela
se mova, desça e pela mão vos tome.
Mas então heis de crer — o que protesto —
que algum poder perverso me auxilia.
LEONTES · Verei contente tudo o que mandares
que ela faça, e ouvirei também de grado
quanto ela me disser, pois é tão fácil
fazer que fale, como que se mexa.
PAULINA · É preciso ter fé. Silêncio agora!
Ninguém se mexa, salvo se há quem pense
que o que eu vou praticar é condenável.
Esse que se retire.
LEONTES · Continua;
ninguém sairá daqui.
PAULINA · Desperta-a, música!
(Música.)
Cessai de ser de pedra! É tempo. Vinde!
Tocai em todos que vos olham, cheios
de admiração. Descei; deixarei cheio
vosso sepulcro. Sim, aproximai-vos!
Legai à morte esse torpor, que a vida
já vos libertou dela. Vede-a; move-se.
(Hermíone desce do pedestal.)
Não vos mostreis estupefactos; todos
seus atos são sagrados, como foram
lícitos meus conjuros. Recebei-a;
do contrário, faríeis que morresse,
o que fora matá-la duas vezes.
A mão lhe dai; já a corte lhe fizestes,
quando éreis moço. Mas agora, idoso,
ela é que vos corteja.
LEONTES *(abraçando Hermíone)* · Oh! Está quente!
Se magia for tudo, seja uma arte
tão lícita como o ato de comer.
POLÍXENES · Ela o beijou.
CAMILO · Prendeu-se-lhe ao pescoço.
Se está viva, que fale.
POLÍXENES · E nos declare
onde viveu até hoje e como à morte
conseguiu escapar.
PAULINA · Se vos tivessem
dito que ela vivia, certamente
riríeis como de uma história antiga;

shakespearebrasileiro.org

mas que vive é evidente, embora ainda
não nos tenha falado. Um momentinho,
por obséquio. Formosa senhorita,
é tempo de intervirdes. Ajoelhai-vos.
Boa senhora, ouvi: nossa Perdita
foi encontrada.

(Paulina apresenta Perdita, que se ajoelha diante de Hermíone.)

HERMÍONE · Oh deuses, contemplai-nos,
e de vossas crateras consagradas
derramai graças sobre minha filha!
Dize-me, cara, como te salvaste?
Onde viveste até hoje? De que modo
pudeste achar a casa de teu pai?
Pois devo te dizer que, tendo ouvido
de Paulina que o oráculo nos dera
esperança de seres encontrada,
deixei-me ficar viva, porque visse
como isso acabaria.

PAULINA · Para tanto,
tempo haverá de sobra. Do contrário,
perturbareis com vossa narrativa
a grande dita de hoje. Ora reuni-vos,
vós todos que lucrastes neste dia,
e aos demais transmiti vossa ventura,
enquanto eu, pobre rola envelhecida,
subirei para algum mirrado galho,
para chorar o esposo que nunca há de
retornar para mim, aí deixando-me
ficar até morrer.

LEONTES · Oh! não, Paulina!
De minha mão receberás marido,
como eu de ti a esposa. Isso é um contrato
que entre juras firmamos. Devolveste-me
a minha. Como a achaste... eis o problema;
pois eu a vi, ao parecer, defunta,
e em vão rezei em sua sepultura.
Não terei precisão de ir muito longe —
pois em parte conheço os sentimentos
dessa pessoa — para achar um digno
marido para ti. Camilo, adianta-te,
e pela mão a toma, pois seu mérito
e sua honestidade são notórios
e por dois Reis agora confirmados.
Saiamos da capela. Como! Os olhos
dirige ao meu irmão. Perdão vos peço,
por haver posto meu molesto ciúme
entre vossos olhares inocentes.
Eis vosso genro, filho de um monarca,
que por disposição do céu se torna
de vossa filha noivo. Generosa
Paulina, leva-nos daqui, para onde
possamos com vagar interrogar-nos
e responder sobre o papel que todos
representam no intervalo grande
que se escoou desde a época remota
em que nos separamos. Vai na frente.

(Saem.)